

# ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA</i>	<i>85</i>
<i>G.R.E.S. ACADÊMICOS DO SALGUEIRO</i>	<i>155</i>
<i>G.R.E.S. SÃO CLEMENTE</i>	<i>251</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO</i>	<i>311</i>
<i>G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS</i>	<i>399</i>



**Liga Independente das  
Escolas de Samba do  
Rio de Janeiro**



# **G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE**



**PRESIDENTE  
CATIA DRUMOND**



*“Meninos eu vivi... Onde canta o sabiá, onde cantam Dalva e Lamartine!”*



**Carnavalesca**  
**ROSA MAGALHÃES**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b>					
<i>“Meninos eu vivi... Onde canta o sabiá, onde cantam Dalva e Lamartine!”</i>					
<b>Carnavalesco</b>					
Rosa Magalhães					
<b>Autor(es) do Enredo</b>					
Rosa Magalhães					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b>					
Rosa Magalhães					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b>					
Catia Drumond, Junior Schal, Rosa Magalhães					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Zé Katimba- antes de tudo um forte	Luiz Leitão	Acervo universitário do Samba	2016	Todas
02	100 Anos de Carnaval no Rio de Janeiro	Haroldo Costa	Editores Irmãos Vitale	2001	Todas
03	O Maior Espetáculo da Terra	Luiz Carlos Prestes	Lacre	2015	Todas
04	Arlindo Rodrigues: Carnavais de arlequins e querubins	Ricardo Lourenço	Catálogo da Exposição	1998	Todas
05	A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro.	Nilton Santos	Apicuri	2009	Todas
06	As Decorações Carnavalescas Cariocas. Um breve histórico	Helenise Guimarães	Terceira Margem	2006	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
07	Sal60 – uma revolução em vermelho, branco e negro.	Curadoria de Leonardo Antan com participação de diversos autores	Publicação Independente	2021	Todas

**Outras informações julgadas necessárias**

Durante o período da pandemia as bibliotecas permaneceram fechadas, contudo, considerando-se o papel de mediador cultural entre saberes e práticas sociais exercido pela carnavalesca, a pesquisa de campo (realizada com imensa perspectiva etnográfica) foi de enorme valia. Entrevistas e depoimentos colhidos nas comunidades, além de relatos de personalidades que conviveram com o homenageado - ou vivenciaram as histórias das agremiações onde ele trabalhou -, permitiram que reuníssemos uma rica memória escrita e visual. As contribuições dos acervos fotográficos individuais ou coletivos dos desfiles criados por Arlindo Rodrigues, conseguidos junto aos torcedores, desfilantes e departamentos culturais das escolas de samba Acadêmicos do Salgueiro, Mocidade Independente e Imperatriz Leopoldinense, foram de fundamental importância para o desenvolvimento deste projeto. A todos, o nosso agradecimento.



# HISTÓRICO DO ENREDO

## Carta aberta sobre nós:

Minha querida,

Dou início a esta conversa (que, agora, será enredo e, portanto, carnaval), deixando claras as minhas mais sinceras intenções: venho falar de amor, do nosso amor, posto que sou, como você, um apaixonado.

Destaco também que o tom intimista de minha fala não é apenas um recurso poético. Nossa história, por diversos prismas, parece ter sido predestinada, como um encontro de almas gêmeas costurado pelo toque mágico da folia.

Perceba que, por mais que os trajetos de Momo tenham trazido para sua vida outros abraços depois que parti, a conexão entre nós permaneceu intacta, reverberando em seus futuros épicos, em seus outros desfiles, como se algo de nós tivesse permanecido intocável. Daqui em diante, através dos belos traços de minha querida Rosa, vou lhe contar o que eu vi e vivi, e tudo aquilo de nós que precisa ser celebrado e mais uma vez imortalizado, para que jamais seja esquecido por aqueles que hoje são a sua companhia.

Contarei tudo para que não se esqueça nunca, para que seus meninos sempre se lembrem do quão importante é afirmar, sem medo, aquilo que somos em essência; e para que entendam que representamos na vida e cristalizamos depois dela as impressões sobre o que fizemos, as consequências de nossas próprias edificações.

Então, que seja doce este tão esperado reencontro; que seja eterna a sua ventura, minha amada Imperatriz!

## ENREDO

22 de abril de 2022

Tenho pra mim, com toda a certeza, que minha vida começou de fato no exato instante em que me descobri como artista, ainda jovem, aos vinte e poucos anos. E como se nossos destinos tivessem sido cruzados, você, que nasceu das nobres ideias, surgiu em mesma época, desabrochando na delicadeza de sua coroa e suspirando os romances e poesias de sua corte apaixonada.

Você, a menina de Ramos. Eu, o menino do Municipal.

De forma lúdica, posso dizer que sou filho incontestado dos arabescos e rocailles, das esculturas de Bernadelli e das escadarias infinitas daquele Teatro; sou mais um dos muitos iluminados pela beleza fascinante da ribalta. Foi em meio ao cenário encantador da tradicional casa das artes cariocas que me encontrei com o meu dom pela primeira vez, envolvido pelos dramas e comédias e pela delicadeza dos bailarinos.

Neste quadro fantástico, acordei para minha vocação, como no ato inicial de um espetáculo, ao som das melodias ordenadas pelos regentes e seduzido pelos trajes magníficos das peças clássicas. Também no Theatro, conheci um mestre: o professor Fernando Pamplona, grande responsável por minha chegada ao carnaval. Apaixonado pela folia, ele enfeitou nossos caminhos, colocando nosso destino em mesma direção. Me apresentou ao carnaval de rua, onde participei da criação e confecção das decorações que enfeitavam o centro da cidade; e também ao carnaval das Escolas de Samba, onde nos encontraríamos anos depois.

Minhas primeiras epopeias se deram no Salgueiro, onde, engajado pelas ideias entusiasmadas de Fernando sobre africanidade, fui uma das peças fundamentais na ressignificação cultural dos desfiles ao imprimir uma faceta mais genuína e verdadeira aos festejos. No primeiro capítulo desta revolução, colaborei com o despertar do Quilombo dos Palmares e seu grande herói Zumbi - um ícone de resistência para a negritude.

Depois, como autor definitivo do espetáculo, derramei minha bagagem teatral sobre o corpo de baile salgueirense: levei o *ballet* para encorpar os requebros e vi nas Escolas de Samba a verdadeira orquestra da cultura nacional e da folia, aquela que ditava o tom, um modelo perfeito para as minhas criações.

Numa das maiores apresentações já vistas na festa, dei luz à desconhecida e fascinante personagem que transformaria o carnaval para sempre: Xica da Silva - a Dama Negra do Brasil Colônia – que surgiu numa manhã de fevereiro exibindo o deleite de seus trajes de formas avantajadas, a beleza dos bordados e rendas, além das maquiagens e coreografias que encantaram a avenida. Ano após ano, fiz do asfalto o tablado para minhas Óperas em Movimento, transfigurando naquela africanidade latente da Academia do Morro a imponência do negro, sempre negada pelos livros.

Estampeei, nas formas mais originais, geométricas e autênticas, a força daquela gente que se agigantava trajada de si, coberta de razões na pele e erguida pelo orgulho; gente de fibra e de vime! A cada exibição, o povo se reconhecia no espelho e correspondia com o canto estridente que contagiava as arquibancadas. Premiados, meus trabalhos foram reconhecidos e se tornaram uma referência para as futuras gerações.

Em busca de novos ares, fui seduzido pela natureza jovial da Mocidade Independente de Padre Miguel, uma esfuziante escola da Zona Oeste, onde transbordei minha brasilidade e rompi, outra vez, as fronteiras entre as artes, transpondo os fragmentos da peça que dirigia sobre o *Descobrimento do Brasil* para a avenida do samba. Desbravando este enredo, fiz das caravelas portuguesas e seu misterioso destino um prenúncio da revelação de nosso paraíso. o momento mais sublime de minha passagem pela querida verde e branca!

Ao som da divina bateria de Mestre André – um sinônimo da grandeza da agremiação – o mar de fantasias em branco e prata, aos poucos, ganhou contornos nacionais, num retrato da terra brasileira, desnudada nos traços indígenas e no verde de nossas matas.

Por ironia do destino, a visão do oriente - alegorizada em alusão ao destino indiano dos lusitanos – foi o grande marco da apresentação. Festejadas pela crítica e pelo público, as imagens hindus se tornaram o símbolo da vitória confirmada no quesito alegoria - de minha inteira responsabilidade. Era a primeira vitória da agremiação, minha primeira e única conquista por lá.

Daí, eis que o destino entendeu que era chegada a hora de nossos caminhos se cruzarem. Eu, àquela altura, era um profissional consagrado; e você, minha querida, já não era mais uma menina. Não era mais possível te ver sem te admirar. A força de seus enredos culturais e de um samba épico, haviam-na alçado a imensa popularidade. A obra *Martim Cererê* (de 1972) foi a primeira música do gênero a ser escolhida como trilha de novela, superando a rota de outros de seus clássicos, que também a tornaram notória. Contudo, lhe faltava o anseio de todo grêmio: a vitória!

Então, teu grande mentor, Luizinho Drumond – um dos mais emblemáticos personagens do subúrbio carioca – apostou as fichas em nosso casamento para realizar este feito.

Seduzido por sua aura poética, aceitei o convite e me entreguei a você no fulgor de uma manhã irradiante. Encontramo-nos em uma só voz: a civilização escola de samba e o pensamento carnavalesco, consagrados pelos corpos em febre, reluzentes, que traduziam toda a opulência de nossa louvação à Bahia. De cada saia, até o torso, nosso samba se ergueu como um altar, desabrochando em balaios tropicais. Estava tudo ali: a simplicidade genuína das ruas e seus vendedores de frutas, a opulência do barroco que transcendia em brilho dourado e a sagração ao Divino no encanto de Oxalá.

Parodiando o texto de Arrabal, nosso romper de paixão me coroou como seu Arquiteto Carnavalesco e deu ao Imperador do Subúrbio o tão esperado campeonato - um momento antológico!

No ano seguinte, nossa comunhão de afetos tornou a elevar o povo de Ramos ao ponto mais alto, embalado pela alegria contagiante das canções de Lamartine. Em mais um amanhecer, feito uma trupe de foliões, brilhamos outra vez no palco da folia.

Num desfecho perfeito, a Escola de Samba conhecida nacionalmente pelos sambas de seus poetas do subúrbio, se firmou como grande potência do carnaval, vencendo pela segunda vez o concurso com uma homenagem ao compositor das ruas, criador de marchinhas inesquecíveis e hinos populares.

Esse canto da terra nos pertencia, sempre nos pertenceu! Aos giros e meneios de nossa cultura jovem e primaveril, atingi o apogeu de minhas criações vestindo você para bailar ao som do sabiá; sabiá de Gonçalves Dias, sabiá de nossa musicalidade.

Ainda uma última vez, voltei aos seus braços no arquétipo mais bonito do bem-querer, feito *Pierrot* – eternamente apaixonado, para cantar nos versos de Dalva de Oliveira, a *Estrela dos Amantes*, minha derradeira serenata.

Com a missão cumprida e sem tristeza ou despedida, sublimei nas asas da alegria, na memória de nossos lindos carnavais. Vejo daqui que ainda mora em si o melhor de mim, e que o melhor de você eu trouxe comigo.

Aqui do alto, ainda estou criando muitas coisas. Guardo aqui os manequins famosos de nosso sarau, com os devidos trajes de gala, e mantenho tudo organizado como nos velhos tempos; todos os anos, enfeito meus arlequins para que dançam e recomendo aos anjos que te guardem sempre. Na área das esculturas, João – ou Joãosinho 30, minha indomável criatura - segue rasgando seus retalhos e aprontando das suas. Segundo ele, tudo por uma causa maior: fazer daqui algo mais próximo daí, para que não nos esqueçamos de nossa verdadeira missão: falar do povo, ao povo e pelo povo.

Como você pode perceber, os espetáculos da vida e da folia continuam e têm que continuar. E se as lembranças trouxerem a saudade, não te entristeças.

Olhe para o alto, para onde está o Pai Maior, e olhe também para si. Reconheça em tua imagem o legado e a presença. Depois, diga aos teus meninos que eu vivi! Diga a eles que nós vivemos e que agora eles irão viver!

Enquanto o samba ecoar da sua gente de morro, despertarei nos traços de cada fantasia, na mente dos artistas, na vibração dos tamborins e no girar do teu pavilhão, o mais belo dentre os belos, meu manto e bem-querer.

Quem viveu pra te amar, amada escola, seguirá com você!

Com carinho,

*Arlindo Rodrigues*

## **JUSTIFICATIVA DO ENREDO**

Alguns encontros, como dizem os poetas, parecem ter sido predestinados a acontecer. Nascida em 1959, como fruto dos ideais dos sambistas e pensadores de Ramos, no subúrbio carioca, a Imperatriz Leopoldinense é a maior representante do romantismo e das temáticas clássicas no Carnaval Carioca. Nosso homenageado, o genial Arlindo Rodrigues, também foi um apaixonado por este Brasil, por seus personagens e suas histórias fascinantes.

Sua passagem pela Imperatriz marca a conquista do primeiro título da agremiação e a cristalização de uma narrativa estética que se tornou a identidade da escola para sempre, sendo seguida por outros grandes carnavalescos que passaram pela agremiação, como Max Lopes e Rosa Magalhães (atual carnavalesca).

Ao promovermos o reencontro da Imperatriz Leopoldinense com o seu grande mentor artístico Arlindo Rodrigues, pontuamos o momento de renascimento da escola que se olha no espelho e se reconhece outra vez como uma referência do carnaval.

Pouco se sabe sobre a vida do homenageado antes de sua entrada no Theatro Municipal, no final dos anos 50. Sua trajetória, de forma notável, parece ter começado apenas quando sua veia artística correu em liberdade por entre as escadarias e cenários do Municipal. Em contato com a dramaturgia e toda a gama de modalidades do teatro, Rodrigues desenvolveu suas habilidades artísticas, participando da concepção de figurinos e espetáculos. Neste contexto, conheceu Fernando Pamplona, um mestre que se tornaria seu grande amigo e parceiro, e seria o responsável por levá-lo ao carnaval de rua e aos desfiles das Escolas de Samba.

Aliando a bagagem adquirida no teatro ao seu talento natural, Arlindo se revelou inovador, trazendo influências como o ballet (através das alas e grupos de performance), utilizando cronologias organizadas e transformando os talentos que encontrava nas agremiações em personagens de destaque nos enredos.

Rodrigues entendia o desfile como uma Ópera e viu nas Escolas de Samba a própria Orquestra da Folia Brasileira, o organismo artístico que ditava o tom dos festejos. Vislumbrava o asfalto como palco e buscava as proporções perfeitas para as estampas e grafismos. Criativo, deu início ao uso de materiais inusitados como os espelhos (que foram substituir as ineficientes luzinhas), o vime (tipicamente utilizado no artesanato), o acetato e as fitas metaloide.

Nas temáticas, variou entre o ineditismo de temas baseados em histórias brasileiras que não constavam nos livros e leituras inovadoras de fatos já conhecidos, além de frequentemente recorrer aos enredos biográficos, sempre desenvolvidos de forma muito completa e original.

Inventor do modelo artístico de apresentação das Escolas de Samba que conhecemos, Arlindo Rodrigues recebe essa justa homenagem por sua contribuição inestimável ao carnaval brasileiro. Dessa forma, cumprimos nosso papel enquanto disseminadores da cultura e realizamos o sonho de Luiz Pacheco Drumond, eterno presidente da Imperatriz Leopoldinense.

Luizinho, como era conhecido, foi o responsável pelo casamento entre Arlindo e Imperatriz para o carnaval de 1980 e desejava ver esta história sendo contada na avenida. Este foi o seu último pedido antes de partir em 2020, deixando para seus filhos (Cátia e Vinicius) e seus netos (João e Iago) a missão de dar continuidade ao legado construído. Então, immortalizando a história que Luizinho e Arlindo viveram e que a professora Rosa Magalhães viu, a Rainha de Ramos terá a honra de deslumbrar a avenida com os feitos míticos daquele com quem aprendeu e conviveu, renascendo como o próprio carnaval em sua mais pura essência.

\*Nota: Joãosinho 30, que foi a maior revelação de Rodrigues, será lembrado no desfile pela importância na vida do homenageado, de quem foi aderecista e assistente. Num “plano superior”, ele estará presente, construindo seu novo *Ratos e Urubus*, desfile da Beija-Flor que o eternizou como gênio da folia. Segundo um relato de Luís Fernando Ribeiro do Carmo, o Laíla, ao final do famoso desfile dos mendigos (ocorrido dois anos após a morte de Arlindo Rodrigues) João teria dito a Pamplona que *só queria que Arlindo estivesse ali para ver tudo aquilo*.

## OUTRAS INFORMAÇÕES

### **Sobre o título do Enredo:**

Inspirado na frase épica do poema Yjuca-Pirama, de Gonçalves Dias, o título “*Meninos, eu vivi... Onde canta o sabiá, onde cantam Dalva e Lamartine*” evoca a figura de Arlindo Rodrigues como o narrador de sua história e atestador de suas conquistas. Essa escolha tem como objetivo dar ao homenageado o protagonismo merecido por sua contribuição inestimável ao cenário cultural do país. Mesmo sendo um dos mais importantes artistas populares brasileiros do último século, Rodrigues permanece oculto aos olhos do grande público, recoberto pela fama gigantesca de suas criações.

Intimista, o carnavalesco que “inaugurou” a profissão sempre optou por uma conduta mais contida. Reservou para ele o pensamento e a caneta, o bastidor. Já para suas histórias e espetáculos, a visibilidade e a glória.

A predileção pelos enredos “Onde canta o Sabiá”, “Estrela Dalva” e “Só da Lalá” para representar a trajetória de Arlindo também tem razão especial: além de serem citações expressas aos trabalhos memoráveis do artista na Imperatriz Leopoldinense, se analisarmos cada um destes “cantos e cantares”, podemos traduzir o título do enredo como “*Meninos, eu vivi... Onde canta o Brasil, onde cantam o amor e o carnaval*”, um resumo dos temas predominantes em sua biografia.

As figuras do branco, do negro e do índio, aliadas ao aspecto romântico das abordagens e o uso recorrente dos elementos carnavalescos, evidenciam este aspecto, sendo marca inconfundível do artista.

Também é importante que se note a disposição cronológica do título, que evoca em sequência os enredos de 1982 (apogeu estético), 1987 (o último trabalho da carreira) e 1981 (que por conta da reedição campeã em 2020 se torna o último marco – até então - de Arlindo na história da agremiação). Esta conexão entre 1981 e 2020, será explorada na abertura do desfile, através do trem que esteve presente na vitória de 1981, de 2020 e traz a Imperatriz de volta ao grupo especial em 2022.

### **Sobre o enredo de 1981:**

Apresentado numa época em que as noções e discussões sobre o racismo não tinham a devida profundidade, o enredo da Imperatriz Leopoldinense em homenagem a Lamartine Babo tinha como título *O teu cabelo não nega*, inspirado na marchinha de mesmo nome. Com o passar dos anos e as reflexões sobre o preconceito estrutural e as ideias de identidade, o enredo passou a ser apresentado nas discografias que rememoravam o samba antológico sob o título *Só dá Lalá*.

Na reedição deste carnaval, promovida pela Imperatriz Leopoldinense em 2020, o novo título foi utilizado como oficial e assim será tratado em nossa homenagem ao carnavalesco Arlindo Rodrigues.

### **Material Complementar:**

**Arlindo Rodrigues - O mestre visual da Revolução Salgueirense** *Por Leonardo Antan (Pesquisador, Curador e Produtor Cultural).*

Foi de modo discreto que Arlindo Rodrigues se tornou um revolucionário. As transformações oriundas do artista, embora com camadas de ruptura, foram atravessadas por doçuras e negociações. Enquanto Fernando Pamplona tornou-se um dos grandes narradores a cristalizar o que teria sido uma Revolução Salgueirense, período de transformações nos aspectos narrativos e estéticos do carnaval das escolas de samba entre as décadas de 1950 e 1970, Arlindo seria o grande criador visual que estabeleceria as bases de um cortejo teatralizado e espetacular.

Juntos, formavam uma dupla imbatível, nascida quando se cruzaram pela primeira vez nos bastidores do Theatro Municipal. Fernando era da reta, organizado, simétrico, ao tempo em que Rodrigues era da curva, da emoção, das nuances assimétricas. Um ideológico, o outro estético. Arlindo não era um intelectual ativo como Pamplona. Sem formação acadêmica prévia, chegou no Municipal por indicação de um tio que trabalhava por lá como secretário, ainda que o talento para o desenho e o talento para o uso de cores sejam características frequentemente relacionadas ao carnavalesco.

A parceria com Pamplona no Municipal levou Arlindo ao carnaval. Assim que o cenógrafo foi chamado por Nelson de Andrade para fazer o desfile do Salgueiro em 1960, lá estava o traço de Arlindo para desenhar alguns dos figurinos da apresentação. Até então escondido, foi ele quem ganhou palco quando os dois principais nomes da Revolução Salgueirense até então deixaram a vermelho e branco.

### **O Arlequim desembarca na Mocidade e se junta ao mestre dos mestres de bateria para fazê-la vitoriosa.**

*Por Fábio Fabato (Jornalista e Pesquisador)*

A contratação do carnavalesco já muito vitorioso, parceiro de Fernando Pamplona na revolução salgueirense de 1960, entregou a musculatura visual 83 de que carecia o grupamento conhecido como “arroz-com-couve”, em razão das cores verde e branca. Sábio e sensível, Arlindo não quis preponderar sobre os sambistas que já brilhavam no terreiro de Padre Miguel – como o citado André, o compositor Tôco ou as mulheres vigorosas da “Família Siri” – Maria, Helena, Glorinha. Ele centrou sua atuação na então carência – apenas estética – e deixou a turma batuqueira brilhar sem amarras.

### **Arlindo e a Imperatriz: Uma História de Amor**

*Por Felipe Ferreira (Professor e Jornalista)*

Esta é uma história de amor singular entre uma escola de samba e seu carnavalesco. Uma história que começa após o carnaval de 1979, quando o presidente da Imperatriz Leopoldinense, Luizinho Drumond, decide trazer Arlindo Rodrigues para a escola de Ramos. Arlindo era um artista experiente e vitorioso e a Imperatriz uma escola ousada, cheia de ideias modernas e de gente bamba. O casamento, celebrado no ano seguinte, na Passarela da Marquês de Sapucaí, não poderia ter sido mais perfeito. Os figurinos e alegorias criados por Arlindo, para o enredo em louvor à cultura da Bahia, ressaltavam toda a beleza e os encantos da Princesinha de Ramos. O grande destaque entre as três alegorias e os mais de 40 tripés apresentados pela escola eram as esculturas rodopiantes de imensas baianas carregando os mais diversos elementos em tabuleiros sobre suas cabeças. A festa inesquecível culminou com a Imperatriz conquistando, enfim, seu primeiro campeonato no grupo das grandes agremiações cariocas. Um casamento e tanto!



## **Os mundos de Arlindo Rodrigues**

*Por Ricardo Lourenço (Pesquisador Titular, Doutor em Ciências, Especialista em Teoria da Arte)*

No teatro, o primeiro desses mundos, Arlindo foi cenógrafo, figurinista, roteirista, iluminador e diretor, e até se arriscou inicialmente como ator. Foi no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no convívio com Santa Rosa e Fernando Pamplona, que o autodidata Arlindo deu os seus primeiros passos no universo das artes.

Tinha apenas 27 anos, quando seus primeiros projetos de cenários e figurinos para balés, óperas e teatro (da revista ao drama) tiveram grande sucesso. Esse êxito precoce no mundo das artes cênicas, rapidamente o tornaria requisitado pelas maiores companhias e nomes da dramaturgia brasileira. Ao longo da vida, foi várias vezes reconhecido como “Melhor cenógrafo”, “Melhor iluminador” e “Melhor Figurinista” do ano pelas mais importantes premiações brasileiras. A uniformização das fantasias das alas, o uso de materiais de grande efeito visual e a criação dos protótipos em substituição aos antigos “riscos” são exemplos de sua obsessão pela qualidade, uniformidade e refinamento visual.

Conhecido como “O Rei do Barracão”, não é à toa que seu nome foi imortalizado, dentre outras coisas, pela nomeação da rua de principal acesso à Cidade do Samba.

### **DIVISÃO POR SETOR**

#### **SETOR 1**

#### **“Da Ribalta à Avenida” – À Luz do Destino, o Menino e o Dom**

Espelho de um Brasil que ainda precisava se reconhecer, Arlindo Rodrigues revolucionou a avenida do samba aliando seu dom natural à bagagem adquirida no Theatro Municipal. No primeiro setor, o artista recorda o momento de seu despertar, ocorrido na mesma época do resplandecer da Imperatriz Leopoldinense. A Coroa - em ouro - surge delicada, abrindo caminho para que recordemos a iluminada anunciação das artes na vida de Rodrigues e sua escalada nos degraus encantados do Theatro até a grande iluminação. Seguindo a ribalta, surgirão na avenida os bailarinos, os regentes e os figurinos femininos das peças ligadas à *Belle Époque*, elementos que retratam as experiências vividas no Theatro e que foram fundamentais na construção da identidade do futuro carnavalesco.

Por fim, no último ato do setor, Arlindo chega ao carnaval, graças à parceria com Fernando Pamplona. Inserido nos projetos para as Decorações de Rua que ornamentavam a cidade, o futuro carnavalesco, agora, tomava o rumo que o levaria, num tempo adiante, a encontrar a Imperatriz.

## SETOR 2

### **“Canta, Salgueiro!” – A Revolução Africana na Vermelho e Branco**

A chegada de Arlindo Rodrigues e Fernando Pamplona no Salgueiro nos anos 60 faz parte do episódio chamado hoje de Revolução Salgueirense, tamanha a força das inovações estéticas e narrativas desenvolvidas pela dupla e seus pares. A representação do negro como protagonista da cena brasileira é um divisor de águas na memória do carnaval.

Desvendando histórias como as de Zumbi dos Palmares e Xica da Silva, Arlindo participou da transformação definitiva do carnaval, solidificando o desfile das Escolas de Samba como lugar de construção de símbolos e personagens potentes, lugar de retrato real e de ressignificação.

## SETOR 3

### **“Salve a Mocidade!” – Onde Arlindo descobriu o Brasil**

Nos anos 1970, Arlindo Rodrigues decide mudar de ares e se transfere para a Mocidade Independente de Padre Miguel. Lá, um de seus mais importantes feitos foi a realização do enredo *O Descobrimento do Brasil* - inspirado pela peça que Arlindo conduziu no teatro.

A apresentação antológica – última do carnavalesco pela estrela-guia - sintetiza sua passagem brilhante pela zona oeste, reunindo elementos históricos e de brasilidade. Na representação desta fase do artista, o uso notório de novos materiais como o acetato e as fitas metaloide (introduzidos por Arlindo na época) se mistura ao requinte dos figurinos de inspiração teatral, refinamento que mudou a trajetória da escola.

Fechando o setor, a alegoria ilustra a imagem afetiva do desfile que resultou no primeiro campeonato da Mocidade.

## SETOR 4

### **“Reluzente como a luz do dia” – O encontro romântico e barroco entre Arlindo Rodrigues e a Imperatriz**

Logo após o desfile de 1979, no qual a Mocidade se sagrou campeã pelas mãos de Arlindo, o patrono da Imperatriz Leopoldinense, Luizinho Drumond, disposto a dar a sua escola mais do que a popularidade dos grandes sambas, convida Arlindo para trabalhar na Escola de Ramos. Ao chegar, Arlindo se depara com a imagem de seus sonhos: a musa romântica, de enredos brasileiros, literários e pautados pela visão contemplativa da formação do Brasil. Identificado com a alma gresilense, o carnavalesco apostou na poética barroca em seu primeiro trabalho, unindo a naturalidade da terra ao luxo colonial e à negritude com o enredo *O quê que a Bahia tem*.

A profusão de frutas, babados, rendas, esculturas rebuscadas e ricas em detalhes, espelhou uma visão nostálgica e mística da Bahia.

Desfilando o traço suntuoso de Arlindo, a Imperatriz deslumbrou o público, os jurados e a mídia, sagrando-se campeã do carnaval carioca pela primeira vez. O desejo do patrono estava realizado e um casamento memorável estava sacramentado nas artes carnavalescas.

## SETOR 5

### **Meninos, eu vivi... Onde canta o sabiá, onde cantam Dalva e Lamartine**

Reinventando constantemente seu fazer artístico, Arlindo celebrou mais uma vitória na escola de Ramos. Inspirado pelas marchinhas populares de Lamartine, realizou um desfile contagiante e elogiadíssimo, consolidando de uma vez por todas a Imperatriz como uma potência do carnaval carioca.

Já no ano seguinte, vivendo seu apogeu pessoal e artístico, o mestre levou para a avenida o épico “*Onde canta o sabiá*”, inspirado no poema de Gonçalves Dias. Ainda que não tenha sido consagrado com a vitória, o carnaval de 1982, ainda hoje, impressiona pela beleza e refinamento estético.

Seu último carnaval, uma emblemática homenagem à cantora Dalva de Oliveira, foi a despedida dos palcos da vida. Meses após o desfile, o gênio partiu, deixando no imaginário carnavalesco suas lindas criações e a alegria de seus desfiles. O épico de 1981 ainda renderia mais uma glória, sendo campeão do carnaval novamente em 2020, numa reedição que garantiu o retorno da Imperatriz ao Grupo Especial. “A vida e a folia continuam...”, como diz o enredo e sem tom de tristeza. A mensagem de esperança, de afeto e acalanto, faz jus ao que foi Arlindo na vida e depois dela, e homenageia figuras importantes para a escola e para a folia.

# **ROTEIRO DO DESFILE**

## **SETOR 01**

**“Da Ribalta à Avenida” – À Luz do Destino, o Menino e o Dom**

**Comissão de Frente  
O TREM DAS LEMBRANÇAS**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Thiaguinho Mendonça e Rafaela Teodoro  
IMPERATRIZ  
A MANEQUIM DOS SONHOS DE  
ARLINDO**

**Elemento Alegórico – Tripé  
ARLINDO  
A CONTEMPLAÇÃO**

**Ala 01 A e 01 B – Comunidade  
A CORTE E A COROA  
SÍMBOLOS DA NOBREZA DO  
CARNAVAL**

**Alegoria 01 – Abre-Alas  
À LUZ DE UM NOBRE DESTINO  
O UNIVERSO FASCINANTE DO  
THEATRO MUNICIPAL**

**Ala 02 – Comunidade  
IMERSÃO TEATRAL  
INSPIRAÇÃO NO DRAMA E NA  
COMÉDIA**

**Ala 03A e 03B – Ala Jovem Comunidade  
CORPO DE BAILE  
A ARTE EM MOVIMENTO**

Ala 04 – Velha-Guarda  
REGENTES DE ORQUESTRA  
A MÚSICA NA COMPOSIÇÃO DO  
ESPETÁCULO

Ala 05 – Damas Comunidade  
FIGURINOS DE LUXO  
O APURO NOS TRAJES DE GALA DOS  
GUARDA-ROUPAS FEMININOS

Elemento Alegórico – Tripé  
DECORAÇÕES DE RUA  
O CAMINHO ENFEITADO PELAS MÃOS DE  
ARLINDO E PAMPLONA

### **SETOR 02**

#### **“CANTA, SALGUEIRO!” – A Revolução Africana na Vermelho e Branco**

Ala 06 – Comunidade  
ZUMBI DOS PALMARES  
O HERÓI DA REVOLUÇÃO

Ala 07 – Comunidade  
XICA DA SILVA  
A PERSONAGEM NEGRA EM  
DESTAQUE

Ala 08 A e 08 B – Comunidade  
FIGURAS DE DEBRET  
O NEGRO NO ESPAÇO HISTÓRICO

Ala 09 – Baianas  
BAIANAS DE TODOS OS DEUSES  
MATRIARCAS AFRO-BRASILEIRAS

Destaque de Chão  
ESPELHO DA RAÇA  
UM NOVO BRILHO PARA A FOLIA

Ala 10 – Comunidade  
ORIGINALIDADE ESTAMPADA  
FESTA NEGRA PARA UM REI NEGRO

Ala 11 A, 11 B e 11 C – Comunidade  
AFRICANIDADES  
A RAIZ AFRICANA NAS PELES E NO  
VIME

**Alegoria 02**  
**A RAÇA ENCARNADA NA NEGRITUDE DO**  
**SALGUEIRO**  
**FORMAS, ESTAMPAS E NATUREZA: A**  
**ÁFRICA DE ARLINDO!**

**SETOR 03**

**“SALVE A MOCIDADE! – Onde Arlindo descobriu o Brasil”**

Grupo Feminino  
PRELÚDIO  
UMA NOVA IDENTIDADE

Ala 12 – Comunidade  
A VIAGEM DAS CARAVELAS  
NAVEGAÇÕES PORTUGUESAS

Ala 13A e 13B – Comunidade  
ÍNDIA – O MISTERIOSO DESTINO  
SAMORINS E MANDALAS

Destaque de Chão  
ESPLENDOR DA ÍNDIA  
O LUXO DO ORIENTE

Ala 14 – Passistas Comunidade  
JÓIAS INDIANAS  
ARTEFATOS PRECIOSOS

Rainha de Bateria  
MATIZ BRASILEIRO  
AS CORES DA TERRA

Mestre de Bateria  
MESTRE ANDRÉ  
NINGUÉM SEGURA A NOSSA BATERIA!

Ala 15 – Bateria  
O DESCOBRIMENTO DO BRASIL  
A ORQUESTRA DA FOLIA VESTE A  
BRASILIDADE DE ARLINDO

Ala 16 A e 16 B – Comunidade  
INDÍGENAS DO BRASIL NA  
VISÃO DE ARLINDO  
OS NATIVOS DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS

Ala 17 – Comunidade  
O ESPLENDOR DA FAUNA E  
DA FLORA  
EXUBERANTE NATUREZA DO BRASIL

Destaque de Chão  
A PREFERIDA DO SAMORIM  
A DEUSA INDIANA

**Alegoria 03**  
**POSLÚDIO – VISÕES DO ORIENTE**  
**NO DESTINO INDIANO, A IMAGEM DA**  
**VITÓRIA**

**SETOR 04**

**“Reluzente como a luz do dia” – O encontro romântico e barroco entre Arlindo Rodrigues e a Imperatriz**

Grupo Misto  
LÁ LÁ LÁ LÁ LÁUÊ  
A ROMÂNTICA IMPERATRIZ

Ala 18 – Comunidade  
O QUÊ QUE A BAHIA TEM...  
E A IMPERATRIZ TEM TAMBÉM!

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Marcos Ferreira e Laryssa Victória**  
**O PASSADO GLORIOSO**  
**A AURA BRASILEIRA DA BAHIA**  
**COLONIAL**

Ala 19 – Comunidade  
QUEM VAI QUERER?  
MERCADORES DA BAHIA COLONIAL

Ala 20 – Comunidade  
RELUZENTE COMO A LUZ DO DIA  
ORNAMENTAÇÕES OPULENTAS

Ala 21 – Comunidade  
FESTAS RELIGIOSAS POPULARES  
EXALTAÇÃO AO DIVINO

Ala 22 – Comunidade  
SINCRETISMO RELIGIOSO  
OXALÁ DO BONFIM

Ala 23 – Comunidade  
KAÔ, MEU PAI, KAÔ!  
O ESPÍRITO GUERREIRO E A  
NOBREZA DE XANGÔ

Destaque de Chão  
BARROCO TROPICAL  
O SAGRADO E O PROFANO

**Alegoria 04**  
**A SAGRAÇÃO NO ALTAR DA BAHIA**  
**RENDAS, FIGAS E ENCANTO**



**SETOR 05**

**Meninos, eu vivi...Onde Canta o Sabiá, onde cantam Dalva e Lamartine!**

Ala 24 – Compositores  
OS POETAS DE RAMOS NO PALCO  
ILUMINADO  
COMPONDO CARNAVAIS

Ala 25 – Comunidade  
FOLIAS CARNAVALESCAS  
O CANTO DE LALÁ

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Juan Carlos e Clara Omena  
O CANTO DO SABIÁ  
DANÇANDO EM APOGEU**

Ala 26 – Comunidade  
ESTRELA DALVA  
O CANTO DA DIVA E O SONHO DE  
ARLINDO

Ala 27 – Comunidade  
O BAILE DO PIERROT  
A DERRADEIRA SERENATA



Ala 28 – Comunidade  
ASAS DA ALEGRIA  
O CARNAVAL E A VIDA  
CONTINUAM...

Destaque de Chão  
A COLOMBINA DA AVENIDA  
A RESSURREIÇÃO DOS ANTIGOS  
CARNAVAIS NA REEDIÇÃO DE 2020

**Alegoria 05  
MENINOS, EU VIVI... E AINDA VIVO!  
A ETERNA INFLUÊNCIA**

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>ELEMENTO ALEGÓRICO TRIPÉ</b></p> <p><b>ARLINDO A CONTEMPLAÇÃO</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p><i>“Daqui em diante, através dos belos traços de minha querida Rosa, vou lhe contar o que eu vi e vivi, e tudo aquilo de nós que precisa ser celebrado e mais uma vez imortalizado, para que jamais seja esquecido por aqueles que hoje são a sua companhia. Contarei tudo para que não se esqueça nunca, para que seus meninos sempre se lembrem do quão importante é afirmar, sem medo, aquilo que somos em essência; e para que entendam que representamos na vida e cristalizamos depois dela as impressões sobre o que fizemos, as consequências de nossas próprias edificações.</i></p> <p><i>Então, que seja doce este tão esperado reencontro; que seja eterna a sua ventura, minha amada Imperatriz!”.</i></p> <p>Logo após o 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - como um pede passagem dos antigos carnavais - Arlindo contemplará a entrada de sua eterna e amada Imperatriz para contar sua história.</p>
01	<p><b>À LUZ DE UM NOBRE DESTINO</b></p> <p><b>O UNIVERSO FASCINANTE DO THEATRO MUNICIPAL</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p><i>“Tenho pra mim, com toda a certeza, que minha vida começou de fato no exato instante em que me descobri como artista, ainda jovem, aos vinte e poucos anos. De forma lúdica, posso dizer que sou filho incontestemente dos arabescos e rocailles, das esculturas de Bernadelli e das escadarias infinitas daquele Theatro; sou mais um dos muitos iluminados pela beleza fascinante da ribalta.”.</i></p>


## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>À LUZ DE UM NOBRE DESTINO O UNIVERSO FASCINANTE DO THEATRO MUNICIPAL (Continuação)</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p>Arlindo Rodrigues tem como uma de suas principais características estéticas a opulência e o luxo, traduzidos em seus mais diversos desfiles. Sua trajetória como artista se inicia no Theatro Municipal, com o encanto provocado pelo belíssimo universo de formas e movimentos do local fascinante. Neste contexto, a primeira parte do carro Abre-alas apresenta a coroa da Imperatriz Leopoldinense decorada com os rocaillés magníficos do interior do Theatro Municipal, além das luminárias fascinantes que adornam o lugar. Também estarão presentes duas figuras carnavalescas, uma representando a folia e outra representando a opulência, em referência aos famosos bailes de carnaval no Theatro, dos quais Arlindo participou no início de sua carreira.</p> <p>Na segunda parte, os espelhos – introduzidos por Arlindo no carnaval e abundantes na decoração do Theatro - surgirão junto aos guardiões do esplendor, sobre degraus dispostos que simbolizam todo o conjunto de escadarias e passagens elevadas do Templo das Artes Cariocas. A ideia da alegoria é ilustrar o deslumbramento do Theatro, como se aquele universo majestoso guiasse o futuro carnavalesco ao encontro da arte, de sua vocação. Como adornos, por todo o cenário, surgirão também os fragmentos arquitetônicos e peças em espirais. Por fim, no alto, no proscênio clássico, a dramaturgia ganhará vida, na encenação de uma peça teatral, abrindo caminho para a jornada que faremos.</p> <p><b>Destaque Central Baixo - Folia Carnavalesca</b>  <b>Destaque Central Alto – A Opulência dos Carnavais do Theatro</b>  <b>Composições Módulo 1 – Joias do Teatro</b>  <b>Composições Módulo 2 – Guardiões do Esplendor</b>  <b>Grupo Cênico Módulo 2 – Peça Teatral</b></p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>ELEMENTO ALEGÓRICO TRIPÉ</b></p> <p><b>DECORAÇÕES DE RUA O CAMINHO ENFEITADO PELAS MÃOS DE ARLINDO E PAMPLONA</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p><i>“Também no Theatro, conheci um mestre: o professor Fernando Pamplona, grande responsável por minha chegada ao carnaval. Apaixonado pela folia, ele fez nossos caminhos, colocando nosso destino em mesma direção. Me apresentou ao carnaval de rua, onde participei da criação e confecção das decorações que enfeitavam o centro da cidade;”.</i></p> <p>Um dos momentos mais esperados pelos foliões cariocas era, sem dúvida, a inauguração das originais decorações carnavalescas de rua, que eram acesas iluminando e colorindo as avenidas de desfile no centro da cidade (havendo inclusive um concurso público, concorridíssimo, para a escolha do projeto vencedor).</p> <p>Foi Pamplona quem levou Arlindo Rodrigues a se aventurar neste ofício; e também foi entre estas decorações de Arlindo e seu mestre que a Imperatriz desfilou em vários de seus primeiros carnavais.</p> <p>Unindo elementos de uma das mais famosas dessas decorações ao destaque central (Zé Katimba - baluarte e compositor, símbolo da Imperatriz Leopoldinense) entrelaçamos os caminhos da escola ao de seu futuro carnavalesco.</p> <p>A ilustração desta modalidade artística conta com referências de vários dos momentos do homenageado, desde o capitel invertido até o famoso pavão e os vitrais da candelária.</p> <p><b>Destaque Central:</b> O Professor da Imperatriz homenageia o Professor Pamplona do Carnaval</p>

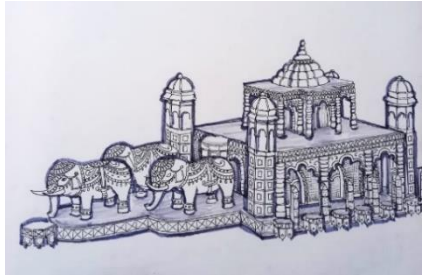
## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>A RAÇA ENCARNADA NA NEGRITUDE DO SALGUEIRO FORMAS, ESTAMPAS E NATUREZA: A ÁFRICA DE ARLINDO!</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p><i>“Ano após ano, fiz do asfalto o tablado para minhas Óperas em Movimento, transfigurando naquela africanidade latente da Academia do Morro a imponência do negro, sempre negada pelos livros. Estampeei, nas formas mais originais, geométricas e autênticas, a força daquela gente que se agigantava trajada de si, coberta de razões na pele e erguida pelo orgulho;”.</i></p> <p>Uma das características principais da revolução estética e narrativa produzida pelo Salgueiro nos anos 60 foi a representação do negro como protagonista da história brasileira. Os enredos em homenagem aos vultos negros escondidos pela história tradicional tornaram a Academia do Samba uma voz representativa da cultura africana. Nossa segunda alegoria remete à esta africanidade salgueirense, iniciada em 1960 com o enredo “Zumbi dos Palmares” e que chegou ao seu ápice com o lendário “Festa para um Rei Negro”, de 1971.</p> <p>Na parte frontal do carro, a cabeça africana alude ao Rei Zumbi, enquanto ao longo do carro as esculturas remontam a intensa utilização dos animais africanos e suas texturas no memorável desfile. Também estão presentes os grafismos e as esculturas envelhecidas de marfim, um retrato da verdadeira identidade do negro brasileiro e das raízes africanas plantadas no Brasil.</p> <p><b>Destaque Central</b> – Nobreza Africana  <b>Destaques Laterais</b> – Cultura Negra em Esplendor  <b>Composições</b> – Arte Africana Salgueirense</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>POSLÚDIO – VISÕES DO ORIENTE NO DESTINO INDIANO, A IMAGEM DA VITÓRIA</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p><i>“Por ironia do destino, a visão do oriente - alegorizada em alusão ao destino indiano dos lusitanos – foi o grande marco da apresentação. Festejadas pela crítica e pelo público, as imagens hindus se tornaram o símbolo da vitória confirmada no quesito alegoria - de minha inteira responsabilidade. Era a primeira vitória da agremiação, minha primeira e única conquista por lá.”</i></p> <p>Em, 1979, a Mocidade Independente de Padre Miguel, conquistou seu primeiro campeonato fazendo uma releitura do Descobrimento do Brasil, passagem histórica que muito fascinava Arlindo Rodrigues. Nossa terceira alegoria traz um dos motes do desenvolvimento do enredo naquela ocasião: a questão indiana. Pouco tratada em outros enredos que aludiam ao descobrimento, o destino original dos portugueses constituía uma passagem importante para a compreensão de nossa descoberta e foi explorado com maestria por Arlindo.</p> <p>Sobre esta “visão”, o jornalista Nelson Motta declarou ne época que <i>“em deslumbramento diante das massas de marfim e cristal que me passavam diante dos olhos enquanto a Mocidade Independente desfilava, não era possível imaginar maior luxo para os olhos, o sonho e o delírio. Aí se descobre o que é verdadeiramente luxo(...) olhava os gigantescos elefantes de marfim, com pernas e peitos recobertos de cristal, diamantes e todos os brilhos do mundo. E pensava: nenhum palácio que qualquer nobreza construiu (...) pode ter o esplendor de um daqueles carros de sonho, o seu luxo. Luxo porque fugaz, porque construído para durar uma hora e meia de pura ilusão e depois ser nada”</i>.</p> <p>A alegoria reproduz esta visão indiana do desfile, trazendo os famosos elefantes a sua frente. Ao longo do carro, detalhes da arquitetura indiana explorados no desfile original, ganharão imensa proporção, para mostrar a magnitude da passagem que foi o símbolo da vitória da Mocidade no quesito alegorias. Ainda, ao fundo, uma escultura do Deus Ganesha (o elefante da fortuna) traz o auspício da sorte para Padre Miguel.</p> <p><b>Destaque Frontal Baixo</b> – Delírio do Malabar  <b>Destaque Central</b> – Samorim da Índia  <b>Composições</b> – A Suntuosidade de Calicute</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>A SAGRAÇÃO NO ALTAR DA BAHIA RENDAS, FIGAS E ENCANTO</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p><i>Enfim, encontramos-nos em uma só voz: a civilização escola de samba e o pensamento carnavalesco, consagrados pelo fulgor de uma manhã que irradiou de forma inesquecível nossa louvação à Bahia. Os corpos em febre, reluzentes, traduziam toda a opulência que se precipitava pela pista. De cada saia, até o torso, o que se via era o samba se erguer como um altar, desabrochando em balaios tropicais. Estava tudo ali: a simplicidade genuína das ruas, com os vendedores de frutas; a opulência do barroco que transcendia em brilho dourado; a sagração ao Divino e o encanto de Oxalá. E bendito foi o fruto desta antologia!</i></p> <p><i>Parodiando o texto de Arrabal, nosso romper de paixão me coroou como seu Arquiteto Carnavalesco e deu ao Imperador do Subúrbio o tão esperado campeonato.</i></p> <p>Toda a produção de Arlindo Rodrigues para as escolas de samba (1960 a 1987) foi marcada por um programa plástico-visual onde a estética clássica e opulenta, principalmente do barroco, se tornou inconfundível. Foi exatamente em sua passagem pela Imperatriz Leopoldinense que essa marca estilística atingiu seu ápice. No primeiro desfile, contando o épico “O quê que a Bahia tem”, Arlindo sagrou-se campeão, recorrendo ao tema da cultura baiana com uma roupagem absolutamente nova.</p> <p>A quarta alegoria da Imperatriz se remete aos elementos e imagens desta magnífica apresentação, envolta pela poética clássica de Rodrigues e ornamentada pelas profusões de babados e rendas. Se faz presente o uso latente de dourados e prateados (predominantes no desfile original), além das esculturas rebuscadas e os muitos detalhes que concretizam a visão de um altar baiano. A Baiana Quituteira e as figas dos simbolismos religiosos, dialogam com as composições ao longo da alegoria, como um retrato típico dos personagens do lugar.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>A SAGRAÇÃO NO ALTAR DA BAHIA RENDAS, FIGAS E ENCANTO (Continuação)</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p>Em lados opostos da alegoria, Luizinho Drumond (o Imperador do Subúrbio) e Arlindo Rodrigues (o Arquiteto do Carnaval), celebram a conquista no Altar da Bahia, com figurino inspirado no texto de Fernando Arrabal (usado como metáfora no samba-enredo).</p> <p><b>Destaques Varanda Inferior:</b> Maria Helena e Chiquinho – O Esplendor Barroco</p> <p><b>Destaque Central Baixo:</b> Tropicalismo Baiano</p> <p><b>Personagens em Destaque Lateral:</b> O Imperador Luizinho Drumond (representado por Tuninho Professor) e o Arquiteto-Rei Arlindo Rodrigues (representado por Rivelino, o grande chapeleiro de Arlindo e da Imperatriz).</p> <p><b>Destaque Central Médio:</b> Barroco Tropical</p> <p><b>Destaques Laterais:</b> Vendedores de fruta</p> <p><b>Composições:</b> Figuras da Bahia</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Rosa Magalhães		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>MENINOS, EU VIVI... E AINDA VIVO! A ETERNA INFLUÊNCIA</b></p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da alegoria.</i></p>	<p><i>“Aqui do alto, ainda estou criando muitas coisas. Guardo aqui os manequins famosos de nosso sarau, com os devidos trajes de gala, e mantenho tudo organizado como nos velhos tempos; todos os anos, enfeito meus arlequins para que dançam e recomendo aos anjos que te guardem. Na área das esculturas, João - minha indomável criatura - segue rasgando seus retalhos e aprontando das suas. Segundo ele, tudo por uma causa maior: fazer daqui algo mais próximo daí, para que não nos esqueçamos de nossa verdadeira missão: falar do povo, ao povo e pelo povo.”.</i></p> <p>Se o desfile das escolas de samba é uma ópera popular, Arlindo Rodrigues foi seu maior <i>regisseur</i> e um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros, o melhor exemplo de mediador entre as diversas expressões da cultura no nosso País.</p> <p>A última alegoria da Imperatriz reconstrói, em liberdade poética, o estúdio de Arlindo, como se lá do alto ele continuasse criando seus carnavais. Os arlequins, tão marcantes em seus desfiles, são alados agora, e os mais belos anjos seguem guardando as duas coroas de Ramos, os dois títulos eternizados por Arlindo em vida. Os manequins seguem impecáveis, com os figurinos que remontam ao épico sarau do desfile de 1982.</p> <p>Ao fundo, simbolizando a área de esculturas de um barracão, a obra mais famosa de Joãosinho 30 (amigo, parceiro e talento mais notório descoberto por Arlindo) segue memorável: nunca terminada, nunca resolvida.</p> <p>A energia de Arlindo, manifestada na aura barroca, opulenta e bela, desperta nos traços de sua grande parceira Rosa Magalhães, que segue desenhando sobre a influência do carnavalesco com quem conviveu e aprendeu.</p> <p>Eterna seja, amada Imperatriz! Os que viveram pra te amar seguirão vivos em você!</p> <p><b>Composições</b> – Figuras Carnavalescas  <b>Semi-destaques Laterais</b> – A Magia do Carnaval  <b>Rosa Magalhães</b> – Influência de Arlindo  <b>Composições Fundo</b> – Rasgando Fantasias</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Fafá de Belém	Cantora e Atriz
Luizinho 28	Estilista
Zé Katimba	Compositor e Baluarte
Neucimar Pires	Estilista
Tilma Pires	Empresária
Dona Elizabeth	Empresária
Alan Taillard	Empresário
Samile Drumond	Empresária
Natalia Reis	Modelo
Tuninho Professor	Professor e Compositor
Rivelino	Figurista e Chapeleiro
Tom Brício	Empresário
Gustavo	Empresário
Samille Cunha	Professor e Figurista
Maria Helena	Porta-Bandeira
Chiquinho	Mestre-Sala
Rosa Magalhães	Carnavalesca e Professora
Kevin Martins	Empresário
Taila Ferrare	Modelo
<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadavia Correa, 60 – Barracão 14 – Gamboa – Centro	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Bianca Souza	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Diego	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Fabrício
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Flavinho e Kenedy	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Felipe	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Call
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b> Pedro Girão - Projetista Bruno Oliveira - Figurista Ana - Almoxarifado	

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
01	<p><b>A Corte e a Coroa</b> <b>Símbolos da Nobreza do Carnaval</b></p>  <p><b>*Figurino A: A Corte</b></p>  <p><b>Figurino B: A Coroa</b></p>	<p>Representando o surgimento da Imperatriz Leopoldinense, que despontou para a vida no mesmo período em que Arlindo se descobriu como artista no Theatro Municipal, a ala de abertura traz dois figurinos ilustrando a nobreza do símbolo maior da agremiação.</p> <p>Figurino A: Este figurino representa os súditos da Coroa da Imperatriz, uma homenagem ao povo da corte carnavalesca da Rainha de Ramos. As vestes, que também possuem estética tradicional, denotam o caráter clássico da agremiação desde o seu surgimento.</p> <p>Figurino B: Este figurino representa a coroa da Imperatriz Leopoldinense, que despontou para a o mundo no final dos anos 50. De estética tradicional, denota o caráter clássico da agremiação desde o seu surgimento.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>Imersão Teatral Inspiração no Drama e na Comédia</b></p> 	<p>Mergulhado no universo de experiências do Theatro Municipal, o autodidata Arlindo Rodrigues encontra base para suas futuras criações no Carnaval. Atuando no preparo de grandes espetáculos da casa, sobretudo as Óperas e <i>Ballets</i>, Arlindo passou por uma imersão no processo de construção da modalidade cênica. Os elementos visuais da fantasia remetem aos símbolos que são as bases da composição teatral: as máscaras gregas da tragédia (drama, tensão) e da comédia (ironia, deboche, felicidade), nortes para a construção de narrativas com elementos coerentes que se conectam para gerar a sensação esperada.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval
03	<p><b>Corpo de Baile A Arte em Movimento</b></p>  <p><b>Figurino A: Odette, o Cisne!</b></p>	<p>Seguindo a ilustração das experiências artísticas vividas por Arlindo no Municipal, a fantasia da Ala Jovem da Imperatriz representa o Corpo de Bailarinos do Theatro, para o qual Arlindo criou diversos figurinos e cenários. Um dos mais notórios, o famoso “<i>Cenas de Ballet</i>”, reunia uma seleção de clássicos da dança, como o Lago dos Cisnes, representado na indumentária que remonta o par mais famoso do espetáculo: Odette e Siegfried.</p>	Ala Jovem Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Corpo de Baile A Arte em Movimento (continuação)</b></p>  <p><b>Figurino B: Siegfried, o Príncipe!</b></p>	<p>Figurino A: O figurino jovem feminino apresenta a imagem da bailarina com a tiara de cisne, referente à personagem Odette.</p> <p>Figurino B: O figurino jovem masculino apresenta a imagem do príncipe com capa e coroa, em referência ao personagem Siegfried.</p> <p><b>*Os figurinos não serão necessariamente pareados, podendo aparecer em maior ou menor número dentro do conjunto da ala.</b></p>	Ala Jovem Comunidade	Comissão de Carnaval
04	<p><b>Regentes de Orquestra A Música na Composição do Espetáculo</b></p> 	<p>Parte fundamental da composição das peças teatrais, a música também contribuiria para a construção do pensamento artístico de Arlindo.</p> <p>O traje, inspirado nos regentes, maestros e maestrinas de orquestra, remete ao brilhantismo e ao bom gosto dos conhecedores da música, sempre impecáveis nas escolhas dos repertórios.</p> <p>Como é típico aos regentes de orquestra, a velha-guarda não usará chapéu, num gesto vanguardista e de adequação à proposta do enredo.</p>	Velha Guarda	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>Figurinos de Luxo O Apuro nos Trajes de Gala dos Guarda-Roupas Femininos</b></p> 	<p>As tradicionais Damas da Imperatriz Leopoldinense representam os “Figurinos Femininos de Luxo”, que abundavam nos guarda-roupas do Theatro Municipal e se tornaram uma especialidade de Arlindo logo no início de sua carreira.</p> <p>Retratando uma dama da <i>belle époque</i>, a fantasia faz referência aos diversos figurinos criados por Arlindo para tradicionais peças e operetas encenadas no Theatro no período. Os plissados e bordados, elementos estéticos luxuosos presentes nesta indumentária, seriam muito utilizados por Arlindo no Carnaval, mais uma prova da influência da experiência teatral em suas criações como carnavalesco.</p>	Damas Comunidade	Comissão de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<b>Zumbi dos Palmares O Herói da Revolução</b> 	<p>Arlindo chega ao carnaval para colaborar com o amigo Fernando Pamplona no projeto idealizado para o desfile dos Acadêmicos do Salgueiro em 1960. Simbolizando <i>Zumbi - Herói de Palmares</i>, figura cujos feitos eram narrados no enredo de nome <i>Quilombo dos Palmares</i>, a fantasia retrata o arquétipo do guardião do povo negro, com escudo tribal e peças ornamentadas com grafismos africanos, além de pingentes feitos com materiais que simulam a palha.</p> <p>O desfile em questão pontua o início de um processo de transformação conhecido como <i>Revolução Salgueirense</i>, uma era de inovações que marcaria profundamente a estética e a narrativa dos desfiles das escolas de samba e a carreira de Arlindo. Sendo o símbolo do primeiro campeonato da Academia do Samba e a primeira vitória de Arlindo (como integrante da equipe), Zumbi ressurgiria anos mais tarde pelas mãos do carnavalesco no próprio Salgueiro, como um dos mártires da pátria no enredo <i>História da Liberdade no Brasil</i>, de 1967.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Rosa Magalhães



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>Xica da Silva A Personagem Negra em Destaque</b></p>  <p><b>*Nota: outra curiosidade se refere ao uso das estampas e bordados, agora maiores e em maior quantidade nas roupas, estratégia utilizada para driblar a mudança de palco, uma vez que com a largura nova da pista, o público e o júri ficariam mais distantes.</b></p>	<p>Ainda no contexto da Revolução iniciada pela Academia do Samba nos anos 60, Arlindo propôs como enredo para o Carnaval de 1963 a história de uma interessante e desconhecida figura negra: Xica da Silva, a escrava que, alforriada, alçou a fidalguia, entrando para a alta sociedade da riquíssima cidade de Diamantina, no interior de Minas Gerais.</p> <p>A personagem se tornaria figura notória do país em virtude do sucesso do desfile do Salgueiro, sendo tema para o teatro, o cinema e a televisão. Isabel Valença, que interpretou Xica na avenida, ganhou fama e conquistou palcos nunca antes ocupados pelos sambistas.</p> <p>Outro detalhe importante é que em 1963 os desfiles foram realizados pela primeira vez na avenida Presidente Vargas, mais larga e espaçosa que a Rio Branco. Por isso, Arlindo mudou a idealização dos trajes, aumentando o volume das fantasias para preencher melhor o espaço e ocupar a pista. Isso explica o recurso da utilização de grandes ancas nas roupas femininas, uma marca da apresentação.</p> <p>Eternizada como símbolo do primeiro campeonato solo conquistado por Arlindo, Xica seria destaque novamente nas criações do artista, sendo revisitada no desfile de 1965, quando com o enredo <i>História do Carnaval Carioca</i>, de 1965, Rodrigues foi novamente consagrado como campeão.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>Figuras de Debret</b> <b>O Negro no Espaço Histórico</b></p>  <p><b>Figurino A: O Vendedor de Pássaros</b></p>  <p><b>Figurino B: O Acendedor de Lampião</b></p>	<p>O projeto de ressignificação abraçado por Arlindo incluía a olhar sobre a presença do negro na sociedade e sua influência no espaço histórico, retratando sua imagem no cotidiano das narrativas mesmo quando o enredo não tratava de abordagem especificamente afro-brasileira. As figuras de Debret, representadas por dois figurinos, fazem parte dessa iconografia, celebrada numa das primeiras alas do enredo “História do Carnaval Carioca”, com o qual o Salgueiro se sagrou campeão em 1965. No desfile, o carnavalesco destacou a presença do negro no organismo social da cidade como peça fundamental para a formação da identidade dos primeiros festejos do Rio de Janeiro. As fantasias misturam referências presentes em quadros de Jean-Baptiste Debret, ilustrando as imagens produzidas na abertura do desfile vermelho e branco e que reapareceriam em diversas outras ocasiões, sendo uma marca de Arlindo no Salgueiro.</p> <p>Figurino A: O Vendedor de Pássaros traz uma atividade comum para os negros nos tempos do Império. O chapéu alongado e a camisa listrada em vermelho, fazem referência ao famoso quadro “<i>Marimba – Passeio de Domingo à tarde</i>”, um retrato do negro nos dias de entrudo.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantásias**

**Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)**


Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>Figuras de Debret O Negro no Espaço Histórico (Continuação)</b></p>  <p><b>Figurino A: O Vendedor de Pássaros</b></p>  <p><b>Figurino B: O Acendedor de Lampião</b></p>	<p>Figurino B: O Acendedor de Lampião também remonta uma ocupação comum aos negros na época. A casaca fechada e o chapéu fazem referência ao quadro “Meninos brincando de soldados” com outra representação do negro nos dias de carnaval no período imperial.</p> <p>*os adereços de mão foram muito utilizados por Arlindo Rodrigues como recurso para dar volume aos figurinos e preencher a pista.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<b>Baiana de Todos os Deuses Matriarcas Afro-brasileiras</b>  	<p>A tradicional e premiada Ala das Baianas da Imperatriz Leopoldinense traz em sua fantasia as referências que ilustram o desfile de 1969 do Salgueiro. O enredo <i>Bahia de todos os deuses</i>, apresentado na ocasião, apresentava as matriarcas do samba como um de seus destaques. Nossa fantasia reúne traços indumentários característicos das roupas tradicionais utilizadas pelas baianas salgueirenses no desfile original, ilustrando as estampas e rendas que se tornariam marcas estéticas de Arlindo.</p> <p>Na cabeça da fantasia, o torso com <i>Anjos do Bonfim</i> é arrematado por um laço típico das indumentárias do Candomblé, numa retratação do sincretismo. Amuletos de sorte, elas consagraram mais um título salgueirense sob as bênçãos de todos os deuses.</p>	Baianas	Raul Cuquejo
*	<b>Espelho da Raça Um Novo Brilho para a Folia</b>  	<p>Ainda em 1969, a destaque de chão recria através de suas formas exuberantes a imagem encantadora da <i>sereia de espelhos</i>, uma marca da apresentação salgueirense naquele ano e que é considerada a primeira grande imagem escultórica do carnaval. Marcando a introdução do espelho enquanto material de decoração nas alegorias e fantasias, a destaque representa uma das mais notórias inovações de Arlindo. Vale lembrar que no desfile oficial do Salgueiro, a reflexão das luzes foi tão forte que “estourou” as fotografias.</p>	Destaque de Chão	-

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**


Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Originalidade Estampada Festa Negra para um Rei Negro</b></p>  <p><b>*Nota: Maria Augusta, Rosa Magalhães (atual carnavalesca da Imperatriz) e Licia Lacerda participaram pela primeira vez da equipe de criação de Arlindo nesse desfile. Augusta foi uma das mentoras do enredo, enquanto Rosa e Licia auxiliaram na parte de figurinos.</b></p>	<p>O uso inovador e chamativo das formas geométricas africanas pontuou momentos importantes do desfile do Salgueiro de 1960, especialmente durante a aparição de Zumbi, personagem central daquele enredo. Contudo, com a escolha por enredos de temáticas mais relacionadas ao período colonial, o recurso quase desapareceu dos trabalhos de Arlindo.</p> <p>Então, com o desafio da elaboração de mais um carnaval de temática negra (o último neste tema em sua passagem inicial pelo Salgueiro), Arlindo lançou mão das formas impactantes em larga escala, produzindo um conjunto legitimamente africano.</p> <p>Para ilustrar o delirante “Festa para um Rei Negro”, em 1971, produziu adereços com tecidos exclusivos, recortados e sobrepostos, não só nas fantasias, mas também nas alegorias, criando um desfile absolutamente leve e original. A rafia, tão utilizada hoje no carnaval, seria mais uma novidade do desfile, conferindo volume e leveza aos componentes, naquele que é considerado o mais africano dos carnavais do mestre.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Africanidades A Raiz Africana nas Peles e no Vime</b></p>  <p><b>Figurino A: Baiana em Vime</b></p>  <p><b>Figurino B: Zebras em Vime</b></p>  <p><b>Figurino C: Girafa em Vime</b></p>	<p>Ainda no arrebatador cortejo africano de Arlindo no Carnaval de 1971 do Salgueiro, a ala agrupa três figurinos para composição cênica. Em todas as construções, nota-se o uso do vime, outra novidade trazida nos carnavais de Arlindo e que provocou uma mudança no paradigma da construção das fantasias naquela época. Antes utilizado em pontos específicos e agora visto na quase totalidade da apresentação, o recurso imprimia uma leitura mais original, mais naturalista, colaborando com a ideia de transmitir um aspecto legitimamente africano para as indumentárias.</p> <p>As girafas e zebras, imagens famosas daquele carnaval, chamavam atenção pela beleza: as girafas, carregadas por componentes no desfile, criavam a impressão de esculturas dançantes; já a pele de zebra, cortada quase num formato de estandarte e ostentada pelo desfile (inclusive numa alegoria), trazia a estamparia animal típica dos africanos, além de inspirar pinturas corporais ao longo do cortejo.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Africanidades A Raiz Africana nas Peles e no Vime (continuação)</b></p>  <p><b>Figurino A: Baiana em Vime</b></p>  <p><b>Figurino B: Zebras em Vime</b></p>  <p><b>Figurino C: Girafa em Vime</b></p>	<p>Figurino B: As zebras, que também inspiraram setores do desfile, ornamentaram fantasias e alegorias, estampando a africanidade legítima pretendida pelo enredo. Muito utilizadas nas representações do Reino do Congo, as estampas do animal representavam a bravura.</p> <p>Figurino C: As girafas humanas, que estrelaram uma das mais famosas fotografias do destile, representavam a imponência da natureza original da África, justamente por serem muito reproduzidas nos objetos de artesanato comercializados pelos africanos e apreciadas pelo exotismo de suas formas.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>O Prelúdio do Triunfo Uma Nova Identidade</b></p>  <p><b>*a fantasia foi inspirada nos figurinos femininos criados por Arlindo para os Grupos Femininos e Destaques de Chão que brilharam em suas apresentações anteriores na Mocidade, como uma abertura de caminhos para o campeonato.</b></p>	<p>No início dos anos 70, Arlindo Rodrigues se transferiu para a jovial Mocidade Independente de Padre Miguel, imprimindo o requinte estético que já caracterizava seus trabalhos na fase salgueirense. Elevando o nível dos desfiles da verde-e-branca da zona oeste - mais conhecida, até então, por sua ousada bateria – Rodrigues alçou a escola ao protagonismo da festa.</p> <p>Em nossa fantasia, os grafismos em <i>Art Déco</i> e o recorte na cauda do vestido, bem como a peruca e os adereços africanos, nos remetem, respectivamente, aos figurinos criados para os épicos <i>Festa do Divino</i> (de 1974) e <i>Mãe Menininha do Gantois</i> (de 1976), antecessores notórios do triunfo de 1979 (ano do primeiro campeonato da Mocidade e do único título de Arlindo pela escola).</p> <p>Inspirados nas obras arrojadas de artistas estrangeiros (como o francês <i>Erté</i>, grande influenciador da moda e do design no início do século 20) os conjuntos criados por Arlindo na Mocidade conferiram à escola um requinte nunca antes visto, trazendo leitura visual arrojada até aos temas mais folclóricos e regionais.</p>	Grupo Feminino	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>A Viagem das Caravelas Navegações Portuguesas</b></p>  <p>*A influência francesa na indumentária tem relação com a construção dos figurinos da peça o Descobrimento do Brasil. Com pouco tempo para criação do guarda-roupa, Arlindo acabou reutilizando as indumentárias da releitura da peça <i>O Livro de Cristóvão Colombo</i> – do francês Paul Claudel -, da qual havia participado como cenógrafo. O sucesso das roupas “adaptadas” foi tamanho, que inspirou Arlindo na criação da fantasia com o mesmo estilo para o desfile da Mocidade.</p>	<p>Abrindo o cortejo do Descobrimento do Brasil, as caravelas que partiram em direção às Índias e aportaram no Brasil, servem de inspiração para esta fantasia. Trata-se de uma referência à ala das baianas, que vinha logo após a abertura no desfile de 1979, que consagrou a Mocidade com seu primeiro campeonato.</p> <p>A escolha das baianas para representação do período de expansão portuguesa nas grandes navegações, tem relação com a poesia de autores como Camões, que se referiam à Portugal como “Pátria Mãe” em seus épicos. Segundo os escritores, os navegantes tinham sua inspiração para desbravar os mares relacionada aos auspícios matriarcais da nação. Na visão de Arlindo, nada mais correto que as matriarcas do samba guiarem as caravelas sobre seus torsos, como musas inspiradoras que conduzem o sonho ao seu bailado.</p> <p>Na cabeça do figurino, a embarcação simboliza a partida dos portugueses, enquanto as gravatas douradas representam o esplendor europeu, se aliando ao corte da fantasia (de influência francesa) de forma elegante. Também se nota o uso das fitas metaloide, que Arlindo introduziu em sua passagem pela Mocidade. Em 1979 o material foi aplicado em escala ampla, substituindo a ráfia (mais associada aos enredos africanos).</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p><b>Índia – O Misterioso Destino Samorins e Mandalas</b></p>  <p><b>Figurino A: Samorins</b></p>  <p><b>Figurino B: Mandalas</b></p> <p><i>*Nota: assim como na literatura lusitana de Camões, a mitologia grega inspira referências do desfile de 1979. A tiara estilizada do Figurino A faz referência as tiaras de escamas dos seres lendários da mitologia mediterrânea.</i></p>	<p>A viagem dos portugueses tinha como objetivo aportar em Calicute, capital do reino de mesmo nome, localizado no sudoeste indiano. Cobiçado por sua localização privilegiada na Costa do Malabar e vislumbrado pelos relatos sobre as formas exuberantes impressas em suas construções, o reino era conhecido pela alcunha de seus soberanos: os Samorins, título que traduzido significa “senhores do mar”.</p> <p>No desfile de 1979, essa passagem foi representada por fantasias em branco e prata - combinação que dominou boa parte da exibição. Composta por dois figurinos, a ala “Índia – Um Destino Misterioso” ilustra a criação de Arlindo para o tema.</p> <p>Figurino A: A tiara marina e a gravata em forma de rabo de peixe, ganham contornos geométricos condizentes com a estética indiana para representar a ligação dos senhores de Calicute com o mar. Já o adereço de mão em forma de lança, completa a leitura da roupa simbolizando a soberania dos Samorins sobre seu território.</p> <p>Figurino B: As mandalas em filigranas, abundantes nas construções de Calicute, eram objeto de admiração pelos viajantes que conheciam a Índia, sendo descritas como formas impressionantes e nunca vistas. O figurino traz essa representação em sequência retilínea e também circular.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Esplendor da Índia O Luxo do Oriente</b></p> 	<p>Deslumbrando a avenida com samba no pé e carisma, a Destaque de Chão que triunfa a frente da nossa tradicional Ala de Passistas representa o esplendor indiano, imaginado pelos relatos dos viajantes sobre às joias e riquezas do misterioso destino.</p> <p>Também ornamentada em branco e prata, a indumentária acompanha a estética rebuscada de Arlindo para retratar esta região do oriente.</p>	Destaque de Chão	-
14	<p><b>Joias Indianas Artefatos Preciosos</b></p> 	<p>Incorporando a suntuosidade das Joias Indianas, nossos passistas representam as riquezas lendárias da Índia. No desfile de 1979, as preciosidades do sudoeste asiático foram representadas por lindas fantasias – numa ala e numa alegoria - em alusão aos motivos indianos que davam contornos aos cobiçados artefatos do oriente. O figurino traz essa leitura, reproduzindo em peças com fundo branco, rendadas (como as mangas e blusas) e polidas (como a cabeça e as golas) conferindo o aspecto e a textura das relíquias hindus e seus delicados trabalhos de ourivesaria.</p>	Passistas Comunidade	Comissão de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<b>Matiz Brasileiro</b> <b>As Cores da Terra</b> 	A fantasia da Rainha da Bateria da Imperatriz Leopoldinense para o Carnaval 2022 representa os matizes brasileiros que coloriram o avistamento dos portugueses, abrindo caminhos para a etapa em que se descortina o descobrimento.	Rainha da Bateria	-
	<p>*Nota: essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência para a construção final da fantasia, podendo ocorrer variações de acordo com as necessidades de confecção.</p>			
*	<b>Mestre André</b> <b>Ninguém segura a Nossa Bateria!</b> 	Considerado um dos maiores gênios do carnaval, o saudoso Mestre André é homenageado pelo Mestre Lolo com figurino inspirado em sua vestimenta no lendário desfile de 1979 da Mocidade. Criador das famosas paradinhas, o músico revolucionou o quesito e foi um dos grandes parceiros de Arlindo Rodrigues durante o período em que o carnavalesco conduziu a criação dos desfiles da escola de Padre Miguel. Sob o comando de André, a bateria se tornou símbolo da escola, sendo o tema de seu principal samba de exaltação, o popularíssimo <i>Salve a Mocidade!</i> , composto em 1974, durante a fase Rodrigues.	Mestre de Bateria	-

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p><b>O Descobrimento do Brasil</b>  <b>A Orquestra da Folia veste a Brasilidade de Arlindo</b></p> 	<p>A diversidade de tons em verde, típica do matiz riquíssimo de nossa natureza, aliada aos traços indumentários portugueses (a estampa floral, a coroa, os babados, as rendas e as fitas) traduzem o encontro entre os lusitanos e o Brasil. A ideia do figurino é transmitir o deslumbramento dos portugueses ao avistarem nossa terra, como se toda a sua cultura se banhasse de nossas cores. Essa mescla entre os elementos folclóricos da cultura portuguesa (utilizados para ilustrar os portugueses no desfile de Arlindo em 1979) e as cores tropicais (utilizadas para ilustrar o Brasil no desfile em questão) pontuam como uma efeméride o momento do descobrimento.</p> <p>Além de se inspirar nos traços evocados por Arlindo em diversas fantasias do setor dos descobridores no desfile de 1979, a fantasia reúne referências utilizadas pelo artista nos figurinos da bateria da Mocidade em outros enredos, recordando o carinho com que Arlindo desenvolvia as indumentárias dos ritmistas que compunham a <i>Orquestra</i> de seus grandes espetáculos. Sendo o primeiro carnavalesco a vestir uma bateria (ainda no Salgueiro), Rodrigues desenvolveu fantasias inesquecíveis para o segmento na Mocidade.</p>	Bateria	Comissão de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Indígenas do Brasil na visão de Arlindo Os Nativos das Índias Ocidentais</b></p>  <p><b>Figurinos A: Nativos das Índias Ocidentais</b></p>  <p><b>Figurinos B: Nativos das Índias Ocidentais</b></p>	<p>Ao avistarem os donos de nossa terra, os portugueses os chamaram erroneamente de índios, por imaginarem ter chegado em algum lugar da Índia. Essa confusão – quase carnavalesca – virou nomenclatura para os nativos brasileiros. Isso explica a ideia de Arlindo ao ornamentar os índios brasileiros com o mesmo matiz branco e prata usado nas fantasias indianas. Na busca da história que se esconde na história, o carnavalesco encontrou nesta origem do nome dado aos nossos nativos um mote para dar novos ares ao descobrimento.</p> <p>Outra curiosidade sobre as duas fantasias é o emprego em larga escala das formas em acetato e o uso dos festões. Lançado por Arlindo, o uso do <i>vacuum form</i> se tornou essencial para os desfiles carnavalescos, possibilitando a criação de peças minuciosas de decoração, como as folhagens vistas na primeira roupa. Já os festões (muito utilizados nas decorações natalinas), ajudavam a conferir mais naturalidade aos adereços prateados, por conta de seu movimento macio e suave, que se assemelha aos adereços (feitos de pele ou penugens curtas) usados por alguns povos indígenas.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**




Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>O Esplendor da Fauna e da Flora A Exuberante Natureza do Brasil</b></p> 	<p>No setor final do memorável desfile da Mocidade, Arlindo retratou o encanto dos descobridores com a fauna e a flora brasileiras, as riquezas naturais de nosso chão, tingindo em verde o final do desfile. Se os navegantes buscavam a rota para as Índias almejando as joias lendárias, encontraram no Brasil o tesouro de nossa natureza.</p> <p>A fantasia ilustra esta passagem do enredo através dos belos tucanos (símbolos da exuberância das aves nativas), das folhagens e formas florais, evocando os tons mais profundos do verde-bandeira, matiz representativo de nossas matas e também da própria Mocidade.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval
*	<p><b>A Preferida do Samorim A Deusa Indiana</b></p> 	<p>Uma das mais famosas imagens do desfile campeão da Mocidade Independente de Padre Miguel foi a passagem triunfal de uma de suas destaques de luxo pela passarela. A fantasia, riquíssima, representava uma deusa indiana, em alusão às famosas peças dedicadas às divindades e que eram costumeiramente descritas como fascinantes nos relatos dos viajantes. Após a vitória, a imagem da deusa foi cristalizada no imaginário do samba como símbolo do desfile, por isso nossa destaque de chão homenageia a famosa fantasia que abria o caminho para o cortejo dos elefantes na apresentação original.</p>	Destaque de Chão	-

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Lá Lá Lá Lá</b> <b>Lauê</b> <b>A Romântica</b> <b>Imperatriz</b></p>  <p><b>Figurino A: O Índio</b></p>  <p><b>Figurino B: O Negro</b></p>  <p><b>Figurino C: O Branco</b></p>	<p>Na virada dos anos 70 para os anos 80, o destino leva Arlindo Rodrigues ao encontro daquela que seria a sua paixão carnavalesca: a Imperatriz Leopoldinense.</p> <p>A escola do subúrbio carioca era conhecida e reconhecida por enredos e sambas românticos e históricos, como <i>Martim Cererê</i> (de 1972), grande responsável por tornar a escola popular em todo o país ao ser escolhido para compor a trilha sonora de uma famosa novela.</p> <p>Essa aura romântica e brasileiríssima da verde, branca e ouro (também latente nas obras de Arlindo), encantou o carnavalesco, que viu na identidade da agremiação o par perfeito para seu estilo. Esse deslumbramento de Arlindo pela Imperatriz é representado em nosso Grupo Misto pela tríade das três raças, que caracteriza o romantismo brasileiro e conduzia a narrativa do samba de 1972, numa tradução da visão do artista ao contemplar a escola.</p> <p>A composição dos figurinos é inspirada nas representações das três raças, concebidas por Arlindo nos enredos realizados em sua passagem pela agremiação, para ilustrar de forma autêntica esse enlace entre as personalidades do artista e da escola.</p>	Grupo Misto	Comissão de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Rosa Magalhães


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p><b>O Quê Que a Bahia Tem... E a Imperatriz tem Também!</b></p> 	<p>Iniciando a trajetória do carnavalesco na escola que seria o seu grande amor, chegamos ao enredo do Carnaval de 1980 da Imperatriz. O antológico “<i>O quê que a Bahia tem</i>”, rememora a estreia desta incrível parceria.</p> <p>Ícones da cultura baiana, essas personagens surgiram por todo o desfile, tanto em alas (que eram três ao todo - um recorde) quanto em carros e tripés, sendo o grande símbolo do enredo e da apresentação.</p> <p>O nacionalismo tropical do artista, já latente na passagem pela Mocidade, deixou de lado o tom cômico de Padre Miguel para adotar o amarelo ouro, personificando as cores características da escola de Ramos.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
19	<p><b>Quem Vai Querer? Mercadores da Bahia Colonial</b></p> 	<p><i>“Quem vai querer? Quem vai querer?”</i>, dizia o samba-enredo da Imperatriz no Carnaval de 1980. Arlindo transformou a avenida num mercado a céu aberto, com vendedores de frutas desfilando seus balaios sobre as cabeças.</p> <p>Estes mercadores, também figuras tradicionais da Bahia - que foram herdadas do Brasil colônia - enfeitaram e animaram o desfile, trazendo ao mesmo tempo a leveza e o rebuscamento, ajudando a construir um quadro muito diferente do famoso enredo de Rodrigues no Salgueiro em 1969.</p> <p>O figurino mais nobre, a bata de renda, o grande laço no torço e os contornos de forte inspiração barroca, remetem ao universo tão prezado pelo artista.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>Reluzente Como a Luz do Dia</b>  <b>Ornamentações Opulentas</b></p> 	<p>O encontro predestinado entre as almas românticas de Arlindo Rodrigues e da Imperatriz Leopoldinense resultou num espetáculo visual suntuoso. O carnavalesco, disposto a dar à escola um desfile à altura de suas expectativas, trouxe a opulência do barroco, que ornamentou fantasias e alegorias em diversos pontos do cortejo. As formas, inspiradas nos motivos ainda hoje presentes nas igrejas da Bahia, retratavam a riquíssima ourivesaria e arquitetura baianas.</p> <p>Os abacaxis, que se agigantam na roupa, guardam uma história curiosa: eles coroavam os andores do cortejo, numa alusão à sacralização da fruta pelo Frei Antônio do Rosário, que reivindicou no século XVIII a substituição das rosas dos altares do Sagrado Rosário de Nossa Senhora pela fruta brasileira.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
21	<b>Festas Religiosas Populares Exaltação ao Divino</b> 	<p>Ilustrando o contexto cultural proposto no enredo da Imperatriz em 1980, a fantasia evoca a religiosidade baiana e representa o aspecto festivo das manifestações da fé popular.</p> <p>No figurino, nota-se a presença de signos - como as asas angelicais douradas, a pomba branca (na gravata do figurino), a coroa e o santíssimo – que simbolizam a manifestação do divino espírito santo, tema central de várias destas celebrações religiosas do povo da Bahia.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval
22	<b>Sincretismo Religioso Oxalá do Bonfim</b> 	<p>Cultuado em toda Bahia, o orixá Oxalá teve presença importante no antológico desfile de 1980. Na exibição, ele representou o sincretismo religioso, uma vez que suas adorações envolvem celebrações que misturam o catolicismo e o candomblé, como ocorre com a Festa do Senhor do Bonfim. Este sincretismo está representado em nossa fantasia através do belo ostensório de prata nas costas e do santíssimo sobre a coroa da divindade. O capricho do figurino retrata o cuidado de Arlindo com suas criações.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>Kaô, Meu Pai, Kaô! O Espírito Guerreiro e a Nobreza de Xangô</b></p>  <p><b>Figurino A: O Espírito Guerreiro</b></p>  <p><b>Figurino B: A Nobreza de Xangô</b></p> <p><b>*nota: assim como no desfile de 80, a escolha da qualidade Baru como referência teve razões espirituais.</b></p>	<p>O momento ápice do antológico samba-enredo da Imperatriz Leopoldinense em 1980 era a passagem pelo refrão que dizia <i>Kaô, meu Pai, Kaô! Kaô, meu Pai Xangô</i>.</p> <p>Além de ser o padroeiro da Imperatriz Leopoldinense, o Orixá - considerado fundador do candomblé na Bahia - possui ligação intensa com quase todas as correntes afro-religiosas da terra de todos os deuses e foi celebrado no desfile através de fantasias e alegorias.</p> <p>Figurino A: o figurino representa o espírito guerreiro de Xangô, sua força de combate, com os dois oxés (machados) - que simbolizam a justiça e a batalha justa - empunhados. A indumentária se inspira nas retratações do orixá no desfile e utiliza as cores marrom, branco e preto em referência a “Xangô Baru”, uma qualidade da divindade ligada à bravura.</p> <p>Figurino B: o figurino representa a nobreza do Orixá que em alguns mitos, usa os cabelos trançados e traja vestidos e túnicas, além de armas de batalha e artefatos recobertos por peles de animais (como o escudo da roupa). A indumentária também é inspirada na misteriosa retratação de Xangô que desfilaria sobre um carro alegórico na apresentação oficial. Por motivos desconhecidos, a escola se apresentou sem o destaque, e sua indumentária foi usada por um componente no desfile das campeãs, quando a escola já havia sido consagrada.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Barroco Tropical</b> <b>O Sagrado e o Profano</b></p> 	<p>No lendário desfile de 1980, Arlindo também ilustrou a aura tropical da Bahia, suavizando o conjunto de estética predominantemente barroca e tradicional. Estes lampejos são representados pelo figurino da Destaque de Chão, que une o verde tropical aos contornos das formas típicas do estilo que dominou a apresentação. O contraste entre o sacro (representado pelo santíssimo em sua indumentária) e o profano, ajudam a ilustrar os ares brasileiríssimos da Bahia de Arlindo. Para além das indumentárias rebuscadas e do peso religioso, se fizeram presentes os corpos com pouca roupa e muita sensualidade sob o Sol escaldante que iluminava a avenida.</p>	Destaque de Chão	-


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p><b>Os Poetas de Ramos no Palco Iluminado Compondo Carnavais</b></p>  <p><b>*nomes como Zé Katimba, Darcy do Nascimento, Dominginhos do Estácio, Gibi, Tuninho Professor, Guga e Niltinho Tristeza compõe a constelação de poetas de Ramos; todos eles foram vencedores na era Arlindo.</b></p>	<p>Os Poetas de Ramos, mestres das letras e melodias, compõem o grande momento de estrelato da Imperatriz: a conquista do Bicampeonato! Por mais uma coincidência do destino, a escola que se tornou famosa pelos seus grandes sambas (antes mesmo de sua primeira vitória), se consolidou como uma potência do carnaval homenageando justamente um compositor popular.</p> <p>No palco iluminado da folia, nos tornamos protagonistas da festa, as estrelas do grande show do Carnaval, brilhando ao lado de Arlindo. O samba de 1981, por mais uma coincidência, é também de autoria de Zé Katimba, baluarte da ala e autor do samba que tornou a Imperatriz famosa nos anos 70, o inesquecível Martim Cererê! E atenção para o detalhe: o terno em verde-água e ouro é uma referência às cores do belo pede passagem da Imperatriz em 1981.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
25	<p><b>Folias Carnavalescas O Canto de Lalá</b></p> 	<p>O enredo escolhido por Arlindo para a conquista do bicampeonato, se enveredava por uma grande paixão do carnavalesco: as folias e catarses populares, aclamadas nas canções do inesquecível compositor Lamartine Babo.</p> <p>Ao longo da avenida, desfilaram as marchinhas e canções mais famosas dos antigos carnavais, transformando a avenida num festejo repleto de foliões animados. Nossa fantasia, traz a representação dos foliões que se aventuram fantasiados de personagens típicos da festa, com traços inspirados nos figurinos criados por Arlindo para o tema. Trata-se de um tributo à liberdade e à alegria das comemorações cariocas, embaladas ainda hoje pelas obras de Lalá.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Rosa Magalhães



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p><b>Estrela Dalva O Canto da Diva e o Sonho de Arlindo</b></p> 	<p>Fã e amigo de Dalva de Oliveira, Arlindo Rodrigues celebrou sua diva no último desfile de sua carreira, em 1987. Numa apresentação repleta de alas com trajes de gala, os momentos de glória da cantora foram celebrados. Através do enredo, Arlindo sonhou dar o devido destaque à uma das mais importantes vozes da música brasileira. Nossa fantasia personifica a cantora com um vestido de festa paramentado pelas formas momescas do costeiro. Estas formas são inspiradas no figurino de um dos destaques de luxo da alegoria que contava as passagens de Dalva pela Praça 11, um reduto da folia onde a estrela viveu grandes momentos e teve sucessos imortalizados.</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval
27	<p><b>O Baile do Pierrot A Derradeira Serenata</b></p> 	<p>Ninguém poderia imaginar que o retorno de Arlindo à Imperatriz seria seu último carnaval. A homenagem à diva dos amores intensos seria a derradeira criação de Arlindo, a última serenata de um apaixonado para sua musa.</p> <p>A canção “Baile do Pierrot”, ilustrada pelo figurino através do arquétipo do personagem e das notas musicais, prenunciava no desfile o último enlace com os famosos versos: “Que noite, tão linda, noite de sonho e de amor.. Que pena, oi, que pena, oi, quando o baile acabou.”.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
28	<b>Asas da Alegria O Carnaval e a Vida Continuam...</b>  	<p>Então, depois de deslumbrar a avenida com sua emblemática homenagem à Dalva, o genial Arlindo Rodrigues partiu, deixando a alegria de seus carnavais e um legado artístico de peso inestimável para o país.</p> <p>A fantasia representa esta ascensão de Arlindo para a eternidade através do palhaço, figura que mistura ironicamente diversos sentimentos e que marcou o desfile de 1981 em homenagem a Lamartine, surge com asas, feito um sabiá, trajando roupa enfeitada pelas estrelas de Dalva para brincar num voo rumo à eternidade. Sem tristeza ou despedida: há apenas um sentimento bom!</p>	Comunidade	Comissão de Carnaval
*	<b>A Colombina da Avenida A Ressurreição dos Antigos Carnavais na Reedição de 2020</b>  	<p>Simbolizando a vitória da Imperatriz Leopoldinense no Grupo de Acesso em 2020 com uma reedição do enredo produzido por Arlindo para a escola em homenagem a Lamartine Babo (de 1981), a destaque de chão se inspira na épica marcha-rancho <i>Ressurreição dos Antigos Carnavais</i> para evocar a magia e os encantos da eterna personagem carnavalesca e reverenciar nosso homenageado. A fantasia recria uma colombina, unindo traços dos carnavais dos tempos idos a sedutora modernidade das figuras femininas atuais, como uma inspiração de Arlindo (o passado) para as atuais gerações.</p>	Destaque de Chão	-

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadavia Correa, 60 – Barracão 14 – Gamboa – Centro	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Comissão de Carnaval	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Cristiane	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Rivelino
<b>Adrecista Chefe de Equipe</b> Bernard	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Alberto e Regina
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  Bruno Oliveira - Figurinista	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  As fantasias de alas que eventualmente estejam ilustradas por desenhos, assim como destaques de chão, são croquis que podem sofrer alterações de forma e cromática em virtude da confecção e da natureza dos corpos, devendo ser interpretado o conceito do figurino e sua leitura, e não a fidelidade absoluta dos traços para a realidade.	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b> Gabriel Mello		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> André Bonatte (Dep. Cultural)		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 40 (quarenta)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Zé Katimba 89 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Guilherme Macedo 25 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Eu ainda era menino                  À luz de um nobre destino                  O dom de tocar corações                  E você era menina, suspirando poesias                  Entre versos e estações                  Quando a mão do grande professor                  Nosso caminho em ouro enfeitou                  Fui da ribalta à avenida                  Você tão linda, foi cenário de amor (lá lá lá lauê)                  Fiz da orquestra da folia, manequim das fantasias                  Que João noutra tempo rasgou</p> <p><b>Pega na saia rendada, pra ver o que vi                  Espelho da raça encarnada... Chica e Zumbi!                  E descobrir novos Brasis na identidade                  Canta Salgueiro! Ó... Salve a Mocidade!</b></p> <p>Lembro que o Imperador                  Me levou pra ser rei em sua Assíria                  Amanheceu e nós dois                  Fomos uma só voz no altar da Bahia                  Brilhei... Nesse palco iluminado                  Dancei... Sabiá cantou meu apogeu                  Numa derradeira serenata</p> <p><b>Sonhei com Dalva e fui morar com Deus</b></p> <p>Seu samba nascendo do morro                  Ecoa do povo e ressoa no céu                  Desperto em seus braços de novo                  No mais belo traço da flor do papel                  Se a saudade é certeza                  Um dia tristeza será cicatriz                  Eterna seja, amada Imperatriz!</p> <p><b>Vem me encantar, volta pra seu lugar!                  Seu manto é meu bem querer                  E lá do alto o pai maior mandou dizer                  Quem viveu pra te amar seguirá com você!</b></p>		
		<b>BIS</b>
		<b>BIS</b>
		<b>BIS</b>

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Detalhamento do Samba**

**EU AINDA ERA MENINO  
À LUZ DE UM NOBRE DESTINO  
O DOM DE TOCAR CORAÇÕES  
E VOCÊ ERA MENINA, SUSPIRANDO POESIAS  
ENTRE VERSOS E ESTAÇÕES**

*A primeira estrofe do samba apresenta nosso homenageado através do olhar poético da carnavalesca, onde Arlindo Rodrigues tem o seu caminho premonitoriamente traçado à Imperatriz Leopoldinense. Ele, diante da grande jornada artística que o consagraria, ainda era “um menino”, assim como a Imperatriz, que nos seus primeiros passos já encantava a todos com seus versos românticos compostos à sombra das Estações que cortam o subúrbio da Leopoldina.*

**QUANDO A MÃO DO GRANDE PROFESSOR  
NOSSO CAMINHO EM OURO ENFEITOU  
FUI DA RIBALTA À AVENIDA  
VOCÊ TÃO LINDA, FOI CENÁRIO DE AMOR (LÁ LÁ LÁ LAUÊ)**

*A história de ambos, Arlindo e Imperatriz, seria afetada profundamente pelas mãos de Fernando Pamplona, o professor. Arlindo conheceu Pamplona no Theatro Municipal, no setor de cenografia e Montagem dos grandes espetáculos. Da Ribalta do Municipal, nosso homenageado foi para avenida, desenhando os figurinos do Salgueiro para o desfile de 1960. No mesmo ano, ambos foram os responsáveis pela decoração da Praça XI, enfeitando o caminho pelo qual a Imperatriz realizou seu primeiro desfile. Famosa por seus enredos históricos e literários, a escola seria o cenário das românticas composições que a cristalizariam na mente do grande público.*

*O estribilho “Lá lá lá lauê” faz referência a um dos mais famosos sambas da escola, o épico Martim Cererê (composto por Zé Katimba e expoente da coletânea romântica da escola) que a tornou popular nos anos 70. Os “lá lás” e “lauês” foram uma marca na musicalidade da escola desde o seu nascimento, aparecendo também nos sambas de 1981 (no trecho Lá Lá Lá Lá Lamartine) e de 1987 (no trecho Lá Lá Lá Lauê é carnaval...), ambos originados dos enredos de Arlindo, que homenageavam Lamartine Babo e Dalva de Oliveira respectivamente.*

**FIZ DA ORQUESTRA DA FOLIA, MANEQUIM DAS FANTASIAS  
QUE JOÃO NOUTRO TEMPO RASGOU**

*A chegada de Arlindo ao Salgueiro, deu nova tônica aos desfiles das escolas de samba. Arlindo estreou como figurinista trazendo toda a bagagem adquirida no comando do guarda-roupa do Teatro Municipal. Dois anos depois, assumindo a responsabilidade por todo o desfile, ampliou para toda a escola sua visão teatral/operística, vislumbrando naquele corpo cultural a própria orquestra popular da folia e vestindo-a como fazia nas ribaltas, com a classe e o arroubo que lhe eram característicos.*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

*A Expressão “que João noutro tempo rasgou” se refere ao carnavalesco Joãosinho 30, um dos maiores revolucionários da folia e, o que poucos sabem, foi um dos grandes achados de Arlindo. João foi da equipe de Arlindo no Teatro Municipal e também “seu” aderecista no carnaval. Todo o requinte herdado do mentor se transformava na mente inquieta e subversiva de Joãosinho, onde o Luxo era rasgado e o lixo virava arte e fantasia.*

**PEGA NA SAIA RENDADA, PRA VER O QUE EU VI  
ESPELHO DA RAÇA ENCARNADA... XICA E ZUMBI!**

*Arlindo elevou o nível plástico do carnaval de forma inovadora. Seus desfiles, ainda hoje, são tidos pela crítica como verdadeiras odes ao bom gosto. As rendas decoradas e bem trabalhadas, eram muito presentes em seus traços, como no épico figurino de Xica da Silva, fantasia de Isabel Valença para o Salgueiro de 1963, como também na parte alegórica, emoldurando esculturas e criando cenários.*

*O verso “Pega na saia rendada, pra ver o que eu vi” brinca com o elemento da renda, como se, ao tocar à fantasia, ao sentir o detalhe, houvesse uma confirmação desta beleza.*

*Dentro dos campos das inovações promovidas por Arlindo, o uso dos espelhos para a produção de efeito de luz foi um marco de originalidade. No verso, a palavra espelho acaba tendo duplo sentido: ela fala do uso do material nos desfiles, obviamente, mas também se une ao termo “da raça” para designar a ruptura promovida pela academia do samba ao retratar o negro em seus desfiles como protagonistas e, não mais, fantasiados como personagens de “heróis brancos” da Pátria. Essa ideia de personificação nos leva à palavra encarnada, que não se trata apenas de um trocadilho com o vermelho do Salgueiro, mas também do carácter de incorporação do personagem. A homenagem à Xica da Silva e a Zumbi dos Palmares, são os melhores exemplos da revolução promovida pela Escola, que apresentou ao Brasil duas figuras identitárias que antes viviam no anonimato da história “oficial” brasileira.*

**E DESCOBRIR NOVOS BRASIS NA IDENTIDADE  
CANTA SALGUEIRO! Ô... SALVE A MOCIDADE!**

*Esta busca pela história do Brasil e seus personagens sempre permeou o trabalho de Arlindo. O espetáculo “O Descobrimento do Brasil” encenado no Teatro Municipal, se desdobrou em vários enredos apresentados pelo carnavalesco ao longo de sua trajetória. Na Mocidade, escola para onde o gênio se transferiu após a saída do Salgueiro, este sentimento ganhou novos contornos. E a cada ano, um novo Brasil era apresentado. Foi assim, que no ano de 1979, mostrando sua identidade, a Escola de Padre Miguel conquistou seu primeiro campeonato, com mais um Descobrimento do Brasil.*

*O Verso “Canta Salgueiro! Ô... Salve a Mocidade” – sintetiza a passagem do carnavalesco pelas agremiações de forma contundente, sem a necessidade de esmiuçar enredo por enredo, mas deixando evidente a importância das Escolas de Samba Acadêmicos do Salgueiro e Mocidade Independente, na trajetória do nosso homenageado.*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**LEMBRO QUE O IMPERADOR  
ME LEVOU PRA SER REI EM SUA ASSÍRIA  
AMANHECEU E NÓS DOIS  
FOMOS UMA SÓ VOZ NO ALTAR DA BAHIA**

*Traçando um paralelo poético entre a peça teatral “O Arquiteto e o Imperador da Assíria” onde nosso homenageado concebeu figurinos e cenografia, Luizinho Drumond, presidente da Imperatriz (O Imperador) convida em 1979 Arlindo Rodrigues (o arquiteto) para ser carnavalesco da Imperatriz Leopoldinense (sua Assíria). Estava formada a tríade: Luiz Pacheco Drumond, Arlindo e o Pavilhão Verde, Branco e Dourado que ainda hoje, 40 anos depois, continua sendo insolúvel. E foi no amanhecer de uma segunda-feira de carnaval, no ano de 1980, com o enredo “O que que a Bahia tem”, que a Imperatriz Leopoldinense, de Arlindo e de Luizinho, conquistou seu primeiro campeonato no carnaval.*

**BRILHEI... NESSE PALCO ILUMINADO  
DANCEI... SABIÁ CANTOU MEU APOGEU**

*Para muitos pesquisadores e acadêmicos que dissertaram sobre os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, Arlindo Rodrigues conquistou sua maturidade Artística na Imperatriz Leopoldinense. O bicampeonato veio, consecutivamente, em 1981, quando, com o enredo “Só dá Lalá”, do famoso verso “Nesse palco iluminado... só dá Lalá”, a Imperatriz mais uma vez brilhou no carnaval. No ano seguinte, com o tema “onde canta o Sabiá”, inspirado no romantismo de Gonçalves Dias, a Imperatriz promoveu um dos mais belos desfiles da história, apogeu de Arlindo Rodrigues! A estética apresentada, associada à uma narrativa de profundo sentimento de brasilidade, foi amplamente premiada, assim como a alegoria “O Sarau”, até hoje referência para muitos carnavalescos. Mesmo sem o título de campeã do carnaval, o povo de Ramos festejou como na letra do samba que dizia “dança quem dança, dança quem não dançou”.*

**NUMA DERRADEIRA SERENATA  
SONHEI COM DALVA E FUI MORAR COM DEUS**

*O último desfile promovido por Arlindo, no ano de 1987, foi na sua amada Imperatriz, para onde retornava após alguns desacertos, feito o amante que dedica o verso de amor a sua amada no reenlace. Foi uma belíssima homenagem à cantora Dalva de Oliveira, que segundo a narrativa do samba-enredo, “...a Estrela Dalva brilha e ilumina o meu sonhar” E foi esse o último sonho carnavalesco do nosso homenageado, que no mesmo ano se despediu dos palcos da vida.*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**SEU SAMBA NASCENDO NO MORRO  
ECO DO POVO E RESSOA NO CÉU  
DESPERTO EM SEUS BRAÇOS DE NOVO  
NO MAIS BELO TRAÇO DA FLOR NO PAPEL**

*A Imperatriz Leopoldinense está localizada à rua Professor Lacê, uma ladeira tradicional do Bairro de Ramos, encravada naquele que é considerado o maior complexo de favelas do Brasil. É no alto do morro, pertinho do céu, que nascem os versos de seus poetas, são nas ladeiras centenárias do morro da Baiana, do morro do Adeus e do Morro do Alemão que os compositores se reúnem para escreverem e batucarem seus sambas.*

*Na épica interpretação do clássico “Ave Maria do Morro”, Dalva canta que “quem mora lá no morro, já vive pertinho do céu” E é da voz da nossa gente do Morro fantasiada na avenida que nasce mais um samba da Imperatriz, dessa vez para fazer despertar a arte e a genialidade de Arlindo Rodrigues nos traços de nossa carnavalesca: a flor, Rosa Magalhães.*

**SE A SAUDADE É CERTEZA  
UM DIA A TRISTEZA SERÁ CICATRIZ  
ETERNA SEJA, AMADA IMPERATRIZ**

*“Oh Saudade, hoje você é carnaval”, assim começava o samba da Imperatriz em homenagem a Dalva de Oliveira, e também era a saudade o objeto da “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias e de várias das obras escritas por Lamartine. A saudade de Arlindo Rodrigues é uma certeza pulsante em cada coração gresilense, mas hoje, em sua homenagem, a sua eterna e amada Imperatriz canta e celebra sua vida, sua arte, suas glórias! Se a homenagem para um dos maiores carnavalescos da história do carnaval era, ainda, uma lacuna nos desfiles das Escolas de Samba, nenhuma outra agremiação teria mais plenitude em fazê-la!*

**VEM ME ENCANTAR, VOLTA PRO SEU LUGAR!  
SEU MANTO É MEU BEM QUERER  
E LÁ DO ALTO O PAI MAIOR MANDOU DIZER  
QUEM VIVEU PRA TE AMAR, SEGUIRÁ COM VOCÊ!**

*No refrão principal, totalmente voltado para o resgate da autoestima da Imperatriz Leopoldinense e seus súditos torcedores, Arlindo clama para que a sua amada Imperatriz volte ao lugar que por muitos anos ocupou: a campeã do carnaval, declarando-se ao manto verde, branco e dourado – Seu Bem querer – e deixando a mensagem: Quem viveu pra te amar seguirá com você!*

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Lolo – Luiz Alberto

**Outros Diretores de Bateria**

Mauro, Lucas, Nômade, Júnior, Jean, Baleado, Jhones, Nego Edy, Renan, Tikinho e Dedé

**Total de Componentes da Bateria**

250 (duzentos e cinquenta) componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
13	13	15	0	0
<b>Caixa</b> 93	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> 01	<b>Repinique</b> 30
<b>Prato</b> 01	<b>Agogô</b> 0	<b>Cuíca</b> 24	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 24

**Outras informações julgadas necessárias**

**O Mestre**

Luiz Alberto, mais conhecido como Mestre Lolo, está no comando da Bateria da Imperatriz Leopoldinense - a Swing da Leopoldina, há sete anos. A excelência na regência de uma das baterias mais tradicionais do carnaval carioca vem proporcionando ao Mestre e seus ritmistas as notas máximas dos jurados e o reconhecimento da crítica especializada, arrematando troféus e premiações pela atuação notória nos desfiles.

Muito disciplinado, Lolo mantém estudo constante sobre os mais diversos instrumentos de percussão e suas variadas formas de execução, primando pela conversa rítmica perfeita entre as diferentes sonoridades de cada naipe e assim preservando as características do samba.

Execução rítmica, cadência e versatilidade compõem o tripé que sustenta o trabalho de Mestre que, por mais um ano à frente de nossa Bateria, pede licença para mostrar o swing dos batuqueiros de Ramos.

**MESTRE ANDRÉ – Ninguém segura a nossa bateria!**

Trajado como o saudoso Mestre André, que fez história na Mocidade Independente de Padre Miguel ao inventar as famosas paradinhas, Lolo faz um tributo à vanguarda rítmica do carnaval, representada pela bateria de nossa coirmã, e saúda a figura daquele que foi um dos grandes parceiros de Arlindo Rodrigues com seus ritmistas criativos.





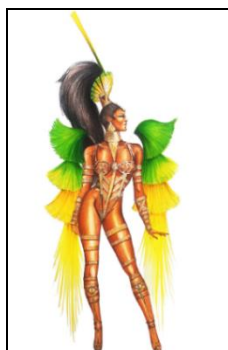
## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

#### **FIGURINO DA RAINHA DE BATERIA: MATIZ BRASILEIRO – AS CORES DA TERRA**

Brilhando com seu encanto, carisma e beleza, nossa Rainha da Bateria – a cantora IZA – representa o colorido deslumbramento de nossa terra. A predominância do verde e do amarelo, cores da bandeira nacional, trazem a aura tropical e fascinante de nosso país, emoldurando os traços fascinantes de nossa monarca, que promete um show de simpatia e samba no desfile oficial na Marquês de Sapucaí.



#### **A Bateria**

Os ensaios de Bateria aconteceram regularmente em três encontros semanais, após a escolha do Samba. Visando a perfeição na execução rítmica dos ritmistas, os ensaios dividiam-se em três partes: Na primeira, com cada grupo de instrumentos divididos por naipes, os ritmistas padronizavam as batidas, as convenções e a afinação. Na Segunda, já com o agrupamento dos instrumentos, executa-se o andamento, visando a manutenção rítmica. Na terceira parte, junto com os cantores, todos os fundamentos são colocados em prática.

O desenho rítmico que será executado no desfile da Imperatriz, permite uma perfeita sustentação do samba-enredo através de uma cadência regular e vibrante, onde todos os instrumentos serão facilmente identificados, através do equilíbrio na conjunção dos sons graves, médios e agudos. Ainda serão apresentadas, ao longo do desfile, três convenções/bossas em partes distintas do Samba, mostrando a versatilidade e a criatividade de nossa bateria.

Na “cabeça do samba” desenhos rítmicos vibrantes valorizam a sonoridade dos diversos grupos de instrumentos que compõe a bateria, culminando em uma pulsante batida dos surdos de marcação em uma alusão à batida de um coração. Será realizada, no refrão do meio, uma grande homenagem à bateria da Mocidade Independente, através de sua tradicional e inconfundível batida de caixas-de-guerra. Para finalizar, na última estrofe, a bateria promove uma referência às tradicionais rodas de samba do bairro de Ramos, trazendo um ritmo mais cadenciado que precede e anuncia uma grande explosão rítmica que impulsiona o refrão principal.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre a Rainha de Bateria**

Nascida no bairro de Olaria, uma das estrelas de nossa bandeira, a cantora Iza, pelo segundo carnaval, será nossa Rainha. Um fenômeno da música pop, Iza foi eleita a celebridade brasileira mais influente no ano de 2021 em pesquisa realizada pela Most Influential Celebrities e, ainda, recebeu o título de mulher mais sexy do mundo em 2020, pela tradicional revista VIP.

Iza além de brilhar a frente de nossa bateria, também atuou nos bastidores da escola, ajudando-nos em diversas ações sociais.

A comunidade leopoldinense muito se orgulha de sua rainha, cria de nossos bairros, que promete, mais uma vez, fazer tremer, junto com nossa bateria, as arquibancadas da passarela do samba.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Comissão de Harmonia – Carlos Jorges e Anderson Paiva

**Outros Diretores de Harmonia**

Almir, André Jales, Brinquinho, Coelho, Cosme, Felipe, Elso, Fábio Churrasqueiro, Fabinho Caprichosos, Fábio Ribeiro, Jairo, Leo, Macumba, Nelson, Olenir, Patrick, Rafael, Rodrigo, Thiago, Tony, Tuninho, Uilian, Wilmar, Xane, Wlamir, Zelito.

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

40 (quarenta) componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Arthur Franco e Bruno Ribas

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

**Compõem o carro de Som como vozes de apoio:** Bruno Nascimento, Chicão, Jefão, Paula Princi, Hugo Jr.

**Violão:** Pedro Marques / **Cavaquinho:** Leandro Tomaz e Vinícius Marques /

**Direção Musical:** Pedro Marques / **Produção Musical:** Mario Jorge Bruno

**Outras informações julgadas necessárias**

A comissão de Harmonia é composta por Carlos Jorge que é cria da Imperatriz, e que carrega em seu currículo experiência como diretor de carnaval em diversas escolas de samba do Rio de Janeiro, nos grupos de acesso. O Professor Anderson Paiva completa a comissão de harmonia trazendo a experiência de anos como desfilante e coordenador de alas na Imperatriz.

Mais uma vez, o trabalho da harmonia deu-se tanto na preparação do canto em todo o conjunto de alas da Imperatriz, através de ensaios gerais ou setorizados por grupos e seguimentos. Nos diversos ensaios semanais, o grupo de diretores de harmonia atuaram com veemência junto aos componentes para que o samba fosse executado em sua plenitude. Mantendo a constância da emissão das notas, assim com divisões silábicas respeitando a métrica da harmonia.

A orientação para o componente, resultado que deu frutos no último desfile da Imperatriz, manteve-se pela espontaneidade, sem coreografias “engessadas”, para que cada desfilante possa evoluir de forma leve e empolgada empregando toda a emoção, resultante do belíssimo samba que cantaremos em nosso desfile, no canto forte da escola.

**Nossos Intérpretes**

Arthur Franco é voz oficial da Imperatriz desde o carnaval de 2017, quando foi agraciado com o prêmio Estandarte de Ouro na categoria revelação, além de intérprete de samba-enredo, Arthur é maestro e regente de coral. Em paralelo a sua carreira no mundo do samba, ele atua como regente em vários projetos musicais como, por exemplo, o Coral da Casa de Gerontologia da Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes.

Bruno Ribas tem uma longa e reconhecida trajetória como Intérprete nos desfiles das Escolas de samba, com passagens brilhantes pelas principais agremiações do Rio de Janeiro e de São Paulo. Vencedor do prêmio Estandarte de Ouro em 2005, na categoria revelação, e em 2008 como melhor intérprete, Bruno completa o time oficial de intérpretes da Imperatriz para o carnaval de 2022.

A união da técnica vocal necessária para a perfeita interpretação do samba aliada à empolgação necessária para a sustentação de um desfile contagiante, faz de nossa dupla de intérpretes, um dos elementos principais da imperatriz na busca por um grande desfile e, conseqüentemente, da vitória.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Comissão de Carnaval – Junior Schall, André Bonatte, Julinho Fonseca, Paulo Brandão, Pedro Leite e Robson Lourenço.

**Outros Diretores de Evolução**

Coordenadores de ala

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

70 (setenta) componentes

**Principais Passistas Femininos**

Beathryz Oliveira , Dandara Bispo, Tati Rosa, Ray Silva e Nayara Paula

**Principais Passistas Masculinos**

Jhonny Pereira, Wesley Rabisca, Jonas Matheus e Pablo Araujo

**Outras informações julgadas necessárias**

Coordenadora da Ala de Passistas: Jéssica Andreza

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Junior Schall		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Comissão de Carnaval		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> André Bonatte, Julinho Fonseca, Paulo Brandão, Pedro Leite e Robson Lourenço		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> Comissão de Carnaval		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> 80 (oitenta)	<b>Quantidade de Meninas</b> 60 Sessenta	<b>Quantidade de Meninos</b> 20 vinte
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Raul Cuquejo		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 (oitenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Neuza Nogueira 84 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Carla Galvão 46 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Solange Costa		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 70 (setenta)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Josina Braga 92 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Flávio Henrique 48 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Iza, Zé Katimba, Carla Prata, Maria Helena ex-porta bandeira, Chiquinho ex-Mestre Sala e Fafá de Belém.		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Thiago Soares

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Thiago Soares

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
15 (quinze)	14 (quatorze)	01 (um)

**Outras informações julgadas necessárias**

**O TREM DAS LEMBRANÇAS**

**INTRODUÇÃO**

Idealizada e coreografada pelo premiadíssimo bailarino Thiago Soares, a Comissão de Frente da Imperatriz Leopoldinense para o Carnaval 2022 apresentará ao público e aos jurados uma proposta coreográfica lúdica, respeitando as características da Imperatriz Leopoldinense.

**JUSTIFICATIVA**

Considerado um dos mais românticos carnavalescos da história, Arlindo Rodrigues cristalizou com a Imperatriz Leopoldinense um dos casamentos mais célebres da folia. O título do enredo “Meninos, eu vivi... Onde canta o sabiá, onde cantam Dalva e Lamartine”, inspira a narrativa da Comissão de Frente, promovendo o reencontro da Imperatriz com as marcas de sua identidade gloriosa.

A máxima do “par perfeito”, muito utilizada para ilustrar o duo *Arlindo & Imperatriz*, nos leva a essa personificação da Escola de Samba na figura feminina, construindo, a partir do desembarque destes arquétipos apaixonantes, a visão platônica que apaixona e encanta. Esta predominância de mulheres no elenco encontra razão no próprio passado da Imperatriz, escola pioneira na inserção feminina no segmento; além de remontar a fascinação de Arlindo pelas mulheres, suas divas inspiradoras. Em sua própria passagem pela Escola de Ramos, nota-se a escolha por elencos femininos nas Comissões de Frente dos desfiles 1981 e 1987, cujos enredos homenageavam, respectivamente, Lamartine Babo e Dalva de Oliveira.

Fechando o trio de ouro que dá nome ao enredo, o sabiá de Gonçalves Dias – símbolo máximo do romantismo nacional – completa a trinca formada pela brasilidade, pelo amor e pelo carnaval. Seu canto, que é da terra e genuíno, se rende ao encanto feminino da escola, compondo a cena final da apresentação e finalizando o quadro que representa a Imperatriz aos olhos de Arlindo.

**Elemento Alegórico:** O Trem das Lembranças

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

O elemento alegórico da Comissão de Frente recria a imagem mais simbólica do desfile campeão de 1981: o trem que se tornou vedete da apresentação concebida por Arlindo em homenagem ao cantor e compositor popular Lamartine Babo, e que, por ironia do destino, trouxe a Imperatriz de volta ao Grupo Especial abrindo o desfile de 2020, quando a escola reeditou este mesmo enredo e realizou uma apresentação memorável. De seu vagão, que faz referência ao uso do espelho - material lançado no carnaval por Rodrigues e que caracteriza seu trabalho - surgirão as personagens femininas que compõe a Comissão de Frente.

Muito além das conexões com o homenageado, o trem também tem ligação profunda com a Imperatriz, uma vez que o nome da escola é inspirado na Estrada Férrea Leopoldina, que corta o subúrbio carioca e o bairro de Ramos. Sendo objeto da representação da saudade e do reencontro, do passado e da nostalgia, o veículo que faz parte da raiz da agremiação e que leva seus desfilantes para a avenida há muitos e muitos carnavais, traz as lembranças do passado, as memórias de Arlindo que desembarcam na avenida.

**Personagens em Destaque:** Lamartine Babo e Dalva de Oliveira.

**NARRATIVA**

Guiado por Lamartine, o trem das lembranças abrirá caminho pela avenida, trazendo a aura que fez com que Arlindo se apaixonasse pela Imperatriz. Ao chegar à Estação de Julgamento, a locomotiva fará sua parada, para que cada expectador – sendo, ou não, um jurado – reconheça na apresentação a representação desta personalidade fascinante da escola, desta musa idealizada por Rodrigues e evocada pelo carnaval.

*A lembrança é um trem que corre sobre as linhas concretas que desenhemos um dia, numa viagem sem fim. A lembrança é a saudade que nos leva à estação vivida, ao tempo que desejamos voltar; é o olhar que avança rumo ao seu destino, aos assovios inquietos de quem tem pressa, de quem não vê a hora de chegar.*

São mulheres com saias rendadas e belos turbantes, vestindo o luxo e também a originalidade, que dançam sobre a letra do samba e brincam com suas imagens no espelho, se reconhecendo; mulheres que desembarcam do espelho e enxergam em si as grandes heroínas, contrastando força e doçura, delicadeza e empoderamento; espectros distintos e complementares de uma personalidade singular.

*Olhe para o espelho! Mas não com os olhos do corpo, e sim com os olhos da alma, com os mesmos olhos que te vejo. Se puder enxergar o que vi quando me apaixonei por ti, estará feito. Serás eternamente amor, seu e meu, na realidade e no espelho.*

## FICHA TÉCNICA

### Comissão de Frente

#### **Outras informações julgadas necessárias**

Esta é a imagem da Imperatriz Leopoldinense de Arlindo: a mulher brasileira, poderosa, criatura indomável, capaz de despertar a poesia e encantar com seu canto o próprio sabiá; dona do brilho, um “quê” de Dalva, de diva, de divina musa da folia popular.

*Reluzente como a luz do dia, bela e formosa como você não há. És na dança o balanço do canto, capaz de calar o pranto e encantar o sabiá.*

#### **A DANÇA**

A coreografia da Comissão de Frente da Imperatriz Leopoldinense para o Carnaval 2022, dará prioridade ao desenho dos corpos e do espaço, preservando a elegância típica do quesito na agremiação através da leveza dos passos e criando uma linguagem visual exuberante através do floreio virtuoso das saias. Serão vistas as influências do ballet clássico tradicional e das danças urbanas (Street Dance), uma característica do bailarino e coreógrafo Thiago Soares e que versa com a fusão entre o erudito e o popular, tão caracterizada na trajetória de Arlindo.

#### **CURIOSIDADES**

##### **Sobre o quesito Comissão de Frente e a Imperatriz Leopoldinense:**

Ao longo da história do carnaval, a Imperatriz Leopoldinense se notabiliza como uma das Escolas de Samba mais vanguardistas e inovadoras no quesito Comissão de Frente, sendo responsável por transformações importantes no segmento e por referenciar com sua estilística várias outras gerações. Clássica e moderna, a verde, branca e ouro de Ramos sempre primou pela elegância em suas aberturas, buscando o equilíbrio entre a adequação das Comissões a proposta dos enredos e à preservação da identidade marcante da escola.

Dentre tantos feitos, merece atenção o pioneirismo na utilização de elenco feminino, uma iniciativa promovida pela agremiação na viradas das décadas de 1960-1970, época em que os homens dominavam o quesito e uma proposta de equidade entre os gêneros era impensável. Esta marca vanguardista inspirou Arlindo em sua passagem antológica pela escola, sendo revivida nos carnavais de 1981 e 1987, quando o carnavalesco idealizou Comissões inesquecíveis compostas apenas por mulheres.

##### **Sobre as figuras femininas e Arlindo Rodrigues:**

A presença das figuras femininas caracteriza de forma marcante a trajetória de Arlindo Rodrigues no cenário da folia. Considerado o mais romântico dos carnavalescos, Arlindo tinha nas mulheres uma grande inspiração, tanto como temas centrais de seus enredos, quanto como personagens de destaque em suas diversas narrativas. A ideia da musa, trazida das narrativas clássicas do teatro, se materializava em seus desfiles, pontuando os sambas - compostos a partir de seus enredos - e os momentos de frenesi das apresentações.



**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre a “Aura Feminina” da Imperatriz Leopoldinense:**

Única escola do Grupo Especial presidida por uma mulher, a Imperatriz Leopoldinense carrega – desde o seu próprio nome – a aura feminina que encanta o carnaval há mais de seis décadas. Sob a condução artística da única carnavalesca da elite da folia – a professora Rosa Magalhães -, a escola se orgulha de suas mulheres, cujos nomes e feitos fazem parte de capítulos importantes da história do samba brasileiro.

**FICHA TÉCNICA**

**Direção e coreografia:** Thiago Soares

**Cenografia:** Pedro Girão

**Figurino:** Yann Seabra

**Produção:** Levitar produções

**Visagismo e Maquiagem:** Karol Cossatis

**Assistente de Ensaio:** Domenico Salvatore Santoro

**Sobre o coreógrafo Thiago Soares:**

DE VILA ISABEL, SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO, AOS TAPETES VERMELHOS DO MUNDO. Como o bailarino mais condecorado da história do Brasil, sendo e o único bailarino brasileiro a conquistar a medalha de ouro no maior concurso de dança clássica do mundo, o Concurso Internacional de Ballet do Teatro Bolshoi em Moscou - Rússia, Thiago ocupa o protagonismo como representante principal do ballet clássico internacional,. Com 20 anos de carreira internacional nos maiores teatros do mundo, tais como, Royal Opera House em Londres, La Scalla di Milano em Milão e inúmeras passagens pelo Metropolitan Opera House, em Nova York, NBS Tokyo no, Japão, Teatro Real, em Madrid e muitos outros. E ainda, tem sólida carreira e relacionamento de 18 anos com o Royal Ballet de Londres. Thiago, entre todas as suas façanhas, teve um encontro pessoal com a realiza da Inglaterra, que assistiu aos seus espetáculos. Atualmente, Thiago é diretor artístico e coreógrafo de seu espaço StudioTS + Dança, no Rio de Janeiro, e do Ballet de Monterrey, no México.

**Premiações:**

- 2001: Medalha de Ouro - Moscow International Ballet Competition (primeira e única conquistada por um brasileiro até hoje);
- 1998: Medalha de Prata - Paris International Dance Competition;
- 2004: Outstanding Male Artist (Classical) Critics awards ,Circle National Dance Award;
- 2013: Prêmio especial do board - Brazilian International Press Awards.

**Honrarias**

- CAVALEIRO DA ORDEM DO RIO BRANCO 13/09/2017 - Londres
- DOCTOR OF LETTERS IN ONORIS CAUSA Fevereiro 2021 -- King’s College -Londresn
- MEMBRO DO CONSELHO CONSULTIVO KING’S COLLEGE do BRAZIL institute em Londres.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Thiaguinho Mendonça	<b>Idade</b> 32 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Rafaela Theodoro	<b>Idade</b> 29 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Marcos Ferreira	<b>Idade</b> 29 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Laryssa Victória	<b>Idade</b> 19 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Juan Carlos	<b>Idade</b> 17 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Clara Omena	<b>Idade</b> 17 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**FANTASIA DO 1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA BANDEIRA – PROPOSTA:  
IMPERATRIZ – A MANEQUIM DOS SONHOS DE ARLINDO**



Um manequim é apenas um boneco ou pode ser uma pessoa, um modelo? Uma fantasia é um sonho ou uma roupa que cria essa ilusão? Nosso casal de Mestre Sala e Porta Bandeira, nesse “entre caminho” de sonho e realidade, teatro e carnaval, veste o verde, o branco e o ouro da Imperatriz, personificado a escola na imagética de Arlindo.

Arlindo era curva, emoção e nuances assimétricas. As formas sinuosas, arabescas e barrocas presentes no traje do casal, são como ideias que reaparecem de modo constante em toda obra do carnavalesco e que também caracterizam o estilo romântico, histórico, barroco e tradicional da Rainha de Ramos desde sua fundação. Conhecida como o par perfeito de Arlindo, a Imperatriz é representada pelo 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira como a escola que nasceu para vestir suas fantasias, o manequim perfeito para suas criações.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**FANTASIA DO 2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA BANDEIRA – PROPOSTA:  
O PASSADO GLORIOSO – A AURA BRASILEIRA DA BAHIA COLONIAL**



A fantasia do Segundo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Imperatriz traz a brasilidade das cores tropicais que despontaram em meio ao barroco clássico da Bahia no desfile de Arlindo Rodrigues pela escola no carnaval de 1980. Na avenida, eles serão um sopro desta brasilidade original, como se todo o estilo colonial do lugar se banhasse de verde-e-amarelo, refletindo os matizes nacionais. Os grafismos, de motivos florais e aquáticos, remontam a azulejaria das casas e igrejas, enquanto o corselete (porta-bandeira) e as demais peças do casal reproduzem os cortes das indumentárias clássicas da nobreza dos tempos de colônia.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### FANTASIA DO 3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA BANDEIRA – PROPOSTA: O CANTO DO SABIÁ – DANÇANDO EM APOGEU

A roupa de nosso Terceiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira traz o canto do sabiá com a pompa do estilo clássico e o toque das notas musicais, numa referência a abertura do épico desfile de 1982. Na ocasião, o momento do sabiá foi retratado nas cores preto-e-branco, construindo um cenário de gala para o início da apresentação considerada a mais bela e luxuosa da carreira de Arlindo.



A roupa, por coincidência, acaba ganhando uma narrativa real pelo fato deste casal ser o primeiro oriundo da Escolinha de Formação de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Imperatriz Leopoldinense (uma das diversas ações dentro do projeto social IMPERATRIZ SOCIAL, que a escola criou durante o período de pandemia para dar apoio à sua comunidade), um projeto que visa dar continuidade à nossa cultura.

Arlindo, com toda a certeza, ficaria orgulhoso!

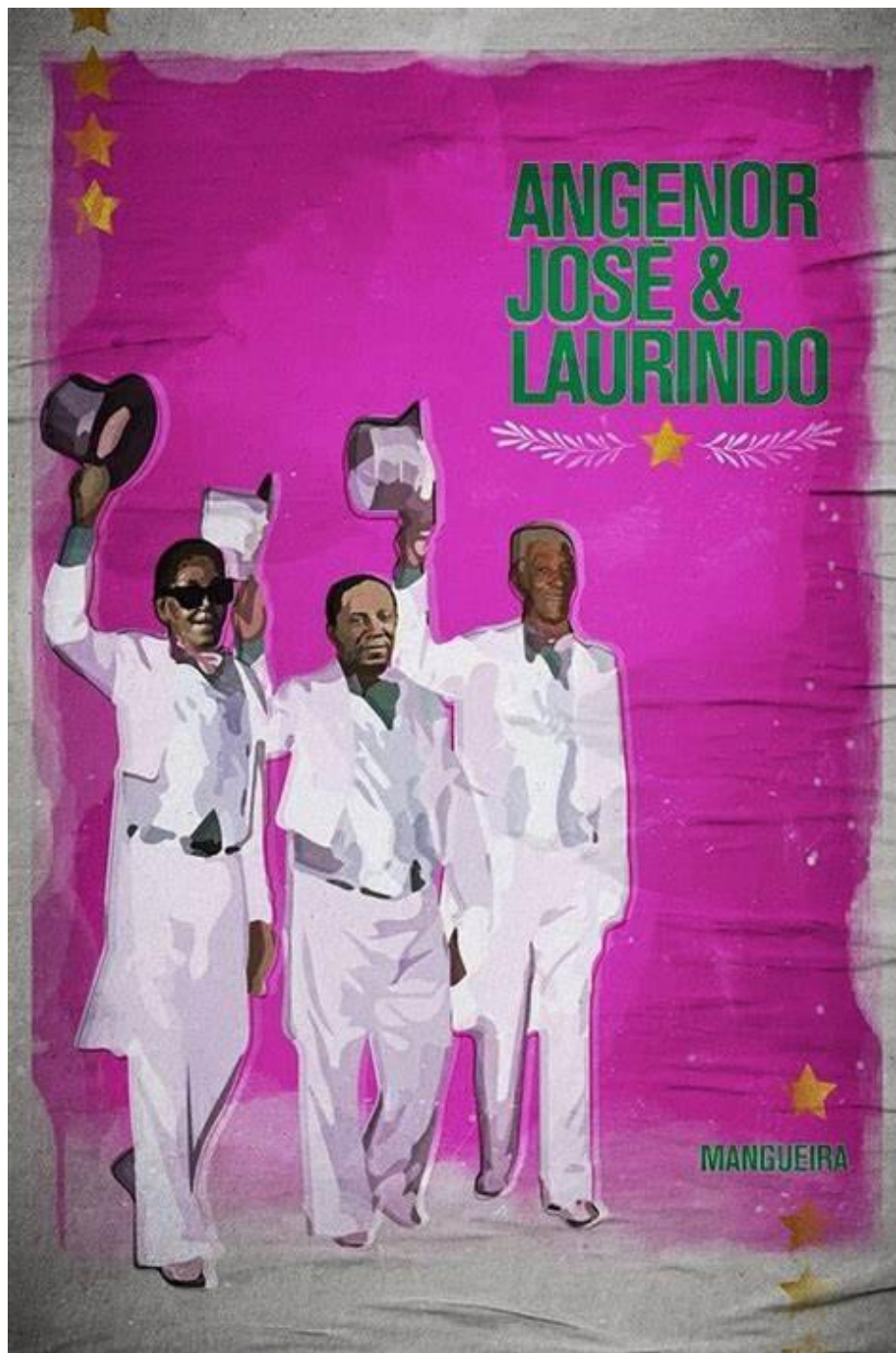
# **G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA**



**PRESIDENTE  
ELIAS RICHE**



# *“Angenor, José & Laurindo”*



**Carnavalesco**  
**LEANDRO VIEIRA**





**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> “Anenor, José & Laurindo”					
<b>Carnavalesco</b> Leandro Vieira.					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Leandro Vieira.					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Leandro Vieira.					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Leandro Vieira.					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Delegado e Dionísio vidas em passos de arte	Sérgio Gramático Júnior	Hama	2011	Todas as páginas
02	Giro ancestral: a sublime dança do casal de mestre-sala e porta-bandeira	Beatriz Freire e Juliana Yamamoto	Carnavalize	2021	Todas as páginas
03	Fala, Mangueira	Maria T. Barbosa da Silva / Carlos Cachaça / Arthur L. de Oliveira Filho	José Olympio	1980	Todas as páginas
04	Onze Mulheres incríveis do carnaval carioca: histórias de porta-bandeiras	Aydano Andre Mota	Verso Brasil	2013	Todas as páginas
05	Divino Cartola: uma vida em verde e rosa	Denilson Monteiro	Casa da Palavra (Leya)	2013	Todas as páginas
06	Zicartola	Maurício Barros de Castro	Azougue	2013	Todas as páginas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
07	Cartola os tempos idos	Marília T. Barboza da Silva	Funarte	1989	Todas as páginas

**Outras informações julgadas necessárias**

LP's Cartola:

Fala Mangueira! – 1968 - EMI  
 Cartola – 1974 - Discos Marcus Pereira  
 Cartola II – 1976 - Discos Marcus Pereira  
 Cartola – Verde Que Te Quero Rosa – 1977 – RCA Victor  
 Cartola 70 anos – 1979 - RCA Victor  
 Cartola – Ao Vivo – 1982 – Eldorado

LP's Jamelão:

O Samba É Bom Assim (A Boite E O Morro Na Voz De Jamelão) – 1960 – Continental  
 Jamelão e os sambas mais – 1961 – Continental  
 Jamelão Aqui mora o ritmo – 1962 – Continental  
 Jamelão O Sucesso – 1968 – Musicolor  
 O autêntico Jamelão ( O Bom) – 1970 – Musicolor  
 Jamelão interpreta Lupicínio Rodrigues – 1972 – Continental  
 Recantando Mágoas - Lupi, A Dor E Eu – 1987 – Continental

## **HISTÓRICO DO ENREDO**

Com o enredo ANGENOR, JOSÉ & LAURINDO, a Estação Primeira de Mangueira realiza um mergulho poético naquilo que ela guarda de mais valioso: sua gente. Aqueles que, ao misturarem a grandeza de suas trajetórias individuais com a construção coletiva que resulta na história da entidade, acabam sendo parte dos pilares identitários da instituição.

Dentro desse contexto, três artistas intimamente ligados ao grêmio carnavalesco tiveram suas trajetórias reunidas para que, juntos, pudessem dar vazão ao desejo de celebrar a Mangueira e a potência criativa daqueles que construíram uma espécie de legado atemporal, transmitido de geração em geração, como um bem precioso. Nesse contexto, como o título que batiza o enredo sugere, o primeiro nome celebrado pela narrativa proposta é o de Angenor de Oliveira, o popularmente conhecido CARTOLA.

Nascido em 11 de outubro de 1908, no bairro do Catete, o poeta é a mais célebre e reverenciada personalidade musical da escola. Fundador do Grêmio que hoje desfila, sua trajetória de vida se confunde não apenas com a origem da agremiação, como também com a história do morro que lhe serve de território. Considerado por diversos músicos e críticos como o maior sambista da história da música brasileira, Angenor de Oliveira é celebrado como o poeta máximo da Estação Primeira.

Na sequência, a proposta do desfile lança luz em aspectos biográficos e em dados da carreira artística de outro mestre ligado à cena musical brasileira igualmente indissociável à história da agremiação: JOSÉ BISPO CLEMENTINO DOS SANTOS. Famoso com o apelido que o consagraria no imaginário musical – o fruto preto, JAMELÃO – José Bispo é um dos mais importantes e celebrados intérpretes da história do carnaval carioca. Sua relação com a Mangueira é uma página importante da história do carnaval da cidade. Celebrá-lo de forma adequada é uma antiga dívida da Mangueira com a própria Mangueira.

Apesar de ser nacionalmente reconhecido como o intérprete da Verde e Rosa, Jamelão tornou-se famoso como cantor de rádio e crooner, tendo gravado inúmeros discos de samba canção com grande êxito. Mais do que um cantor de samba, José Bispo Clementino dos Santos foi um intérprete de estilo inconfundível, que cantou o que a música popular brasileira produziu de melhor e mais sofisticado.

Por último, mas não menos importante, a abordagem finaliza percorrendo sobre o lendário mestre-sala Hélgio Laurindo da Silva, popularizado com o apelido Delegado. Cria do morro – nascido em 29 de dezembro de 1921 - a ilustre personalidade mangueirense tornou-se um personagem mítico para a história da dança do mestre-sala e da porta-bandeira. Sua habilidade com os aspectos artísticos do quesito tornaram sua

figura o verbete mais completo para a tradução do emblemático personagem que, em desfile, defende com precisão, maestria e elegância, o pavilhão que representa a coletividade e a história de uma comunidade.

Juntos, ANGENOR, JOSÉ E LAURINDO – os nomes de batismo que estão por trás dos apelidos que tornaram Cartola, Jamelão e Delegado populares – guardam parte da história da Mangueira. Parte fundamental para a compreensão da importância de valores identitários intangíveis, visto que, foram as trajetórias individuais de cada um desses homens que alicerçaram uma construção coletiva que, ao espelhar-se na inquestionável excelência artística de homens pretos e pobres (perfil que, em quase regra, são marginalizados pela cor e pela origem desprovida de bens) fundamentaram uma instituição que é uma espécie de vitrine da potência criativa que brota dos corpos da favela.

Foram as histórias de homens como os que hoje são o mote de nosso enredo – formidáveis naquilo que faziam na cena artística, ao tempo em que driblavam e suplantavam as duras barreiras sociais impostas aos mais pobres – que expandiram a ideia de que a favela pode. Foi o talento admirável e potente de gente simples, comum aos seus iguais, que ampliou uma visão de mundo capaz de fornecer uma expectativa real, tangível, palpável e positiva, para quem habita a favela crer que pode. Que pode mais.

Isto, para a Estação Primeira, é potente. Isto, para os corpos comuns - de carne e osso - que habitam e constroem a Mangueira é admirável. Juntar histórias de gente comum, de gente que revela potência artisticamente acima da média, é motivo de satisfação para nós. Se essas pessoas forem oriundas do território que representamos, a satisfação é dobrada. Juntar três personalidades intimamente associadas à qualidade artística e ao morro é motivo de orgulho. Orgulho desmedido que nos leva a tê-los como enredo. Louvar ANGENOR, JOSÉ E LAURINDO é louvar a Mangueira onde ela preserva sua porção mais definitiva: no corpo que guarda a trajetória de sua gente.

Em seguida, para conhecimento geral, a sinopse desenvolvida para apresentar o enredo dá contorno poético e permissivo à abordagem geral sugerida para o desfile. Nela, aspectos biográficos particulares e nuances das trajetórias artísticas individuais dos três homenageados misturam-se em sequência para ser o mote principal não apenas para a construção da sequência narrativa da apresentação da escola, como também, para a produção estética dos figurinos e das alegorias que desfilam. Com ela, fica claro que, enquanto Angenor, José e Laurindo são apresentados, a Mangueira fala de si. De quem a construiu. Do orgulho e do legado transmitido como herança.

## **SINOPSE DO ENREDO ANGENOR, JOSÉ & LAURINDO**

A poesia que habita a Mangueira foi inventada por um pedreiro de pele preta batizado ANGENOR. Por usar um chapéu maltrapilho, por ironia, os amigos apelidaram Angenor com o título que ainda o acompanha na eternidade: CARTOLA. O príncipe do princípio. O poeta que escolheu as cores da Mangueira. O que cantou as alegrias e as dores do morro. Aquele que ergueu – como quem bate laje, mistura o cimento ou empilha tijolos – duradouro e permanente estado de poesia.

Se a Mangueira chora, ela é uma canção do Cartola que lamenta o peito vazio, o amor que finda e a sentença que o mundo é tal qual um moinho. Se a Mangueira se enche de esperança, ela é um samba do Cartola a anunciar que um dia melhor está por vir. Um convite para correr e ver o céu e o sol de uma nova manhã. Alvorada colorida de beleza. Sem choro, tristeza e dissabor. A lembrança diária de que, ao findar a tempestade, o Sol Nascerá.

Quem lá habita descende desse amálgama de poesia enraizada feito uma roseira. Sim, há roseiras nas favelas. Há jardins e há rosas. Rosas que insistem em nascer. Rosas que brotam dos escombros. Jardim solitário onde, dizem os antigos, ainda está viva a rosa que Cartola cantou, sentenciando quase como queixa que, insistindo em não falar, exala apenas – e ainda hoje – o perfume de sua última enamorada.

Se a poesia de quem guardava e lavava carros ocupa o riso e o pranto de quem mora lá, a voz de outro preto – este, batizado JOSÉ – reside na localidade, habitando-a sem pedir licença. Afirmo, sem medo de errar, que essa voz que paira no ar habita tanto o silêncio das manhãs quanto o burburinho das travessuras dos moleques que brincam quando a tarde cai. Essa voz é a voz de José Bispo Clementino dos Santos. Para a Primeira Estação, o JAMELÃO.

Voz potente como convém aos reis. Reis pretos. Reis, com voz de trovão. Voz de criança que foi engraxate e gritou alto para vender jornais. Voz retinta. De bamba curtido no sereno das batucadas. Voz de pele azeviche. Voz que guarda o visgo saboroso de um jamelão colhido fresco.

Não há como remediar: todo mangueirense que nasce, cresce, sobe e desce aquele morro é acompanhado por essa voz. Essa voz é a voz da própria Mangueira. Ela é uma voz que paira no ar. No claro da manhã e no breu da noite. Uma voz à espreita. Voz quase reza. Voz que ralha e benze os seus.

Não à toa, quando a Mangueira chora, ela é a voz do Jamelão num samba “dor de cotovelo” com letra de Ary e Lupicínio. Triste, ela é o Jamelão em “Folha Morta”. Jamelão em “Ela disse-me assim”. Quando a Mangueira é faceira, ela é a voz do Jamelão em ritmo de gafeira. Solo de piston. Batuta de Severino Araújo. Jamelão, cabaré e Orquestra Tabajara. Quando se enfeita para descer o morro, ser mais bonita e reinar majestosa enquanto desfila, ela é a voz do Jamelão para um samba do Nelson Sargento, Pelado, Jurandir, Darcy e Hélio Turco.

Sinto saudade da POESIA e da VOZ que habita minha escola como todos os que agora estão distantes do convívio com ela. Fechando os olhos para imaginar revê-la, querendo-a pertinho de mim, ouço a voz do JAMELÃO e a poesia do CARTOLA romperem o silêncio que já se estende em demasia. Agora, gostaria de vê-la dançando diante de mim. Reis e rainhas que dançam. Corpos pretos que dançam. Gente que flutua ao dançar. Gente que parece exhibir-se para testemunhar que são a descendência e a extensão de uma realeza.

Imaginando-a dançando e coroada, impossível não crer que todo corpo que habita a Mangueira não herda a dinastia de seu mais famoso bailarino. Bailarino preto. Príncipe da Ralé. Um Obá da favela bordado de paetês. O herdeiro da coroa de Marcelino. Mestre dos que querem ser mestre. O samba que risca o chão. Aquele que, já estando velho, dançava como o menino que atendia pelo nome de LAURINDO.

Impossível não crer que toda uma legião que defende a bandeira que ostenta o verde e o rosa da Primeira Estação não guarda a gana e a sede com a qual o mestre-sala DELEGADO defendeu o pavilhão que cortejou por décadas. Décadas de excelência e notas máximas. Difícil não crer que ele não esteja ao menos em uma gota de sangue de toda criança, menino ou menina, que nasceu ou nascerá naquele morro.

Engana-se quem pensa que os habitantes do Morro de Mangueira morrem sem ter o que deixar como herança, assim como estão enganados aqueles que pensam que, os que lá nascem, estão desprovidos de bens. Quando fizeram a partilha da herança deixada por ANGENOR, JOSÉ & LAURINDO, saibam todos que nenhum morador daquele morro ficou de fora. Eles herdaram um bem preciso e precioso. Lá, nascem ricos daquilo que o dinheiro não compra, e nós, quando privados da arte que brota a granel nos corpos da favela, ficamos mais pobres.

## **JUSTIFICATIVA DO ENREDO**

Com o enredo ANGENOR, JOSÉ & LAURINDO, a Estação Primeira de Mangueira mergulha em suas mais legítimas tradições para exaltar três personalidades que são também a tradução de três aspectos criativos fundamentais para a atividade intelectual que o grêmio realiza como valiosa vocação artística: a produção poética, o canto e os corpos que guardam os saberes da dança.

Ao reunir um poeta, um cantor e um mestre-sala, a Estação Primeira de Mangueira fala de si. A reunião dos três é a celebração dela mesma. De seu modo de compor, cantar e dançar. Ou, melhor dizendo, do quanto sua gente – e ela, por extensão - pode atingir excelência ao compor, cantar e dançar. Ao colocar como ponto central de sua narrativa de desfile - destacando aspectos biográficos e artísticos de gente que fez história em função da extrema qualidade impressa naquilo que realizavam - o enredo celebra aquilo que de fato é caro para a instituição: A gente de carne e osso que, em linhas gerais, é a massa de seu sangue.

Quando a Mangueira celebra biografias como as de ANGENOR DE OLIVEIRA, JOSÉ BISPO CLEMENTINO DOS SANTOS e HÉGIO LAURINDO DA SILVA ela está falando de si. Em tempos de escolas que buscam apoio em função do CNPJ, a Mangueira quer dizer que quem faz dela o que a consagra é o CPF que registra o cidadão comum que por ela desfila. Mais do que falar de si - ao optar pela narrativa que apresenta em desfile - ela quer falar também para os seus. Ao “falar de” si e “para os seus” ela quer inspirar sua gente ao mesmo tempo em que reconhece a contribuição daqueles que lhe construíram como sólida instituição cultural.

Festejando quem lhe proporcionou o seu contorno artístico mais duradouro, a instituição reconhece aquilo que recebeu como fruto do talento dos três artistas que celebra, enaltece o legado deixado e, ao divulgar em desfile festivo os feitos por eles alcançados, perpetua e eterniza histórias de vida - e expressão artística - inspiradoras para aqueles que ocupam o morro e seguem lutando os mesmos combates diários impostos aos seus pela perversa estrutura social brasileira.

Quando uma escola como a Estação Primeira de Mangueira revela dados biográficos e trajetórias artísticas de seus iguais, de como as duras barreiras sociais impostas aos mais pobres e mais pretos podem ser suplantadas, de como a produção intelectual dos homens que brotam das periferias, das comunidades e dos subúrbios é bem intangível, ela está afirmando que sua gente – os de ontem, os de hoje, e aqueles que ainda estão por vir - são potências artísticas. Que a favela e sua gente é potência criativa. Que é injusto não enxergá-los assim. Que subalternizá-los é incoerente e revela preconceito.

Apresentar um desfile que junta o poeta Cartola, o intérprete Jamelão e o mestre-sala Delegado é, antes de qualquer coisa, a reafirmação da grandeza da arte produzida por homens que - cada um a seu modo - são referências artísticas capazes de gerar identificação dos seus iguais. Ao que parece, isso – de gerar identificação aos seus iguais - tem sido o valor fundamental que a Estação Primeira resguarda ao longo dos quase cem anos de serviços prestados à cultura carioca e ao morro que ela representa. Sem essa identificação ela não construiria a sucessão de histórias particulares que somadas - alinhadas e agrupadas - formam a história da própria escola. Entendendo que o passado é um presente – um bem valioso e intangível transmitido como legado imaterial – a Estação Primeira de Mangueira apresenta seu enredo mergulhada na história de três pilares fundamentais para que parte do que ela é seja compreendida. Ela entende que a história de uma escola de samba é a história de sua gente. Compreende que, sem a história de sua gente, não haveria a escola. “Ela é” porque “eles foram”. Ela será porque nesse exato momento alguém “está sendo”. No morro, na quadra, na avenida por ela agora ocupada.

É por isso que Angenor, José e Laurindo são, também, a história da Mangueira. É por isso que a história da Mangueira é, também, a história de Angenor, José e Laurindo. É nesse trânsito que a história da Mangueira é engrandecida e segue sendo escrita. É no trânsito entre essas histórias complementares, escritas no tempo e entrelaçadas por uma mesma bandeira que a narrativa proposta se constrói, fundamenta e transforma-se em fantasia, alegoria e enredo.

Para facilitar a compreensão e o acompanhamento da narrativa proposta - descrita acima tanto pelo histórico do enredo, quanto, pela justificativa - na sequência, apresentamos de forma resumida a setorização que guia a abordagem geral da escola que desfila:

**PRIMEIRO SETOR: “MANGUEIRA TEU CENÁRIO É POESIA”** – Inaugurando a narrativa de desfile, a Mangueira deixa claro que aquilo que irá se apresentar ao longo do cortejo carnavalesco que se derrama pela avenida é mergulhado em suas mais legítimas tradições. É a Mangueira que aponta para a celebração de si, de sua gente, de seu carnaval. Um mergulho na atmosfera poética e lírica de seus antigos desfiles. Um recorte de um tempo passado que faz uma releitura de seus aspectos estéticos mais bem difundidos no imaginário coletivo.

A Mangueira de predominância verde e rosa. Da saudosa comissão de frente que veste terno, capa e cartola. Das baianas de saia com babado, torço e pano da costa. Do morro - a velha paisagem construída através das habitações que se empilham entre tábuas e telhas de zinco - que desce para celebrar suas mais legítimas tradições nos dias de folia.

**SEGUNDO SETOR: “A SABEDORIA SE CHAMA ANGENOR”** – Na sequência, como previsto, a abordagem de desfile é dedicada ao compositor ANGENOR DE OLIVEIRA, o famoso Cartola. O celebre morador da comunidade que desfila orgulhosa. Aquele que escolheu a combinação das duas cores que se espalharão de forma predominante como opção estética ao longo da apresentação: o verde e o rosa.



Para tal, o setor aborda dados biográficos daquele que é apontado não apenas como o maior poeta da história do grêmio, mas, também, como uma das maiores personalidades da música popular brasileira. Em sequência, as alas lançam luz em aspectos decisivos para a formação da personalidade artística do poeta. O contato – ainda criança e morador do bairro das Laranjeiras - com o Rancho dos Arrepiados; A ida para o Morro da Mangueira e seu envolvimento com a fundação do bloco dos arengueiros; A escola de samba do morro para quem dedicou a vida e onde foi rei; O encontro com a parceira de vida – Dona Zica – e as poesias em forma de canção – composições que falavam de esperança, do cotidiano do morro, e do amor com contorno metafórico - entre elas, o “clássico de seus clássicos”, a música AS ROSAS NÃO FALAM.

**TERCEIRO SETOR: “A VOZ DO MEU TERREIRO”** – Aspectos artísticos e biográficos são o mote principal do setor que celebra o mais famoso intérprete do grêmio que desfila. Consagrado com o nome Jamelão – apelido de JOSÉ BISPO CLEMENTINO DOS SANTOS – a mais famosa voz da Estação Primeira é inicialmente celebrada por um conjunto de fantasias que lançam luz sobre a infância (quando o apelido de José Bispo era Saruê) e sobre o período em que o cantor de voz grave foi crooner de dancing e gafeira (de onde ganhou o apelido que tornou-se o nome que o consagrou na música popular brasileira).

Na sequência, em ala, sua chegada à Estação Primeira de Mangueira é mencionada junto à bateria. Foi nela - tocando tamborim - que Jamelão iniciou sua história com o grêmio quando era um jovem com cerca de 20 anos de idade. Como cantor, não são lembrados apenas os sambas por ele eternizados ao longo de mais de cinquenta anos dedicados ao microfone principal da Mangueira, mas também, sua obra musical pouco difundida – mas não desprovida de qualidade artística atemporal - como cantor romântico de sambas-canções que não podem faltar em nenhuma antologia musical que busque reunir as melhores interpretações do gênero.

**QUARTO SETOR: “EU VI SEU LAURINDO”** – Concluindo a abordagem proposta pelo enredo, o último setor do desfile naturalmente é dedicado a celebrar a carreira de HÉGIO LAURINDO DA SILVA, o famoso mestre-sala Delegado. Para tal, o setor é inaugurado com uma sequência de pavilhões em riste. Passando pela apresentação do segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira; pela passagem do projeto de mestre-sala e porta-bandeira mirim da escola; e pela ala que revela as múltiplas bandeiras da Mangueira reverenciadas ao longo de 36 exibições junto à Estação Primeira, o setor é dedicado a louvar aquele que até o fim de seus dias manteve o porte e a postura ereta como a de um obá (rei) da favela. Em sequência, as alas abordam a consagração de seu talento através de uma coleção de prêmios e notas máximas que ratificaram por mais de quatro décadas a excelência da função que o homenageado exercia em desfile. O setor celebra ainda as porta-bandeiras (Nininha Xoxoba, Neide e Mocinha) com quem o mestre-sala dividiu a consagrada e brilhante trajetória. Faz referência ao primeiro desfile do homenageado (na Praça XI, em 1948 ) e ao último (quando foi supercampeão com a Mangueira em 1984). Do começo ao fim, Hégio Laurindo é tratado como aquilo que sempre foi: um príncipe negro. Artista magistral. Bailarino principal do ofício onde fez escola e tornou-se verbete para aqueles que querem ser mestres na arte dos que buscam ser mestre-sala.

## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **PRIMEIRO SETOR:** **MANGUEIRA TEU CENÁRIO É POESIA**

**Comissão de Frente**  
**TEMPOS IDOS**

Ala 01 – Ala Raiz Mangueirense  
**VELHA MANGUEIRA**

Elemento Cenográfico  
**BAIANAS**

Ala 02 – Ala das Baianas  
**ORGULHO VERDE E ROSA**

**Alegoria 01 – Abre-Alas**  
**TEU CENÁRIO É POESIA**

### **SEGUNDO SETOR:** **A SABEDORIA SE CHAMA ANGENOR**

Ala 03 – Ala dos Compositores  
**TRIBUTAO AO MESTRE CARTOLA**

Ala 04 – Ala Mimosas / Ala Au Au Au / Ala  
Moana / Ala Gatinhas e Gatões  
**O RANCHO DOS ARREPIADOS**

Ala 05 – Ala Coração Verde e Rosa  
**O ARENGUEIRO QUE ESCOLHEU O  
VERDE E O ROSA**

Musas  
**VERDE QUE TE QUERO ROSA**

Ala 06 – Ala Carcará / Ala Vendaval / Ala  
Realidade  
**O REI DA MANGUEIRA**

Elemento Cenográfico  
ZICA E CARTOLA

Musas  
O SOL COLORINDO

Ala 07 – Ala Apaixonados pela Mangueira  
O SOL: IMAGEM POÉTICA PARA DIAS  
MELHORES

Ala 08 – Ala Sambar com a Mangueira  
AS ROSAS NÃO FALAM

**Alegoria 02**  
**AS ROSAS NÃO FALAM**

**TERCEIRO SETOR:**  
**A VOZ DO MEU TERREIRO**

Ala 09 – Ala da Velha Guarda  
TRIBUTO AO MESTRE JAMELÃO

Ala 10 – Ala das Crianças  
O PEQUENO JORNALEIRO SARUÊ

Ala 11 – Ala Explode Mangueira  
GAFIEIRA

Guardiões do 1º Casal de  
Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
A CORTE VERDE E ROSA

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Matheus Olivério e Squel Jorgea**  
**“DINASTIA VERDE E ROSA”**

Rainha da Bateria  
Evelyn Bastos  
A COR DESSA NAÇÃO

Ala 12 – Ala da Bateria  
SAUDOSA MANGUEIRA

Grupo de Musas da Comunidade  
CABROCHAS MANGUEIRENSES

Ala 13 – Ala de Passistas  
IMAGENS POÉTICAS DA  
VELHA MANGUEIRA

Ala 14 – Ala Panteras / Ala Estrela  
Iluminada / Ala Seresteiros  
VOZ ETERNA

Ala 15 – Ala Somos Mangueira  
FOLHA MORTA

**Alegoria 03**  
**O INTÉRPRETE, ALÉM DA AVENIDA**

**QUARTO SETOR:**  
**EU VI SEU LAURINDO**

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Renan Oliveira e Débora Almeida**  
**“AOS SEUS PÉS A NOSSA GRATIDÃO”**

Ala 16 – Projeto de  
Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
NA PRAÇA ONZE, DELEGADO E  
NININHA

Ala 17 – Ala Garra Mangueirense  
EU VI SEU LAURINDO BEIJANDO A  
BANDEIRA

Ala 18 – Ala Mangueira é Escola  
OBÁ DA FAVELA

Ala 19 – Ala Avante Mangueira  
NOTA DEZ


Ala 20 – Ala Amigos do Embalo/ Ala Acauã  
ELE E ELAS

Ala 21 – Ala Nação Mangueirense  
A APOTEOSE DE UMA CARREIRA

**Alegoria 04**  
**O BAILARINO NEGRO**

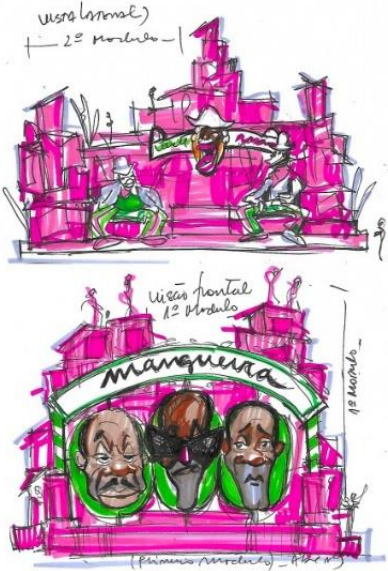
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>ELEMENTO CENOGRÁFICO</b></p> <p><b>BAIANAS</b></p> 	<p>À frente da ala das baianas, dois elementos cenográficos apresentando um conjunto escultórico que recria de maneira jocosa a figura de uma baiana tradicional - vestindo de forma predominante tons de rosa e portando sobre a cabeça o célebre “tabuleiro”- engrandecem a abertura do desfile. Em termos estéticos, o elemento ajuda a difundir a atmosfera nostálgica e emotiva que pretendemos lançar sobre a apresentação que se inicia.</p>
01	<p><b>TEU CENÁRIO É POESIA</b></p> 	<p>Se o conjunto de fantasias que anuncia o início do desfile da Estação Primeira constrói uma abertura que revela uma comunidade que se veste com seu mais característico perfil estético para descer o morro e defender as tradições e as cores de seu pavilhão, o conjunto cenográfico que compõe o abre-alas recria de forma lúdica, permissiva e carnavalesca, as habitações da comunidade de onde partem seus brincantes. O morro visto e ocupado por quem lá chegou primeiro. O morro que é a paisagem que ANGENOR, JOSÉ E LAURINDO conheceram. Das casas onde as tábuas e os telhados empilham-se para erguer barracões. Mistro de nostalgia e visão “Cor de Rosa” sobre a comunidade.</p> <p>Em linhas gerais, a construção cenográfica - formada por dois módulos de temática única - recria de forma carnavalesca, seja pelo figurino das composições e dos destaques que nela se apresentam, seja pelo conjunto cênico, uma favela que se organiza para descer a uma avenida ocupada pelos festejos de momo.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>TEU CENÁRIO É POESIA (Continuação)</b></p> 	<p>Na porção frontal do primeiro módulo, um nostálgico letreiro – espécie de portal carnavalesco com as imagens dos homenageados pelo enredo em tom bem humorado – anuncia não só que a escola que pede passagem é a velha Estação Primeira, como também revela por qual motivo a comunidade se agiganta e se orgulha: o morro festeja seu maior poeta (Cartola), seu maior cantor (Jamelão) e seu maior bailarino (o mestre-sala Delegado).</p> <p>Especificamente sobre o conjunto escultórico é interessante ressaltar que o visual geral das esculturas remetem à figura de sambistas entregues ao ambiente do samba no morro e ao universo do carnaval tendo a malícia e a carioquice do trabalho do cartunista Lan como inspiração. É a Mangueira, seu território e sua gente, mergulhados num lúdico estado de graça tingido em tons de rosa.</p> <p><b>Destaque central do primeiro módulo: Serginho do pandeiro</b> – Na porção frontal da alegoria, diante de um portal carnavalesco que desemboca na avenida, um dos mais famosos passistas da escola exibe sua já conhecida performance de excelência. Ele é o samba verde e rosa em estado bruto. É a Mangueira cujo luxo é ser a máxima da expressão que consagra o grêmio no imaginário carnavalesco: “A escola do samba no pé”.</p> <p><b>Destaques laterais (primeiro módulo): “VESTIDO DE NOBRE”</b> – Ainda dentro do contexto de inversão social pela lógica carnavalesca, os destaques laterais Fábio Lima e Roberto dos Santos vestem figurino claramente associado à memória estética dos antigos desfiles: Um nobre, que desce o morro em tons de rosa, para apresentar-se numa avenida carnavalesca.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

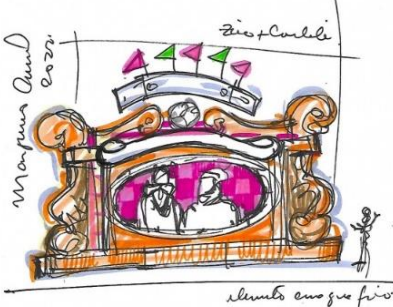
Leandro Vieira

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>TEU CENÁRIO É POESIA (Continuação)</b></p> 	<p><b>Destaques central alto (Segundo módulo):</b>  <b>“VESTIDO DE REI”</b> – Vestir-se de rei no carnaval talvez seja a mais emblemática inversão social traduzida em fantasia que o espírito carnavalesco das escolas de samba tenha realizado. Vestido de rei, o destaque Eduardo Leal personifica essa histórica tradição perpetuada no imaginário dos antigos desfiles. Sobre a construção cenográfica que recria barracos de madeira no alto do segundo módulo da alegoria que compõe o abre-alas, o destaque apresenta-se coroadado e majestoso.</p> <p><b>Composições gerais (Ambos os módulos):</b>  <b>“CABROCHAS EM VERDE E ROSA”</b> – As composições gerais que se espalham junto ao conjunto cenográfico dos dois módulos derramam a combinação de verde com rosa que caracteriza a escola junto ao visual geral da alegoria. Uma leitura contemporânea - com pegada retrô - das típicas cabrochas que estampavam as capas das antigas revistas que documentavam os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro.</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>ELEMENTO CENOGRÁFICO</b></p> <p><b>ZICA E CARTOLA</b></p> 	<p>Inserido no setor de desfile que celebra a trajetória de Angenor de Oliveira - o grande, Cartola - o elemento cenográfico reproduz de forma alegórica o compositor e sua conhecida companheira de vida: Euzébia Silva do Nascimento, famosa no mundo do samba com o título, Dona Zica.</p> <p>Reproduzi-los lado a lado, enamorados e emanando ternura, sempre foi a mais célebre maneira de se retratar a relação de um dos mais famosos casais da história da música popular brasileira. Foi assim, lado a lado, que os dois foram eternizados em antológicas entrevistas e fotografias históricas, entre elas, a que foi capa do álbum que resguarda os principais sucessos do compositor.</p> <p>Dona Zica é apontada como aquela que reestruturou a vida particular do artista quando a sambista, com mais de 40 anos de idade, oficializou a união com o compositor. Juntos, viveram uma relação amorosa de 26 anos - até à morte do compositor, em 1980 – que entrou para a história da música popular brasileira.</p> <p>Além da importância para a estruturação da vida particular e afetiva do compositor homenageado em desfile, foi da união de Zica e Cartola que surgiu um ponto de encontro da cultura carioca que, em pouco tempo, tornou-se um celeiro do samba: o bar e restaurante Zicartola. Com o poeta homenageado no comando da música e Dona Zica no comando da cozinha, o Zicartola é um marco não apenas na biografia particular e artística do compositor, como também um marco na cena cultural carioca e brasileira.</p> <p>Compondo o visual geral do elemento cenográfico, lado a lado, numa espécie de relicário – caixa destinada para guardar coisas preciosas ou relíquias - a imagem de Cartola e Zica, mais uma vez, segue enamorada em forma de alegoria.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Leandro Vieira

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>AS ROSAS NÃO FALAM</b></p> 	<p>A segunda alegoria encerra o setor dedicado à celebração do primeiro homenageado pelo enredo proposto, o poeta Angenor de Oliveira – para nós, Cartola. Para abordar o ambiente criativo e apresentar em desfile um POETA, nada melhor do que optar pela matéria de seu ofício: A POESIA. Poesia conceitual e estética. Uma seleção de símbolos lúdicos que possibilitem encantamento. Sendo assim, é isso que a alegoria dedicada ao poeta maior da verde e rosa sugere.</p> <p>O mote central é um sensível mergulho visual que faz menção ao sucesso de maior popularidade do compositor homenageado, a canção AS ROSAS NÃO FALAM. Lançada originalmente em 1976 – no LP de nome CARTOLA – a composição é um clássico da música popular brasileira que atesta a excepcional genialidade daquele que é apontado não só como o mais importante poeta do grêmio que desfila, como também um dos maiores poetas da história da música produzida no Brasil.</p> <p>Cenograficamente, a alegoria se apresenta como um jardim lírico. Permissivo, como convém aos poetas. Emoldurado por pombas brancas e um fantasioso carrossel de rosas, a alegoria sugere delicadeza, ou, como disse Carlos Drummond de Andrade sobre a obra do poeta mangueirense: “a suavidade dos que amam pela vocação de amar”.</p> <p><b>Destaque central baixo: “MUSA INSPIRADORA”</b> – Ludmila Aquino veste figurino que remete de forma permissiva a rosa que inspirou o compositor homenageado a escrever os versos de seu mais famoso sucesso musical.</p> <p><b>Destaque central alto: “EXUBERÂNCIA MUSICAL”</b> – - No topo da alegoria que celebra o poeta ANGENOR DE OLIVEIRA - sobre um carrossel de rosas - Nabil Habib veste luxuoso figurino carnavalesco com decoração complementada através de notas musicais. Trata-se de uma maneira carnavalesca e alegórica de celebrar o estilo inconfundível das harmonias, melodias e letras do compositor homenageado em desfile.</p>

## FICHA TÉCNICA

## Alegorias


Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<b>AS ROSAS NÃO FALAM (Continuação)</b> 	<p><b>Destaques laterais: “ROSAS”-</b> Meime dos Brilhos e Laisa ampliam, com o figurino que vestem, a estilização das rosas que compõem o poético jardim sugerido pelo conjunto escultórico.</p> <p><b>Composições femininas gerais: “DIVINA DAMA” –</b> Divina Dama é o título da primeira canção do Cartola - gravada por Francisco Alves e a orquestra Odeon em 1933 - reconhecidamente tida como sucesso popular. A canção aborda um dos temas mais recorrentes junto à obra do poeta: as relações amorosas que encontram na figura feminina mote central para canções. Para celebrar esse tributo à feminilidade tão presente na obra do poeta, as composições gerais vestem figurino que fazem das mulheres que desfilam sobre a alegoria uma espécie de “dama carnavalesca” que se enfeita com artigos de um “jardim divinal”.</p> <p><b>Composições masculinas gerais: “CORDAS DE AÇO” –</b> O figurino recria de forma estilizada e permissiva a típica figura associada ao sambista popular tendo como adereço destacado um violão decorado com artigos dourados. O violão foi o grande parceiro do compositor reverenciado em desfile para a criação de suas canções e difusão de sua inspirada veia poética. Ao instrumento, companheiro das horas de criação, ele dedicou um número sem fim de menções carinhosas dentro da própria obra. Em canções como FESTA DA VINDA – parceria de Cartola e Nuno Veloso de 1974 - o violão é o artigo visto como um companheiro para horas de desabafo ou consulta existencial. Ao instrumento, ele dedicou também a última faixa de seu segundo LP - lançada pela extinta gravadora Discos Marcus Pereira. Batizada de CORDAS DE AÇO, a composição é quase que uma declaração de amor e gratidão para um importante companheiro de vida. Ao instrumento estão dedicados os inspirados versos: “Ah, este bojo perfeito / Que trago junto ao meu peito / Só você violão / Compreende porque perdi toda alegria”.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Leandro Vieira

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>O INTÉRPRETE, ALÉM DA AVENIDA</b></p> 	<p>O setor que celebra JOSÉ BISPO CLEMENTINO DOS SANTOS se encerra com uma alegoria que recria o ambiente noturno de um antigo dancing carioca. Com a construção alegórica e a atmosfera por ela sugerida, abre-se espaço para apresentar a figura do intérprete Jamelão como o dono de uma obra musical que não foi restrita ao universo do carnaval e à avenida de desfiles.</p> <p>Fora do universo onde o artista é mais popularizado, o intérprete é referência e possui vasta carreira fonográfica quando o assunto é a sua voz marcante e seu timbre inconfundível no registro de um número sem fim de melodiosas composições amorosas urdidas de romantismo. Fora da Avenida, Jamelão é um festejado intérprete dos sambas-canções (ou dor-de-cotovelo) de um dos maiores compositores do gênero: o precursor da sofrência, Lupicínio Rodrigues.</p> <p>Quem conhece apenas o Jamelão acompanhado pelos ritmistas da Mangueira, desconhece o Jamelão noturno, das gafeiras e dos dancings; o Jamelão das canções sentimentais acompanhado pela Orquestra Tabajara; o Jamelão de clássicos como <i>ELA DISSE-ME ASSIM</i>, <i>QUEM HÁ DE DIZER</i>, <i>MATRIZ OU FILIAL</i> e outras canções de sentimentalismo à flor-da-pele.</p> <p>Para revelar esse intérprete para além da Avenida, a alegoria reconstrói cenograficamente a arquitetura de um típico casarão do século passado, onde era comum a ocupação dessas estruturas por casas noturnas dedicadas à dança, à boemia e à dor de cotovelo. Esteticamente, apresenta-se predominantemente vermelho (cor associada ao amor e as dores provenientes do amar como as canções gravadas por Jamelão). Sugere um ambiente noturno – a brejeira distribuição de gatos pretos pelo conjunto visual reforça a proposta noturna - conhecido e frequentado por quem fez desses locais o palco para um reinado e, de seus ouvintes, súditos admirados.</p>

## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<b>O INTÉRPRETE, ALÉM DA AVENIDA</b> <b>(Continuação)</b> 	<p>Vibrando luxúria, a alegoria é “enfeitada” com a presença feminina de “taxi-girls” – as mulheres que se debruçam pelas sacadas do dancing para mencionarem as garotas disponíveis para a dança nos salões - enquanto revela nos “palcos cenográficos” - distribuídos pelo primeiro pavimento do conjunto alegórico - “Jamelões” que atuam como crooners desse ambiente musical nostálgico.</p> <p><b>Personalidades: ALCIONE, LECI BRANDÃO E ROSEMARY</b> – Sentadas em uma mesa frontal do “dancing”, três importantes intérpretes da música brasileira juntam-se em desfile para reverenciar a obra e o talento daquele que popularizou a reivindicação de ser chamado de intérprete e não de “puxador”. Juntas, elas não apenas simbolizam a própria Mangueira – as três são notoriamente personalidades mangueirenses antológicas - que se curvam diante do intérprete homenageado, mas também a representação de que a música popular brasileira reverencia a voz do artista.</p> <p><b>Personalidade: Jamelão Neto - “JOSÉ CLEMENTINO, NA FLOR DA IDADE”</b> – No pequeno palco localizado na parte frontal da alegoria que se apresenta como um antigo casarão em tons de vermelho - tendo Alcione, Leci Brandão e Rosemary como “ouvintes” de uma lúdica “apresentação” - Jamelão Neto personifica o próprio avô para reviver – e homenagear - o período em que o intérprete fez história em dancings e gafieiras ao emprestar seu timbre para dolorosas canções de amor.</p> <p><b>Composição teatralizada</b> – Nos palcos laterais que compõem o conjunto alegórico que desfila - à frente das cortinas vermelhas - homens retintos dão continuidade à personificação do “José Clementino, na flor da idade” para revelarem múltiplos “Jamelões”. O intérprete que era atração certa nas melhores gafieiras (entre elas, a Jardim do Méier, Fogão e Cigarra) e os mais famosos dancings da cidade (tais como o Dancing El Dourado, o Farolito e o Dancing Avenida). Como “plateia” para essa lúdica apresentação, sentados ao lado do pequeno palco, os baluartes da Estação Primeira.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Leandro Vieira

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>O INTÉRPRETE, ALÉM DA AVENIDA (Continuação)</b></p>  <p>The sketch shows a red and black float structure with a central figure. Handwritten notes include 'Cum família' at the top, 'Carnaval 2022' on the right, and 'Carnaval' on the left. The structure has a central figure and is surrounded by decorative elements.</p>	<p><b>Baluartes</b> – De verde e rosa, ocupando a lateral do conjunto cenográfico, os baluartes da Estação Primeira são “plateia” para esse lúdico dancing carnavalesco que reverencia um cantor que não pode ser limitado ao universo dos desfiles carnavalescos. Intérprete que perpetuou clássicos resguardados pela memória dos mais velhos, Jamelão é lembrado e festejado pelos mais antigos componentes da escola não apenas por sua atuação na avenida, mas também, por ter emprestado sua voz a clássicos do samba-canção compostos por nomes que são o que há de mais sofisticado no gênero como <i>MATRIZ OU FILIAL</i> ( de Lúcio Cardim), <i>NEM EU</i> (de Dorival Caymmi), <i>NERVOS DE AÇO</i> ( de Lupicínio Rodrigues) e <i>FOLHA MORTA</i> (de Ary Barroso).</p> <p><b>Composições gerais: “AS GAROTAS DO DANCING (TAXI-GIRLS)”</b> - Destinado ao público masculino, o Dancing contava com o que ficou popularizado com o nome de “táxi-girls”. Em linhas gerais, moças que sabiam dançar e estavam à disposição dos cavalheiros que queriam exhibir passos de gafeira ao som das orquestras e dos cronners. Espalhadas pela alegoria, de grená, vestido, e rosa vermelha, as composições femininas emprestam luxúria e sensualidade à cenografia geral do “dancing carnavalesco”.</p> <p><b>Destaque central alto: “A DAMA DO DANCING”</b> – De vermelho, na parte superior e frontal do conjunto cenográfico, Santinho personifica uma exuberante versão - permissiva e carnavalesca - para uma taxi-girl de luxo.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>O BAILARINO NEGRO</b></p> 	<p>Encerando o desfile ao celebrar a figura do último homenageado pelo enredo proposto, a alegoria apresenta-se como uma espécie de “caixinha de música” onde, no topo, a clássica figura da bailarina giratória, comumente incluída na parte superior do artigo, é substituída pelo BAILARINO PRETO, mestre dos que querem ser mestre: HÉGIO LAURINDO DA SILVA, o famoso Delegado.</p> <p>Ocupando o lugar dado ao corpo do balé clássico, subvertendo os cânones dos discursos hegemônicos de beleza, leveza e dança de qualidade, está o corpo retinto de um morador de uma comunidade da zona norte da cidade do Rio de Janeiro que merece ser reconhecido pela excepcionalidade de sua arte traduzida pela habilidade virtuosa de sua dança.</p> <p>Em seu corpo esculpido de forma alegórica – reproduzindo de forma lúdica seu visual mais tradicional em desfiles: o bailarino preto, esguio, em tons de verde, rosa e prata, que dançava vestido de tecidos brilhantes e peruca à moda da corte europeia - está guardado uma história que ostenta a invencibilidade de notas 10 ao longo de inacreditáveis 36 desfiles e exibições memoráveis.</p> <p><b>Personalidade: TIA SULUCA</b> - Na parte inferior e frontal da alegoria - sentada em um trono de arabescos dourados - a irmã caçula do mestre-sala reverenciado em desfile ostenta o DNA daquele que é tido como o mais emblemático e popular bailarino da história do carnaval carioca. Aos 94 anos, Arlete Laurindo – a famosa Tia Suluca - traz para o desfile a ancestralidade sanguínea daquele que cortejamos no desfecho de nossa apresentação.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Leandro Vieira

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>O BAILARINO NEGRO (Continuação)</b></p> 	<p><b>Destaque central alto: “REINADO CARNAVALESCO”</b> - Ednelson Pereira veste figurino de luxuosa inspiração carnavalesca para mencionar o reinado, a exuberância e a excelência absoluta do mestre-sala que homenageamos junto à história da dança onde ele é sinônimo de maestria.</p> <p><b>Composições gerais: “NOBREZA CARNAVALESCA”</b> - Distribuídas ao longo do módulo superior e inferior da alegoria e, complementando o visual geral do conjunto cenográfico, os figurinos que vestem as composições remetem a uma estilização da típica indumentária que marca a figura do mestre-sala e da porta-bandeira no imaginário coletivo. Versão contemporânea – masculina e feminina – que recria a ideia de homens e mulheres que se vestem como “nobres” durante os dias de carnaval.</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Ednelson	Empresário
Fábio Lima	Cabelereiro
Eduardo Leal	Empresário
Ludmila Aquino	Jornalista
Nabil Habbib	Empresário
Santinho	Empresário
<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadávia Correa, nº 60 – Barracão 13 – Cidade do Samba – Gamboa	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Robson Saturnino	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Valdeci e Leandrinho Parintins	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Castelinho
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> José Teixeira e Flávio Polycarpo	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro Assis
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Tom	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Santos
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Renato	- Empastelação e reprodução em fibra
Batista	- Mecanismos hidráulicos
Júlio Cerqueira / Welington / Renato José / Cléia / Leandro Parintins / Penha	- Reprodução de adereços gerais.

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>Velha Mangueira</b></p> 	<p>A ala que inaugura a apresentação da Estação Primeira de Mangueira evoca a memória estética e afetiva dos antigos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Conceitualmente, pontua o fato da verde e rosa mergulhar em suas memórias carnavalescas mais antigas para construir a narrativa que se desenrolará ao longo da exibição que se inicia.</p> <p>Com o intuito de celebrar três personalidades fundamentais para compreender aspectos artísticos que são a gênese da produção intelectual e identitária dos núcleos comunitários que formam o corpo de desfile de uma escola de samba (A POESIA, O CANTO E A DANÇA), a Mangueira se “veste de Mangueira”. Esteticamente, é a Mangueira que se olha para inspirar-se em si mesma. O conjunto de múltiplos figurinos predominantemente em tons de verde e rosa aponta para a memória coletiva cristalizada no imaginário carnavalesco daquilo que seria o perfil estético mais antigo de uma agremiação que desfila desde que as apresentações carnavalescas foram oficializadas.</p>	Ala Raiz Mangueirense (1928)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>Velha Mangueira (Continuação)</b></p> 	<p>É a Mangueira que se enfeita com o prata e não com o ouro. A escola de samba que quer se vestir de príncipe. O antigo perfil estético que via no uso das perucas ao gosto da corte de Luís XIV a caracterização mais adequada para a apresentação momesca. Da fantasia carnavalesca que combina laço de cetim, o icônico chapéu de copa alta - à moda Debret – com aba larga e capa com babado nas pontas.</p> <p>O sambista do morro que vestia chapéu tricórnio e/ou cartola sobre perucas coloridas. Das cabrochas que viam no tabuleiro de frutas e no exuberante visual da pequena notável Carmem Miranda, a mais adequada fantasia para os dias de folia.</p> <p>Os múltiplos figurinos que vestem a ala <b>VELHA MANGUEIRA</b> traduzem em aspectos estéticos uma releitura de uma antiga Mangueira. A Mangueira que foi vista pelos três artistas reverenciados ao longo do desfile que se inicia. Ela é um recorte no tempo. Um pedaço do ontem no hoje que se derrama na avenida através das cores, das formas e dos signos escolhidos para vestir o visual geral do grupo que desfila.</p>	Ala Raiz Mangueirense (1928)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**


**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>ORGULHO VERDE E ROSA</b></p> 	<p>Tradicionalíssimas - de verde com rosa, turbante, ostentando múltiplos colares, pano da costa coberto por adornos prateados e tabuleiro carregando flores sobre a cabeça - as baianas da Estação Primeira reforçam o mergulho nos aspectos afetivos que caracterizam a mais consagrada identidade visual da escola. Uma singela recriação do visual geral “das velhas baianas” dos desfiles carnavalescos registrados pelas mais antigas publicações que guardam aspectos seminais dos trajes típicos de baianas em desfiles de escolas de samba. Tradicionais, como os homenageados – pilotis das tradições mangueirenses – gostariam de vê-las.</p>	Ala das Baianas (1928)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
03	<p><b>Tributo ao Mestre Cartola</b></p> 	<p>Passada a abertura do desfile e, com ela, a reafirmação de que o cortejo que apresentamos está mergulhado nas tradições mangueirenses - e no orgulho de sua gente - o segundo setor da apresentação se debruça sobre aquele que, além de ter a biografia misturada com a história da própria instituição que desfila, é um dos compositores mais importantes e respeitados da história da música popular brasileira. Dentro desse contexto, parece que não há melhor construção conceitual para inaugurar a abordagem do setor do que a própria ala de compositores. De verde e rosa, com a face do mais famoso poeta da escola estampada junto ao blazer que vestem, o grupo de compositores reverencia o mestre ao mesmo tempo em que também seguem com uma tradição por ele iniciada. Em desfile, eles são aquilo que um dia o genial Cartola foi, abrindo caminho para que aspectos biográficos e artísticos do poeta ANGENOR DE OLIVEIRA - o famoso Cartola - sejam apresentados em sequência.</p>	Ala dos Compositores (1928)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**



Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p><b>O Rancho dos Arrepiados</b></p> 	<p>Sempre é relevante apresentar - em um desfile que possui uma personalidade musical como mote - a maneira como a música se revelou para esse indivíduo. Dito isso, a pesquisa desenvolvida para a fundamentação do enredo no que tange a dados relacionados ao compositor Cartola, aponta que o menino - nascido em 11 de outubro de 1908 - tomou gosto pelo ambiente musical através de seu contato juvenil com festejos populares tradicionais no Rio de Janeiro do início do século XX. Foi através da participação de seus familiares mais próximos nas comemorações do Dia de Reis (suas irmãs saíam em grupos de pastorinhas), ou nos desfiles dos Ranchos carnavalescos (seu pai tocava cavaquinho nos grupos populares), que a música despertou interesse no menino, até então morador de Laranjeiras.</p> <p>Sobre os ranchos carnavalescos – manifestação momesca popular nas primeiras décadas do século passado – merece destaque a ligação do jovem Angenor com o Rancho dos Arrepiados. Foi na entidade carnavalesca, criada por operários da Fábrica de Tecidos Aliança - onde o pai do compositor trabalhava –, que Cartola tocou seus primeiros acordes no cavaquinho, instrumento que ganhou do pai – o músico autodidata Sebastião Joaquim de Oliveira - ainda criança.</p>	<p>Ala Mimosas (1928)</p> <p>Ala Au Au Au (1928)</p> <p>Ala Moana (1928)</p> <p>Ala Gatinhas e Gatões (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
04	<b>O Rancho dos Arrepiados (Continuação)</b> 	<p>Para mencionar a ligação do compositor com o referido Rancho, a ala recria a figura de um mascarado carnavalesco - bem ao gosto das típicas manifestações momescas do início do século passado – tendo um cavaquinho como adereço de mão.</p>	<p>Ala Mimosas (1928)</p> <p>Ala Au Au Au (1928)</p> <p>Ala Moana (1928)</p> <p>Ala Gatinhas e Gatões (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
05	<b>O Arengueiro que Escolheu o Verde e o Rosa</b> 	<p>O contato do compositor com o território onde fundaria o grêmio carnavalesco que jamais seria desassociado de seu nome se deu pouco tempo depois de ter conhecido a música. Em função das dificuldades financeiras atravessadas pelo pai, a família do compositor se viu obrigada a trocar o bairro de classe média onde viviam, pela precariedade de um morro que começava a ser ocupado pelas camadas mais pobres da sociedade: o morro da Mangueira.</p>	<p>Ala Coração Verde e Rosa (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Leandro Vieira



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>O Arengueiro que Escolheu o Verde e o Rosa (Continuação)</b></p> 	<p>Cartola tinha por volta dos 11 anos, quando a família Oliveira foi viver no local que despertaria sua paixão pelo samba e o consagraria na história da música. Foi lá que, ao lado de amigos de boemia, o sambista criou o Bloco dos Arengueiros - expressão popular nordestina que denota a pessoa que está sempre envolvida com brigas ou arruaças. O bloco – fundado em 1925 - foi o primeiro passo para o que mais tarde se tornaria a Estação Primeira de Mangueira, fundada – com a sua participação - em 1928.</p> <p>Sobre os primórdios da escola e, destacando sua importância no feito, convém dizer que, tanto as cores verde e rosa, quanto o nome do grêmio, foram sugestões do compositor hoje reverenciado em desfile. Para abordar essa importante passagem que atrela de forma definitiva o ilustre personagem ao grêmio que desfila, a fantasia que veste a ala recria de forma carnavalesca os foliões batuqueiros do Bloco dos Arengueiros – Angenor de Oliveira era um deles - que desciam o morro com seus tambores para fazer “arenga” - ou seja, causar briga ou confusão – e festa ao som de batucada. Como se observa, no tambor que os brincantes carregam como adereço, as cores escolhidas por Cartola na ocasião em que fundou a instituição oriunda do bloco mencionado e, para quem, dedicou um número sem fim de canções: o verde e o rosa.</p>	Ala Coração Verde e Rosa (1928)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Verde que te Quero Rosa</b></p> 	<p>Uma musa veste verde. A outra, rosa. Juntas, Carla Nascimento e Patrícia Souza são as cores escolhidas por Cartola para representar a agremiação para a qual, além de fundador, dedicou um número sem fim de canções.</p>	Musas	Direção de Carnaval
06	<p><b>O Rei da Mangueira</b></p> 	<p>Conforme a escola por ele fundada ganhava notoriedade no mundo do carnaval e do samba carioca, o nome do compositor Cartola passava a desfrutar de popularidade na cena musical. Com composições que falavam da vida no morro, do amor e do próprio samba, as músicas de Cartola se popularizaram na década de 1930, em vozes de ilustres cantores da época: Araci de Almeida, Carmen Miranda, Francisco Alves, Mário Reis e Sílvio Caldas.</p>	<p>Ala Carcará (1928)</p> <p>Ala Vendaval (1928)</p> <p>Ala Realidade (1928)</p>	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p><b>O Rei da Mangueira (Continuação)</b></p> 	<p>O tempo e a consagração aumentaram à medida em que a expressão artística do poeta mangueirense foi se popularizando na cena musical. Um número crescente de artistas e intelectuais passou a reconhecer seu talento admirável, celebrar sua obra esplendida e curvar-se diante de sua figura fabulosa.</p> <p>Para apresentar esse Cartola majestoso, coroado pelas glórias do samba, o figurino da ala O REI DA MANGUEIRA recorre a uma das mais antológicas aparições públicas do poeta documentada em registro fotográfico icônico: sua nobre figura – ostentando capa e coroa – na antológica comissão de frente do desfile mangueirense que comemorava o cinquentenário da escola, com o enredo "Dos Carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba", em 1978.</p>	<p>Ala Carcará (1928)</p> <p>Ala Vendaval (1928)</p> <p>Ala Realidade (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
*	<p><b>O Sol Colorindo</b></p> 	<p>À frente da ala "O SOL: IMAGEM POÉTICA PARA DIAS MELHORES", as musas Juliana Alencar e Luisa Langer anunciam, e precedem, luminoso colorido solar para mencionar o otimismo que marca parte da obra musical do poeta homenageado em desfile.</p>	<p>Musas</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
07	<p><b>O Sol: Imagem Poética para Dias Melhores</b></p> 	<p>Cartola foi um homem que viveu o extremo da dificuldade humana e transformou as injustas condições que lhe foram impostas pela perversa estrutura racial brasileira em beleza atemporal. A vida de percalços financeiros foi incompatível com o talento de um artista que, só em 1974, já com sessenta e cinco anos de idade, pôde gravar o seu primeiro LP e dar versão autoral àquilo que compôs ao longo de inspiradas décadas dedicadas à sofisticada criação.</p> <p>No álbum, chama atenção a existência de três composições de otimismo, alegria e fé na vida – marca de uma obra evidenciada pelo compartilhamento de esperanças - onde o compositor associa o sol como uma espécie de anunciante de dias melhores.</p> <p>O recurso metafórico é recorrente no clássico CORRA E OLHA O CÉU (samba de Cartola e Dalmo Castelo); na famosa O SOL NASCERÁ (samba composto em parceria com Elton Medeiros); e na emblemática canção ALVORADA (de Cartola, Carlos Cachça e Hermínio Bello de Carvalho). Nas três canções mencionadas - todas, clássicos da música popular lançadas em seu disco de estreia - o sol é o anunciador simbólico de que dias melhores estão por vir.</p>	Ala Apaixonados pela Mangueira (1928)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>O Sol: Imagem Poética para Dias Melhores (Continuação)</b></p> 	<p>Seja no convite imperativo que impõe o emblemático verso “corra e olha o céu que o SOL vem trazer”; seja no anúncio cheio de esperança que afirma que, “fim da tempestade, o SOL nascerá”; ou ainda, na construção de uma paisagem lírica dos versos que afirmam que “o SOL colorindo, é tão lindo, é tão lindo” o Compositor pinta um universo de esperança que tem o sol como prenúncio da chegada de tempos melhores.</p> <p>Para revelar esse Cartola de composições otimistas, solares e multiplicador de positividade, o figurino da ala remete ao sol através de sua clássica representação iconográfica e à predominância de uma combinação de cores que transmitem alegria em função de seu caráter luminoso.</p>	<p>Ala Apaixonados pela Mangueira (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
08	<p><b>As Rosas Não Falam</b></p> 	<p>A tardia estreia em disco não impediu que o compositor documentasse uma obra considerada indispensável em qualquer coletânea que pretenda reunir o que há de melhor na música popular brasileira. Depois do primeiro disco, lançou mais três obras, sendo o LP lançado em 1976, aquele que guarda seu maior sucesso.</p>	<p>Ala Sambar Com a Mangueira (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**


**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
08	<p><b>As Rosas Não Falam (Continuação)</b></p> 	<p>A composição “As Rosas Não Falam”, escrita no auge dos seus 67 anos, se tornou uma das mais conhecidas canções do compositor. Popularizada com a inclusão da canção no álbum MUNDO MELHOR da cantora Beth Carvalho os versos “queixo-me às rosas, mas que bobagem / as rosas não falam / simplesmente as rosas exalam / o perfume que roubam de ti” são um clássico atemporal do cancioneiro musical brasileiro.</p> <p>Para mencionar a composição, a fantasia que veste a ala recria de maneira permissiva e carnavalesca uma rosa lúdica tingida em tons de verde e rosa. Multiplicado em dezenas, os figurinos são como as rosas que compõem um jardim. O jardim que guardava a roseira que serviu de inspiração para a composição que é um dos maiores clássicos do homenageado.</p>	Ala Sambar Com a Mangueira (1928)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA****Fantasia****Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p data-bbox="212 594 435 663"><b>Tributo ao Mestre Jamelão</b></p> 	<p data-bbox="467 594 943 856">Como dito na sinopse que apresenta o enredo, após abordar o poeta mangueirense ANGENOR, a poesia que é matéria para o ofício do artista mencionado até aqui, dá lugar à voz. Essa, por sua vez, é a matéria para o canto. Ou seja, o ofício de um INTÉRPRETE.</p> <p data-bbox="467 863 943 1192">É nesse contexto que o canto das vozes mais antigas que desfilam conosco – a voz cheia de memória ancestral dos senhores e senhoras que compõem a velha-guarda da verde e rosa - inauguram o setor que apresenta dados biográficos do segundo homenageado, o intérprete José Bispo Clementino dos Santos. Para o mundo, o popular JAMELÃO.</p> <p data-bbox="467 1199 943 1864">Dito isso, a velha-guarda da Mangueira estampa a indumentária que veste em desfile com a face daquele que é apontado não apenas como a mais importante voz do grêmio que desfila, como também, a mais emblemática voz do carnaval carioca. No figurino que cobre o corpo do desfilante, a menção aquele que, assim como eles, guarda a memória de um sambista que atravessou décadas atuando em defesa das tradições que ajudou a construir; assistiu e participou dos primeiros desfiles; cantou sambas memoráveis. Por isso, guardiões das mais antigas memórias que serão tema para a construção estética e conceitual das alas que, na sequência, abordarão aspectos biográficos e artísticos do inesquecível Jamelão.</p>	Ala da Velha- Guarda (1928)	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>O Pequeno Jornaleiro Saruê</b></p> 	<p>Carioca nascido em 1913 – no bairro de São Cristóvão - José Bispo Clementino dos Santos teve a infância roubada pelo trabalho como tantas outras crianças negras do início do século passado. Foi engraxate de sapatos e pequeno jornalista. Antes de ser Jamelão, José Bispo foi Saruê, apelido dado ao menino que passou por dificuldades financeiras após a separação dos pais em 1920 e que, para ajudar a mãe, aos nove anos de idade, passou a vender jornais no subúrbio do Rio.</p> <p>Para abordar o “José Clementino na flor da idade” que o samba-enredo que cantamos menciona, a ala das crianças da Mangueira veste um jocoso figurino de pequeno jornalista. Conceitualmente, a fantasia apresenta-se como um flerte entre as brincadeiras infantis - a pipa e o chapéu de dobradura de papel – e o trabalho como jornalista, mencionado através do uso de tecido estampado que reproduz antigos jornais em circulação nos anos de 1920 do século passado.</p>	Ala das Crianças (1928)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Gafieira</b></p> 	<p>“Jamelão” – o apelido que ganhou na gafieira Jardim do Meyer, um dos muitos endereços de seu aprendizado de "crooner" - carimba desempenhos antológicos no sambacação. Além da mencionada Jardim do Meyer, passou pela gafieira Fogão, de Vila Isabel, Cigarra e Tupi. Entre os "dancings"(uma espécie de gafieira mais sofisticada) soltou a voz no famoso Dancing El Dorado, Farolito, Avenida, Samba-Danças, e Dancing Belas Artes. Para abordar esse importante aspecto da formação artística do intérprete homenageado, a ala recria de maneira jocosa e, coreograficamente carnavalesca, uma “dupla” de “dançarinos” que faz da pista de desfile uma espécie de “salão”.</p>	<p>Ala Explode Mangueira (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
*	<p><b>A Corte Verde e Rosa</b></p> 	<p>Vestidos à moda antiga – com figurinos que remetem a velha Mangueira - os guardiões ladeiam o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira</p>	<p>Direção de Carnaval</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>A Cor dessa Nação</b></p> 	<p>À frente dos ritmistas da Estação Primeira de Mangueira, Evelyn Bastos abre caminho para que a narrativa proposta aborde a história que apresenta a chegada do segundo homenageado do enredo à instituição que popularizou seu talento no ambiente das escolas de samba. Certamente, a história da Mangueira se confunde com a história do intérprete que, antes de dominar o microfone principal, foi ritmista do quesito onde hoje, de verde e rosa, a atual rainha da bateria reina absoluta.</p>	Rainha de Bateria	Direção de Carnaval
12	<p><b>Saudosa Mangueira</b></p> 	<p>No mesmo período em que o jovem José Bispo tomava gosto pelo ambiente musical da cena carioca dos anos quarenta, é levado até o Morro da Mangueira por intermédio de um amigo jornalista - o lendário compositor Gradim (Lauro Santos). Gradim era parceiro de samba e boêmia de nomes como Cartola e Carlos Cachaca, sendo respeitado na cena musical da já famosa comunidade. Àquela altura, Jamelão era cavaquinista e ritmista de relativo prestígio no subúrbio do Rio, e, ao chegar em Mangueira, iniciou sua participação no corpo de desfile da escola como membro da bateria.</p>	Ala da Bateria (1928)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**



Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>Saudosa Mangueira (Continuação)</b></p> 	<p>Não à toa, em desfile, os ritmistas da Estação Primeira estão inseridos no setor que celebra o intérprete. Ao sustentarem o ritmo da apresentação através do toque de seus instrumentos percussivos, eles são a extensão do encantamento do próprio Jamelão com o toque inconfundível do surdo de primeira. De verde com rosa, eles são a Mangueira em sua versão mais tradicional. Jocosos, e tirando partido de aspectos lúdicos, o figurino remete à fantasia comumente associada aos ritmistas em desfiles carnavalescos dos anos 40 e 50: sobre a cabeça, o gosto por cartolas para ostentar falsa nobreza financeira; casacas com corte de alfaiataria; babados e meia. Destaque para o acetato dos instrumentos dos ritmistas: nele, o rosto do homenageado, completa a reverência da bateria ao mestre do canto.</p>	Ala da Bateria (1928)	Direção de Carnaval
*	<p><b>Cabrochas Mangueirense</b></p> 	<p>Logo após a bateria – à frente da ala de assistentes – o grupo de musas da comunidade veste figurino de inspiração retrô para ampliarem a nostalgia visual de uma antiga Mangueira - cenário para a chegada do Jamelão à escola - quando ele era um jovem com vinte anos de idade.</p>	Grupo de Musas da Comunidade	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
13	<b>Imagens Poéticas da Velha Mangueira</b> 	<p>O visual geral da ala dos passistas segue dando continuidade à essa “saudososa Mangueira” que JOSÉ BISPO CLEMENTINO DOS SANTOS, o Jamelão, encontrou ao chegar na comunidade que lhe inseriu nos desfiles carnavalescos. Iniciado na bateria, com o passar do tempo, passou a frequentar as rodas de exibição de samba no pé que eram feitas pelos passistas, após os desfiles, na Praça Onze. É nesse contexto que a ala de passistas da Estação Primeira exhibe sua performance. Com figurino de inspiração retrô, os passistas da escola personificam a expressão cunhada pelo intérprete de que, enquanto os demais grêmios eram reféns do luxo, a Escola por ele defendida, era a “escola do samba no pé”.</p>	Ala de Passistas (1928)	Direção de Carnaval
14	<b>Voz Eterna</b> 	<p>Não demorou tanto para que a voz potente do até então ritmista chamasse atenção da diretoria da escola. Em 1949, Jamelão deu início a sua vitoriosa e longínqua carreira como intérprete da Estação Primeira de Mangueira. Foi nessa função que ele ganhou a notoriedade que o consagrou definitivamente como a mais reverenciada voz dos desfiles das escolas de samba. Ainda hoje – passada mais de uma década de sua morte – é o intérprete que permaneceu mais tempo defendendo a mesma escola de samba – de 1949 a 2006.</p>	Ala Panteras (1928)  Ala Estrela Iluminada (1928)  Ala Seresteiros (1928)	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Voz Eterna (continuação)</b></p> 	<p>Para mencionar uma trajetória artística tão longa quanto consagrada - e fazer alusão aos múltiplos clássicos do cancioneiro carnavalesco que o intérprete emprestou seu vozeirão - a ala VOZ ETERNA apresenta vários estandartes com expressões que fazem menção a trechos de sambas de enredo que embalaram a comunidade mangueirense tendo a voz do cantor como guia ao longo de uma marca numérica ainda hoje não alcançada por nenhum outro intérprete: 58 carnavais.</p> <p>Nos estandartes, menções às composições de décadas distintas; que foram cantadas em avenidas distintas; de compositores distintos e de enredos propostos por carnavalescos distintos. Ao longo de mais de meio século, tudo sofreu alteração ou teve alternância em desfiles da verde e rosa, menos a voz inconfundível daquele que, recusando ser chamado de “puxador”, foi seu MAIOR INTÉRPRETE.</p>	<p>Ala Panteras (1928)</p> <p>Ala Estrela Iluminada (1928)</p> <p>Ala Seresteiros (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<b>Folha Morta</b> 	<p>A avenida de desfiles e a voz a serviço dos sambas carnavalescos acabaram ofuscando a popularização de uma importante página da biografia artística de um cantor que gravou inúmeros discos “off carnaval”. Talvez, por isso, José Bispo tivesse resistência à alcunha de “puxador” enquanto reivindicava seu reconhecimento com o título de INTÉRPRETE. O mestre do canto é apontado como um dos maiores nomes quando o assunto é um gênero muito popular no Brasil dos anos cinquenta: o samba-canção. Ao tempo em que era associado à Mangueira, o intérprete também emprestava sua voz aos trágicos dramas de amor traduzidos pelas composições de autores popularizados pelo gênero exageradamente sofrido e sentimental.</p> <p>Nesse universo difundido sob a denominação de samba dor-de-cotovelo, Jamelão interpretou os dramas passionais de poetas como Lúcio Cardim (de quem gravou o clássico MATRIZ OU FILIAL), Caymmi (de quem o cantor interpretou o clássico NEM EU), Lupicínio Rodrigues (desse, Jamelão enfileirou sucessos como ELA DISSE-ME ASSIM, VINGANÇA e NERVOS DE AÇO) e aquele que é apontado pela crítica como a interpretação mais pessoal e emblemática para o samba-canção "Folha morta" de Ary Barroso.</p>	Ala Somos Mangueira (1928)	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p><b>Folha Morta (Continuação)</b></p> 	<p>A associação de sua voz marcante aos emblemáticos versos “Hoje sou folha morta / que a corrente transporta / Oh Deus, como sou infeliz” garantiram grande sucesso popular à canção e ampliaram uma dupla vertente de raro equilíbrio entre o trânsito do artista no ambiente da canção romântica e o ritmo contagiante da avenida de desfiles.</p> <p>Para apresentar o clássico FOLHA MORTA – sucesso de Ary Barroso com interpretação magistral do cantor que abordamos como parte do enredo – a fantasia que veste a ala faz uso de linguagem subjetiva e poética ao revelar de forma alegórica um figurino que sugere folhas secas (sem o viço do verde, as “folhas” são quase um “natureza-morta”) em combinação à uma cartela de cores menos vibrantes.</p>	Ala Somos Mangueira (1928)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
16	<p><b>Na Praça Onze, Delegado e Nininha</b></p> 	<p>A pequena ala que junta as duplas de mestres-salas e porta-bandeiras do projeto infantil da Estação Primeira inaugura o momento em que a apresentação do grêmio aborda o terceiro e último homenageado pelo enredo proposto. Após a poesia (personificada por ANGENOR) e o canto (personificado por JOSÉ) é chegada a vez do “corpo que dança”.</p> <p>A partir daqui, são os dados biográficos e artísticos do mestre-sala LAURINDO – sobrenome de batismo do icônico mestre-sala DELEGADO – que embasam a narrativa estética e conceitual do desfile. Para tal, são as crianças que aspiram seguir a carreira onde o mestre dos que querem ser mestres fez história que inauguram a abordagem da narrativa.</p> <p>Juntos, eles são o passado, o futuro e o presente. Ao se apresentarem vestidos à moda dos casais de mestre-sala e porta-bandeira “da antiga” eles personificam o Delegado que estreia – ao lado da porta-bandeira Nininha Xoxoba – na Praça onze e abrem o início da abordagem da história do icônico mestre-sala mangueirense.</p> <p>Foi por iniciativa de dois influentes mangueirenses que o jovem Hégio deixou a ala dos lordes para tornar-se mestre-sala no carnaval de 1948. Maçu e Chico Porrão – banqueiro de bicho – haviam percebido o talento do jovem e constataram que aquele morador do Buraco Quente encarnaria com maestria a elegância necessária para ocupar a função.</p>	<p>Projeto Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Na Praça Onze, Delegado e Nininha (Continuação)</b></p> 	<p>Ao lado de Nininha Xoxoba, Delegado estreou na Praça Onze, inaugurando seu reinado na função que passou a exercer por décadas. É nesse contexto que os casais mirins da Estação Primeira de Mangueira iniciam a narrativa de desfile que celebra a trajetória do último homenageado pelo enredo Angenor, José e Laurindo.</p>	<p>Projeto Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
17	<p><b>Eu Vi Seu Laurindo Beijando a Bandeira</b></p> 	<p>Tão longa quanto consagrada, a trajetória artística do dançarino que tornou-se símbolo do ofício da figura do que se entende como mestre-sala, atravessou décadas defendendo o pavilhão da verde e rosa. Décadas de mudanças de julgamento, de tradições artísticas e de palcos.</p> <p>Por longos anos, esteve presente nas conquistas históricas da Estação Primeira - foram trinta e seis apresentações defendendo o pavilhão verde e rosa – e, para mencionar essa perpetuação de apresentações e sua longínqua carreira, a ala EU VI SEU LAURINDO BEIJANDO A BANDEIRA menciona de forma lúdica e coreográfica a apresentação de casais de mestres-salas e porta-bandeiras vestidos à moda antiga, tal qual as mais antigas apresentações do bailarino se imortalizaram no imaginário coletivo dos desfiles.</p>	<p>Ala Garra Mangueirense (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
17	<p><b>Eu Vi Seu Laurindo Beijando a Bandeira (Continuação)</b></p> 	<p>Convém destacar que, ao longo de mais de três décadas, Delegado presenciou, inclusive, as modificações da bandeira da Mangueira antes dela ter o atual formato. São algumas dessas antigas bandeiras que aparecem reproduzidas pelos brincantes que se vestem de “porta-bandeiras” na referida ala.</p>	Ala Garra Mangueirense (1928)	Direção de Carnaval
18	<p><b>Obá da Favela</b></p> 	<p>Nascido no Buraco Quente – localidade da comunidade tida como a capital do morro – e eternizado na memória dos apaixonados pela dança do quesito que sempre defendeu pela atávica elegância de quem cruzou a vida ereto, com 1,90m e pouco mais de 60 quilos dedicados a um estilo impecável, Delegado era um obá (rei) de sua localidade. Sua imagem majestosa, vestida de rei durante os desfiles da Mangueira, fizeram com que seu perfil fosse eternizado em sua comunidade como um símbolo majestoso da realeza de sua gente. Ele era um rei e, em sua comunidade, era visto como tal.</p>	Ala Mangueira é Escola (1928)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**



Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p><b>Obá da Favela (Continuação)</b></p> 	<p>Para mencionar essa majestosa postura e a realeza de seu gestual – Delegado parecia ser um príncipe dentro ou fora da Avenida – o figurino da ala é construído dentro de símbolos que remetem a uma espécie de realeza negra. Coroado, coberto de grafismos africanos em verde e rosa combinados a uma estampa de pele animal (zebrada) e arrematado com artigos dourados, o figurino cria um permissivo visual para celebrar a realeza preta desse legítimo OBÁ DA FAVELA.</p>	<p>Ala Mangueira é Escola (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
19	<p><b>Nota Dez</b></p> 	<p>O figurino principesco, de predominância áurea associada à texturas metálicas, menciona de forma subjetiva – através do uso de artigos brilhantes e dourados - as vitoriosas marcas alcançadas pelo homenageado. Dono de Estandartes de Ouro e campeão presente em oito campeonatos da verde e rosa, é famoso o fato de, ao estreiar na função – em 1948 – ter obtido a nota máxima na avaliação do júri ao lado da já mencionada porta-bandeira Nininha Xoxoba. Com ela, seguiu sendo avaliado com notas máximas até o ano de 1954, quando Nininha despediu-se da função. De 1955 até 1979 – com exceção dos anos em que não desfilou, de 1972 a 1977 - Delegado manteve a nota máxima ao lado da porta-bandeira Neide e seguiu sendo “nota máxima” quando passou a dançar com a porta-bandeira Mocinha, sendo assim avaliado até o ano que se aposentou, em 1984.</p>	<p>Ala Avante Mangueira (1928)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
19	<p><b>Nota Dez (Continuação)</b></p> 	<p>Com isso, tornou-se folclórico o fato de, da primeira vez que pisou numa avenida de desfiles para exercer a função de mestre-sala, até a sua última exibição, ter sido avaliado apenas com notas máximas. Brilhante. Rei. Príncipe. Medalha de ouro. Todos, adjetivos acumulados pelo célebre mestre-sala.</p>	Ala Avante Mangueira (1928)	Direção de Carnaval
20	<p><b>Ele e Elas</b></p> 	<p>Por tudo que foi dito sobre as parceiras de dança que participaram não apenas da formação de excelência do mestre-sala, mas também por terem contribuído de maneira decisiva para a obtenção das notas máximas que levaram o personagem à consagração, não cortejar as figuras de Nininha Xoxoba, Neide e Mocinha de maneira coerente com a relevância dessas mulheres para a trajetória do mestre-sala seria um equívoco. Para tal, o figurino da ala ELE E ELAS recria uma fantasia principesca - ao gosto do imaginário estético dos desfiles à época em que o mestre-sala atuou – que ergue junto ao visual geral que desfila um conjunto de estandartes que estampam lúdicas imagens das três porta-bandeiras cortejadas pelo personagem ao longo de mais de três décadas.</p>	<p>Ala Amigos do Embalo (1928)</p> <p>Ala Acauã (1928)</p>	Direção de Carnaval


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figuristas)

Leandro Vieira

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<b>A Apoteose de Uma Carreira</b> 	<p>O reinado do lendário mestre-sala durou até o carnaval de 1984, ano do famoso supercampeonato da escola (com o enredo “Yes, nós temos Braguinha”) quando a verde e rosa conquistou histórica realização. A apoteose triunfal - jamais repetida por nenhuma outra instituição carnavalesca – marca também o último desfile de Delegado na função de mestre-sala. Na ocasião, sua exibição ao som do samba de Jurandir, Hélio Turco, Comprido, Arroz e Jajá é o epílogo da carreira de um mestre-sala bem sucedido.</p> <p>Aposentou-se supercampeão do carnaval carioca, nota dez, celebrado e cortejado no primeiro desfile do recém-inaugurado Sambódromo. Marcou época e fez escola na carreira que o consagrou.</p> <p>Para mencionar seu último desfile como mestre-sala, a ala faz menção ao personagem central de um dos mais inspirados versos do samba que embalou aquele desfile, o pierrô que inspira o popular trecho – e figurino construído em tons de rosa para uma das alas mais famosas do carnaval que leva a assinatura do carnavalesco Max Lopes: “chora pierrô chora, se a sua colombina, for embora...”</p> <p>Nostalgia e lirismo para lembrar o desfile de 1984, marco do carnaval carioca, e a aposentadoria – coroada com notas máximas e um campeonato – do lendário mestre-sala.</p>	Ala Nação Mangueirense (1928)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, nº 60 – Barracão 13 – Cidade do Samba – Gamboa	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Leandro Vieira	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Sirley, Russa e Eliana.	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Equipe de aderecistas
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Augusto, Rogério, Gustavo, Cléia.	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Alberto
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  Leandro Assis - Pintura de Arte  Vitor Negromonte - Trabalho em Vime  Élcio - Estruturas em arame moldado  Aloisio - Artesão em EVA	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b> Moacyr Luz, Pedro Terra, Bruno Souza e Leandro Almeida		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> Conselho de Carnaval		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 100 (cem)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Hélio Turco 87 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Guilherme Urbano Lins 22 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Mangueira... teu cenário é poesia                  Liberdade e autonomia                  Que o negro conquistou ôôôô                  Mangueira... a Alvorada anuncia                  O legado, a dinastia                  A sabedoria se chama Angenor                  Nesse solo sagrado o samba ecoou                  Tem cantor, mestre-sala e compositor                  Lustrando sapato, vendendo jornal                  Chapéu de pedreiro no mesmo quintal                  Três iluminados reis do Carnaval</p>		
<p><b>As rosas não falam, mas são de Mangueira</b>  <b>Eu vi seu Laurindo beijando a bandeira</b>  <b>José Clementino na flor da idade</b>  <b>O sol colorindo a minha saudade</b></p>		<b>BIS</b>
<p>É verde e rosa a inspiração                  A devoração por toda nossa raiz                  Quem traz a cor dessa nação                  Sabe que o morro é um país                  A voz do meu terreiro imortaliza o samba                  E quem guardou com amor o nosso pavilhão                  Tem aos seus pés a nossa gratidão</p>		
<p><b>Só sei que Mangueira é um céu estrelado</b>  <b>Não é brincadeira sou apaixonado</b>  <b>A Estação Primeira relembra o passado</b>  <b>Valei-me Cartola, Jamelão e Delegado</b></p>		<b>BIS</b>

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

O SAMBA-ENREDO DA MANGUEIRA E A TRINDADE ENCANTADA

**Por Ivan C. Proença**

Só o talento de compositores solucionaria com tanta competência a tensão entre letra (poética) e melodia deste notável samba de enredo. E se prova, mais uma vez, que conteúdo é forma que vem à tona.

Já nos primeiros versos se verifica que a metáfora do cenário (intertextual) assim se evidencia: poesia esteticamente, e somatório de significados (benditos) na liberdade, na autonomia “que o negro conquistou” (Literatura ideologia e não ciência). Outras metáforas surgirão, “a inspiração é verde e rosa, o morro é um país, Mangueira é céu estrelado”, definindo a enumeração conjuntiva inspiração, morro e Mangueira. Sempre, exaltação hiperbólica, justa e verossímil, daquele “solo sagrado”. As ondulações melódicas são acompanhadas, aqui e ali, por sínopes nos versos, tão usuais, e importantes, no cancionário popular.

Formalmente heterométrico (ritmo dissimétrico), múltiplo esquema rítmico, ora paralelas (a rimas), ora alternadas como no cadenciado refrão do introito e desfecho, em redondilha menor e curioso ritmo de repouso no último verso. As homenagens à trindade encantada, Jamelão, Delegado e Cartola remetem-nos ao engraxate, ao jornaleiro, ao chapéu de pedreiro. Isto é, um compositor, um cantor, um bailarino evoluindo, e uma imaginária porta-bandeira. Todos anunciados por uma alvorada, mais que arrebol, um toque ao som do qual iluminam-se trindade e cenário: alegoria, imagística a consagrar os protagonistas.

Tudo, através forte e “retumbante” sonoridade que se amplia nas aliterações e coliterações da poética, “nesse solo sagrado o samba ecoou”, em sintagma diacrítico. E nas nasalizações ao longo dos versos (curiosamente presentes também nos nomes próprios Laurindo, Clementino, Angenor). Aliás, sempre lembrando que se trata de uma trindade de intérpretes (Jamelão, nunca “puxador”), de um “centrefór” (alto e bom cabeceador Delegado do Cerâmica F.C.), e do milagroso Cartola que fez falarem as rosas porque “as rosas não falam”, intertexto no samba.

Os versos finais lembram que, assim, através este enredo e este samba, a Mangueira “relembra o passado”. Curiosa adoção do topos Ubi sunt? da poética. Onde estão os tempos “idos e vividos?” A Mangueira tem um passado de glórias e dignidade que engrandecem a cultura popular brasileira. Com este enredo, e este samba, Cartola, Jamelão e Delegado continuam vivendo.

Por isso, clamamos como quem pede a benção:

*VALEI-ME CARTOLA, JAMELÃO E DELEGADO!*

*VALEI-ME CARTOLA, JAMELÃO E DELEGADO!*

*VALEI-ME CARTOLA, JAMELÃO E DELEGADO!*

**SOBRE IVAN C. PROENÇA:**

Ivan C. Proença é professor universitário, mestre e Doutor em Literatura Brasileira. Membro da Academia Carioca de Letras, da Academia Brasileira de Cordel, do Pen Clube do Brasil, Conselheiro da ABI, Diretor da OLIP (Oficina Literária Ivan Proença, completando agora 50 anos). Autor de inúmeros livros de Literatura e Cultura Brasileira (Prêmio Especial Esso de Literatura). Cargos que ocupou: Diretor de Cultura do Estado do RJ e Diretor de Projetos Especiais (governos L.M. Brizola), Presidente do Conselho de Carnaval da Riotur (10 anos), Assessor Cultural do SESC/RJ, Assessor editorial da Ed. José Olympio, Presidente da Comissão de Folclore do RJ, Presidente do Conselho Deliberativo da ABI (3 gestões), Palestrante (aulas) inclusive sobre enredo e samba de enredo (autor de critério de julgamento), Julgador de quesitos enredo e samba-de-enredo.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Mestre Wesley Assunção

**Outros Diretores de Bateria**

Jaguara Filho, André Carta Marcada, Cezinha, Zé Campos, Gago, Gaucho e Taranta Neto.

**Total de Componentes da Bateria**

250 (duzentos e cinquenta) componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
20	0	28 (Surdo Mor)	0	20
<b>Caixa</b> 70	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 30	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 32
<b>Prato</b> 10	<b>Agogô</b> 0	<b>Cuíca</b> 20	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 20

**Outras informações julgadas necessárias**

Mantendo a tradição de que o comando de sua bateria é sempre entregue a um de nossos “meninos” - herdeiros dos Mestres Waldomiro, Seu Tinguinha, Lúcio Pato e China Florípedes, os “arquitetos” responsáveis pela batida do surdo sem resposta - a Estação Primeira de Mangueira segue investindo na “prata da casa” para manter-se orgulhosa com os feitos da bateria “Tem que Respeitar Meu Tamborim.”

Em seu terceiro ano à frente dos ritmistas da verde e rosa, Mestre Wesley Assunção vem se preparando juntamente com os seus diretores auxiliares para, mais uma vez, levar à Sapucaí a mais pura tradição do ritmo característico da bateria da Estação Primeira. Mantendo a formação dos tamborins à frente, juntamente com a “cozinha”, equalizando melhor a bateria e, realçando os desenhos e as convenções do naipe de forma mais limpa, seguimos buscando a excelência rítmica em função da dedicação de nossos ritmistas empenhados e comprometidos com uma rotina de inúmeros ensaios.

Dedicados, incansáveis, precisos, técnicos e disciplinados, nossos ritmistas são a garantia da qualidade plena de nosso ritmo. Virtuosity, eles emprestam a cadência necessária para que a melodia de nosso samba brilhe. Na medida exata, valorizando e servindo a linha melódica do samba que a comunidade canta, a bateria não só abrilhanta a apresentação do Grêmio, como também, impulsiona a vibração de nossos componentes.

**SOBRE O MESTRE WESLEY ASSUNÇÃO**

Oriundo da Ala da Bateria da Mangueira do Amanhã, Mestre Wesley Assunção esteve presente na primeira formação da nossa Bateria Mirim. Lá, destacou-se pela qualidade musical e não demorou para tornar-se uma liderança na função de diretor. Wesley, à frente da bateria mirim, passou a ser um dos coordenadores e diretor dos projetos sociais que a escola oferecia. Em consequência disso, foi escolhido para ser o mestre dos ritmistas que participaram do concurso PÊ NO FUTURO.

Músico e percussionista - com participação em bandas e projetos musicais - foi oficializado primeiro mestre de bateria da Estação Primeira de Mangueira em abril de 2018. Já em seu primeiro carnaval no comando dos ritmistas - no ano de 2019 - Mestre Wesley obteve pontuação máxima na avaliação do quesito. Desde então, segue realizando um intenso trabalho de ensaios, estudos e preparação técnica para manter a performance dos ritmistas que desfilam sob seu comando.



**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Renato Kort

**Outros Diretores de Harmonia**

Helton Dias, Dalton Ferreira, Paulo Asprila, João Carlos, Bernard Oliveira, Moreira, Fábio Vinicius, Marcelo Radar, Ricardo SPQP, Márcio, Lacyr, Otávio Sales, Valnei, Júnior Orlandi, Di Michel Velasco e Simone Rosa.

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

20 (vinte) componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Marquinho Art`Samba (Intérprete principal) / Douglas Diniz (Cantor de apoio) / Leandro Santos (Cantor de apoio) / Lequinho (Cantor de apoio) / Psé (Cantor de apoio)

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Violão de seis cordas – Márcio Ricardo e Thiago Almeida

Cavaquinho – Digão

Cavaquinho com afinação de bandolim: Luís Paulo

Diretor Musical – Alemão do Cavaco

**Outras informações julgadas necessárias**

**"Só sei que Mangueira é um céu estrelado, não é brincadeira sou apaixonado"**

TRECHO DO SAMBA ENREDO ANGENOR, JOSÉ & LAURINDO  
(Compositores: Moacyr Luz, Pedro Terra, Bruno Souza e Leandro Almeida)

A paixão pelo canto coletivo em nossa escola vem de longe, desde a fundação da Estação Primeira de Mangueira pelos grandes mestres do passado. Nessa época, o lendário Chico Porrão, nosso ensaiador - hoje chamado diretor Harmonia - reunia as pastoras da Escola para aprenderem a cantar o samba enredo, sem a utilização de nenhum prospecto com a letra.

Após o compositor cantar umas quatro vezes a composição escolhida para o desfile, Chico Porrão levantava o seu bastão de madeira e dizia: Atenção minhas pastoras, cantem forte e a plenos pulmões pois o Chão da Estação Primeira - embalado pelo ritmo quente da nossa Bateria - vai fazer todo o povo vibrar.

A tradição do canto forte se manteve com a ascensão do grande Mestre Xangô, valorizando ainda mais o desempenho empolgante de nossa Escola. Incrementando nos ensaios uma harmonia pulsante que valorizou ainda mais o chão forte da nossa querida Mangueira.

Mantendo essa tradição, com a escolha do samba-enredo que apresentamos em desfile, optamos pela seleção de uma obra musical não apenas digna dos homenageados pelo enredo proposto - visto que a Estação Primeira de Mangueira é uma escola famosa por prestar homenagens – mas, também, digno de uma escola que se destaca pela emoção de cantar sua história, sua gente e suas glórias.

A cada dia de ensaio de canto na quadra, essa emoção característica aflorava de maneira crescente, sendo possível observá-la em cada componente. A manutenção da emoção e da garra não foi diferente quando passamos a realizar os ensaios de rua. Neles, o entrosamento perfeito entre o canto e o ritmo pode ser valorizado pela equipe de harmonia de cordas da Escola.

Equipe essa que abrilhanta cada nota de nossos desenhos melódicos, que acompanha cada naipe de instrumentos de nossa bateria, e respeita, de maneira rigorosa, aquilo que o manual do julgador prevê: "o perfeito entrosamento entre o canto e o ritmo".

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Conselho de Carnaval

**Outros Diretores de Evolução**

Conselho de Carnaval

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

15 (quinze) componentes

**Principais Passistas Femininos**

Evelyn Bastos, Laisa Rebeca, Claudiene, Amanda Mattos, Kamila Roberta, Luciana Pereira, Adrielle e Vitória Rodrigues.

**Principais Passistas Masculinos**

Serginho do Pandeiro, Pablo Luís, Douglas Cardoso, Rick Chesther, Luís Cláudio e Alan Pereira

**Outras informações julgadas necessárias**

*“Boa Noite, chegou  
A Estação Primeira meu Senhor  
Com a Cadência da sua Bateria  
Suas Pastoras cantando com euforia”*

(Trecho de “Boa noite”, samba de Éneas Brites e Aloísio Costa)

Mantendo uma das suas principais características, a Estação Primeira de Mangueira desfila garbosa e feliz nessa justa homenagem aos seus grandes mestres. Valorizando o samba no pé, o gingado que conduz a evolução de nossa gente e a cadência ditada por nossa bateria, evuiremos de maneira à proporcionar ao público emoção e alegria. Com isso, não deixamos dúvidas: “Quem chegou foi a Mangueira, a Rainha do Carnaval.”

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Conselho de Carnaval		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Conselho de Carnaval		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> Conselho de Carnaval		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> Catarina, Yuri Taynana, Cláudia e Luiz		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> 60 (sessenta)	<b>Quantidade de Meninas</b> 30 (trinta)	<b>Quantidade de Meninos</b> 30 (trinta)
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Nelci Gomes		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 (oitenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Nadeche 83 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Raquel Barbosa 20 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Ermenegilda Dias – Dona Gilda.		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 70 (setenta)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Dona Ilca 95 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Seu Carlinhos 68 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Alcione, Leci Brandão e Rosemary		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Priscilla Mota, Rodrigo Negri, Leandro Vieira

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Priscilla Mota e Rodrigo Negri

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
15 (quinze)	0	15 (quinze)

**Outras informações julgadas necessárias**

**“TEMPOS IDOS”**

“E muito bem representado por inspiração de geniais artistas, o nosso samba, humilde samba, foi de conquistas em conquistas.”

(Trecho de TEMPOS IDOS, canção de Angenor de Oliveira, o famoso Cartola).

Mergulhada no ambiente nostálgico que caracteriza a abertura do desfile Mangueirense, em linhas gerais, a comissão de frente revela a singeleza do sambista do morro que, ao vestir-se de verde e rosa, é uma estrela na avenida que recebe os dias de folia. Diálogo poético com a performance original das antigas comissões de frente – quando a velha-guarda ocupava o centro das atenções no quesito – a exibição anuncia que a escola que desfila busca, nas gavetas que guardam suas memórias, uma maneira de reverenciar o legado passado como tradição em meio a um cenário lúdico e permissivo.

**INFORMAÇÕES TÉCNICAS:**

Cenografia – Tuca Mariana e Penha Maria

Figurista - Leandro Vieira

Confecção de Figurinos - Atelier Avant Premiere

Produção – KBMK Produções

Preparação Teatral - Tauã Delmiro

Visagismo e Maquiagem – Beto Carramanhos e Pietro Schlage

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**SOBRE OS COREOGRAFOS:**

Priscilla e Rodrigo assinam pelo terceiro ano a Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira. Depois de 13 anos de avenida, com passagens na Unidos da Tijuca e Grande Rio, 4 títulos conquistados e os mais importantes prêmios do carnaval, na verde e rosa ao lado de Leandro Vieira, unem inovação com tradição, criatividade com versatilidade.

Primeiros Solistas do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, os bailarinos Priscilla Mota e Rodrigo Negri se consagraram no Carnaval através do trabalho criativo e envolvente que marcam suas comissões de frente.

Formada em balé clássico, jazz, tap dance e dança contemporânea, a dupla ganhou fama no cenário carnavalesco ao apresentar soluções irreverentes e ousadas no quesito que abre o desfile das escolas de samba. Nos últimos anos, Priscilla e Rodrigo, que já foram agraciados com a Medalha de Mérito Artístico do Conseil International de La Danse Cid, da Unesco, pela positiva contribuição à dança, receberam dezenas de prêmios pela atuação no Carnaval, entre eles o Estandarte de Ouro, honraria concedida pelo Jornal O Globo, em 2010, quando emprestaram seu talento à Unidos da Tijuca, ano em que fizeram seu elenco realizar uma eletrizante troca de roupas, que impressionou a todos. O feito ainda rendeu o título, em eleição também promovida pelo Globo, de “melhor comissão de frente da história”. Em 2018 ganharam na categoria inédita o Estandarte de Ouro de Inovação.

Diretores artísticos da produtora Art +, Priscilla e Rodrigo já abrilhantaram grandes eventos no Brasil e no exterior, recebendo em 2020 a comenda dos Embaixadores do Rio de Janeiro pelo Empreendedorismo artístico e cultural. Em 2021, a convite de Abel Gomes, criaram o show que representou São Paulo na Expo Dubai 2020. Foram 10 apresentações no pavilhão do Brasil.

Criaram o show de Ivete Sangalo para o Rock in Rio e tourne À Vontade.

Nos Jogos Olímpicos Rio de 2016, fizeram coreografia especial que foi apresentada ao longo dos Jogos em 30 apresentações. Foram os responsáveis pelo entretenimento das áreas VIPs da FIFA, durante a Copa do Mundo do Brasil 2014. Foram coreógrafos do Brazilian Carnival Ball no Canadá, Shows na Itália e Angola, além de apresentações exclusivas para o ex-primeira dama dos Estados Unidos, Michelle Obama.

O talento da dupla também encanta marcas mundialmente famosas, como Coca-Cola, Bradesco, Renault, Polishop, Omega e DoTerra que já contrataram os dois para grandes eventos.

Seu grupo totaliza mais de 500 apresentações nacionais e internacionais, que se refletem nos desfiles através do bom entrosamento de toda a equipe que compõe a comissão de frente.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**DEMAIS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS:**

**Beto Carramanhos - Visagista e maquiador**

Profissional há 30 anos especializado na área de beleza, Beto é consagrado por assinar o visagismo dos maiores musicais produzidos no Brasil, como: Cinderella, Kiss me Kate, Noviça Rebelde, O Mágico de Oz, Família Adams, entre outros. Além disso, é apresentador do quadro "Tapa no Visual", no programa Mais Você e "Acredita na Peruca" do Multishow.

**Pietro Schlager - Caracterizador de Personagens**

Há mais de 15 anos no mercado produzindo personagens, dirigindo videoclipes, conteúdo para internet e publicidade. Makeup Fx formado pela MUD, Los Angeles. Pietro é uma das referências em efeitos especiais e caracterizações no país.

**Tauã Delmiro - Preparação Teatral**

Tauã Delmiro é ator, compositor, dramaturgo e diretor teatral.

Em 2021 foi destaque da lista Under 30 da Forbes Brasil, com jovens de até 30 anos mais promissores do país.

Foi indicado a melhor ator em teatro musical no Prêmio Cesgranrio e no Prêmio Botequim Cultural com o espetáculo "70 – Década do Divino Maravilhoso – Doc. Musical" (2018). Em "Title of Show" (2017), foi indicado como melhor diretor. Com seu monólogo infantil "O Edredom" (2015) recebeu 12 indicações para prêmios de teatro infanto-juvenil e saiu vitorioso em 4 delas.

**Tuca Mariana - Arte e Cenografia**

Arquiteta e urbanista, trabalhou na área de restauro do patrimônio histórico por oito anos, com passagem em instituições como o Museu Nacional de Belas Artes e a Casa Rui Barbosa. Desde 2014 se dedica a trabalhos de arte para o teatro, cinema e tv (onde foi aderecista para a novela "Meu Pedacinho de Chão"). No teatro, assinou cenografias de espetáculos de diretores como Pedro Brício e Isabel Cavalcanti. Foi indicada ao prêmio CBTIJ de teatro como aderecista em 2015 e 2018; fez diversas assistências e adereços tanto no teatro quanto no audiovisual trabalhando com cenógrafas consagradas como: Aurora dos Campos, Dina Salem Levy, André Cortez e Bia Lessa.

**Penha Maria - Arte e Cenografia**

Artesã especializada em carnaval. Começou a trabalhar com Lícia Lacerda em 1993. Com passagens pela Imperatriz Leopoldinense e São Clemente como assistente de Rosa Magalhães, além de Mangueira e Império Serrano.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Matheus Olivério	<b>Idade</b> 34 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Squel Jorgea	<b>Idade</b> 39 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Renan Oliveira	<b>Idade</b> 31 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Débora Almeida	<b>Idade</b> 35 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**SOBRE O PRIMEIRO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA:**

**“DINASTIA VERDE E ROSA”**



No setor que celebra José Bispo Clementino dos Santos – o lendário Jamelão – Squel Jorgea e Matheus Olivério vestem as cores da Mangueira para fazerem parte do contexto que aborda a chegada do intérprete à Primeira Estação. Eles personificam a própria escola. São a extensão do pavilhão que fez com que o mestre da voz se curvasse diante da magnitude do grêmio carnavalesco que o artista conheceu na “flor da idade” e onde fez longa carreira.

Bebendo da fonte daqueles que fizeram história com a arte do mestre-sala e da porta-bandeira pela verde e rosa, o casal apresenta bailado que faz menção simbólica aos antigos desfiles, respeitando a essência da arte que os inspira a continuar o legado que lhes foi transmitido. Para tal, ambos incorporaram a seu repertório coreográfico movimentos que remetem aos icônicos mestres da dança que fizeram história na agremiação.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### **DADOS SOBRE PO PRIMEIRO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA:**

SQUEL JORGEA, ainda na infância "mergulhou" no universo do carnaval carioca ouvindo as estórias e memórias que giravam em torno do seu avô, e dos antigos desfiles da Estação Primeira.

Neta do "Xangô" que carregava a "Mangueira" como sobrenome, aos nove anos ingressou no GRES Acadêmicos do Grande Rio, onde foi baianinha, cruzou a avenida de passista e iniciou o aprendizado sobre a arte da porta-bandeira. Pela Agremiação de Caxias, Squel, desfilou por dezenove anos, sendo onze carnavais como a Primeira Porta- Bandeira da Escola.

Tendo uma breve passagem pela Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2013, seu encontro com a estimada escola de seu avô – a Estação Primeira de Mangueira - se dá em 2014. Na verde e rosa, a Porta- Bandeira, realiza conquistas importantes para a sua carreira: dois Estandartes de Ouro e dois títulos de Campeã do Carnaval. Convém destacar que em 2022, Squel Jorgea completa uma marca que merece ser celebrada e é motivo de orgulho: São vinte anos de carreira, como Primeira Porta-Bandeira.

MATHEUS OLIVÉRIO ingressou na verde e rosa com apenas oito anos de idade na ala das crianças. Fez parte dos projetos sociais da Vila Olímpica da Mangueira, onde se tornou destacado instrutor e personalidade festejada no ensino de samba no pé à crianças e adultos. Premiado com Estandarte de Ouro - entre outros prêmios - de melhor passista, não demora para que sua habilidade com as tradições do samba leve o jovem ao posto de segundo mestre-sala da verde e rosa.

Na função exercida por uma década, Matheus amadurece e aperfeiçoa o bailado tradicional atribuído a exibição do mestre-sala, para, em 2017, receber o convite que lhe possibilita defender o primeiro pavilhão do GRES Estação Primeira de Mangueira.

Juntos, SQUEL E MATHEUS são a continuidade de uma dinastia sanguínea da verde e rosa. Tio e sobrinha. São filho e neta do lendário Rei do Partido do Alto e histórico Mestre de Harmonia, Xangô da Mangueira.

Em parceria – no ano de 2018 - a dupla inicia uma atividade onde ministram aulas em um projeto social sobre a arte do mestre-sala e da porta-bandeira. Ambos são professores que atendem crianças e adolescentes do Estado do Rio de Janeiro. Há seis anos são parceiros de dança, tendo o bailado tradicional como a característica que norteia o bailado que apresentam. Mergulhados na essência do quesito, buscam honrar antecessores como o mestre-sala Delegado – homenageado pelo enredo da Estação Primeira em 2022 - e a inesquecível porta-bandeira Neide.

#### **DADOS SOBRE A ORIENTADORA DO PRIMEIRO CASAL:**

Ana Paula Lessa é ex- bailarina, coreógrafa e professora do Elevé Ballet Studio. Há 8 anos na Estação Primeira de Mangueira, ela desenvolve um trabalho de refinamento artístico, respeitando o bailado tradicional do casal e característico do quesito.



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**DADOS SOBRE O SEGUNDO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA:**

**“AOS SEUS PÉS A NOSSA GRATIDÃO”**



Renan Oliveira e Débora Almeida vestem figurino que remete aos antigos perfis visuais dos casais de mestre-sala e porta-bandeira para espalharem nostalgia, poesia e reverência. Juntos, inauguram o setor de desfile que celebra a figura do icônico mestre-sala Delegado. Para tal, o figurino que embeleza a exibição da dupla, remete ao visual clássico eternizado no imaginário coletivo do quesito: A nobre figura carnavalesca que se veste de “príncipe e princesa” para bailarem nos desfiles das Escolas de Samba.



# **G.R.E.S. ACADÊMICOS DO SALGUEIRO**



**PRESIDENTE**  
**ANDRÉ VAZ DA SILVA**



# *“Resistência”*



**Carnavalesco**  
**ALEX DE SOUZA**



**FICHA TÉCNICA****Enredo**

<b>Enredo</b> “Resistência”					
<b>Carnavalesco</b> Alex de Souza					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Dra. Helena Theodoro					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Paulo Barros					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Eduardo Pinto, Marcelo Pires e Paulo Barros					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	<i>O Quilombismo - documentos de uma militância panafricanista</i>	NASCIMENTO, Abdias	Perspectiva	2019	Todas
02	<i>História dos Candomblés do Rio de Janeiro</i>	BENISTE, José	Bertrand Brasil	2020	Todas
03	<i>Rio Negro</i>	LOPES, Nei	Record	2015	Todas
04	<i>Dicionário da Hinterlândia Carioca</i>	LOPES, Nei	Pallas	2012	Todas
05	<i>Enciclopédia da Diáspora Africana</i>	LOPES, Nei	Selo Negro	2011	Todas
06	<i>Afro – Brasil Reluzente. 100 Personalidades Notáveis do Século XX</i>	LOPES, Nei	Nova Fronteira	2019	Todas
07	<i>Filosofias Africanas</i>	LOPES, Nei; SIMAS, Luis Antonio	Civilização Brasileira	2020	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
08	<i>Dicionário Social do Samba</i>	LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio	Civilização Brasileira	2015	Todas
09	<i>O Corpo Encantado Das Ruas</i>	SIMAS, Luiz Antonio	Civilização Brasileira	2019	Todas
10	<i>Pedrinhas Miudinhas</i>	SIMAS, Luiz Antonio	Mórula	2013	Todas
11	<i>Almanaque Brasilidades. Um Inventário do Brasil Popular</i>	SIMAS, Luiz Antonio	Bazar do Tempo	2018	Todas
12	<i>Umbanda, Uma História do Brasil</i>	SIMAS, Luiz Antonio	Civilização Brasileira	2021	Todas
13	<i>Salgueiro – Academia do Samba</i>	COSTA, Haroldo	Record	1984	Todas
14	<i>O Encarnado e o Branco</i>	PAMPLONA, Fernando	Nova Terra	2013	Todas
15	<i>Haroldo Costa – Coleção Gente</i>	Departamento de Pesquisa Universidade Estácio de Sá	Editora Rio	2003	Todas
16	<i>Mitologia dos Orixás</i>	PRANDI, Reginaldo	Companhia das Letras	2001	Todas
17	<i>As Sinhás Pretas da Bahia, suas escravas, suas joias</i>	RISÉRIO, Antonio	Topbook	2021	Todas



## FICHA TÉCNICA

## Enredo

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
18	<i>À Procura Deles</i>	PRIORE, Mary Del	Benvirá	2021	Todas
19	<i>Cidade Porosa – Dois Séculos de História Cultural do Rio de Janeiro</i>	Carvalho, Bruno	Objetiva	2013	Todas
20	<i>Enciclopédia Negra</i>	GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz	Companhia das Letras	2021	Todas
21	<i>A Alma Encantadora das Ruas</i>	RIO, João do	Companhia das Letras	1997	Todas
22	<i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i>	CASCUDO, Luiz da Câmara	Global Editora	2000	Todas
23	<i>O Negro no Futebol Brasileiro</i>	FILHO, Mario	Mauad X	2010	Todas
24	<i>Negro e Cultura no Brasil</i>	THEODORO, Helena	Revan-UNESCO	1987	Todas
25	<i>Mito e Espiritualidade – Mulheres Negras</i>	THEODORO, Helena	Pallas	1996	Todas
26	<i>Giro Ancestral – A Sublime Dança do Casal de Mestre-Sala e Porta - Bandeira</i>	FREIRE, Beatriz; YAMOTO, Juliana	Carnavalize	2021	Todas

**FICHA TÉCNICA****Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
27	<i>Dicionário do Balé e da Dança</i>	FARO, Antônio José; SAMPAIO. Luiz Paulo	Jorge Zahar Editora	1989	Todas
28	<i>O Sagrado No Jogo da Capoeira. Textos escolhidos de cultura e arte popular</i>	COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas		v. 10, nº 01, mai 2013	Todas
29	<i>Samba, o dono do corpo</i>	SODRÉ, Muniz	Mauad	1998	Todas
30	<i>Lugar de Fala</i>	RIBEIRO, Djamilia	Pólem	2019	Todas
31	<i>Pequeno Manual Antirracista</i>	RIBEIRO, Djamilia	Companhia das Letras	2019	Todas
32	<i>Pra tudo começar na quinta-feira: O enredo dos enredos</i>	FABATO, Fábio; SIMAS Luiz Antônio Simas	Mórula Editorial	2015	Todas

**Outras informações julgadas necessárias****Sites utilizados:**

- <https://www.afroreggae.org/>
- <https://grupo-nos-do-morrooficial.negocio.site/>
- <https://mundonegro.inf.br/>
- <https://www.geledes.org.br/>
- <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/abolicao-da-escravatura-e-a-nova-escravizacao/>
- <https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2021/11/20/a-cor-da-consciencia-trajetorias-negras-versus-politicas-de-esquecimento.htm>
- <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/quilombo-do-leblon-conheca-historia-do-local-que-foi-palco-do-movimento-abolicionista.phtml>
- <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/11/17/evento-origens---painel-2.htm>

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

- <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/11/15/o-que-e-racismo-institucional-e-como-podemos-combate-lo.htm>
- <http://editoraunesp.com.br/blog/-da-abolicao-da-escravatura-aos-dias-atuais-populacao-negra-ainda-enfrenta-desafios>
- <https://www.todamateria.com.br/democracia-racial/>
- <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/06/lilia-moritz-schwarz-o-brasil-pratica-uma-politica-de-eufemismos-4785729.html>
- <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/democracia-racial-ideia-foi-adotada-no-brasil-pos-escravidao-e-ajuda-a-explicar-racismo-atual/#page19>
- <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/08/covid-deixou-45-dos-moradores-de-favelas-sem-emprego-mostra-fgv.htm>
- <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2021/11/20/reprimida-na-ditadura-cultura-negra-segue-vista-como-inimiga-por-militares.htm>
- <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/09/violencia-tem-cor-86-dos-1-814-mortos-pela-policia-do-rj-em-2019-eram-negros>
- [https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-na-educacao/?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=11358183974&utm\\_content=110865315986&utm\\_term=dados%20sobre%20racismo&gclid=Cj0KCKQiAsqOMBhDFARIsAFBTN3cyfmAZjlgSPmX64T31WiNWxJ5WL2hBTtmezCp9zv4qWzC1qZHuAtMaApOiEALw\\_wcB](https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-na-educacao/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=11358183974&utm_content=110865315986&utm_term=dados%20sobre%20racismo&gclid=Cj0KCKQiAsqOMBhDFARIsAFBTN3cyfmAZjlgSPmX64T31WiNWxJ5WL2hBTtmezCp9zv4qWzC1qZHuAtMaApOiEALw_wcB)
- <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2021/10/31/milly-lacombe-felipe-andreoli-e-o-passado-que-nao-se-pode-apagar.htm>
- <https://noticias.uol.com.br/colunas/andre-santana/2021/10/31/letieres-leite-e-the-voice-brasil-a-musica-negra-que-rompe-o-preconceito.htm>
- <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2021/10/21/milly-lacombe-por-que-a-favela-incomoda-tanto.htm>
- <https://otageek.com.br/2020/12/20/critica-favela-e-moda-quebra-padroes-com-moda-da-resistencia/>
- <https://www.papodecinema.com.br/filmes/favela-e-moda/>
- <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/10/12/existe-diferenca-entre-preconceito-e-racismo-entenda-os-termos.htm>
- <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/10/11/entre-os-bairros-mais-legais-do-mundo-saude-une-agito-e-tradicao-no-rio.htm>
- <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/quase-brancos-quase-pretos/#page7>
- <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2020/09/11/o-legado-do-best-seller-quarto-de-despejo-na-vida-de-mulheres-negras/>

## FICHA TÉCNICA

### Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

- [https://www.revistaprosaveroarte.com/por-que-a-capoeira-e-a-arte-mae-da-cultura-brasileira-e-da-identidade-nacional/?fbclid=IwAR2GlyLfoc1IMasWWtXUkU7z-on\\_Q3W6--UGZq1NeFYWvBviqBUh65UCdcY](https://www.revistaprosaveroarte.com/por-que-a-capoeira-e-a-arte-mae-da-cultura-brasileira-e-da-identidade-nacional/?fbclid=IwAR2GlyLfoc1IMasWWtXUkU7z-on_Q3W6--UGZq1NeFYWvBviqBUh65UCdcY)
- <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/18/como-a-divisao-de-terras-desde-1850-perpetua-desigualdade-racial-no-brasil.htm>
- <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/10/fora-do-bbb-cabelo-afro-e-alvo-de-perseguido-historico-brasil-entenda.htm>
- <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/serge-katemala-tambem-e-preciso-ter-uma-globalizacao-da-resistencia/#page5>
- <https://congressoemfoco.uol.com.br/blogs-e-opiniao/colunistas/mulheres-pretas-a-verdade-saindo-do-poco/>
- <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/03/20/no-flu-roger-encara-pioneiro-bangu-entre-lacos-na-luta-contra-o-racismo.htm>
- [https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/07/lia-vainer-schucman-se-tem-um-pais-que-e-supremacista-branco-e-o-brasil.htm?cmpid=copiaecola&fbclid=IwAR0HlcwDIzFgIJK9Ui3UvnhRGCiBQ\\_0ubCvH9iMLUHEFs6\\_7irj-DY0YdmU](https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/07/lia-vainer-schucman-se-tem-um-pais-que-e-supremacista-branco-e-o-brasil.htm?cmpid=copiaecola&fbclid=IwAR0HlcwDIzFgIJK9Ui3UvnhRGCiBQ_0ubCvH9iMLUHEFs6_7irj-DY0YdmU)
- <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/10/06/no-leblon-passado-abolicionista-e-escondido-sob-m-mais-carro-do-brasil.htm>
- <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/08/25/preto-ou-negro-qual-a-relacao-dos-termos-com-a-historia-do-brasil.htm>
- <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/luta-e-representatividade-entenda-historia-do-dia-da-mulher-negra-e-a-importancia-de-tereza-de-benguela.phtml>
- <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/21/magaluu-repete-trainee-so-para-negros-programa-foi-de-utilidade-publica.htm>
- <https://economia.uol.com.br/colunas/2021/07/23/racismo-instrumentos-analise-aprofundada.htm>
- <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51580785>
- <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/05/13/abolicao-nao-foi-um-presente-dado-por-brancos-diz-historiadora.htm>
- <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/abolicao-da-escravatura-e-a-nova-escravizacao/>
- <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/13/apos-132-anos-da-abolicao-brasil-ainda-nao-fez-a-devida-reparacao-da-escravidao>
- <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>
- <https://negrobelchior.com.br/o-dia-seguinte-ao-fim-da-escravidao/>
- <http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/186-movimento-negro-no-brasil-resistencia-e-lutas.html>
- <https://diplomatique.org.br/o-fortalecimento-da-identidade-negra-em-um-clube-do-rj/>

## FICHA TÉCNICA

### Enredo

#### **Outras informações julgadas necessárias**

Responsáveis pela concepção, execução e desenvolvimento do enredo, são os carnavalescos que dão o pontapé inicial ao projeto que, depois de quase um ano, vai se transformar em realidade na avenida de desfiles.

São eles os escritores, roteiristas, desenhistas, arquitetos, produtores e diretores responsáveis por levar o trabalho até a avenida para a catarse coletiva de cerca de três mil componentes e de 90 mil espectadores.

Após muitos carnavais, a função do carnavalesco cresceu em proporção direta ao processo de transformação de alguns aspectos dos desfiles das escolas de samba. Na corda bamba entre a consagração e o fracasso de uma agremiação, os carnavalescos se enveredam em pesquisas ou situações do dia a dia na busca de ideias para os desfiles. Cabe a eles encontrar soluções visuais que causem impacto para agradar componentes, jurados, jornalistas, comentaristas e público.

Berço das revoluções estéticas que mudaram para sempre o modo de fazer o carnaval, o Salgueiro se orgulha de ter dado início a essa profissão. Foi do visionário Néelson de Andrade, ex-presidente da escola, a ideia de convidar artistas plásticos - primeiro o casal Dirceu e Marie Louise Nery, em 1959, e, depois, Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, em 1960 - para se aventurarem na doce delícia de fazer carnaval. Estes professores iniciaram outros carnavalescos – Joãozinho Trinta, Renato Lage, Rosa Magalhães, Maria Augusta Rodrigues e Max Lopes -, que beberam na fonte salgueirense para espalhar a luminosidade vermelha e branca por outras escolas e outros carnavais.

Em 2022, o carnavalesco do Salgueiro é Alex de Souza. Estilista de formação, Alex trabalhou no ramo têxtil e como assistente de figurinos para TV antes de se enveredar pelo carnaval. Começou como assistente de Renato Lage, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Em 1996, em voo solo, fez sua estreia como carnavalesco em escolas dos grupos de acesso. Em 2005, foi campeão do Grupo A pelos Acadêmicos da Rocinha e levou a escola ao Grupo Especial. De lá pra cá, firmou-se na elite do carnaval carioca e passou de revelação a um dos melhores artistas do carnaval, assinando desfiles de escolas como Mocidade Independente, União da Ilha do Governador e Unidos de Vila Isabel.

Premiado inúmeras vezes, nas categorias figurinos e alegorias, Alex é dono de três Estandartes de Ouro do jornal O Globo de Enredo e quatro Prêmios Sambanet, entre outras premiações.

Seus figurinos do carnaval de 2014 foram selecionados para representar o Brasil na Costume at the Turn of the Century 1990 – 2015 (Figurinos na Virada do Século 1990 – 2015), no Bakhrushin State Theatre Museum, em Moscou, na Rússia. Exposição que traz grandes figurinos do teatro contemporâneo, que se destacam pela criatividade. O curador geral do projeto foi Dmitry Rodionov, com curadoria-chefe de Igor Roussanoff e curadoria brasileira de Rosane Muniz.

Paralelo a seu trabalho com o carnaval, Alex ministra palestras sobre enredo e desenvolvimento de enredo em universidades nacionais e internacionais, além de centros de pesquisa, como o CETE, de Porto Alegre.

Em 2022, Alex de Souza assina, pela quarta vez consecutiva, o carnaval dos Acadêmicos do Salgueiro com o objetivo (e a responsabilidade) de levar a escola a mais um campeonato.

## HISTÓRICO DO ENREDO

Maior cidade escravista das Américas, o Rio de Janeiro foi o palco da assinatura da Lei Áurea, diploma legal que extinguiu o trabalho cativo no Brasil. Abolir a escravidão, porém, não foi suficiente para promover as mudanças tão desejadas por todos nós. Abandonados pelo Império, continuamos sem condições para uma existência decente. Libertos, tornamo-nos prisioneiros da miséria nos cortiços, nas ruas, nos trabalhos precários e na ausência de direitos humanos e sociais básicos. Discriminados e marginalizados, sem cidadania, sem alternativas para uma vida digna, fomos lançados à nossa própria sorte. Excluídos – no dia seguinte, na década seguinte, no século seguinte – , vivemos, até hoje, sufocados.

Ser preto no Brasil e no Rio de Janeiro, hoje, é ter que lutar diariamente por respeito. Lutar para não ceder nem sucumbir à segregação e ao constrangimento promovidos pela sociedade e pelo Estado. É recusar os abusos e a submissão pela ausência de políticas públicas que poderiam promover melhores condições de vida. É não se deixar enganar pela pseudo “democracia racial”, sempre camuflada por hipocrisia, eufemismos ou subterfúgios mal disfarçados.

Aqui, ser preto é, acima de tudo, um ato de RESISTÊNCIA.

E, resistir, é ter nossa história, antes negada e silenciada, ressignificada e recontada no carnaval, lugar de alegria, mas também de diálogo com o mundo. Ao som dos tambores ancestrais, o Salgueiro foi pioneiro na introdução da temática africana nas escolas de samba. Seguiu na contramão da narrativa “oficial” do país e deu vez e voz aos personagens, heróis e protagonistas pretos. Como um Griô, transmitiu ricas histórias por meio de seus enredos e desfiles, consolidando a participação da escola no processo de resistência cultural e de luta contra o racismo institucional.

Resistir é plantar um legado nos “chãos” do Rio de Janeiro. Criamos Quilombos, lugares de resistência e insurgência, com estrutura política, econômica e social africana. Revivemos a história nas marcas deixadas na Pequena África, região que se destaca como lugar de acolhimento e também por personagens como as tias baianas festeiras da Praça XI, cozinheiras e Mães de Santo celebradas até hoje pela fantasia e pelo rodopio que as nossas Alas de Baianas exibem. Foram elas que formaram o espaço sociocultural do samba, entendido como extensão dos terreiros de Candomblé.

Resistir é professar nossa fé. Por ela nos unimos nas irmandades religiosas que faziam filantropia por justiça social. Construimos os terreiros de Candomblé, templos que são uma reinvenção do macro universo cultural e religioso trazido do continente africano. Desenvolvemos o Culto Omolokô e criamos a Umbanda, religião afro-brasileira surgida no Rio de Janeiro, que sincretiza elementos do Candomblé, do Espiritismo e do Catolicismo.

Resistir é expressar nossa cultura para manter a continuidade de valores civilizatórios. Com a benção dos orixás, entramos na cozinha, espaço de saber, para alimentar o corpo e a alma. Para transformar alimentos, hábitos e a própria culinária brasileira. Ao som dos atabaques, “compramos o jogo” nas rodas de capoeira e dançamos jongo ou caxambu. Pisamos nos gramados para expulsar os cabelos esticados e o pó-de-arroz que “disfarçavam” a cor da nossa pele. Colorimos as passarelas e as ruas com as formas, signos, símbolos, texturas e acessórios de nossa moda.

Resistir é fazer arte. Inquietos por representatividade e pela visibilidade que insistem em nos sonegar, criamos nossas próprias narrativas e espaços nas artes cênicas, como o Teatro Experimental do Negro. Assumimos nosso protagonismo e nos fizemos enxergar também por meio da literatura, da dança, das artes plásticas. Espalhamos para o mundo a vocação artística que reside em nós.

Resistir é festejar. É revelar nossa maneira de ser por meio das festas, do modo de celebrar a vida, do entusiasmo que propicia o resgate de nossa identidade e afirmação existencial. Desde o chorinho na Festa da Penha, passando pelas escolas de samba, afoxés e blocos afro. Pelo pagode à sombra da tamarineira, pelo funk carioca e pelo charmoso baile sob o viaduto de Madureira.

Resistir é existir.

É continuar a reverberar a coragem dos nossos heróis contemporâneos de pele preta.

É saber que somos frutos de uma mesma raiz de igualdade, fé, esperança, arte e vida.

É crer que nenhuma luta foi em vão. Que nenhuma luta será em vão.

É persistir no sonho de igualdade para que ele não seja silenciado.

É entender que, juntos, em cada passo e em cada pequena mudança, seguiremos adiante.

E é ter certeza que no dia em que fizermos cair todas as máscaras da discriminação, conseguiremos, enfim, respirar.

Autoria e curadoria: Dra. Helena Theodoro

Carnavalesco: Alex de Souza

Concepção: Eduardo Pinto e Marcelo Pires (Diretoria Cultural)

Texto: Paulo Barros

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Os diversos estudos e pesquisas realizados por instituições como IBGE, Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entre outras, nos mostram que a população negra é a mais afetada pelo analfabetismo, evasão escolar, baixa renda, falta de moradia e de saneamento básico, desemprego, violência – em especial a violência policial –, encarceramento e pela falta de representação entre lideranças nas esferas públicas e privadas.

Para os bons entendedores nem é necessário ter acesso a números, dados ou meias palavras para perceber o enorme abismo que existe na garantia dos direitos das pessoas negras no Brasil, um país paradoxal. Se, por um lado, somos formados por uma maioria negra – pretos e pardos são 56,2% do nosso povo, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019 –, por outro, temos uma minoria da população tentando, a todo custo, varrer o tratamento desigual para debaixo do tapete, evitando e adiando uma urgente e necessária transformação social, política e humana.

Ancorada pelo mito da “democracia racial”, que estabeleceu a falsa ideia de igualdade, harmonia e integração entre negros e brancos, a elite brasileira insiste em negar a existência do racismo, preconceito cruel e, em nosso país, diariamente escamoteado pelos eufemismos ou pela hipocrisia cotidiana mal disfarçada.

As práticas de desigualdade e de exclusão estão enraizadas em nossa sociedade, mas também (ou principalmente) nas estruturas do Estado, que pouco ou nada faz para mudar a realidade. O abismo existente, entretanto, é apenas a perpetuação dos aspectos históricos da formação do nosso país. Passados mais de cem anos da abolição da escravatura, a população negra continua a enfrentar as mazelas vividas por seus antepassados, razão pela qual é fundamental se ater à história para compreender os motivos da desigualdade racial em solo brasileiro nos dias de hoje.

### **Aspectos históricos do racismo no Brasil**

É evidente que o 13 de maio de 1888 foi um dia de festa e de muita comemoração. Afinal, a libertação tinha grande significado para os escravizados, que queriam ter de volta seu direito de ir e vir. Mas a realidade dos dias seguintes foi totalmente diferente do sonho de liberdade. Mais de 750 mil pessoas negras foram entregues à própria sorte, sem qualquer tipo de apoio ou auxílio para que pudessem ter as mínimas condições de sobrevivência. Os omissos artigos da Lei Áurea, escritos sem premissas humanitárias para pôr fim ao sistema escravocrata, não contemplaram as políticas públicas necessárias, incluindo uma mais que necessária reforma agrária para dar terras aos recém libertos, que, assim, poderiam ter trabalho e uma vida digna.



Homens e mulheres negros estavam livres, mas, sem o suporte necessário para serem integrados economicamente à sociedade, passaram a ser submetidos a situações adversas de trabalho, muitas vezes desumanas e com baixa ou nenhuma remuneração (uma nova forma de exploração). Sem emprego e sem moradia, foram punidos também por novas legislações, que estabeleceram padrões moralizadores apenas para segregar este grupo. A mendicância, a vadiagem (que, para os ricos, era ócio) e até a capoeira se transformaram em ameaças à ordem. Assim, para conveniência da elite branca, as pessoas negras foram retiradas dos espaços públicos e da convivência social, mudando sua condição de escravizada para a de marginal, em um processo de “embranquecimento” das cidades.

Mais de um século depois, a escravidão continua presente em nosso país sob diferentes formas de preconceito e discriminação, condenando pessoas pela cor da pele. É neste contexto que as escolas de samba, instituições com raízes na ancestralidade africana e que produzem um espetáculo de grande potência, desempenharam (e desempenham) um papel fundamental. São elas que, a partir do final da década de 1950, passam a dar voz ao debate acerca do ethos negro na sociedade brasileira e se transformam em uma caixa de ressonância, amplificando este discurso para o mundo. Por intermédio de seus enredos, sambas e desfiles, as escolas de samba assumiram, “oficiosamente”, a responsabilidade de transmitir para o imaginário popular aquilo que os bancos escolares e os livros não contavam: o outro lado das histórias da população negra e o reconhecimento de seus personagens e heróis negros.

E dentre todas as agremiações, destacam-se os Acadêmicos do Salgueiro, escola que não é “nem melhor, nem pior. Apenas diferente”, como diz o seu lema.

### **Salgueiro é Resistência**

É este “ser diferente” que vem à tona em 1959, quando Fernando Pamplona, professor da Escola de Belas Artes, é convidado a fazer o carnaval de 1960 para o Salgueiro. Ele sugere o enredo Quilombo dos Palmares, um local de resistência, que tinha como líder o negro Zumbi, figura até então desconhecida. Ao contar a saga de escravizados e excluídos que se agruparam na grande república de Palmares, o Salgueiro estava pronto para romper a ordem vigente nos desfiles das escolas de samba, de exaltação a marechais, gerais e fatos ufanistas da dita história oficial do país.

O curioso é que, em um primeiro momento, a ideia não foi bem recebida dentro da própria escola. O maior dos obstáculos foi convencer os salgueirenses a usarem roupas de tribos africanas, uma vez que o maior prazer do pessoal do morro era desfilar com fantasias de nobres e lordes na Praça Saenz Peña (no bairro da Tijuca, berço da agremiação) antes e depois de ir para a avenida. Mas, um a um, Pamplona explicou as razões e a importância do tema e conseguiu que seu enredo fosse entendido e adotado pelos componentes. Pela primeira vez no desfile das escolas de samba, o negro seria protagonista de sua própria história.

Com um lindo e grandioso espetáculo na avenida, os Acadêmicos ganhariam seu primeiro título. Mas, mais do que o campeonato, o Salgueiro deixava um importante legado. Ao apresentar um enredo do ponto de vista dos excluídos e marginalizados, a escola modificava a linguagem visual, estética e discursiva dos desfiles e iniciava uma revolução na história das escolas de samba. Com Quilombo dos Palmares, o Salgueiro abriu um portal que, dali pra frente, permitiu trazer conteúdos etnográficos e raciais para o debate, além de suscitar a discussão sobre a participação dos negros na formação social e cultural país.

Desde então, o Salgueiro se notabilizou pelos enredos de temática africana – Festa para um Rei Negro (1971), Valongo (1976), Do Yourubá à Luz, a Aurora dos Deuses (1978), O Bailar dos Ventos: Relampejou, mas não Choveu (1980), Skindô, Skindô (1984), Templo Negro em Tempo de Consciência Negra (1989), Senhoras do Ventre do Mundo (2018) e Xangô (2019) –, por aqueles que exaltavam personagens negros desconhecidos, como Aleijadinho (1961), Xica da Silva (1963), Chico-Rei (1964), Candaces (2007), a escritora Carolina de Jesus (em Senhoras do Ventre do Mundo, de 2018) e o palhaço Benjamim de Oliveira (2020) – e por tantos outros que tinham uma pitada africana que sempre fez bem à escola – como Bahia de Todos os Deuses (1969), Do Cauim ao Efó, com Moça Branca, Branquinha (1977), Tambor (2009), Gaia (2014) ou A Ópera dos Malandros (2016).

### **Resistir é existir**

Em 2022, ao apresentar o tema sobre a Resistência afro-brasileira no Rio de Janeiro, o Salgueiro tem a oportunidade de, mais uma vez, tornar visível o protagonismo negro e fazê-lo ecoar pelo mundo. E vai além: faz jus à sua história de resistência e também à sua própria raiz, personificada na figura de Djalma Sabiá, um de seus baluartes e fundador, o Griô salgueirense, aquele que nos “ensinou a ser diferente” e nos deixou em 2021.

É inegável que a história da resistência negra se sobressai por enfrentamentos, levantes e rebeliões. Mas ela também pode surgir por outros caminhos mais sutis – ainda que trilhados, até hoje, com muita luta e resiliência. O histórico de resistência se fez e se faz presente especialmente quando o povo preto (escravizados e seus descendentes) adentra pelas frestas e fissuras existentes nos muros do sistema dominante para (re)conquistar espaços, recriar guetos, manter a fé, reinventar relações sociais, viver a alegria de sua cultura e reverenciar suas heranças ancestrais.

Resistir é existir. Por isso, nos quadros, setores, alegorias, fantasias e alas que se sucederão no desfile dos Acadêmicos, a existência preta se fará presente. Haverá, claro, a provocação, um perspicaz “dedo na ferida”, mas haverá também – e principalmente – o enaltecimento à africanidade no Rio de Janeiro por intermédio do próprio histórico salgueirense, de lugares (como a Pequena África, a Pedra do Sal ou o Quilombo do Leblon), de práticas religiosas, da cultura (popular e erudita), da arte, das festas, das músicas, dos ritmos e das manifestações. Na avenida, o Salgueiro apresentará um grande mosaico, formado por diversos elementos identitários do povo preto que, mesmo à revelia, são partes importantes e fundamentais na “invenção” e na construção do Rio de Janeiro como cidade e do Brasil como nação.

O discurso salgueirense vem de dentro de uma escola de samba, de nossa quadra – antes chamada “terreiro” –, de nosso gueto, onde milhares de etnias se reuniram como família ancestral única. Uma fala negra com origem nas encruzilhadas, representando todos os caminhos que se cruzam para criar estradas e passagens livres, linhas de fuga para a igualdade social e racial.

Até hoje, todo o processo de existir do povo preto em nosso país tem sido desgastante e cansativo. Todos os avanços conseguidos ao longo dos anos são resultado de muitas lutas, embates, confrontos e conflitos (muitas vezes camuflados e negados). Por isso, hoje, a presença negra em qualquer espaço privado ou público – inclusive na Marquês de Sapucaí, por intermédio do desfile dos Acadêmicos do Salgueiro – significa mais uma batalha vencida. Significa viver a alteridade para continuar a acreditar que a situação de desigualdade pode e vai mudar. Por enquanto, infelizmente, ainda não é possível parar ou se omitir. Então, que sigamos, na avenida e fora dela, todos os dias, todas as horas, com o punho erguido e cerrado, símbolo da Resistência negra.

## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **ABERTURA – SALGUEIRO – UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

**Comissão de Frente  
AKIKANJU IJÓ**

Guardiões  
**NOSSOS  
HERÓIS**

**1º Casal de  
Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Sidclei Santos e Marcella Alves  
TRADIÇÃO SALGUEIRENSE**

Guardiões  
**NOSSOS  
HERÓIS**

**Ala 01 – Ala dos Negões (Comunidade)  
A PALMARES SALGUEIRENSE**

**Alegoria 01 – Abre-Alas  
SALGUEIRO, O GRIÔ DO SAMBA**

### **1º SETOR – RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADE**

**Ala 02 – Ala Odisseia (Comunidade)  
QUILOMBOLAS**

**Destaque de Chão  
Tia Glorinha  
CAMÉLIA, A FLOR DA ABOLIÇÃO**

**Ala 03 – Ala das Baianas  
CAMÉLIAS DO LEBLON**

**Ala 04 – Ala Divina Folia (Comunidade)  
PEQUENA ÁFRICA**

**Ala 05 – Ala Zuk & Ala Salgueiro  
DOM OBÁ II D'ÁFRICA**

**Ala 06 – Ala Explode Coração  
(Comunidade)  
TIAS BAIANAS**

Tripé  
PEQUENA ÁFRICA E A PEDRA DO SAL

**2º SETOR – RESISTIR PELA FÉ**

Ala 07 – Velha Guarda  
IRMANDADES RELIGIOSAS NEGRAS

Ala 08 – Ala Loucura Salgueirense  
(Comunidade)  
TERREIROS DE CANDOMBLÉ -  
ORIXÁS

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Luan Castro e Natália Pereira  
FALANGES**

Ala 09 – Ala Malandros Batuqueiros  
(Comunidade)  
OMOLOKÔ

Rainha de Bateria  
Viviane Araújo  
CABOCLA JUREMA

Ala 10 – Bateria  
UMBANDA – GIRA DE CABOCLO

Rei e Rainha dos Passistas  
REIS DA RUA

Ala 11 – Ala de Passistas  
POVO DE RUA

Ala 12 – Ala dos Guerreiros (Comunidade)  
FESTA DE IEMANJÁ

Tripé  
(integra o conjunto formado com a Ala 12)  
OFERENDAS PARA IEMANJÁ

Ala 13 – Ala dos Compositores  
PAIS DE SANTO

Destaque de Chão  
Rafaella Santos  
OPTCHÁ – SALVE O POVO CIGANO

**Alegoria 02**  
**RESPEITE A MINHA FÉ – MATRIZES**  
**AFRICANAS**

**3º SETOR – RESISTÊNCIA CULTURAL – DO POPULAR AO ERUDITO**

Ala 14 – Ala das Mariposas (Comunidade)  
CULINÁRIA (COMIDA DE SANTO)

Ala 15 – Ala dos Estudantes &  
Ala Raça Salgueirense  
CAPOEIRA

Ala 16 – Ala Amizade Salgueirense  
(Comunidade)  
O JONGO E O CAXAMBU

Ala 17 – Ala Amigos que Amam o Salgueiro  
(Comunidade)  
O NEGRO E O FUTEBOL CARIOCA

Ala 18 – Ala Inflasal & Ala Tati  
OS IMORTAIS

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Leonardo Moreira e Letícia Malaquias**  
**CENA PRETA**

Ala 19 – Ala Família Salgueirense  
(Comunidade)  
TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Destaque de Chão  
Fernanda Figueiredo  
DANÇA AFRO

Ala 20 – Ala das Bailarinas  
O CLÁSSICO E O  
AFRO DE MERCEDES BAPTISTA

**Alegoria 03**  
**A ARTE DE RESISTIR**

**4º SETOR – CANTA, DANÇAR E RESISTIR**

Ala 21 – Ala Fina Estampa  
O CHORO NA FESTA DA PENHA

Destaques de Chão  
Manoel Dionísio e Rita Freitas  
APRESENTADORES DOS CASAIS DE  
MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Ala 22 – Ala Juntos e Misturados  
(Comunidade)  
ESCOLAS DE SAMBA

Ala 23 – Ala Zé Carioca (Comunidade)  
AFOXÉ

Ala 24 – Ala Os Reis da Boêmia  
(Comunidade)  
BLOCOS AFRO

Destaque de Chão  
Bianca Salgueiro  
A RAINHA DO CACIQUE

Ala 25 – Ala Narcisa &  
Ala Paixão Salgueirense  
BLOCO CACIQUE DE RAMOS

Ala 26 – Ala Charme Salgueirense  
(Comunidade)  
BAILE CHARME DE MADUREIRA

Ala 27 – Ala do Maculelê  
FUNK

Destaque de Chão  
Edcléia Scafura  
MISS RENASCENÇA CLUBE

Tripé  
NA PISTA

Grupo de Dança  
SALGUEIRO É O CALDEIRÃO

**Alegoria 04**  
**BLACK CARIOCA**

**5º SETOR – RESISTÊNCIA E MOVIMENTOS SOCIAIS**

Ala 28 – Ala Salgueiro  
AFROREGGAE

Ala 29 – Ala Gaia (Comunidade)  
NÓS NO MORRO

Ala 30 – Ala das Domadoras (Comunidade)  
O SAMBA É DAS PRETINHAS

Ala 31 – Ala Fúria Salgueirense  
(Comunidade)  
FEIRA DAS YABÁS

Ala 32 – Ala Resistência (Comunidade)  
GRUPO ATIVISTAS


Destaque de Chão  
Dandara Mariano  
CONSCIÊNCIA E LUTA

**Alegoria 05**  
**A RESISTÊNCIA CONTINUA!**



## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>SALGUEIRO, O GRIÔ DO SAMBA</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção da alegoria. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>Ao modificar a abordagem dos enredos e a estética dos desfiles no início dos anos 1960, optando por temas afro-brasileiros e personagens e heróis negros desconhecidos – uma nova forma de contar a história do país, a partir de outra ótica, e que permitiu inserir o negro no centro das discussões sobre temas raciais e de sua participação na formação social e cultural do Brasil –, o Salgueiro transformou o desfile das escolas de samba de tal maneira que, seis décadas depois, a chamada Revolução Salgueirense ainda encontra ecos no carnaval. O histórico desfile de Quilombo dos Palmares, de 1960, sobre a luta e a resistência de escravizados em Alagoas, levou para a avenida a africanidade que se incorporou e acompanhou a trajetória do Salgueiro em diversos carnavais e está presente até hoje na agremiação. Carregado com todo esse peso histórico, o abre-alas do Salgueiro traz a pioneira estética africana apresentada pela escola a partir de 1960. Caracterizada pelo geometrismo das décadas de 1950 e 1960, em vermelho, branco e preto, uma das marcas do Salgueiro, a alegoria tem, ainda, outros elementos significativos dessa africanidade, evidenciados nas zebras e elefantes, nos guerreiros e suas lanças, nos escudos africanos, e nas fantasias dos Destaques e das Composições. E se nas tribos africanas o Griô tinha a incumbência de preservar e transmitir conhecimentos, canções e mitos do seu povo, no desfile da vermelho e branco, Djalma Sabiá, figura mítica salgueirense, vem na parte da frente do carro alegórico, transmitindo para as crianças todo o histórico e o legado da negritude dos Acadêmicos do <b>Salgueiro, o Griô do samba</b>, escola que não é nem melhor, nem pior. É, apenas, fundamental na história do carnaval.</p> <p><b>Destaques:</b> Elton Oliveira (central alto) – Inspiração Africana Simara Sukarno (central baixo) – Raiz Salgueirense <b>Semidestaques:</b> Cris Alves – Guerreira Preta <b>Composições Femininas:</b> Afro Sal</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Alex de Souza

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;"><b>Tripé</b> <b>PEQUENA ÁFRICA E A</b> <b>PEDRA DO SAL</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção do tripé. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>Berço da cultura africana no Rio de Janeiro, a Pedra do Sal, fincada ao pé do Morro da Conceição e parte da Pequena África, que, engloba toda a zona portuária, os bairros da Gamboa, Saúde e Santo Cristo, se estendendo até a Praça XI, é um dos territórios históricos e sagrados da população negra carioca. Local de rituais, cultos religiosos, batuques e rodas de capoeira, a Pedra era habitada por grupos de imigrantes baianos desde os anos 1600. Antes conhecido como Quebra-Bunda ou Pedra da Prainha, o lugar se consolidou como referência negra no século XIX, época em que o surgiu o principal porto de embarque e desembarque de sal, razão de seu nome definitivo. Algumas manifestações foram fundamentais para o reconhecimento da Pedra do Sal como território preto: as casas de candomblé, como o terreiro de João Alabá, um dos mais simbólicos ícones da religião de matriz africana; as Tias Baianas, que se reuniam em torno da religião e em festas regadas a comida farta e muita música; e sambistas da estirpe de Donga, Pixinguinha e João de Baiana, que fizeram do local o berço do samba carioca. No elemento cenográfico, temos toda a atmosfera da Pedra do Sal: o casario colonial, que emoldura a cena, e a escadaria esculpida na pedra, por onde trabalhadores carregam os sacos de sal para o embarque. A Pedra é apresentada no formato de uma cabeça masculina, com um trançado Nagô, importante elemento de valor cultural. Símbolo de resistência, os cabelos eram também uma forma de comunicação entre os escravizados, por meio dos desenhos que indicavam “caminhos”. O cenário também é composto pelo cesteiro (o Destaque), representando os trabalhos em palha da costa, fibra vegetal utilizada na confecção de trajes e adereços rituais, e ressignificados em produtos como cestos, chapéus e esteiras. Estes produtos eram comercializados pelos escravizados e parte do ganho repassado a seus donos. Vendedoras como Sabina das Laranjas, uma vendedora de rua que, em 1889, teve seu tabuleiro de frutas confiscado pela polícia. Revoltados, estudantes organizaram uma passeata pacífica, que ganhava adeptos por onde passava.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alex de Souza		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
*	<p><b>Tripé</b></p> <p><b>PEQUENA ÁFRICA E A PEDRA DO SAL</b> <b>(continuação)</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção do tripé. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>O pitoresco episódio caiu na boca do povo, que se mostrou favorável à vendedora, resultando no afastamento do chefe da Polícia e no retorno de Sabina a seu local de trabalho. Reconhecida como Monumento Histórico, Cultural e Religioso da Cidade do Rio de Janeiro, a Pedra do Sal continua a ser um símbolo de resistência em tempos de manifestações racistas e de negação de valores culturais afro-brasileiros.</p> <p><b>Destaque:</b> Rafael Eboli (central alto) – Cesteiro da Pequena África</p> <p><b>Personagem:</b> Helena Theodoro – Sabina das Laranjas (lateral esquerda, embaixo)</p>
*	<p><b>Tripé</b></p> <p><b>OFERENDAS PARA IEMANJÁ</b></p> 	<p>Todos os anos, em 31 de dezembro, a fé em Iemanjá leva milhares de devotos às praias cariocas. Os pedidos, agradecimentos e oferendas à Rainha do Mar se multiplicam na esperança que ela traga dias melhores e leve as tristezas embora. Venerada e respeitada por pescadores e todos aqueles que vivem do mar, Iemanjá é reverenciada também no conjunto que forma a Ala 12 do desfile do Salgueiro. Sua imagem – negra, imponente, bela, com cabelos pretos compridos e de braços abertos, como que a amparar seus devotos – encerra o quadro em homenagem à Festa para Iemanjá.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Alex de Souza

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>RESPEITE A MINHA FÉ – MATRIZES AFRICANAS</b></p> 	<p>Religião afro-brasileira criada no Rio de Janeiro, a Umbanda é o resultado da mistura de diversos elementos do candomblé, do espiritismo e do catolicismo, com influências, também de religiões kardecistas, ameríndias e ciganas. É entendida como o culto a Deus por intermédio dos espíritos desencarnados, dos orixás, personificação de elementos da natureza, e dos guias espirituais (ou entidades) incorporados durante os cultos. Realizadas em terreiros, as cerimônias da Umbanda têm no Congá, seu altar, o ponto principal de forças religiosas e onde a diversidade característica da Umbanda se manifesta nas imagens de santos católicos, anjos e arcanjos, que se misturam a orixás, caboclos, pretos velhos e crianças, entre outros. É por intermédio do Congá, (desde que devidamente erigido e fundamentado) que as irradiações das divindades alcançarão todos os fiéis. O altar umbandista se faz presente no segundo carro alegórico do Salgueiro. Jesus Cristo, Oxalá intermediário humanizado, é o pontificador do Congá. Mais abaixo, estão distribuídas as imagens dos santos sincretizados com os outros orixás. O sincretismo explica o uso de imagens cristãs, e o fato de que muitos espíritos que incorporam nos seus médiuns terem evoluído sob a irradiação do cristianismo, as justifica. Assim como a imagem de caboclos, índios ou soldados romanos (linha dórica) são traduzidas como sinalizadoras de que ali baixam mentores espirituais cuja formação religiosa processou-se sob a irradiação de outras religiões. Ao centro, uma roda de mãos pequenas, girando para se reconectar ao divino. A alegoria é predominantemente branca, cor que, na cultura iorubana pertence aos Irúnmolé's funfun (divindades da cor branca), sendo Oxalá, sincretizado em Jesus Cristo, o principal Irúnmolé (ou orixá) desta cor. Chamado de Senhor da criação, Oxalá representa a pureza e a ética moral da qual Ele é revestido. Se uma das grandes riquezas da Umbanda é a aceitação de diversas religiões presentes em sua formação, o Salgueiro faz questão de lembrar, na parte traseira da alegoria, a discriminação sofrida pelas religiões de matriz africana.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alex de Souza		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
02	<p><b>RESPEITE A MINHA FÉ – MATRIZES AFRICANAS (continuação)</b></p> 	<p>A cena, com imagens e símbolos danificados, nos remete à intolerância religiosa e à destruição dos terreiros e Congás, brutalidade racista que acontecia no passado e ainda semeia a violência e o desrespeito. Séculos depois, o povo preto continua a lutar e resistir pelo direito de professar sua fé.</p> <p><b>Destaque:</b> Maurício Pina (central baixo) – Espiritualidade e Axé</p> <p><b>Convidado:</b> Babalawô Ivanir dos Santos</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Yakekerê (Mãe Pequena) <b>Composições Masculinas:</b> Bakekerê (Pai Pequeno)</p> <p><b>Performance:</b> Exu e Pomba Gira (Amaury Junior e Ana Flávia Senra)</p>
03	<p><b>A ARTE DE RESISTIR</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção da alegoria. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>A Proclamação da República mudou a condição do Rio de Janeiro de capital do Império para Distrito Federal, tornando-a a principal cidade do país no início do século XX. Sua imagem, porém, ainda era de uma cidade colonial e insalubre. Para mudar essa realidade e equiparar o Rio às grandes metrópoles europeias, o prefeito Pereira Passos deu início a uma grandiosa reforma urbana, conhecida como “bota-abaxo”, expressão criada para criticar a forma radical e autoritária de realização das obras. Inspirados nas reformas ocorridas em Paris, a ordem era demolir, civilizar, sanear e higienizar. Cortiços, casas de cômodo e casarões, pesadelos dos progressistas, que desejavam uma cidade burguesa e afrancesada – a Paris dos trópicos –, foram derrubados para alargar e prolongar ruas estreitas, criar avenidas. A principal delas foi a Avenida Central (atual Rio Branco), marco das obras de Pereira Passos. Se, por um lado, as obras criaram uma aura de cidade moderna e progressista, por outro, a reforma varreu os pobres e desvalidos (a maioria deles negros e ex-escravizados) para a periferia, subúrbios, morros e favelas, que começavam a se incorporar à paisagem da cidade moderna.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**



**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Alex de Souza

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p style="text-align: center;"><b>A ARTE DE RESISTIR (continuação)</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção da alegoria. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>O Rio “civilizava-se”, mas somente para alguns. Prédios monumentais, como o Theatro Municipal, foram construídos para apresentar óperas e balés estrangeiros consumidos pela elite branca. Aos poucos, porém, por meio das pequenas frestas que surgiam, os negros foram pisando no terreno proibido e, com muito talento, se impondo ao preconceito racial. A terceira alegoria do Salgueiro entra na avenida para mostrar essa presença negra na cultura erudita da cidade. Na parte da frente do carro, a homenagem aos escritores negros, como Lima Barreto (presente na fantasia do Destaque) e tantos outros talentosos autores brasileiros. Na outra parte da alegoria, um estilizado Theatro Municipal, ícone das mudanças promovidas por Pereira Passos, com estátuas, musas e ninfas africanizadas. Um tributo à presença preta no Municipal, que se deu por meio de peças teatrais, como Orfeu da Conceição, com Haroldo Costa no elenco, e de apresentações do Teatro Experimental do Negro, de Abdias Nascimento (representados pelas fantasias do Destaque e das Composições Masculinas). A valorização do negro no Municipal se deu, principalmente por Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do Theatro, presente na alegoria nas fantasias de seu Balé Afro (usadas pelas Composições femininas) e pelas esculturas de bailarinas negras. Mesmo contra a vontade da elite, <b>a arte de resistir</b> com o talento negro de Lima, Haroldo, Abdias e Mercedes falou mais alto e invadiu o templo da cultura erudita branca para mostrar a vocação artística preta para o mundo.</p> <p><b>Destaques:</b>                  João Helder Monti (central alto) – A Ribalta Negra                  Naldo Cavalcanti (central baixo) – Policarpo Quaresma e o Triste fim de Lima Barreto</p> <p><b>Convidados:</b> Paulo Melgaço (Escritor e Doutor em Educação e Léa Garcia (Atris)</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Literatura  <b>Composições Masculinas:</b> Teatro Negro  <b>Composições Femininas:</b> Balé Afro  <b>Composições Femininas:</b> Estátuas  <b>Performance:</b> Bailarinos (na parte de trás da alegoria)</p>


## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;"><b>Tripé NA PISTA</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção do tripé. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>Quando o assunto é a black music, todos os caminhos nos levam ao Viaduto Negrão de Lima, onde acontece o charmoso baile de Madureira. Enquanto o baile não começa, outros ritmos, como o funk, do grupo coreografado entre o tripé e o carro, entram <b>na pista</b> e mostram seu cartão de visitas. Mas vem com a gente, porque vai começar o baile...</p> <p><b>Semidestaques:</b> MC Rebecca (central alto) – No Batidão do Salgueiro Carlos Borges (Carlinhos do Salgueiro) (central baixo) – Orgulho e Resistência</p>
04	<p style="text-align: center;"><b>BLACK CARIOCA</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção da alegoria. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>Quando DJ Corello disse em seu baile que “Chegou a hora do charminho. Transe seu corpo bem devagarinho”, e cunhou o termo “charme”, não imaginava que o povo seguiria, à risca, até hoje, as palavras desse craque das carrapetas. E foi o charme que inspirou os irmãos Celso e César Athayde a improvisarem um baile no meio da rua. O evento fez sucesso e o lugar ficou pequeno para tanta gente. Daí surgiu a ideia de ocupar a ociosa parte de baixo do Viaduto Negrão de Lima (mais conhecido como Viaduto de Madureira ou, para os mais íntimos, Dutão). Estava criado, assim, o Baile Charme de Madureira, parada obrigatória para os charmeiros de plantão e evento concorrido nas noites de sábado no Rio de Janeiro.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alex de Souza		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
04	<p><b>BLACK CARIOCA</b> (continuação)</p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção da alegoria. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>O baile, que hoje é Bem Cultural de Natureza Imaterial da cidade, foi ganhando fama e conquistando corações pela batida envolvente, mistura de referências clássicas da música negra (soul, rhythm and blues, jazz e hip-hop), pelo visual dos frequentadores, pela descontração e pelos passinhos de charme e funk que todo mundo queria imitar no disputado espaço da pista de dança. Estas referências clássicas do Baile Charme fazem parte da quarta alegoria do Salgueiro, que envolve, também, a valorização da cultura <b>black carioca</b> e a identidade negra, com seu estilo, músicas e uma grande riqueza cultural. Estão presentes o próprio Viaduto, estilizado, com seu concreto grafitado, o DJ e sua pick-up, os carros que transitam “sobre” o baile, o brilho das luzes, o figurino colorido dos frequentadores e os passos coreografados, que fizeram a fama do lugar e empolgam o público diversificado do Baile Charme. Vem, que hoje tem suingue e balanço! Vem, que hoje tem charminho!</p> <p><b>Destaque:</b> Itamar Almeida (central alto) – O Som dos Bailes</p> <p><b>Convidados:</b> Corello DJ, Altay Velloso e Dom Filó</p> <p><b>Semidestaques:</b> Ana Paula Vaz e Thayanny Pereira - Tchutchucas</p> <p><b>Composições Masculinas e Femininas:</b> Charmeiros e Funqueiros</p>



**FICHA TÉCNICA****Alegorias**


<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alex de Souza		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>A RESISTÊNCIA CONTINUA!</b></p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção da alegoria. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>Os caminhos para Resistência preta podem ser sutis, mas há momentos em que a luta e o protesto são necessários, mesmo em um lugar de festa como a Marquês de Sapucaí. Por isso, no encerramento de seu cortejo, por meio dessa caixa de ressonância que é o desfile das escolas de samba, o Salgueiro traz o estímulo necessário para fomentar o debate sobre temas ligados à discriminação contra a população negra no Rio de Janeiro, no país e no mundo. A provocação vem na forma de uma cena de protesto no último carro alegórico da escola. Na performance, um grupo de manifestantes envolve a alegoria (inclusive na pista de desfile, revezando-se entre o carro e no chão) e toma o cenário urbano, formado por uma praça e os prédios no entorno. Mobilizados, se expressam contra todas as injustiças e violências a que a população negra ainda é submetida nos dias de hoje. “Derrubam” o preconceito e o racismo, materializado no obelisco que ocupa a praça. Munidos de cartazes e bandeiras, com imagens e palavras de ordem, o grupo se veste com roupas pretas (várias delas com detalhes nas cores do pan-africanismo), quase um uniforme dos manifestantes. Essa imagem dá o toque da estética urbana que marca os protestos contemporâneos. Tão significativa também é a imagem que finaliza o desfile. Se o “templo negro” da escola abriu o desfile, na parte traseira da última alegoria surge uma cena do Morro do Salgueiro na década de 1950, época da fundação da escola. O cenário é inspirado na icônica favela criada por Arlindo Rodrigues para o desfile Skindô, Skindô, de 1984.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Alex de Souza

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>A RESISTÊNCIA CONTINUA!</b> (continuação)</p>  <p><i>O projeto apresentado é um desenho artístico e serve apenas como referência para a confecção da alegoria. Não há, portanto, compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados na imagem.</i></p>	<p>Na ocasião, os moradores do morro eram bonecos (manequins), o que se repete na roda de samba e na figura de Isabel Valença, travestida de Xica da Silva (1963) no desfile de agora. Outros personagens complementam a cena em homenagem ao “Torrão Amado”, lugar onde nasceu o Salgueiro (surgimento revivido pelo casal que dança com a primeira bandeira da escola), instituição que possui um papel importante na história do processo de luta, reconhecimento e resistência da cultura afro-brasileira em nosso país.</p> <p><b>Convidados:</b> Rubem Confete, Zelia Confete, Manoel Dionísio, Cosme dos Santos, Romeu Evaristo,  <b>Performance (frente):</b> Manifestantes  <b>Personagens (frente):</b> Freqüentadores da Praça (Velha Guarda)  <b>Personagens (trás):</b> Moradores do Morro do Salgueiro</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Simara Sukarno – Alegoria 01	Empresária
Elton Oliveira – Alegoria 01	Bancário
Rafael Eboli – Tripé	Cabeleireiro
Maurício Pina – Alegoria 02	Cabeleireiro
João Hélder Monti – Alegoria 03	Cirurgião Plástico
Naldo Cavalcanti – Alegoria 03	Estilista
Mc Rebecca – Tripé	Cantora
Carlos Borges – Tripé	Professor de Dança
Itamar Almeida – Alegoria 04	Administrador
<b>Local do Barracão</b>	
Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão 08 – Gamboa, Rio de Janeiro – RJ – CEP 20.220-290	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>	
Pedro Nobre	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Sandro Chaves Maciel	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Edson de Lima Miguel (Futica)
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Kennedy Prata	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Allan Carvalho	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Marcos Paulo do Nascimento (Batata)
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Leandro, Maximiliano Sales (Max), Serginho e Anderson	- Aderecista de Alegorias
Alan Carvalho	- Iluminação
Bruno Placas	- Placas
Nino	- Fibras
Kennedy Prata	- Movimentos
Nino	- Empastelação
Leandro	- Pintura de Arte
Paulo	- Arames
Hildemberg Batista	- Talhas hidráulicas
Marcelo	- Almoxarife
Paulo Henrique Caetano	- Comprador
Joyce Hurtado	- Assessora de imprensa
Sidney e Henrique	- Brigada de Incêndio
Marcos Amendola, André Anderson e Kléber Basílio	- Portaria
Wagner de Paula, Zinho, Rose e Glória	- Serviços Gerais


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>A Palmares Salgueirense</b></p> 	<p>Até o final da década de 1950, a ordem vigente era que as escolas de samba apresentassem enredos ufanistas ou personagens e temas que ratificassem a história “oficial” do Brasil. Em 1960, porém, o Salgueiro, pelas mãos de Fernando Pamplona, seguiu na contramão dessa narrativa e rompeu com o padrão da época. Com coragem, levou para a avenida uma história de resistência e de um herói negro – Zumbi de Palmares –, e apresentou uma estética africana inexistente até então. Com o enredo Quilombo dos Palmares, tinha início a chamada Revolução Salgueirense, pioneirismo que deu vez e voz aos protagonistas negros, abriu um leque de possibilidades de temas afro-brasileiros e caracterizou o Salgueiro, dali em diante, como um grande quilombo do carnaval, local de resistência, onde a cultura africana é cultivada e transmitida com orgulho. Em 2022, na ala de abertura de seu desfile, o Salgueiro apresenta a <b>Palmares Salgueirense</b>, uma interpretação da fantasia de um guerreiro africano exibida no desfile de Quilombo dos Palmares. Além do traje, com inspiração africana e influenciado pelo geometrismo das décadas de 1950 e 1960, em vermelho, branco e preto (estética que se tornou uma marca do Salgueiro), os componentes das primeiras fileiras da Ala carregam estandartes para homenagear os enredos de temática africana apresentados pela escola em seus quase 70 anos de carnaval.</p>	Ala dos Negões (Comunidade) (2004)	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>Quilombolas</b></p> 	<p>No primeiro setor do desfile, o Salgueiro apresenta os locais de resistência negra no Rio de Janeiro. Cenários como a Pedra do Sal e a Pequena África ou mesmo os Quilombos, onde a população negra plantou seu legado. Lugares construídos pelos escravizados fugitivos para viverem em liberdade, os quilombos seriam “<i>um modelo de sociedade alternativa à sociedade escravista colonial</i>”, como define o escritor, historiador e professor Joel Rufino do Santos. No Rio de Janeiro, alguns Quilombos, como os do Irajá, de Sacopã, do Camorim, do Iguazu (que fornecia grande parte da lenha consumida na capital) e do Leblon, alcançaram grande projeção. A fantasia da ala representa os guerreiros dessas comunidades, os <b>Quilombolas</b>, que em suas fortalezas, lugares de resistência, podiam exercer sua cultura, seus modos de produção, suas habilidades e sua fé, elementos fundamentais para a conquista da liberdade.</p>	<p>Ala Odisseia (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
*	<p><b>Camélia, a Flor da Abolição</b></p> 	<p>À frente da Ala das Baianas, Tia Glorinha, presidente da ala, vem para a avenida representar um dos símbolos mais conhecidos na luta pela liberdade dos escravizados na cidade do Rio de Janeiro: <b>a camélia, a flor da abolição.</b></p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Maria da Glória Lopes de Carvalho (Tia Glorinha)</p>


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)


Alex de Souza

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Camélias do Leblon</b></p> 	<p>Famoso por ser engajado na luta abolicionista e não só como um lugar de fugidios, o Quilombo do Leblon ficava no então distante bairro do Leblon, nas terras do comerciante José Seixas, onde eram cultivadas diversas flores. Uma delas, a camélia, passou a ser utilizada por abolicionistas como senha. Escravos fugitivos podiam reconhecê-los pela camélia visível em decotes femininos ou lapelas masculinas. Vendidas na famosa Rua do Ouvidor, e com lucro revertido para a compra de alforrias, os ramos de <b>camélias do Leblon</b> são carregados pelas componentes da Ala das Baianas do Salgueiro. A fantasia de nossas matriarcas segue a tradição ao apresentar elementos fundamentais, como a saia armada, o pano da costa, a bata e o torço, decorada com motivos africanos, que representam o orgulho de suas origens e a liberdade conquistada pelos escravizados.</p>	Ala das Baianas (1953)	Maria da Glória Lopes de Carvalho (Tia Glorinha)

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<b>Pequena África</b> 	<p>Berço do samba e dos primeiros Candomblés cariocas, a <b>Pequena África</b> – definição dada pelo compositor e artista plástico Heitor dos Prazeres, que afirmou ser uma África em miniatura o espaço entre a Praça XI e a Praça Mauá – foi a base da comunidade baiana no Rio, que se estabeleceu na cidade a partir de 1870. O local constituiu-se em um importante polo de expressões da cultura afro-brasileira, bem como o lugar onde as habilidades manufatureiras de origem africana floresceram. Os trabalhos em palha da costa, fibra vegetal utilizada na confecção de trajes e adereços rituais, e ressignificados em produtos como cestos, chapéus e esteiras, eram vendidos pelos escravizados e parte do ganho repassados a seus donos. Na fantasia, a representação estilizada de um escravo de ganho do período imperial brasileiro em seus caminhos pela <b>Pequena África</b>, com destaque para a representação africana nos desenhos e nas cores, e no trabalho em palha da costa, realçado no resplendor.</p>	Ala Divina Folia (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantásias**

**Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)**

Alex de Souza


**DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>Dom Obá II D'África</b></p> 	<p>A noção de que os escravizados vinham de uma sociedade organizada e estruturada, com líderes fortes, inteligentes e soberanos, sempre foi fundamental para o resgate do orgulho e dignidade dos africanos e de seus descendentes. Significava que a resistência vem, também, pela herança de uma linhagem de reinos antigos e poderosos. Na Pequena África, a figura de <b>Dom Obá II D'África</b>, descendente direto do Obá do Império de Oió, representava essa liderança, marco da defesa da territorialidade do povo preto. Veterano da Guerra do Paraguai, Dom Obá era reverenciado por boa parte da população negra e também recebido com toda deferência no palácio da Quinta por Dom Pedro II. Geralmente tratado como figura folclórica era, na verdade, um grande defensor da abolição, posição defendida em textos de forte conteúdo político publicados na imprensa. A fantasia da ala combina toda a realeza africana – evidenciada na coroa – com dragonas, condecorações e botas, elementos do seu fardamento de subtenente.</p>	<p>Ala Zuk (1999) &amp; Ala Salgueiro (2021)</p>	<p>Roberto de Vasconcellos Dias &amp; Carolina Cruz</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<b>Tias Baianas</b> 	<p>Conhecidas como as <b>Tias Baianas</b>, as mulheres vindas da Bahia, em geral Ialorixás (Mães de Santo), se estabeleceram no Centro do Rio de Janeiro e mudaram o panorama cultural da cidade. Foi nas casas dessas grandes matriarcas – Ciata, Bebiana, Presciliana (mãe de João da Baiana), Amélia (mãe do Donga) e Gracinda, entre outras – que o samba se desenvolveu, a culinária africana se tornou parte de nossos hábitos, e os cultos africanos foram sincretizados com os santos e ritos católicos. A fantasia da ala mostra toda a riqueza dessa tradição ancestral: a saia preta, referência ao pertencimento dessas mulheres à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte (trazida da Bahia), decorada com rendas Richelieu, a bata, o Ojá, tipo de turbante ou torço, o pano da costa de Alacá, de significados diferentes de acordo com sua disposição nos ombros ou na cintura, além de um grande cordão com a cruz católica, representando o sincretismo religioso. As componentes da ala usam, ainda, as famosas “joias de crioula” símbolo de importância na estratificação social.</p>	Ala Explode Coração (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>Irmandades Religiosas Negras</b></p> 	<p>A resistência também vem pelo caminho da fé e pela busca do povo negro pelo direito de professar suas religiões de matriz africana no Rio de Janeiro. E para abrir e abençoar o segundo setor de seu desfile, o Salgueiro, traz a tradicional Velha Guarda da Academia, representando as <b>Irmandades Religiosas Negras</b>, associações de leigos que tiveram um papel fundamental na libertação de escravizados, com a compra de cartas de alforria, ou na prestação de assistência aos irmãos na doença e na morte. As irmandades tinham como objetivo principal o culto do santíssimo, da Virgem Maria ou de um santo específico. A mais conhecida entre as irmandades negras é a de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, representada nas fantasias feminina (Nossa Senhora do Rosário) e masculina (São Benedito dos Homens Pretos). Responsável por grandes procissões no Rio de Janeiro, representada pelo estandarte carregado à frente da ala, esta Irmandade construiu uma igreja que existe até hoje, na Rua Uruguaiana, e abriga o Museu do Negro da Cidade do Rio de Janeiro.</p>	Velha Guarda (1953)	Maria Aliano (Caboquinha)


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>Terreiros de Candomblé – Orixás</b></p> 	<p>Com a chegada dos baianos à cidade do Rio de Janeiro no século XIX, o Candomblé, culto a entidades que representam a energia e a força da natureza, trazido para o Brasil pelos diversos povos escravizados, se torna a principal religião de origem africana na cidade. Na Pequena África, Agenor Miranda, João Alabá, Mãe Aninha e Cipriano Abedé, grandes líderes da resistência preta, formaram os primeiros <b>terreiros de Candomblé</b> na cidade. E onde tem um terreiro, tem celebração, tem festa, tem Xirê, festividade de culto aos <b>orixás</b>. Para representar esse encontro, os componentes da ala usam fantasias metalizadas – peças inspiradas na série de esculturas de orixás do artista baiano Tatti Moreno –, simbolizando a grande tradição metalúrgica e o refinamento do artesanato em ouro, típico dos iorubanos, e os orixás mais conhecidos.</p>	Ala Loucura Salgueirense (Comunidade) (2019)	Direção de Harmonia


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>Omolokô</b></p> 	<p>Religião de raiz fincada na África, o <b>Omolokô</b> é um antigo culto banto presente no Rio de Janeiro desde a primeira metade do século XIX. Desenvolvido principalmente por Tancredo da Silva Pinto, grande liderança religiosa, o Omolokô, cujo nome deriva do quimbundo Muloko (juramento), foi uma forma de resistência à difusão de cultos que misturavam a tradição africana ao espiritismo branco. A fantasia da ala representa uma gameleira branca, árvore sagrada e moradia do Orixá Iroco, orixá muito velho que, nos terreiros, depois de consagrado, recebe um Ojá (faixa Branca), como na África, e oferendas na base da árvore. Por isso a representação dos galhos da gameleira no resplendor, do ponto riscado (símbolos gráficos dos quais as entidades se servem para determinar sua identificação) na cabeça, e, na base da fantasia, o Preto Velho e a Preta Velha, entidades tidas como espíritos purificados de antigos escravizados. Salve Vovó Luiza, Vovó Maria Conga, Pai Antônio, Pai Joaquim de Aruanda, Pai Cabinda e todas as falanges de Pretos Velhos!</p>	<p>Ala Malandros Batuqueiros (Comunidade) (2019)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<b>Cabocla Jurema</b> 	<p>Em seu 14º carnaval à frente da Furiosa do Salgueiro, Viviane Araújo virá vestida como <b>Cabocla Jurema</b>, uma das mais importantes e conhecidas entidades da Umbanda. Considerada a rainha das matas, Jurema pode ser encontrada nas casas de culto da Umbanda e tem como características a beleza, a humildade e a generosidade, o que a torna querida por todos. Sua indumentária mostra o sincretismo da Umbanda, ao representá-la como uma poderosa Indígena, a proteção às matas brasileiras, representada pelo manto verde, e a ligação com Xangô (padroeiro do Salgueiro), na condição de Jurema Flecheira, caracterizada pelo arco e flecha nas mãos.</p>	Rainha de Bateria (2004)	Viviane Araújo


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**



Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Umbanda – Gira de Caboclo</b></p> 	<p>Fundamentada no Candomblé, mas sincretizada com aspectos do espiritismo e do catolicismo, e influências ameríndias, a <b>Umbanda</b>, patrimônio imaterial do Rio de Janeiro, é uma religião afro-brasileira baseada em três conceitos: luz, caridade e amor. A Umbanda, cujo nome vem da língua Quimbunda e significa “arte de curar”, nasceu em 15 de novembro de 1908, nos subúrbios cariocas, quando o médium Zélio de Moraes incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas e se expressou contra a discriminação aos espíritos de negros escravos, índios e crianças, considerados atrasados. Sua prática é pautada na comunicação entre o sagrado e o profano, ligação feita por meio do transe do Caboclo, líder e espírito desencarnado de um índio, como o Caboclo Cobra Coral, representado pela fantasia da Bateria do Salgueiro. É ele quem inicia a <b>Gira do Caboclo</b>, reunião de vários espíritos, que se manifestam através da incorporação nos médiuns. Na Gira são cantados os pontos para louvar, chamar e se despedir do orixá, sempre acompanhados por instrumentos de percussão, assim como acontece no desfile do Salgueiro, quando os instrumentos de percussão da Furiosa acompanham o cortejo da Academia do Samba.</p>	Bateria (1953)	Guilherme dos Santos Oliveira e Gustavo dos Santos Oliveira

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Alex de Souza				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Reis da Rua</b></p> 	<p>Os Reis das Ruas – ele, Exu, o senhor da transformação e responsável pela comunicação entre orum (céu) e ayê (terra); ela, pomba gira, manifestação feminina de Exu – se exibem com sensualidade e vigor na avenida. Com seu bailado cheio de ginga, os dois comandam a reverência a essas entidades tão presentes nos cultos de origem africana, como o candomblé e a umbanda. As roupas em vermelho e preto representam o ego de cada ser, a porção humana das divindades, onde convivem eternas contradições. Sua magia se manifesta nos movimentos dos corpos para abrir os caminhos nas encruzilhadas da vida e para a Ala de Passistas sambar na Sapucaí.</p>	Reis e Rainha dos Passistas	Márcio Dellawegah e Larissa Reis
11	<p><b>Povo de Rua</b></p> 	<p>Riscando o chão da avenida, a Ala de Passistas do Salgueiro vem homenageando as entidades da linha de Exus na Umbanda, espíritos pertencentes ao chamado <b>Povo de Rua</b> e que auxiliam os trabalhos realizados pelos médiuns. Representando a Pomba Gira Maria Padilha (Exu feminino), as passistas do Salgueiro abrem os caminhos com seu gingado e sensualidade, enquanto os passistas masculinos, com muito samba no pé, vestem o traje do Exu Tranca Rua, com a capa e a cartola na cor preta com detalhes em vermelho. Laroyê!</p>	Ala de Passistas (1953)	Carlos Borges (Carlinhos do Salgueiro)

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>Festa de Iemanjá</b></p> 	<p>A importância da cultura preta no Rio de Janeiro se apresenta de forma tão contundente até para quem não é adepto das religiões afro-brasileiras. Um exemplo é a <b>Festa de Iemanjá</b>, orixá da Nação Iorubá, louvada em 2 de fevereiro. Neste dia, a Rainha do Mar é cultuada por milhares de pessoas – seguidores das religiões de matriz africana ou não –, que vão às praias, vestidas de branco, lhe ofertar presentes. No Rio de Janeiro, por influência da Umbanda, esta prática acontece no dia 31 de dezembro, na virada do ano, quando os fiéis iam às praias cariocas com pequenos barcos, cheio de oferendas, para que a Orixá lhes desse um ano bom. Com o tempo, a festa manteve alguns dos rituais originais, mas ganhou popularidade e perdeu o caráter exclusivamente religioso, transformando-se em um megaevento do réveillon (principalmente em Copacabana), copiado em muitas partes do mundo. A fantasia dos componentes, em branco e prata, representa esse momento de culto à Rainha do Mar, com flores e o barquinho no chapéu. Formando o conjunto da ala, temos um tripé, com a imagem negra da Rainha do Mar.</p>	<p>Ala dos Guerreiros (Comunidade) (1953)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p><b>Pais de Santo</b></p> 	<p>Os <b>Pais de Santo</b> (ou Babalorixás) são os principais sacerdotes dos terreiros de religiões de matriz africana e os pais do culto aos orixás. Suas vestes tradicionais são brancas, enfeitadas com rendas e adornadas por guias e colares, que representam as entidades protetoras. Se o samba comanda uma escola, nada mais emblemático que os Compositores do Salgueiro, aqueles que compõem os sambas, venham vestidos com a roupa de quem guia seus filhos.</p>	<p>Ala dos Compositores (2003)</p>	<p>Nilda Salgueiro Baptista Ferreira</p>
*	<p><b>Optchá – Salve o Povo Cigano</b></p> 	<p>Quando os guias ciganos surgem nas giras dos terreiros de Umbanda, trazem consigo muita energia positiva euforia e muitas risadas. Reflexo de seu comportamento livre e do caráter fraterno e de força e empatia de sua grande tribo. Na fantasia da Destaque, alguns dos materiais usados nas oferendas aos espíritos ciganos, como as pulseiras, os brincos, as moedas, as fitas coloridas. <b>Optchá! Salve o povo cigano!</b></p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Rafaella Santos</p>


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)


Alex de Souza

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Culinária (Comida de Santo)</b></p> 	<p>Extremamente rica e diversificada, a cultura africana teve um papel importante na formação da identidade de nossa cultura popular. Por intermédio dos diversos povos trazidos à força para o Brasil – bantos, nagôs, jejes, hauçás e malês –, usos e costumes foram sutilmente introduzidos no modo de viver dos brasileiros. Um dos aspectos mais presentes da cultura africana no país é a <b>culinária</b>. De importância sagrada, por ser considerada <b>comida de santo</b>, foi incorporada ao cardápio brasileiro por intermédio das mãos das mulheres escravizadas, que adaptavam suas receitas aos alimentos encontrados em nossa terra e adequavam as comidas europeias aos seus costumes. Arthur Ramos, antropólogo brasileiro afirmava que “foi pela cozinha que o africano penetrou de modo decisivo na vida social e da família do Brasil”. Com a urbanização algumas negras de tabuleiro ou escravas de ganho, assim denominadas porque ajudavam a incrementar a renda dos seus senhores com o comércio na cidade, passaram a oferecer quitutes, como o angu, o vatapá, os quindins e o mungunzá, pelas ruas do Rio. Esta forma de ganho, que contribuiu para a compra de muitas cartas de alforria com a parte que cabia às escravizadas, acabou por transformar a culinária carioca. Com roupas rendadas e decoradas com flores, estilização de uma vendedora de rua do Brasil Imperial, as componentes da ala carregam seus quitutes, que exprimem toda a riqueza e sabor da culinária afro-brasileira.</p>	Ala das Mariposas (Comunidade) (2010)	Direção de Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p><b>Capoeira</b></p> 	<p>Patrimônio imaterial e símbolo da cultura afro-brasileira e da resistência negra, a <b>capoeira</b> nasceu no Brasil como uma luta disfarçada em dança. Como os escravizados não podiam ser vistos lutando, criaram movimentos com gingas e balanços para enganar os feitores, que pensavam se tratar de uma dança. Com base em fundamentos introduzidos pelos bantos, a capoeira era praticada nos engenhos e nas praças públicas do Rio de Janeiro colonial e imperial. Passou por períodos de repressão, mas também foi cooptada pelo poder dominante, que, muitas vezes, utilizou os capoeiristas como guarda-costas ou capangas. Proibida após a Proclamação da República, tornou-se elemento de resistência do povo preto liberto e, por isso, foi associada à marginalidade. A capoeira só foi discriminada na década de 1930, quando se incorporou rapidamente à nossa cultura como uma arte marcial brasileira, mistura de dança, luta e esporte. Para marcar o ritmo nas rodas, os capoeiristas utilizam o berimbau, instrumento formado por uma corda de arame, uma vara de bambu em arco e uma cabaça. O instrumento define os ritmos da capoeira e é levado como adereço pelos componentes da ala, que usam uma fantasia estilizada dos capoeiristas.</p>	<p>Ala dos Estudantes (1960) &amp; Ala Raça Salgueirense (1989)</p>	<p>Joaquim Jaime Santos Fróes Cruz &amp; Luís Rogério Cordeiro Moreira</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)


Alex de Souza

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<b>O Jongo e o Caxambu</b> 	<p><b>O Jongo e o Caxambu</b> – que, na verdade, são a mesma dança com designações diferentes de acordo com a localidade – é uma manifestação afro-brasileira, de motivação religiosa, praticada em rodas por pares soltos ou por homens e mulheres, sempre ao som de tambores. Originária da região de Benguela, atual Angola, onde o povo Ovimbundo dançava o “onjongo”, essa dança é revestida de uma aura sobrenatural e seus praticantes gozam de fama de mágicos. O Jongo e o Caxambu carioca são considerados de coreografia mais rica e movimentada e foram muito influentes na formação do samba. Foram trazidos para o Rio por ex-escravizados do Vale do Paraíba, que, com a decadência da lavoura cafeeira, se estabeleceram, principalmente, na região de Madureira e em terras tijucanas, onde se fixaram logo após a abolição da escravatura. Em Madureira, destacam-se as figuras de Darcy do Jongo, Mano Elói, Sebastião Mulequinho e Tia Eulália, legítimos representantes do Jongo da Serrinha; na Tijuca, sobretudo no Morro do Salgueiro, o Caxambu foi comandado por Mestre Geraldo, Tia Zezé e Tia Neném onde a dança ainda resiste e faz história. A fantasia da Ala 16 é a típica roupa de jongueiro, com destaque para as saias rodadas das mulheres, o tambor, carregado pelos homens, e as cores das fantasias, que variam entre o verde (homenagem ao Morro da Serrinha e ao Império Serrano) e o vermelho (homenagem ao Morro do Salgueiro e aos Acadêmicos do Salgueiro), os mais tradicionais redutos dessa arte em nossa cidade.</p>	Ala Amizade Salgueirense (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<b>O Negro e o Futebol Carioca</b> 	<p>O futebol aportou em terras brasileiras em 1894, trazido por Charles Miller e Oscar Cox, estudantes de classe alta que retornavam de seus estudos no Reino Unido e trouxeram bolas, chuteiras e regras na bagagem. Apesar de ser praticado pela elite branca em clubes sofisticados da cidade, o novo esporte logo ganhou popularidade, mas os negros ainda eram impedidos de participar. Em 1905, porém, um dos clubes, o Bangu Atlético Clube, fundado por ingleses, mas formado, em sua maioria, por operários da Fábrica de Tecidos Bangu, foi o primeiro no estado a escalar um atleta negro, Francisco Carregal. A “ousadia” fez com que, em 1907, a Liga Metropolitana de Football proibisse o registro de “pessoas de cor”. O clube, então, optou por abandonar a Liga e não disputar o Campeonato Carioca daquele ano, atitude que tornou o Bangu um clube símbolo da luta contra o racismo no futebol brasileiro. O Clube de Regatas Vasco da Gama também entrou para a história ao conquistar o campeonato carioca de 1923, seu ano de estreia na primeira divisão, com uma equipe formada por sete atletas negros. O título despertou a ira dos rivais e os motivou a fundar a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), entidade que só aceitaria o Vasco se o clube dispensasse seus atletas negros.</p>	Ala Amigos que Amam o Salgueiro (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**


Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>O Negro e o Futebol Carioca (Continuação)</b></p> 	<p>Diante da imposição, o presidente vascaíno, José Augusto Prestes, enviou à AMEA uma carta–conhecida como A Reposta Histórica – recusando-se à submissão e não se filiou à associação, episódio emblemático da luta contra o racismo no futebol e na sociedade. Os símbolos dos dois clubes estão presentes nas fantasias da ala, estilizadas como guerreiros que resistiram e lutaram pela presença do <b>negro no futebol carioca</b>. A fantasia, de estética africana, é complementada pelas bolas de futebol e pelas cores dos dois clubes: o vermelho e branco do Bangu, e o preto e branco vascaíno. Apesar de vários atletas negros terem contribuído para a conquista de muitos campeonatos e copas e para o reconhecimento do Brasil como o país do futebol, ainda hoje o racismo insiste em assombrar o esporte, um dos poucos caminhos encontrados pelos negros para sua ascensão social.</p>	<p>Ala Amigos que Amam o Salgueiro (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<b>Os Imortais</b> 	<p>A cultura popular e os modos e costumes trazidos pelos negros escravizados e seus descendentes foram absorvidos aos poucos na formação do país. Mas quando se tratou da cultura erudita, como o teatro, a literatura e a dança clássica, os negros tiveram que se valer de pequenas frestas para ocupar seu espaço. Foi assim na Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 20 de julho de 1897, com o objetivo de preservar o idioma e a literatura do país. A ABL representa a consagração para seus membros, que ganham o título de Imortais e recebem o grande reconhecimento em vida, ratificando sua importância em nossa cultura. Um de seus fundadores foi Machado de Assis, escritor negro, filho de um descendente de pretos alforriados e de uma lavadeira de origem portuguesa, mas “embranquecido” pela história oficial como forma de aceitação. Mesmo com a presença do autor de Dom Casmurro entre <b>os Imortais</b>, a ABL sempre teve a fama de elitista e não muito permeável à cultura afro-brasileira.</p>	Ala Inflasal (1989) e Ala Tati (1997)	Paulo Soares da Silva Carvalho e Janete Ribeiro


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Alex de Souza


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p><b>Os Imortais (Continuação)</b></p> 	<p>Se Machado de Assis foi um dos expoentes do início da Academia, é marcante também a história de Lima Barreto, outro de nossos grandes escritores do final do século XIX e início do XX, que retratou, de forma bem direta, a hipocrisia da sociedade da época. Barreto concorreu três vezes aos quadros da ABL, mas não conseguiu se tornar um imortal para vestir o tradicional fardão da Academia. Usado pelos componentes da ala, o fardão ganha um estilo africanizado no desfile do Salgueiro. No resplendor, uma homenagem aos grandes escritores negros de nossa história que, tendo ingressado ou não na Academia, fato raro ainda hoje, são fundamentais, tanto pela qualidade literária como pela importância cultural em nosso país.</p>	<p>Ala Inflasal (1989) e Ala Tati (1997)</p>	<p>Paulo Soares da Silva Carvalho e Janete Ribeiro</p>





## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p><b>Teatro Experimental do Negro</b></p> 	<p>Em 1941, no Peru, o ator e escritor Abdias Nascimento, assiste à representação de Imperador Jones, peça do dramaturgo norte-americano Eugene O'Neill (1888-1953). Na montagem, o personagem principal foi interpretado por um ator branco com o rosto pintado de preto, imagem característica de blackface, uma das mais cruéis práticas de preconceito e de racismo nas artes. O episódio motivou Abdias a criar, anos mais tarde, o <b>Teatro Experimental do Negro</b> (TEN), um grupo de teatro formado por amadores para mostrar a força de um povo com capacidade para ter protagonismo na própria história e nos palcos. Para a estreia do TEN, Nascimento não encontrou, na dramaturgia brasileira, um texto alinhado ao objetivo do grupo. A alternativa foi encenar O Imperador Jones, de Eugene O'Neill, peça que estreou em 1945, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Apesar da descrença do meio intelectual, a encenação obteve boa receptividade e elogios da crítica ao ator Aguinaldo Camargo (1918-1952), intérprete do Imperador Jones, personagem retratado na fantasia da ala.</p> <p>A roupa representa toda a pompa do monarca e do poder conquistado por ele ao assumir o poder em uma ilha do caribe, após fugir de sua realidade americana.</p>	Ala Família Salgueirense (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Alex de Souza				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
19	<p><b>Teatro Experimental do Negro (Continuação)</b></p> 	<p>Os símbolos do teatro, as máscaras da comédia e da tragédia, também estão presentes na fantasia, em referência à companhia criada por Abdias Nascimento. Com os mesmos objetivos de Abdias Nascimento – valorizar socialmente a herança cultural, a identidade e a dignidade do afro-brasileiro por meio da educação, da cultura e da arte – novas companhias de teatro e dança, criadas por ex-participantes do TEN, surgem no cenário artístico brasileiro: o Grupo dos Novos, em 1949, liderado por Haroldo Costa, mais tarde transformado no Teatro Folclórico Brasileiro e, em seguida, no Balé Brasileira; o Teatro Popular Brasileiro, fundado em 1950, pelo ator Solano Trindade, e o Balé Folclórico Mercedes Baptista, criado em 1953.</p>	<p>Ala Família Salgueirense (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
*	<p><b>Dança Afro</b></p> 	<p>Expressão corporal e resistência cultural, a Dança Afro se expandiu no Brasil com toda a carga espiritual, emocional e de conexão com nossa ancestralidade que essa forma de arte carrega. Surgida no Brasil no período colonial por meio das religiões de matriz africana, a Dança Afro foi encaminhada a diferentes estados e gerou uma diversidade de ritmos que ajudaram a construir a identidade cultural do Brasil.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Fernanda Figueiredo</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<b>O Clássico e o Afro de Mercedes Baptista</b> 	<p>Nas transformações promovidas por Pereira Passos no Rio de Janeiro do início do século XX para “civilizar” a então capital federal, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro era a grande joia da coroa. Ali seria o lugar para as elites consumirem a cultura trazida por companhias europeias em excursão. Se os ricos e brancos eram bem recebidos, a presença de negros era rarefeita. Apenas em 1948, após destacar-se na Escola de Ballet do Theatro, é que a bailarina Mercedes Baptista se torna a primeira negra a integrar o corpo de baile do Municipal. Entrar para o primeiro escalão da dança clássica, porém, não foi suficiente para diminuir o preconceito em relação a bailarinos negros. Mesmo atuando em poucas ocasiões, Mercedes teve seu talento percebido, tornando-a uma bailarina reconhecida no Rio de Janeiro. Somente o clássico, porém, não era suficiente para Mercedes que, depois de estudar nos Estados Unidos com Katherine Dunham, coreógrafa negra norte americana, retornou ao Brasil para fundar o Balé Folclórico Brasileiro, companhia predecessora da pioneira companhia de dança afro-brasileira.</p>	Ala das Bailarinas (2021)	Direção de Harmonia


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)


Alex de Souza

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>O Clássico e o Afro de Mercedes Baptista (Continuação)</b></p> 	<p>Sua dança a levou ao Salgueiro, escola onde passou a desfilar no início da década de 1960. Foi na vermelho e branco que a bailarina fez história ao misturar a polca, dança clássica de origem europeia, com o samba, no antológico Minueto de Xica da Silva, momento histórico que deu mais brilho ao vitorioso desfile de 1963. Mercedes Baptista virou a grande referência da dança negra no Brasil e no mundo, tendo sido considerada pela própria Katherine Duham como sua sucessora. Unindo os dois universos – <b>o Clássico e o Afro de Mercedes Baptista</b> –, a fantasia da ala é o traje clássico dos ballets europeus, collant e saia armada (ou tutu), transformado pela estética da dança afro e com a padronagem característica africana. O coque, típico de balé europeu, ganha contornos afro e, junto com as sapatilhas, completam a fantasia em homenagem à nossa bailarina pioneira.</p>	Ala das Bailarinas (2021)	Direção de Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<b>O Choro na Festa da Penha</b> 	<p>Se os modos e costumes de origem negra passaram a fazer parte da identidade nacional, o mesmo pode se dizer dos festejos, das músicas e dos ritmos afro-brasileiros – presentes no quarto setor do desfile do Salgueiro –, que, hoje, resistindo às perseguições e tentativas de proibição, fazem parte da cultura brasileira. Um dos exemplos é a Festa da Penha, maior e mais popular evento religioso do Rio de Janeiro no passado. Realizada na área da Igreja de Nossa Senhora da Penha desde o século XVIII, a Festa da Penha era muito frequentada, em seu início, por portugueses. Mas, aos poucos, teve seus espaços ocupados pelos negros. Primeiro, com a venda de quitutes e serviços; depois, com os sambas, músicas e estilos, que popularizaram o evento ao substituírem os fados e modinhas de então. A Festa se tornou também uma grande lançadora de sucessos e estilos musicais, antes da “Era do Rádio”. Um deles foi o Choro, gênero criado por volta de 1870 e considerado o primeiro genuinamente carioca. À base de violões, cavaquinhos e instrumentos de sopro, o Choro nascia como o jeito brasileiro – e original – de interpretar diversos estilos musicais europeus. Com o tempo, transformou-se em símbolo de resistência cultural, representado por artistas como Sinhô, João da Bahiana, Caninha, Donga, Pixinguinha, Ismael Silva e Heitor dos Prazeres.</p>	Ala Fina Estampa (2007)	Claudio Azevedo



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p><b>O Choro na Festa da Penha (Continuação)</b></p> 	<p>Para homenagear o <b>Choro na Festa da Penha</b>, os componentes da ala vestem uma fantasia que remete à figura de um músico de Choro típico do final do século XIX e início do século XX. Elegantemente vestido, eles trazem o cavaco e, no chapéu, a imponente matriz de Nossa Senhora da Penha, Igreja que é um símbolo dos subúrbios cariocas e onde a festa ainda é realizada até hoje.</p>	<p>Ala Fina Estampa (2007)</p>	<p>Claudio Azevedo</p>
*	<p><b>Apresentadores dos Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira</b></p> 	<p>À frente da ala que homenageia as Escolas de Samba do Rio de Janeiro, trazemos, como Destaques de Chão, duas figuras emblemáticas dos desfiles: Manoel Dionísio e Rita Freitas. Ele, oriundo do corpo de baile de Mercedes Baptista, dançou no famoso Minueto de Xica da Silva (1963) e criou a Escola de Mestre-Sala e Porta-Bandeira que leva seu nome e é um polo de resistência dessa arte. Ela, uma das mais premiadas Porta-Bandeiras de todos os tempos, também aluna de seu acompanhante e atual parceira na escolinha. O casal vem trajado como Apresentadores dos Casais, com a tradicional roupa de gala que representa o respeito pelos condutores dos pavilhões.</p>	<p>Destaques de Chão</p>	<p>Manoel Dionísio e Rita Freitas</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<b>Escolas de Samba</b> 	<p>A popularização do samba, a partir da gravação de Pelo Telefone, de Donga, em 1917, espalhou o ritmo pelas camadas mais pobres da cidade, entre elas, o bairro do Estácio, onde uma turma liderada por Ismael Silva, Bide e Nilton Bastos criou, a partir do samba, uma nova cadência, mais adequada para dançar nos cortejos de rua durante o carnaval. Em 1928, para desfilar durante o carnaval na região da Praça Onze, mitológico quilombo cultural, desmembrado para a construção da atual Avenida Presidente Vargas, esse mesmo grupo fundou a Deixa Falar, considerada a primeira escola de samba do Rio de Janeiro. Novas agremiações foram surgindo, até que o jornal Mundo Sportivo organizou, em 1932, o primeiro desfile “oficial”. Segundo o historiador Luiz Antonio Simas, coautor do livro <i>Pra Tudo Começar na Quinta-Feira – o enredo dos enredos</i>, a criação das escolas de samba coincide com a luta dos negros para serem aceitos na sociedade. Como o Estado queria disciplinar as manifestações culturais dos descendentes dos escravizados, as escolas de samba serviram como instrumento de resistência para legitimar as manifestações afro-brasileiras junto à sociedade.</p>	Ala Juntos e Misturados (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Alex de Souza


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p><b>Escolas de Samba (Continuação)</b></p> 	<p>Alguns dos elementos das Escolas de Samba foram trazidos dos blocos e das Grandes Sociedades, mas uma das maiores heranças veio dos Ranchos: o casal de Porta Estandarte, precursora da Porta Bandeira, e Mestre Sala, um dos principais símbolos das agremiações. Elemento sagrado de uma Escola de Samba, são eles os condutores dos pavilhões que representam a territorialidade e a ancestralidade de cada comunidade. No desfile do Salgueiro, eles são consagrados pela fantasia da ala 22, que mostra toda a elegância do casal. Nos estandartes carregados pela Porta Estandarte, a homenagem, aos fundadores das Escolas de Samba mais tradicionais do Rio de Janeiro. Responsáveis pelo surgimento do Samba de Enredo, gênero próprio que serve para contar, em forma de poesia, a história que o cortejo propõe, as Escola de Samba se transformaram na maior manifestação artística e cultural produzida no Brasil e hoje é um dos maiores espetáculos do mundo.</p>	<p>Ala Juntos e Misturados (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>Afoxé</b></p> 	<p>Os Blocos de <b>Afoxé</b>, de raízes iorubanas, são um símbolo da cultura africana no Brasil, expressada em manifestações ligadas à música, comportamento e, principalmente, à religião, uma vez que tem profunda vinculação com as manifestações religiosas dos terreiros de Candomblé. Muitas das músicas cantadas nos desfiles são as mesmas cantigas entoadas nos terreiros, tornando os Afoxés conhecidos também como “Candomblé de rua”. O mais famoso deles é o Filhos de Ghandi – nome inspirado nos princípios de não violência e paz do ativista hindu, Mahatma Gandhi –, criado na Bahia, em 1949. O bloco baiano gerou frutos e chegou ao Rio de Janeiro dois anos depois, fundado por estivadores e outros trabalhadores ligados à religião afro-brasileira, a maioria moradora dos bairros próximos, como Saúde e Gamboa, e alguns membros vindos de Salvador (BA). A Associação Cultural Recreativa Afoxé Filhos de Gandhi foi a entidade pioneira do “Movimento Afro-brasileiro” no Rio de Janeiro, diferenciando-se das demais pelo toque dos atabaques, no ritmo Ijexá, e pelos cânticos em iorubá, dialeto africano. O Afoxé se caracteriza como um dos muitos desdobramentos culturais das comunidades-terreiros da religião tradicional africana ao apoiar, desenvolver e preservar a cultura afro-brasileira por meio da música, da cultura, da fé e de desfiles de Carnaval no Rio de Janeiro. A fantasia da ala representa a tradicional vestimenta dos Filhos de Gandhi, que remete às origens baianas da manifestação.</p>	Ala Zé Carioca (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

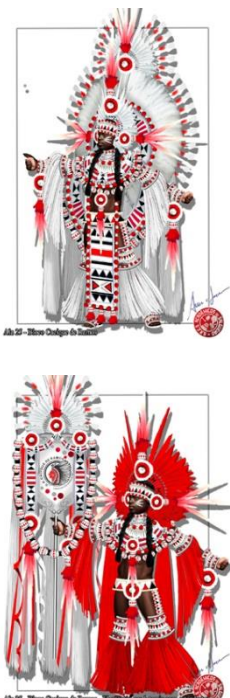
Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p><b>Blocos Afro</b></p> 	<p>Os <b>Blocos Afro</b> são agremiações criadas com o objetivo de “reafricanizar” o carnaval de rua do Rio de Janeiro. Por isso, em seus desfiles, sempre usam temas conectados com a África e com a afirmação da negritude. Embora estejam ligados à folia, realizam diversas ações educativas e de formação profissional, e se caracterizam também como polo irradiador da luta contra o racismo, da valorização da identidade negra, da resistência social, cultural, estética e da política das populações afro-brasileiras. No desfile do Salgueiro, os componentes da ala vestem fantasias estilizadas, que trazem para a avenida, em sua estética, toda a africanidade defendida pelos Blocos Afro.</p>	<p>Ala Os Reis da Boêmia (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
*	<p><b>A Rainha do Cacique</b></p> 	<p>Durante os desfiles do Bloco ela é uma das figuras que encanta e fascina o público: a <b>Rainha do Cacique</b>. Com sua indumentária indígena e muito samba no pé, a Rainha ganhou destaque e hoje é personagem importante durante a passagem do Cacique pela Avenida Rio Branco.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Bianca Salgueiro</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<b>Bloco Cacique de Ramos</b> 	<p>Símbolo de resistência, de samba, cultura e arte, e patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro, o Bloco Carnavalesco <b>Cacique de Ramos</b> foi fundado em 20 de janeiro de 1961, no bairro de Ramos. Em seus mais de 50 anos de história, o bloco tornou-se referência no carnaval de rua e um dos mais tradicionais do país. Foi com sua característica indumentária de indígena estilizado, na cor branca, com detalhes em preto e vermelho – fantasia utilizada pelos componentes da ala – que o Cacique se transformou em uma grande atração carnavalesca ao arrastar foliões para os desfiles de blocos de embalo na Avenida Rio Branco. Nas laterais da ala, outros integrantes com a fantasia na cor vermelha e detalhes em branco e preto, carregam estandartes que identificam o Bloco. No início da década de 1970, a quadra da Rua Uranos, passou a sediar semanalmente o samba da Tamarineira, árvore tida como um amuleto da agremiação e guardião de todo o “axé” do samba. O encontro semanal reuniu grandes bambas do samba e fez surgir uma nova manifestação cultural: o pagode, estilo criado pelo grupo Fundo de Quintal, cria do Cacique, e caracterizado pelo uso de uma nova instrumentação - tantã, repique de mão e banjo.</p>	Ala Narcisa (1990) & Ala Paixão Salgueirense (1999)	Luiz Fernando Martins Kaden & André Vaz

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

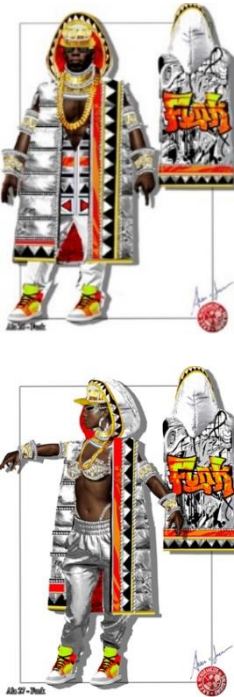
Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p><b>Baile Charme de Madureira</b></p> 	<p>Conta a lenda que, há pouco mais de 40 anos, DJ Corello comandava um baile de Black Music quando avisou: “Chegou a hora do charminho. Transe seu corpo bem devagarinho!”. E tocou uma música mais ritmada, swingada e menos acelerada do que o funk. Nos bailes seguintes, o momento do “charminho”, passou a ser aguardado pelo público. O novo ritmo fez sucesso, tomou conta das pistas e fez surgir o Baile Charme, baseado em um repertório de canções românticas dos gêneros Soul e R&amp;B norte americanos. Herdeiros das antigas gafieiras, os Bailes Charme carregam alguns de seus códigos, como a elegância dos trajes, a forma de se vestir, baseada na consciência étnico racial, e o visual muito caprichado dos charmeiros. Foi assim que cabelos black power, calças boca de sino e sapatos de salto – elementos que compõem e caracterizam a fantasia da ala – se tornaram tendência, se espalhando por festas e bailes da zona norte e do subúrbio do Rio de Janeiro. Mas foi sob as pistas do Viaduto Negrão de Lima que o Charme encontrou seu templo. Hoje, o <b>Baile Charme de Madureira</b>, patrimônio imaterial do Rio de Janeiro, mesmo com a diversidade de seus frequentadores, ainda tem a forte presença da identidade negra, seja pela dança, pelo estilo, ou pela atitude.</p>	Ala Charme Salgueirense (2021)	Direção de Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p><b>Funk</b></p> 	<p>“É som de preto, de favelado, mas quando toca, ninguém fica parado” O trecho do funk “Som de Preto”, de 2005, reflete esse estilo musical surgido no Rio de Janeiro na década de 1970, a partir da fusão de sonoridades brasileiras e de guetos norte-americanas. O ritmo conquistou as comunidades e periferias cariocas e, na década de 1990, se popularizou e se multiplicou nos bailes, quando as músicas ganharam letras que retratavam o cotidiano das favelas. Por outro lado, por ser “som de preto, de favelado”, foi discriminado e muitas vezes proibido. Mas o <b>Funk</b> resistiu e se reinventou. Por meio do Funk Melody, músicas mais melódicas, com temas românticos que seguiam mais fielmente a linha do freestyle norte-americano, o “som de preto” atingiu o país inteiro e ninguém mais ficou parado. Nem nas favelas, nem nas mansões. Identificado com o processo de ressurgimento de organizações políticas negras, o Funk tem um caráter de movimento transformador, veículo da cultura popular das comunidades menos favorecidas que aglutina a grande maioria dos jovens negros da cidade. Os símbolos estéticos dos funkeiros estão presentes na fantasia dos componentes da Ala do Maculelê: roupas esportivas, de tamanho maior que o normal, tênis da moda, óculos escuros e joias. Ostentação que, na ala coreografada do Salgueiro, é mesclada, nos detalhes, com grafismos africanos típicos.</p>	Ala do Maculelê (Comunidade) (2008)	Direção de Harmonia e Carlos Borges (Carlinhos do Salgueiro)

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Miss Renascença Clube</b></p> 	<p>Na efervescência cultural vivida no Rio de Janeiro na primeira metade dos anos 1960, um dos eventos que parava a cidade era o concurso de Miss Rio de Janeiro, famoso por levar fortes candidatas para o Miss Guanabara (estado criado após a mudança da capital para Brasília). Entre as concorrentes estava a Miss Renascença, representante do clube do Méier (e, depois, Andaraí) fundado por negros de classe média que, impedidos de ingressar em clubes tradicionalmente frequentados por brancos, fundaram uma agremiação para que suas famílias pudessem confraternizar sem discriminação, e onde a música preta sempre esteve presente, seja por intermédio dos bailes de soul music, nos anos 1970, ou pelo samba, em eventos como o Samba do Trabalhador. Nos concursos de beleza, o Rena se notabilizou por sempre participar com misses negras, como Dirce Machado, Aizita Nascimento, Sônia Silva e, principalmente, Vera Lucia Couto dos Santos, a primeira preta a vencer o Miss Guanabara, em 1964. São elas, representantes do charme e da beleza afro-brasileira, as homenageadas pela fantasia da Destaque de Chão.</p>	Destaque de Chão	Edcléia Scafura

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Alex de Souza				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Salgueiro é o Caldeirão</b></p> 	<p>Enquanto o baile do Viaduto não começa, outros ritmos se apresentam. O grupo coreografado, que dança funk entre o tripé e o carro, remexendo as cadeiras e descendo até o chão, invade a pista e mostra que o Salgueiro é o Caldeirão!</p>	<p>Grupo de Dança (2021)</p>	<p>Carlos Borges (Carlinhos do Salgueiro)</p>
28	<p><b>AfroReggae</b></p> 	<p>Vestido com as cores do Pan-africanismo, movimento social, filosófico e político, com o objetivo de promover a defesa dos direitos do povo africano, constituindo um único Estado soberano, o Salgueiro chega ao final de seu desfile dando voz aos heróis contemporâneos que, nos dias de hoje, ainda continuam a lutar por igualdade social e racial, e pela valorização da cultura afro-brasileira. Um desses heróis é José Pereira de Oliveira Júnior, fundador do Grupo Cultural AfroReggae, o GCAR, em Vigário Geral. Criado em 1993 com a missão de afastar jovens da influência do tráfico por meio da arte e da cultura, e contribuir para despertar as potencialidades artísticas nos jovens da periferia, a iniciativa permitiu a Vigário Geral deixar as páginas policiais para ser pauta nos cadernos de cultura. O trabalho da instituição cresceu, alcançou moradores de outras favelas, e, hoje, atende mais de 6 mil pessoas.</p>	<p>Ala Salgueiro (1989)</p>	<p>Paulo Soares da Silva Carvalho</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p><b>AfroReggae (Continuação)</b></p> 	<p>Com vocação artística, o GCAR se desdobrou em vários grupos, como o Afro Lata (de percussão), o Makala (de dança afro), o Bloco AfroReggae, a Trupe de Teatro, o Afrocirco e a Orquestra AfroReggae, e realizou diversos projetos culturais e sociais premiados no Brasil e no Mundo. A homenagem ao Grupo AfroReggae vem da ala 28 do Salgueiro, que veste uma fantasia inspirada no Rastafári, movimento religioso judaico-cristão surgido na Jamaica, na década de 1930, entre negros camponeses descendentes de africanos escravizados. O Rastafári, que tem o Leão de Judá, presente no chapéu dos componentes, como um de seus símbolos, combina o cristianismo, o judaísmo e uma consciência política pan-africana (presente nas cores da fantasia). A religião foi difundida por intermédio dos artistas e letras de Reggae, gênero musical surgido nas favelas jamaicanas na década de 1970, e inspiração para a criação do AfroReggae.</p>	Ala Salgueiro (1989)	Paulo Soares da Silva Carvalho



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p><b>Nós no Morro</b></p> 	<p>Em 1986, no Vidigal, favela da Zona Sul da cidade, do sonho do jornalista e ator Gutí Fraga de transformar o mundo por meio da arte, surgiu o Grupo Nós do Morro. Mais do que formar profissionais, atores, diretores, roteiristas e técnicos, para as artes cênicas e para o cinema, o Nós do Morro tinha o objetivo de despertar o interesse da comunidade do Vidigal pelo teatro. Desde sua criação, o Grupo vem investindo na potencialidade da favela, seja promovendo a complementação educacional, a difusão de ideias e conceitos para ampliar a criatividade, sensibilidade e sociabilidade, ou facilitando o acesso à cultura das crianças do Vidigal, por intermédio das oficinas de formação em artes cênicas. Vencedor do Prêmio Shell de Teatro em 1996 e celeiro de artistas como Babu Santana, Roberta Rodrigues, Marcelo Mello Jr., Micael Borges, Jonathan Azevedo, Roberta Santiago e Thiago Martins, o Nós do Morro já formou mais de 12 mil jovens, produziu seis curtas-metragens, uma série de TV e montou 25 peças profissionais. Entre elas, destaca-se <i>Domando a Megera</i>, de 2016, uma paródia ao texto de <i>A Megera Domada</i>, do dramaturgo inglês William Shakespeare.</p> <p>Os figurinos da peça, do final do século XVI, inspiram a fantasia da ala 29 do Salgueiro. À frente da ala, um componente traz o estandarte, anunciando o Vidigal Show. Mantendo as cores do pan-africanismo, que dominam o setor, a fantasia traz ainda a imagem do Morro do Vidigal e elementos característicos da favela, que dão identidade ao Nós do Morro.</p>	Ala Gaia (Comunidade) (2003)	Direção de Harmonia


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

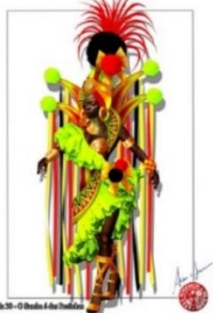
Alex de Souza

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
30	<b>O Samba é das Pretinhas</b> 	<p>Grandes mulheres fazem parte da história das escolas de samba. São nossas matriarcas e sempre espalharam seu talento por vários segmentos. Mas é, sobretudo, por intermédio das passistas, que nossa festa ganha mais brilho e o público identifica muito do glamour admirado e visível no carnaval. Apesar disso, essas mulheres ainda são muito afetadas com aquilo que é invisível ou simplesmente ignorado: a deturpação de suas imagens, a desvalorização da arte de sua dança e a objetificação e sexualização de seus corpos. Donas de vidas particulares, como trabalhadoras, estudantes ou mães, que se desdobram para conciliar suas jornadas cotidianas com o carnaval, elas ainda lutam para quebrar muitos dos equívocos e estigmas causados por pré-conceitos. Inquietas com essas questões femininas no carnaval, quatro passistas dos Acadêmicos do Salgueiro – Larissa Neves, Mirna Moreira, Rafaela Dias e Sabrina Ginga –, se uniram, em 2016, para criar o projeto <b>Samba Pretinha</b>. Por meio de debates abertos nas quadras de diversas escolas de samba, o grupo discute temas ligados aos estigmas associados à figura das passistas, bem como a valorização da cultura afro-brasileira, estética negra e autoestima feminina, além de distinguir a sensualidade, inerente à dança do samba, da sexualidade vulgar, fortalecida por estereótipos raciais e machistas.</p>	Ala das Domadoras (Comunidade) (2019)	Direção de Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
30	<b>O Samba é das Pretinhas (Continuação)</b> 	<p>Não é coincidência o Samba Pretinha ter surgido em terras salgueirenses, pois foi lá, também, o lugar onde “nasceu” a primeira passista do carnaval carioca: Paula da Silva Campos, a Paula do Salgueiro. Foi a partir dela e de sua maneira de sambar, com passos miudinhos, que o termo Passista foi cunhado para denominar todas as solistas do samba (antes chamadas de pastoras ou cabrochas). Preta, de sorriso largo, Paula tinha um jeito único de se deslocar na pista, deslizando no asfalto. Com o ritmo marcado e o famoso jogar de ombros, sua majestosa figura enlouquecia a arquibancada. A fantasia da ala traz a estilização das roupas usadas por Paula em seu auge, nas décadas de 1950 e 1960: o torso na cabeça e o vestido (nas cores do pan-africanismo) até o joelho, mas de decote ousado e ombros nus. No pescoço e braços, colares e pulseiras completam o figurino, inspirado na passista que era um acontecimento do carnaval.</p>	Ala das Domadoras (Comunidade) (2019)	Direção de Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Alex de Souza

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
31	<p><b>Feira das Yabás</b></p> 	<p>Muitas das tradições afro-brasileiras no Rio de Janeiro foram transmitidas nos quintais, nos terreiros religiosos ou nas casas das Tias Baianas. Para reviver esse passado, há 13 anos é realizada a Feira das Yabás, evento idealizado pelo sambista Marquinhos de Oswaldo Cruz e que reúne, de forma simbólica, todos os quintais do Rio de Janeiro na região da Grande Madureira. Em suas barracas, é servido o melhor da típica culinária do subúrbio carioca, como feijoada, cozido, tripa lombeira, jiló frito, rabada, carne seca com abóbora ou macarrão com carne assada. Tudo isso regado a muita cerveja e samba da melhor qualidade. Indo além de um simples evento gastronômico e musical, a Feira das Yabás – como são denominadas as orixás femininas e cujo significado em iorubá é “mãe”, “senhora” ou “aquela que alimenta seus filhos – possui uma simbologia que nos remete à tradição afro-brasileira, em especial a carioca. Na Feira, a comida, preparada pelas matriarcas, a música, o espaço social e a manifestação cultural, reafirmam a identidade carioca por meio da memória afetiva. Com alegria, os componentes da ala trazem para o desfile do Salgueiro todos os elementos e o universo que compõem a Feira das Yabás. Das barraquinhas, ladeando a ala, com as comidas características da festa, aos músicos, responsáveis por apresentar o melhor samba como trilha sonora da Feira.</p>	<p>Ala Fúria Salgueirense (Comunidade) (2003)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alex de Souza				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
32	<b>Grupo Ativistas</b> 	<p>A última ala do desfile dos Acadêmicos do Salgueiro no carnaval de 2022 se faz presente em uma passeata. Seus componentes formam os Movimentos Negros responsáveis por atos e manifestações na luta contra o racismo estrutural e pela inclusão social do negro, entre outras pautas tão importantes e urgentes, que ainda nos assombram nos dias de hoje. Vestidos com roupas que remetem à indumentária africana, inclusive em suas padronagens, os integrantes do <b>Grupo de Ativistas</b> nos mostram, por meio de cartazes, bandeiras e faixas, a necessidade de dar continuidade às ações de engajamento à causa antirracista, fortalecê-las e torná-las permanentes. O conjunto da ala lembra, a todos nós, que a Resistência continua!</p>	Ala Resistência (Comunidade) (2021)	Direção de Harmonia
*	<b>Consciência e Luta</b> 	<p>A fantasia da Destaque de Chão, nas cores do pan-africanismo, representa a Consciência e Luta, exercícios diários para colocar o povo preto em seu lugar de direito, diferente daquele que foi cristalizado pela escravidão e pela colonização.</p> <p>A população negra ainda sofre os ecos de uma falsa liberdade e é somente por intermédio de consciência e luta que, um dia, surgirá uma sociedade igualitária, sem a mancha do racismo e que valorize e preserve a contribuição negra na formação do Brasil como nação.</p>	Destaque de Chão	Dandara Mariano

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão 08 – Gamboa, Rio de Janeiro – RJ – CEP 20.220-290	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Paulo Henrique Caetano da Silva Dias	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Modelista: Claudinho Costureira: Arlete	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b>
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Daniel dos Santos, Andréia Veloso Marques, Delfim, Anderson, Ranny, Ives, Sônia, Nely, Gilmar, Claudinho, Paulo e Mônica.	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> José
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  Leozinho e Belizário Cunha - Chefes de Ateliê	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <i>As imagens dos croquis são originais e servem apenas como referência, uma vez que podem ter sido feitas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.</i>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>		
Demá Chagas, Pedrinho da Flor, Leonardo Gallo, Zeca do Cavaco, Gladiador e Renato Galante		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b>		
Nilda Salgueiro Baptista Ferreira		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>
100 (cem)	Luiz Camelô 90 anos	Antônio Gonzaga 27 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Um dia meu irmão de cor                  Chorou por uma falsa liberdade                  Kao Cabecilê sou de Xangô                  Punho erguido pela igualdade                  Hoje, cativeiro é favela                  De herdeiros sentinelas                  Da bala que marca, feito chibata                  Vermelho na pele dos meus heróis                  Lutaram por nós, contra a mordaca                  Ê Mãe Preta, Mãe Baiana                  Desce o morro pra fazer história                  Me formei na Academia                  Bacharel em harmonia                  Eis aqui o meu Quilombo, escola</p> <p><b>Ê galanga ê... Rei Zumbi obá                  Preta aqui virou Rainha Xica                  Sou a voz que vem do gueto                  Resistência no Tambor                  Pilão de Preto Velho eu sou</b></p> <p>No Rio batuqueiro                  Macumba o ano inteiro                  Não nega meu valor, axé                  Gingado de malandro                  Kizomba e capoeira                  Caxambu e jongo, fé na rezadeira                  Tempero de iaiá, não tenho mais sinhô                  E nunca mais sinhá                  Sambo pra resistir                  Samba meus ancestrais                  Samba pelos carnavais                  Torrão amado o lugar onde eu nasci                  O povo me chama assim</p> <p><b>Salgueiro... Salgueiro...                  O amor que bate no peito da gente                  Sabiá me ensinou: sou diferente</b></p>		
		<b>BIS</b>
		<b>BIS</b>

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

##### A MELODIA DO SAMBA

Os compositores da Academia do Samba prepararam uma obra precisa e encantadora para o Carnaval 2022, tendo entre seus autores dois verdadeiros baluartes do carnaval carioca: Pedrinho da Flor e Demá Chagas. Os dois, que promovem um encontro já consagrado no mundo do samba, não assinavam uma composição de samba de enredo em parceria desde Sou Amigo do Rei, de 1990.

A obra foi composta em Compasso Binário Simples (2/4) em toda sua extensão. O tom “Sol menor” foi o escolhido, tendo em vista que tons menores permitem, com facilidade, uma ambiguidade em relação à tônica, principalmente quando se usa a subtônica em vez da sensível, o que torna mais fácil a elaboração de desenhos melódicos mais ricos. A tecitura melódica adotada neste samba em sua versão final teve como objetivo facilitar uma maior beleza sonora e facilitar o canto da Comunidade em toda sua extensão.

A estrutura deste samba é composta por: Primeira Estrofe (*Um dia meu irmão...*), Refrão (*Ê, Galanga, ê ...*), Segunda Estrofe (*No Rio batuqueiro...*) e Refrão Final (*Salgueiro, Salgueiro ...*), conforme abaixo:

##### PRIMEIRA ESTROFE:

*Um dia meu irmão de cor  
Chorou por uma falsa liberdade  
Kaô Cabecilê, sou de Xangô  
Punho erguido pela igualdade  
Hoje cativo é favela  
De herdeiros sentinelas  
Da bala que marca feito chibata  
Vermelho na pele dos meus heróis  
Lutaram por nós contra a mordaca  
Ê, mãe preta, mãe baiana  
Desce o morro pra fazer história  
Me formei na Academia  
Bacharel em harmonia  
Eis aqui o meu quilombo, escola*

As quatro primeiras frases da melodia seguem semelhantes, em tons que remetem à emoção e à determinação, com uma variação em “*sou de Xangô*”, que exalta o Orixá em um grito que mexe com emocional dos componentes de forma única ao clamar por justiça.

Entre as frases melódicas que seguem entre “*Hoje cativo é favela...*” e “*Lutaram por nós contra a mordaca...*” o sentimento de tristeza pela constatação da manutenção de um status social mesmo depois de tanta luta por parte de seus ancestrais se torna bastante nítido nas notas empregadas para tal percepção.

E, então, a melodia, em subida, grita pela “*Mãe baiana*” em um chamado, para que o sentimento de orgulho seja demonstrado de forma firme e definitiva até o refrão que segue.



**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**REFRÃO:**

*Ê, Galanga, ê, Rei Zumbi, Obá  
Preta aqui virou Rainha Xica  
Sou a voz que vem do gueto  
Resistência no tambor  
Pilão de preto velho eu sou*

Neste refrão, a estética tribal da melodia, unida ao conteúdo da letra, reforça o sentimento de empoderamento e orgulho, e realiza uma mudança interessante em sua segunda passada, quando a primeira frase volta em tom maior, proporcionando uma evolução crescente na melodia no preparo para a segunda estrofe.

**SEGUNDA ESTROFE:**

*No Rio batuqueiro  
Macumba o ano inteiro  
Não nego meu valor, axé  
Gingado de malandro  
Kizomba e capoeira  
Caxambu e jongo, fé na rezadeira  
Tempero de Iaiá, não tenho mais, sinhô  
E nunca mais, sinhá  
Sambo pra resistir  
Semba meus ancestrais  
Samba pelos carnavais  
Torrão amado o lugar onde eu nasci  
O povo me chama assim*

A “pegada” afro nos tambores do início da segunda estrofe une propositalmente, em sincronia, o ritmo e a melodia, e remete às origens culturais e religiosas do povo preto, crescendo no grito de “axé...” em exclamação de orgulho.

Daí em diante, a melodia tem idas e vindas de repetições de acordes, emoldurando o jogo de perguntas e respostas em uma bela cadência que, além da estética agradável, facilita a elaboração de belos desenhos por parte da bateria.

Ao final da segunda estrofe, os caminhos melódicos seguem em sinuosidade e elegância, rumo ao ápice no refrão final.

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

##### REFRÃO FINAL:

*Salgueiro, Salgueiro  
O amor que bate no peito da gente  
Sabiá me ensinou: sou diferente*

A explosão de emoção no coração salgueirense está muito presente na melodia do refrão. “Chega junto” e de forma intensa ao alongamento das notas na primeira frase, na subida de nota ao final da segunda e alimenta com bastante carinho o sentimento de “não ser melhor, nem pior... apenas diferente”, que encerra o samba.

#### A LETRA DO SAMBA

O samba de enredo do Salgueiro para o carnaval de 2022, composto por Demá Chagas, Pedrinho da Flor, Leonardo Gallo, Zeca do Cavaco, Joana Rocha, Renato Galante e Gladiador, passeia pelo tema central do enredo – a resistência da população negra na cidade do Rio de Janeiro por meio de caminhos mais sutis, como a religião, arte, cultura, ritmos, festas, que formam os setores do desfile –, mas também expõe mazelas e dificuldades enfrentadas até hoje.

Para conduzir a letra do samba, os autores optaram por ter os Acadêmicos do Salgueiro e sua história como condutores, apresentando, também, o pioneirismo (a abertura do desfile) e sua vocação natural de levar para a avenida uma diversidade de enredos com a temática africana, de personagens negros e de tantas outras histórias que continham um pouco de africanidade em si. Foram estes elementos que tornaram o Salgueiro um ator fundamental no desfile das escolas de samba e também no processo de resistência cultural e de luta contra o racismo institucional.

*“UM DIA MEU IRMÃO DE COR  
CHOROU POR UMA FALSA LIBERDADE  
KAÔ CABECILE, SOU DE XANGÔ  
PUNHO ERGUIDO PELA IGUALDADE”*

Uma afirmação inicia o samba: a libertação, que deveria vir após a assinatura da Lei Áurea, não ocorreu. Ficou apenas no papel. Nos dias seguintes à abolição, ainda escravizados pela falta de condições mínimas para sobreviver e pela discriminação, nossos **irmãos de cor** passam a viver uma **falsa liberdade**. O pedido por justiça dos escravizados e seus descendentes surge na saudação a Xangô (**Kaô, Cabecile, sou de Xangô**) padroeiro da escola e do Morro do Salgueiro. Orixá da Justiça, Xangô é evocado para combater as arbitrariedades que ainda são cometidas contra a população negra, que, de **punho erguido**, símbolo da Resistência (referência à toda a temática que envolve o enredo e também ao último setor do desfile), continua a lutar pela tão sonhada **igualdade**...

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

**Outras informações julgadas necessárias**

*“HOJE CATIVEIRO É FAVELA  
DE HERDEIROS SENTINELAS  
DA BALA QUE MARCA, FEITO CHIBATA  
VERMELHO NA PELE DOS MEUS HERÓIS  
LUTARAM POR NÓS, CONTRA A MORDAÇA”*

... mesmo após passados 133 anos da abolição. Ainda hoje, a população negra está aprisionada a um sistema cruel, sendo discriminada, marginalizada e excluída por causa da cor da pele. A letra do samba traz, então, uma reflexão, no jogo de palavras, sobre a relação entre o sofrimento do passado e do presente: **cativeiro / favela; herdeiros sentinelas** (a polícia de hoje), **bala / chibata**, para, na sequência, valorizar os heróis de pele preta que, com seu sangue (**vermelho na pele dos meus heróis**) **lutaram** contra a escravidão (**contra a mordaca**), a violência e a intolerância racial. À sua maneira, assim também fizeram nossas matriarcas, ...

*“É MÃE PRETA, MÃE BAIANA  
DESCE O MORRO PRA FAZER HISTÓRIA  
ME FORMEI NA ACADEMIA  
BACHAREL EM HARMONIA  
EIS AQUI O MEU QUILOMBO, ESCOLA”*

... nossas **Mães Pretas**, nossas **Mães Baianas**. Aquelas que são personagens fundamentais na criação do samba. Aquelas que, um dia, **desceram o Morro** (do Salgueiro) **para fazer história** com a Academia do Samba, representação da cultura negra, precedida por raízes africanas e pela história de nossos ancestrais. Um deles, o compositor Geraldo Babão, em 1953, cantou “Vamos Balançar a Roseira, samba de sua autoria, que pregava a união das três escolas do Morro:

*Vamos embalar a roseira  
Dar um susto na Portela  
No Império, na Mangueira  
Se houver opinião,  
O Salgueiro apresenta  
Uma só união  
Vamos apresentar  
Pro povo nos classificar de Bacharel  
**Bacharel em Harmonia**  
Na roda da gente bamba  
Frequentadores do samba  
Vão conhecer o Salgueiro  
Como primeiro  
Em melodia  
A cidade exclamará em voz alta  
Chegou, chegou a Academia*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

A composição é citada na letra do samba de enredo (no trecho **Bacharel em Harmonia**), ao fazer referência à fundação dos Acadêmicos do Salgueiro e também para homenagear grandes diretores de Harmonia forjados no Morro – Casemiro ‘Calça Larga’ e sua linhagem que seguiu na escola por intermédio do filho Jorge ‘Calça Larga’ e do neto, Jo Casemiro Calça Larga, e Laíla, que nos deixou recentemente. O nascimento da escola é o surgimento de um novo local de resistência negra (**eis aqui o meu quilombo, escola**). **Meu quilombo** também faz referência aos territórios de influência africana no Rio de Janeiro abordados no primeiro setor do desfile. “Chãos”, como os quilombos, a Pequena África ou a Pedra do Sal, onde a população negra se fixou e começou a se reconhecer como comunidade.

*“Ê GALANGA Ê... REI ZUMBI OBÁ  
PRETA AQUI VIROU RAINHA XICA  
SOU A VOZ QUE VEM DO GUETO  
RESISTÊNCIA NO TAMBOR  
PILÃO DE PRETO VELHO EU SOU”*

É no refrão central que o Salgueiro é reverenciado como pioneiro na introdução da temática africana nos desfiles das escolas de samba (o setor de abertura), vocação que se manifestou em vários enredos, como Chico Rei (**Galanga**), de 1964; Quilombo dos Palmares (**Rei Zumbi**), de 1960; Xica da Silva (**Preta aqui virou Rainha Xica**), de 1963; Tambor (**Resistência no Tambor**), de 2009, que tinha uma pitada de africanidade que sempre fez bem à escola, além de ser um dos instrumentos presentes no símbolo da agremiação; e O negro que virou Ouro nas terras do Salgueiro, enredo de 1992, sobre o café, quando a escola trouxe, em seu abre-alas, uma imagem icônica do carnaval: um Preto Velho socando o café no pilão (**Pilão de Preto Velho eu sou**).

*“NO RIO BATUQUEIRO  
MACUMBA O ANO INTEIRO  
NÃO NEGO MEU VALOR, AXÉ  
GINGADO DE MALANDRO  
KIZOMBA E CAPOEIRA  
CAXAMBU E JONGO, FÉ NA REZADEIRA  
TEMPERO DE IAIÁ, NÃO TENHO MAIS SINHÔ  
E NUNCA MAIS SINHÁ”*

Na segunda parte do samba, temos, no início, a apresentação de dois setores que se sucedem no desfile: a resistência pelo direito de professar a fé por meio das religiões de matriz africana, segundo setor (**No Rio batuqueiro / Macumba o ano inteiro / Não nego o meu valor, Axé e Fé na Rezadeira**); e a resistência pela expressão da arte e da cultura afro-brasileira, no terceiro setor (**Kizomba e capoeira / Caxambu e Jongo e Tempero de Iaiá**, referente à contribuição africana na culinária brasileira). Uma ode à liberdade, uma vida sem **sinhôs** e sem **sinhás**, encerra esse trecho do samba, ...

*“SAMBO PRA RESISTIR  
SEMBA MEUS ANCESTRAIS  
SAMBA PELOS CARNAVAIS  
TORRÃO AMADO O LUGAR ONDE EU NASCI  
O POVO ME CHAMA ASSIM”*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

... gênero musical que é elemento histórico da resistência preta. Samba, que faz parte de nossa identidade cultural e nos torna conhecidos no mundo, já foi discriminado e proibido em nossa cidade, mas, hoje, ensina, encoraja e liberta. E se falarmos das escolas de samba, é ele que nos define. Por isso, ao abordarem o quarto setor do desfile, os compositores, escolheram o samba para representar a Resistência pelos ritmos (**Sambo pra resistir**) herdados de nossos antepassados negros (**Semba, meus ancestrais**) e que definiram a maneira do carioca de festejar e celebrar a vida (**Samba pelos carnavais**). O trecho que finaliza a segunda parte do samba de enredo reverencia o Morro do Salgueiro, nosso **Torrão Amado**, lugar do surgimento da escola e título do hino da Academia:

*Salgueiro, meu torrão amado  
Onde eu nasci e fui criado  
Quando eu morrer  
Levarei comigo  
Dentro do meu coração  
Salgueiro querido  
Salgueiro berço do samba e do amor  
Salgueiro tua beleza me inspirou  
Salgueiro no samba é uma tradição  
Salgueiro mora no meu coração*

*“SALGUEIRO... SALGUEIRO...  
O AMOR QUE BATE NO PEITO DA GENTE  
SABIÁ ME ENSINOU: SOU DIFERENTE”*

O refrão final é a valorização do Salgueiro como Templo Negro da história dos desfiles das escolas de samba. Ao repetirmos o nome da agremiação (**Salgueiro... Salgueiro...**) reafirmamos nossa paixão por ela, por esse **amor que bate no peito da gente** e por tudo que transita em torno do Salgueiro, inclusive todos os personagens que fazem parte dessa história, personificados na figura do presidente de honra e Griô, **Djalma Sabiá**, aquele que nos ensinou – como diz o lema da escola – a não sermos nem melhores e nem piores. Apenas **diferentes**.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Guilherme dos Santos Oliveira e Gustavo dos Santos Oliveira

**Outros Diretores de Bateria**

Clair da Silva Basílio, Darlan Nascimento, Denise Oliveira, Eduardo José (Dudu), Emilson Mattos (Showa), George Ferreira (Gegê), Kleber da Silva Basílio, Luiz Carlos Irineu (Orelha), Marcelo de Paula (Celão), Natan Carreira, Tarcisio Araújo, Tiago Macedo (Bial) e Victor Trindade

**Total de Componentes da Bateria**

297 (duzentos e noventa e sete) componentes (13 diretores e 284 ritmistas)

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
13	15	16	-	-
<b>Caixa</b>	<b>Tarol</b>	<b>Tamborim</b>	<b>Tan-Tan</b>	<b>Repinique</b>
80	40	36	-	35
<b>Prato</b>	<b>Agogô</b>	<b>Cuica</b>	<b>Pandeiro</b>	<b>Chocalho</b>
5	-	20	-	24

**Outras informações julgadas necessárias**

**A Bateria do Salgueiro** – A Furiosa, como é conhecida a Bateria do Salgueiro, é uma das grandes orquestras do carnaval e uma das mais premiadas na história da folia carioca. É ela que acelera a batida dos corações e arreperia os salgueirenses a cada vez que se posiciona na avenida para abrir os caminhos do cortejo da Academia. Comandada em sua trajetória por grandes Mestres, como Dorinho, Tião da Alda, Bira, Branco Ernesto, Almir Guineto, Arengueiro, Mané Perigoso, Louro e Marcão, a Furiosa, recebeu incontáveis notas dez e diversas premiações, entre elas, nove Estandartes de Ouro, maior prêmio do carnaval carioca.

**Mestre Guilherme e Mestre Gustavo** - “Craque se faz em casa”. O lema utilizado nos clubes de futebol que revelam grandes atletas é perfeito para apresentar os Mestres de Bateria da Furiosa: os irmãos Guilherme dos Santos Oliveira e Gustavo dos Santos Oliveira. Crias dos Aprendizes do Salgueiro e filhos de ritmista (seu pai, Tuninho, foi diretor da bateria da escola por muitos anos), Guilherme e Gustavo deram os primeiros passos no samba na Furiosinha, apelido da escola de samba mirim Aprendizes do Salgueiro. Aos 18 anos, Guilherme começou a tocar na bateria da escola mãe, incentivado por Mestre Louro, ícone do Salgueiro, que sempre que podia, deixava os mais novos participarem dos ensaios para revelar talentos. Durante muitos anos. Guilherme desfilou na bateria do Salgueiro, tocando vários instrumentos, até que, em 2011, já sob a batuta de Mestre Marcão, foi convidado para ser um dos diretores auxiliares da Furiosa. A exemplo do irmão mais velho, Gustavo também cresceu nos Aprendizes do Salgueiro. Em 1999, aos sete anos, já era ritmista da escola mirim, onde também foi diretor, compositor e Mestre da Bateria. Aos 12 anos, influenciado pelo pai, por Guilherme e por amigos, passou a tocar tarol na Furiosa, sem deixar a função de Mestre de Bateria mirim. Em 2010, foi convidado para ser diretor da ala.

## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

Formados em Música pela escola Vila Lobos, os irmãos têm diversos projetos juntos fora do carnaval. Craques da percussão, já fizeram parte do time de músicos de cantores e grupos famosos, como Fundo de Quintal, Clareou, Dudu Nobre e Ludmila. Com a experiência adquirida, há três anos foram convidados a desenvolver um projeto na escola de música Frederic Douglas, no Harlem, centro cultural afro-americano nos Estados Unidos. No comando de 282 ritmistas, Guilherme e Gustavo contam com o auxílio de seus diretores – Clair, Denise, Dudu, Showa, Gegê, Kleber, Orelha, Celão, Natan, Tarcisio, Bial e Victor – para mostrar ao público o ritmo firme, temperado com o mais puro molho do samba do morro do Salgueiro, na busca pela excelência e pela pontuação máxima em mais um carnaval.

#### A Fantasia

##### Umbanda – Gira do Caboclo

Fundamentada no Candomblé, mas sincretizada com aspectos do espiritismo e do catolicismo, além de receber influências ameríndias, a **Umbanda**, patrimônio imaterial do Rio de Janeiro, é uma religião afro-brasileira, baseada em três conceitos fundamentais: luz, caridade e amor. Seu nome vem da língua Quimbunda e significa “arte de curar”. A Umbanda nasceu em 15 de novembro de 1908, nos subúrbios do Rio de Janeiro, quando o médium Zélio de Moraes incorporou a entidade chamada Caboclo das Sete Encruzilhadas, e se expressou contra a discriminação contra os espíritos de negros escravos, índios e crianças, considerados atrasados. A prática da Umbanda é pautada na comunicação entre o sagrado e o profano, ligação feita por meio do transe do Caboclo, líder e espírito desencarnado de um índio, representado pela fantasia da Bateria do Salgueiro. É ele quem inicia a Gira, reunião de vários espíritos, que se manifestam através da incorporação nos médiuns. Na **Gira do Caboclo**, são cantados os pontos para louvar, chamar e se despedir do orixá, sempre acompanhados por instrumentos de percussão, assim como acontece no desfile do Salgueiro, quando os instrumentos de percussão da Furiosa Bateria acompanham o cortejo da Academia do Samba.



## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

##### **Rainha de Bateria – Viviane Araújo**

Verdadeiro fenômeno do carnaval, Viviane Araújo é uma das maiores rainhas da história das escolas de samba. Após sua estreia, em 1995, no Império da Tijuca, Viviane passou por Mocidade Independente, União de Jacarepaguá e pela paulistana Mancha Verde, até chegar ao Salgueiro, após o carnaval de 2007. Desde então reina absoluta à frente da Furiosa. Referência quando o assunto é rainha ou madrinha de bateria, Viviane reúne todos os atributos necessários para o posto: a beleza, o carisma, o gingado de sobra e a habilidade de tocar tamborim, predicados mais que suficientes para enfeitiçar e hipnotizar o público que vai ao delírio a cada passagem pela avenida.

Em seu 14º carnaval à frente da Furiosa do Salgueiro, Viviane Araújo virá vestida como Cabocla Jurema, uma das mais importantes e conhecidas entidades da Umbanda. Considerada a rainha das matas, Jurema pode ser encontrada nas casas de culto da Umbanda e tem como características a beleza, a humildade e a generosidade, o que a torna querida por todos. Sua indumentária mostra o sincretismo da Umbanda, ao representá-la como uma poderosa Indígena, a proteção às matas brasileiras, representada pelo manto verde, e a ligação com Xangô (padroeiro do Salgueiro), na condição de Jurema Flecheira, caracterizada pelo arco e flecha nas mãos.





**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Jô Casemiro Calça Larga

**Outros Diretores de Harmonia**

Ailton Fernandes do Nascimento, Alexandre de Souza da Silva (Pequeno), Alexandre Santiago de Souza, Ana Paula Cardoso do Nascimento, Anderson da Silva Dias, Antônio Mendes Teixeira, Breno Cromadinho, Bruno Leonardo Vianna dos Passos, Carlos Alberto Monsores da Silva (Godô), Carlos Eduardo da Silva (Orelha), Carlos Montelo Silva Souza (Capoeira), David Silva do Nascimento, Denilson Costa da Conceição, Edson Alves dos Santos, Eduardo Egregi Horvath, Fabiano da Conceição, Fagney Lins da Silveira, Flavio Correia Altomar, Flávio Monteiro de Farias, Gilson Orozimbo da Silva, Glauce Maria Rodrigues Gusmão, Jailson Neves Casemiro, Jairo Pereira da Silva, Jedson dos Santos Silva, João Batista Costa, João Carlos Amaral Carneiro, João Marcelo Azevedo Pedroso (Johnny), João Paulo Felizardo de Oliveira, Joelmo Casemiro, Jomilson Casemiro, Jorge da Conceição (Caduza), José Américo de Souza Guimarães, José Carlos Ferreira Cardoso, José Luiz de Souza Costa, José Marinho de Lima Neto, Julio Marcos Schittini, Leda Lima de Castro, Luan Braga, Luiz Carlos Belmiro (Veneno), Marcelo da Silva Ferreira, Marcelo Fernandes de Carvalho (Marcelão), Marcelo Ferreira Lima (Bacalhau), Marcelo Oscar Nasseh, Marco Antônio de Araújo (Marcão), Marco Antônio Souza da Silva (Moreno), Marcos Vinícios Evangelista, Marcus Valerius Cunha de Campos, Mauro dos Santos Ramoa, Mauro Luís Alves Codeço, Nely Barbosa Veloso, Nivaldo Ferreira, Nuriel Gomes Theobaldo, Paulo Cesar Evangelista Junior, Pedro Alexandre Silva França, Pedro Jose do Nascimento (Jacaré), Rafael Pereira da Silva, Raphael Macedo de Novaes, Reginaldo Ferreira dos Santos, Renan Siqueira da Silva, Renato Leal, Ricardo Luiz Gonçalves, Roberto Moreira Barcelos (Robertão), Rodrigo Diniz Moura, Sebastião Caldeira de Melo (Tiãozinho), Sérgio da Conceição, Sérgio Santos Filho (Serginho), Sergio Silva Costa (Serjão), Simone Florim da Silva, Tiago de Oliveira da Silva, Ubirajara Silva, Valmir de Souza Silva, Vinicius Cunha da Gama e William Faria Ramos

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

74 (setenta e quatro) componentes (01 diretor geral e 73 diretores de harmonia)

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

**Oficiais:** Emerson Dias e Melquisedeque Marins Marques (Quinho).

**Auxiliares:** Lissandra Oliveira, Viny Machado, Charles Silva, Wagner do Vale e Leleu

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Harmonia de Cordas: Cavaco –Victor Nascimento e Xandão; Violão de seis cordas – Raphael Gravino; Violão de sete cordas – Andy Lee

**Outras informações julgadas necessárias**

**Harmonia** – Para o carnaval de 2022, em conjunto com seus diretores de Harmonia, o Diretor Geral de Harmonia do Salgueiro, Jô Casemiro Calça Larga – herdeiro da linhagem de Joaquim Casemiro, o ‘Calça Larga’, e Jorge Casemiro –, preparou os componentes do Salgueiro em diversos ensaios e reuniões realizados na quadra da escola e nas ruas Maxwell e Conde de Bonfim. A importância dos ensaios está na necessidade de ajustar o entrosamento e o canto dos componentes – Alas de Comunidade, Composições de alegoria, Destaques, Semidestaques e Destaques de Chão – com o ritmo do samba-enredo da escola. Para que cada componente compreendesse sua função no desfile, foram feitas reuniões nas quais foram apresentados o figurino, com as devidas explicações sobre o significado da fantasia e o que ela representa dentro do desfile. Assim, cada um dos componentes estará na Avenida Marquês de Sapucaí consciente de seu papel, com conhecimento do enredo, da letra do samba-enredo e do roteiro de desfile da escola.

## FICHA TÉCNICA

### Evolução

#### **Diretor Geral de Evolução**

Jô Casemiro Calça Larga

#### **Outros Diretores de Evolução**

Ailton Fernandes do Nascimento, Alexandre de Souza da Silva (Pequeno), Alexandre Santiago de Souza, Ana Paula Cardoso do Nascimento, Anderson da Silva Dias, Antônio Mendes Teixeira, Breno Cromadinho, Bruno Leonardo Vianna dos Passos, Carlos Alberto Monsores da Silva (Godô), Carlos Eduardo da Silva (Orelha), Carlos Montelo Silva Souza (Capoeira), David Silva do Nascimento, Denilson Costa da Conceição, Edson Alves dos Santos, Eduardo Egregi Horvath, Fabiano da Conceição, Fagney Lins da Silveira, Flavio Correia Altomar, Flávio Monteiro de Farias, Gilson Orozimbo da Silva, Glauce Maria Rodrigues Gusmão, Jailson Neves Casemiro, Jairo Pereira da Silva, Jedson dos Santos Silva, João Batista Costa, João Carlos Amaral Carneiro, João Marcelo Azevedo Pedroso (Johnny), João Paulo Felizardo de Oliveira, Joelmo Casemiro, Jomilson Casemiro, Jorge da Conceição (Caduza), José Américo de Souza Guimarães, José Carlos Ferreira Cardoso, José Luiz de Souza Costa, José Marinho de Lima Neto, Julio Marcos Schittini, Leda Lima de Castro, Luan Braga, Luiz Carlos Belmiro (Veneno), Marcelo da Silva Ferreira, Marcelo Fernandes de Carvalho (Marcelão), Marcelo Ferreira Lima (Bacalhau), Marcelo Oscar Nasseh, Marco Antônio de Araújo (Marcão), Marco Antônio Souza da Silva (Moreno), Marcos Vinícios Evangelista, Marcus Valerius Cunha de Campos, Mauro dos Santos Ramoa, Mauro Luís Alves Codeço, Nely Barbosa Veloso, Nivaldo Ferreira, Nuriel Gomes Theobaldo, Paulo Cesar Evangelista Junior, Pedro Alexandre Silva França, Pedro José do Nascimento (Jacaré), Rafael Pereira da Silva, Raphael Macedo de Novaes, Reginaldo Ferreira dos Santos, Renan Siqueira da Silva, Renato Leal, Ricardo Luiz Gonçalves, Roberto Moreira Barcelos (Robertão), Rodrigo Diniz Moura, Sebastião Caldeira de Melo (Tiãozinho), Sérgio da Conceição, Sérgio Santos Filho (Serginho), Sergio Silva Costa (Serjão), Simone Florim da Silva, Tiago de Oliveira da Silva, Ubirajara Silva, Valmir de Souza Silva, Vinicius Cunha da Gama e William Faria Ramos

#### **Total de Componentes da Direção de Evolução**

74 (setenta e quatro) componentes (01 diretor geral e 73 diretores de evolução)

#### **Principais Passistas Femininos**

Amanda Martins Marques, Caroline Henae dos Santos Conceição, Suellen da Silva de Oliveira, Thay Barbosa, Ana Carolina do Nascimento, Andryelle Dos Santos Martins, Anna Beatriz Braga Aguiar, Blenda Lucena Theodoro, Bruna Souto da Costa, Cecília da Costa, Daiane Soares Medeiros, Dandara Rodrigues Batista de Moura, Emanuelle Rodrigues Pires, Fernanda Paula Cabral Catanocce, Gabrielle de Oliveira Maciel, Iara Cassano Santos, Isabelle Alves Gonçalves, Larissa Cruz, Larissa Lopes Ribeiro, Larissa Lorraine Rosa dos Santos Reis, Lívia de Oliveira Menezes Souza, Lorrany Peçanha Alves, Luana Estrela Seixas Oliveira, Luara Neto Lino, Mariane Villela Marinho, Marília Gabriela Carvalho Ávila, Maryanne Hipólito da Costa, Michelle Alves Neves, Pâmella Nascimento, Patricia Miranda Terra, Rayanne Azevedo da Silva, Sabrina Bárbara de Souza, Sandreline Regina da Victoria e Zaira Elisa Reyes Cancino

#### **Principais Passistas Masculinos**

Alex da Silva Oscar, Amauri Leonardo dos Santos, Carlos Alberto José Annes, Danilo Vieira Ribeiro, Diego Alberto Santos do Nascimento, Gabriel Gomes da Silva, Horfeu Valério, João Victor da Silva dos Santos, Jonathan Santos da Conceição, Marcio Elias Osório dos Santos, Roberto Passos de Souza e Thalisson Montanari Machado

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Outras informações julgadas necessárias**

O quesito Evolução sempre recebeu atenção especial dos diretores de Carnaval e de Harmonia do Salgueiro. Para o carnaval de 2022, não foi diferente. As duas diretorias trabalharam incansavelmente nos ensaios técnicos, na quadra da escola e em ruas próximas à agremiação. O objetivo foi resgatar a espontaneidade e deixar os componentes livres para “brincarem” o carnaval com vibração, empolgação e a alegria dos antigos desfiles das escolas de samba, e para desfilarem mais “soltos”, sem amarras que pudessem prejudicar ou inibir a espontaneidade dos componentes.

No quesito Evolução, cabe uma observação importante:

1 – As alas 20 (Ala das Bailarinas, fantasia O Clássico e o Afro de Mercedes Baptista), 27 (Ala do Maculelê, fantasia Funk) e o grupo (fantasia Salgueiro é o Caldeirão) que virá entre o tripé e a Alegoria 04, apresentar-se-ão coreografados, razão pela qual tiveram uma carga maior de ensaios, bem como atenção especial e redobrada durante os preparativos para o carnaval de 2022.

**Observação:** Entre o terceiro tripé e a Alegoria 4, haverá um grupo, pequeno, que não se caracteriza como ala, mas como grupo performático. A dança executada remete ao tripé e à alegoria, conforme explicado na Ficha Técnica – Alegorias.

O termo Passista surgiu por causa dos passos miudinhos de Paula do Salgueiro. A partir dela, aqueles que "diziam no pé" passaram a ser chamados de passistas. Além de Paula, o Salgueiro teve Narcisa, Roxinha, Vitamina, Damásio, Gargalhada, Carlinhos e tantos outros que brilharam na avenida, mobilizando o público com seus passos durante os desfiles do Salgueiro e mostrando toda a ginga do Morro do Salgueiro.

**A Ala de Passistas** – Vencedora do prêmio Estandarte de Ouro em oito oportunidades, inclusive no carnaval de 2017, e detentora de diversos prêmios no carnaval, a Ala de Passistas do Salgueiro é coordenada por Carlos Borges, o Carlinhos Coreógrafo, dono de alguns prêmios de melhor passista no carnaval carioca. Em 2022, a Ala de Passistas do Salgueiro se apresenta com a fantasia Povo de Rua.

**Fantasia – Povo de Rua** – Riscando o chão da avenida, a Ala de Passistas do Salgueiro vem homenageando as entidades da linha de Exus na Umbanda, espíritos pertencentes ao chamado **Povo de Rua** e que auxiliam os trabalhos realizados pelos médiuns. Representando a Pomba Gira Maria Padilha (Exu feminino), as passistas do Salgueiro abrem os caminhos com seu gingado e sensualidade, enquanto os passistas masculinos, com muito samba no pé, vestem o traje do Exu Tranca Rua, com a capa e a cartola na cor preta com detalhes em vermelho. Laroyê!

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> André Vaz da Silva		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Alexandre Couto Leite		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> -		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> -	<b>Quantidade de Meninas</b> -	<b>Quantidade de Meninos</b> -
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Maria da Glória Lopes de Carvalho (Tia Glorinha)		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 (oitenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Marilena Rufino 80 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Bruna Fonseca 39 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Maria Aliano (Caboquinha)		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 100 (cem)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Neuza Sales Costa 92 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Marinete Moreira 57 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Dra. Helena Theodoro (Professora), Manoel Dionizio (bailarino), Rubem Confete (radialista), Eri Johnson (ator), Nando Cunha (ator), Cosme dos Santos (ator), Romeu Evaristo (ator), Toni Tornado (ator e cantor), Sergio Loroza (ator), Edmundo (comentarista esportivo), Marquinhos de Oswaldo Cruz (cantor e compositor), Robson Caetano (comentarista esportivo), Ogan Kotoquinho, Dr. Júlio Tavares, Sandra Martins (jornalista), Waia Santana (historiadora), Marcos Roza (enredista), Elisa Lucinda (atriz e poetisa), Jana Guinond, Luis Antonio Pilar, Ekedí Maria Moura, Dra. Edmee Salgado, Vânia Narciso, Vanda Ferreira, Mariana Maiara, Kelly Tiburcio, Dra. Jurema Werneck, Vilma Piedade, Pai Adailton Moreira, Lúcia Xavier (ONG Crioula), Juliana Alves (atriz), Bia Onça, Dra. Rosália Lemos, Eliana Alvez Cruz (escritora), Fabíola Machado, Deo Garcez, Rodrigo França, Neilda Fabiano, Aída dos Santos (ex-atleta), Sergio Loroza (ator e cantor), Marcelle Cordeiro, Renan de Castro, Matheus Beni (Clube de Leitura da Maré), Pâmela Castro (REDES da Maré), Rodrigo França, Paulo Melgaço (Doutor em Educação), Dom Filó, Corello (DJ) e Altay Velloso (cantor e compositor), Léa Garcia (atriz), Dandara Mariano (atriz) e Lelezinha (cantora e atriz)		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Patrick Carvalho		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Patrick Carvalho		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Femininos</b> 08 (oito)	<b>Componentes Masculinos</b> 07 (sete)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<b>A Fantasia – Akikanju Ijó *</b>		
<p>O grito forte por liberdade vem do “torrão amado”, terra salgueirense, lugar onde a semente da resistência foi plantada no peito de sua gente.</p> <p>A terra, que, para nossos ancestrais africanos é lugar sagrado, de espiritualidade e fertilidade, é a inspiração inicial para o Salgueiro abrir seu desfile em 2022. Com ela, a escola evoca os personagens negros exaltados nas histórias dos carnavais salgueirenses, que, no desfile, são os heróis que forma a Comissão de Frente para nos libertar dos espectros da escravidão mantidos até hoje. Eles chegam do Orum e fincam os pés no “torrão amado” para, com sua energia ancestral, nos guiar e mostrar a força de uma comunidade que sempre fez questão de ser diferente.</p> <p>Liderados por Mercedes Baptista, pioneira bailarina negra e um dos grandes ícones dos Acadêmicos do Salgueiro, tem início o ritual da dança dos heróis – Dandara, Xica da Silva, Maria Crioula, Tia Ciata, Anastácia, Lapinha, Ruth de Souza, Zumbi, Chico Rei, João Cândido, Machado de Assis, André Rebouças, Aleijadinho e Abdias do Nascimento.</p> <p>Inspirada pelo culto de iniciação do Candomblé, Mercedes evoca as Iaôs, que emergem do solo para testemunhar o surgimento de uma herdeira da dança afro-brasileira, presenteada com o legado da resistência.</p> <p>O grito forte que vem de nosso “torrão amado” mostra ao mundo que resistir está na alma do Salgueiro, escola de samba e de vida que continuará a ecoar pelo mundo a coragem dos nossos heróis de pele preta, mostrando a todos que, nessas terras, somos todos filhos de Xangô e temos o punho erguido pela igualdade... Kaô Cabecilê.</p>		
* Akikanju Ijó significa Dança dos Heróis, em Iorubá		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**O Coreógrafo** – O carioca Patrick Carvalho vivencia o carnaval desde sua infância. Foi na escola mirim Golfinhos da Guanabara, quase quintal de sua casa, que ele fez parte do projeto formação de artes em geral com foco carnaval. Em 2009 e 2010, foi um dos componentes da Comissão de Frente da Unidos de Vila Isabel. No mesmo 2010, deu início à carreira de coreógrafo no carnaval, na Alegria da Zona Sul. Nos anos seguintes, ainda no grupo de acesso, trabalhou durante três anos nos Inocentes de Belford Roxo. Sua estreia no Grupo Especial aconteceu em 2015, na União da Ilha do Governador, onde ficou até 2017. Neste ano, já sendo reconhecido pela excelência de seu trabalho, fez jornada dupla, uma vez que foi o responsável também pela coreografia da Comissão de Frente da Unidos do Porto da Pedra, escola que estava no Grupo de Acesso. O acúmulo de trabalho nos dois grupos do carnaval se tornou recorrente nos anos seguintes, quando se dividiu entre escolas do grupo de acesso e especial: Unidos de Vila Isabel e Inocentes de Belford Roxo, Paraíso do Tuiuti e Inocentes de Belford Roxo, e Unidos de Vila Isabel e Acadêmicos do Cubango. Premiado como melhor coreógrafo pelo Tamborim de Ouro, Plumas e Paetês e Estrelas do Carnaval, entre outros, Patrick se tornou uma das grandes referências do carnaval, principalmente após o carnaval de 2018, quando ganhou seu primeiro o Estandarte de Ouro de Melhor Comissão de Frente, além de outros 20 prêmios por seu trabalho à frente da Paraíso do Tuiuti. Sua coreografia, bastante técnica, causou impacto, arrebatou a todos na avenida, e contribuiu de forma decisiva para que a escola do Morro do Tuiuti a conquistasse um inédito vice-campeonato. Como profissional da dança, levou sua arte para outros países com o espetáculo “Brasil Brasileiro” e o projeto “Internacional Samba Congress”, além de ter sido o responsável por coreografias nas cerimônias de abertura e encerramento das Paraolimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. Idealizador e responsável pelo evento Brasil Samba Congress e pelo projeto social Filhos do Samba, Patrick Carvalho também é bastante conhecido por ter sido, por três temporadas, professor e coreógrafo das atrizes Paloma Bernardi, Françoise Fourton e Claudia Ohana no quadro “Dança dos Famosos”, do programa Domingão do Faustão, na Rede Globo de Televisão. Em 2022, o premiado coreógrafo chega ao Salgueiro e será o responsável pelo cartão de visitas da escola. Com a incumbência e o desafio de abrir o desfile da Academia, Patrick e sua equipe abrilhantarão ainda mais o espetáculo que a Academia apresentará na avenida.

**FICHA TÉCNICA****Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Sidclei Santos	<b>Idade</b> 45 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Marcella Alves	<b>Idade</b> 38 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Luan Castro	<b>Idade</b> 23 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Natália Pereira	<b>Idade</b> 36 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Leonardo Moreira	<b>Idade</b> 21 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Letícia Malaquias	<b>Idade</b> 26 anos

**Outras informações julgadas necessárias****1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira****Sidclei Santos - 1º Mestre-Sala**

Sidclei começou no carnaval aos sete anos, como Mestre-Sala do bloco “Vai Quem Quer”, no bairro do Estácio. Ainda criança, participou da escola mirim Corações Unidos do Ciep e, em 1991, ingressou na escola de samba Império da Tijuca. Após um intervalo de dedicação à carreira militar, Sidclei voltou ao carnaval em 1994, nos Acadêmicos do Salgueiro, como segundo Mestre-Sala. Com seu talento não demorou a assumir o posto de principal Mestre-Sala da escola, em 1997. No ano seguinte, a consagração maior: a conquista do Estandarte de Ouro de melhor Mestre-Sala do carnaval carioca. Para encarar novos desafios, Sidclei deixou o Salgueiro e desfilou na São Clemente e nos Acadêmicos do Grande Rio. Em 2011, Sidclei retornou ao Salgueiro para desfilar seu talento na escola. O reconhecimento do árduo trabalho desenvolvido por Sidclei foi recompensado em 2017, quando foi eleito o melhor Mestre-Sala do carnaval carioca pelo júri do Estandarte de Ouro.

**Marcella Alves - 1ª Porta-Bandeira**

Bailarina e professora de Educação Física, Marcella Alves está no carnaval desde 1993, quando estreou na avenida, aos nove anos de idade, como segunda Porta-Bandeira da Lins Imperial. Três anos depois, mesmo com a pouca idade, já assumia, o posto de primeira Porta-Bandeira da escola, ainda nos grupos de acesso. Em 1998, desfilou pela primeira vez no Grupo Especial, defendendo o pavilhão da Caprichosos de Pilares. Seu talento chamou atenção das grandes escolas e, em 2000, aos 17 anos, assumiu o posto de primeira Porta-Bandeira do Salgueiro. Já em sua estreia na escola, ganhou seu primeiro Estandarte de Ouro. Após o carnaval de 2005, deixou a escola e foi convidada pela Mocidade Independente de Padre Miguel. Ainda defendeu a bandeira da Mangueira por quatro carnavais, onde recebeu mais um Estandarte de Ouro. Retornou ao Salgueiro para o carnaval de 2014. No carnaval de 2018, Marcella brilhou na avenida e, além das quatro notas dez ao lado do parceiro Sidclei, foi premiada também com seu segundo Estandarte de Ouro. Em 2022, Marcella Alves conduzirá, mais uma vez, o pavilhão salgueirense na avenida.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

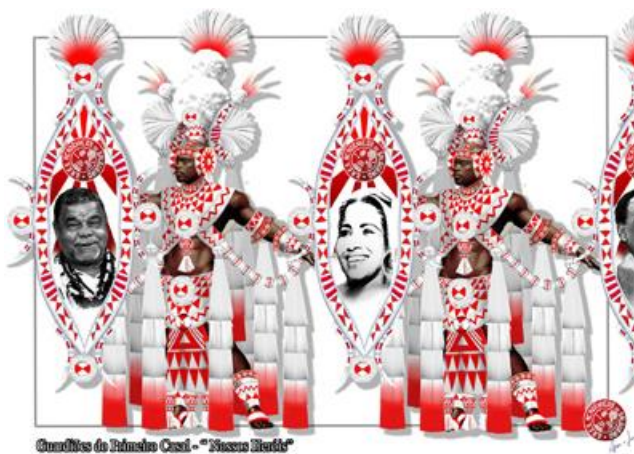
##### A Fantasia – Tradição Salgueirense

O primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira dos Acadêmicos do Salgueiro, Sidlei Santos e Marcella Alves, abre o cortejo da escola representando a tradição e a ancestralidade que fundamentam o quesito, mostrando que as raízes das escolas de samba continuam presentes.

Através de sua fantasia, nas cores do Salgueiro e inspirada nos carnavais de outrora, quando os trajes nos remetiam às vestimentas das cortes europeias, o casal reverencia o passado de nossa maior manifestação cultural, mantendo a **tradição salgueirense** e legitimando essa festa preta, que sempre resistirá. Em sua dança, Sidlei e Marcella trazem o percurso do início, dos primórdios da criação dessa arte genuinamente carioca para o INFINITO, perpetuando esse símbolo maior das escolas de samba.



**Guardiões – Nossos Heróis** – Os Guardiões do primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira representam os guerreiros que trazem a espiritualidade da tradição salgueirense e de todos aqueles que construíram uma verdadeira Escola de Samba. Nos estandartes – que na tradição africana representavam as nações – homenageamos **nossos heróis**, personagens que foram importantes tanto para o Salgueiro quanto para o mundo do samba. Nossa ancestralidade que, mesmo em outro plano, permanece nos protegendo e sendo reverenciada por sua continuidade.





## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

##### 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

###### **Luan Castro - 2º Mestre-Sala**

Luan Castro é mais uma cria da casa. Seu início foi aos 11 anos, nos Aprendizes do Salgueiro, já como primeiro Mestre-Sala. Ficou na escola mirim até completar 18 anos, quando, então, foi convidado para a função de 3º Mestre-Sala dos Acadêmicos do Salgueiro, participando de ensaios e apresentações da escola. Em 2019, Luan fez sua estreia oficial na avenida, ao lado da parceira Natália, como 2º Mestre-Sala do Salgueiro.

###### **Natália Pereira - 2ª Porta-Bandeira**

Natália iniciou sua carreira aos 13 anos, como 2ª Porta-Bandeira da Flor da Mina do Andaraí, bairro onde nasceu e foi criada. Em 2006, foi convidada para ser a 1ª Porta-Bandeira dos Acadêmicos de Vigário Geral. Em 2009, retornou à Flor da Mina para desfilir como 1ª Porta-Bandeira da agremiação. No ano seguinte, ainda na Flor da Mina, Natália participou de um concurso na Unidos de Vila Isabel. Saiu vencedora e se tornou 2ª Porta-Bandeira da escola. Defendeu a agremiação do bairro de Noel durante seis anos, chegando a ser promovida a 1ª Porta-Bandeira da escola. Nesse período, também desfilou como 1ª porta-bandeira da Tradição (2013) e dos Acadêmicos do Cubango (2014). Em 2017, Natália foi convidada pela Riotur para compor a corte do Carnaval, e foi a primeira Porta-Bandeira da história do Carnaval a desfilir na abertura dos desfiles do Rio de Janeiro. No carnaval de 2018, Natália chegou ao Salgueiro, sua escola de coração. Hoje, ela e Luan Castro formam o 2º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da vermelho e branca da Tijuca.

###### **A Fantasia – Falanges**

O segundo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira homenageia todas as **Falanges** de Umbanda, agrupamentos de espíritos que protegem os seguidores da mais carioca das religiões. As Falanges estão relacionadas com espíritos que se apresentam sob um determinado arquétipo, como Pretos Velhos, Baianos, Marinheiros, Ciganos, Boiadeiros, Caboclos, Exus, Pomba Giras ou Ibejadas (crianças), aparência espiritual escolhida pelo espírito para se apresentar, transmitir seus ensinamentos e realizar trabalhos.



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

##### **Leonardo Moreira - 3º Mestre-Sala**

Leonardo entrou para o carnaval em 2014, aos 13 anos. E não teve dúvida ao escolher a dança do Mestre-Sala como seu futuro nos desfiles das escolas de samba. Em busca de ensinamentos, ingressou no Projeto de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Madureira Toca, Canta e Dança. Sua estreia foi na escola de samba mirim Estrelinha da Mocidade. De lá seguiu para os Aprendizes do Salgueiro onde dançou até os 17 anos. Convidado a integrar o quadro de casais da Lins Imperial, ficou na escola por três anos como 2º Mestre-Sala. Em 2018, integrou o quadro de casais dos Acadêmicos do Sossego e, no ano seguinte, ganhou dois prêmios como parte do melhor 2º Casal do Grupo B. segundo casal do grupo B. Em 2022, o integrante da Coordenação do Workshop Lapidando Talentos, desfila pela segunda vez como 3º Mestre-Sala da Academia.

##### **Letícia Malaquias - 3ª Porta-Bandeira**

Letícia Malaquias entrou para o mundo do carnaval aos 15 anos e logo se apaixonou pela arte da dança da Porta-Bandeira. Para conhecer ainda mais o ofício, participou do Projeto liderado por Mestre Manoel Dionísio. Foi convidada, então, a ser porta-bandeira dos Aprendizes do Salgueiro, onde ficou até completar 19 anos. Dali, saiu para a União do Parque Curicica, onde ficou por dois anos como 2ª Porta-Bandeira e um ano como titular do posto. Em 2015, foi convidada a retornar ao Salgueiro, desta vez como 3ª Porta-Bandeira da escola. Integrante da equipe de Coordenação do Workshop Lapidando Talentos, idealizado pelo 1º casal do Salgueiro, Marcella Alves e Sidlei Santos, Letícia já passou pela experiência de ensaiar e participar de shows como 1ª Porta-Bandeira da escola, durante a licença-maternidade da titular Marcella.

#### **A Fantasia – Cena Preta**

A luta do povo preto para se inserir na cena das artes eruditas é representada pelo terceiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do Salgueiro. Um espaço duramente conquistado, seja pelos caminhos do Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento, das apresentações da peça Orfeu Negro no Theatro Municipal, pelos espetáculos do grupo Brasiliana, de Haroldo Costa ou pela presença fundamental de Mercedes Baptista e seu Balé Folclórico. Se hoje ainda reclamamos do pouco protagonismo negro nas artes, louvemos os pioneiros que abriram as cortinas para apresentar todo talento da **Cena Preta** ao país.



# **G.R.E.S. SÃO CLEMENTE**



**PRESIDENTE  
RENATO ALMEIDA GOMES**



*“Minha vida é uma peça”*



**Carnavalesco**  
**TIAGO MARTINS**



**FICHA TÉCNICA****Enredo**

<b>Enredo</b> “Minha vida é uma peça”					
<b>Carnavalesco</b> Tiago Martins					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Tiago Martins					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Tiago Martins					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Tiago Martins e Marcos Roza					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	“Minha mãe é uma peça - histórias inéditas de Dona Hermínia”	Paulo Gustavo	Objetiva	2015	Todas
02	“Fazer rir para não chorar”	Inês Filipa Martins Francisco	ISPA	2015	Todas
03	“As senhoras e os senhores dos absurdos que contribuíram para a morte de Paulo Gustavo”	Ricardo NêggoTom	Brasil 247	2021	Todas
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>					
Além dos depoimentos da família, de amigos e artistas, foram usados na pesquisa matérias de jornais, sites de notícias, programas de entrevistas e o livro “Minha mãe é uma peça – histórias inéditas de Dona Hermínia” de Paulo Gustavo.					
<b>Matérias jornalísticas:</b>					
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Isso Está Acontecendo: Paulo Gustavo deixa legado para comediantes LGBTQIA+ no Brasil”: Fantástico; G1 – 03/07/2021.</li> <li>• “Mãe de Paulo Gustavo fala sobre os netos: ‘Me ajudam a ficar em pé’ : Isto é; 01/12/2021.</li> <li>• “ESTREIA! Paulo Gustavo e companhia tão de volta com a quarta temporada de A Vila”: Multishow; 27/04/2020</li> </ul>					

## FICHA TÉCNICA

### Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

#### Links de matérias e programas de entrevistas:

- <https://multishow.globo.com/programas/vai-que-cola/noticia/vai-que-cola-homenageia-paulo-gustavo-assista-agora.ghtml>
- <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-261157/>
- [https://www.youtube.com/watch?v=FAWtku\\_qoEk](https://www.youtube.com/watch?v=FAWtku_qoEk)
- <https://gshow.globo.com/humor/220-volts-especial-de-fim-de-ano/noticia/220-volts-saiba-tudo-sobre-o-especial-de-fim-de-ano.ghtml>
- <https://www.otempo.com.br/brasil/relembre-personagens-de-destaque-de-paulo-gustavo-como-dona-herminia-1.2481019>
- <https://www.metropoles.com/webstories/sete-personagens-inesqueciveis-de-paulo-gustavo>
- <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2021/05/04/minha-mae-e-uma-peca-como-paulo-gustavo-conquistou-o-brasil-com-humor-cada-vez-menos-acido.ghtml>

#### Dados sobre o Carnavalesco:

Tiago Martins, técnico especializado em cenografia e figurino para teatro e televisão, iniciou como profissional do Carnaval, em 2003, como aderecista. Devido sua ampla facilidade de aprendizado, atuou como decorador de alegorias, coordenador-chefe de equipes e diretor artístico. Funções que enriqueceram sua trajetória e o lançou como assistente-aderecista de diversos carnavalescos renomados, entre eles Joãozinho Trinta, Rosa Magalhães, Max Lopes, Paulo Barros e outros. Como resultado do seu trabalho artístico, anos consecutivos no G.R.E.S. São Clemente, Tiago Martins é reconhecido e atinge um dos patamares mais altos de sua carreira: o de carnavalesco da Preta e Amarela de Botafogo, que estreia no Carnaval 2022, com o desenvolvimento do enredo “Minha Vida é uma Peça”, em homenagem ao ator-comediante Paulo Gustavo.

\*A pesquisa e os textos da defesa do enredo foram realizados pelo historiador-enredista Marcos Roza.



## HISTÓRICO DO ENREDO

### I - O CÉU DE PG

Esta Peça Enredo-carnavalesco  
foi escrita por uma legião de fãs.  
Do tamanho do Brasil.  
Demorou 42 anos  
pra chegar a este palco/passarela –  
portanto, nada de chororô,  
aproveitem este “rir é resistir”.

E, ao terceiro sinal,  
no caso uma sirene,  
quando a cortina (que é um portão) abre,  
e os holofotes acendem  
para o Prólogo da Peça,  
tem confete, serpentina,  
fantasia preta-amarela,  
num delírio total:

Nossa Estrela chega no céu, em festa.  
Anjinhos não tocam harpas;  
pois estão se mijando de rir.

Todos os Comediantes  
que lá estavam,  
vieram receber o novo  
Astro Eternizado  
no Paraíso da Comédia Nacional.

Muitos já conheciam  
esta montagem-espetáculo-desfile,  
mas fizeram questão de voltar mais uma vez,  
porque o ator merece!

O céu de Paulo é um paraíso do bem,  
da fraternidade,  
da bondade e da.... Esculhambação.

Sim, ele pega nos peitos de Derci,  
imita Golias,  
rodopia com Otelo  
e aos aplausos de Costinha,  
PG exclama feliz: “isso aqui parece  
quando desfilei na São Clemente!”

## II – O TRIUNFO DE DONA HERMÍNIA

E então ele, hiperativo mágico,  
descobre que está de novo  
na agremiação da Zona sul,  
uma segunda vez, encantada,  
em desfile atravessando a Sapucaí.

E os bobes de dona Hermínia  
retornam à sua cabeça,  
ele amarra o lenço estampado,  
e num piscar dos olhos fascinados e maquiados,  
ela, a genitora que divertiu a família brasileira,  
dá as mãos a Carlos Alberto,  
e “desce na poeira da poesia”  
para encontrar seus filhos na Cena Seguinte,  
em cima de carro alegórico.

Marcelina e Juliano empurram Soraya  
para segundo plano  
e reapresentam à Sapucaí,  
aquela que é  
a maior Mãe de todos os tempos,  
novamente ovacionada pelas arquibancadas.

Foram 15 anos,  
centenas de representações  
no teatro e na televisão,  
três filmes que bateram todos os recordes  
no cinema nacional,  
um cantinho em tudo que é coração verde-amarelo;  
mas agora só interessa cantar e sambar  
por Ela,  
por Ele,  
por nós,  
sobreviventes do hiato inconcebível,  
que em epifania se revela catarse,  
para entroniza-lá  
“Hermínia Amaral, a dona da zorra toda!”

### **III - O AMOR DE THALES: O QUE É BOM VIRA PERFEITO**

E, como a arte imita a vida,  
ele foi mais feliz ainda no próximo setor da procissão festiva:  
Thales e as crianças vieram dizer  
que só o amor constrói,  
que família são laços de afeto  
e que viva a liberdade da gente ser aquilo que cada um é.  
O que já era bom ficou perfeito,  
porque a simplicidade tem o poder  
de amolecer até o mais duro dos corações.  
A parada vai fluindo e inspirando  
resistência bem humorada;  
ensinando que felicidade é que nem Bumbum:  
cada um tem o seu.  
Sem imposição,  
sem ódio,  
sem vergonha.

E com solidariedade:  
não existe modelo único de humanidade.  
Pluralidade faz parte...

### **IV- BONDEDAZAMIGAS**

Nesta cena da peça,  
amigos da vida “fora da curva” invadem a pista para declarar  
que nunca houve alguém como ele:  
único, generoso, inesquecível,  
poderoso, companheiro, e.... terrível.

Por isso, este bonde da amizade  
forma a quarta alegoria,  
“o lado esquerdo do peito”,  
já que amigo é coisa pra se guardar, celebrar,  
e desfilar juntos,  
num rolezinho pela Marquês colorida.

## **V – FAMÍLIA, O ALICERCE ONDE A VIDA COMEÇA E O AMOR NUNCA TERMINA**

A musa encantadora Déa protetora - a diva inspiradora, Mãe da Mãe.

Une-se à riqueza da forte influência das mulheres na vida de Paulo Gustavo, oferecendo fundamental apoio do modelo feminino que molda um libertário espírito para semear e lançar luz ao espírito caridoso e solidário do comediante.

Em perfeita sintonia, ecoa o amor de Ju escudeira, do pai e da madrasta à peça da vida de PG, para inspirar a rir e resistir, com o Brasil seguindo em frente, apoiando as diversidades em busca de um mundo melhor.

Desce o pano e fecha o portão encerrando esta  
Comédia-homenagem à beleza do existir:

Valeu PG. Nada será como antes, mas nada também foi em vão. Você marcou nossas vidas, você vive em nós; e em teu nome, maravilhoso, desfila hoje a Família Clementiana e os sambistas da superação, pois dias melhores virão!

**Autores: “O Povo Brasileiro fã de Paulo Gustavo e a Família Clementiana”**

## **JUSTIFICATIVA DO ENREDO**

No Carnaval 2022, a São Clemente apresenta uma homenagem para um dos mais celebrados comediantes da atualidade, o ator Paulo Gustavo.

Com o enredo “Minha vida é uma peça” a Preta e Amarela da Zona Sul traz o universo pessoal e artístico do humorista e constrói uma narrativa carnavalesca que revela aspectos criativos e fantásticos, associados à carreira do comediante, aos seus afetos, programas e personagens.

Numa sequência capaz de traçar um conteúdo que vai além de um desfile cronológico de sua história, Paulo Gustavo renasce de um céu, como fruto de seu delírio, um lugar de alegria, fraternidade e muitas gargalhadas, redescobrimo-se astro eternizado para protagonizar a peça-teatro-desfile da São Clemente.

Com um varal de sentimentos, atribuídos ao povo brasileiro, daquilo que somos espelhados pela vida e obra do niteroiense comediante, o enredo traduz aquele que entre a dificuldade e o ímpeto de vida, maquina, gerencia o hoje, produz o amanhã: debocha, canta, pinta e borda, dança, escangalha na risada.

Na avenida, Paulo, fantasia, bate perna, olha o povo, sobe as arquibancadas — agiganta os afetos! Recebe amor, cuja alma tem um tanto de poesia e outros infinitos tantos, de folia e humor. A explosão de alegria abre alas para a imaginação, comissiona o jogo, entre o drama e a comédia, não barganha: criar sempre.

O homem, mito-palhaço, em estado de criação, veste-se de preto e amarelo!

Em desfile, o gênio acalenta nossos desejos, possibilita o inimaginável, inspira-se do ventre materno à beleza de toda a suprema arte da palhaçada para brilhar mais uma vez na Sapucaí: coloca a peruca, os cílios e a bota, experimenta um chapéu para esconder a careca, joga o quadril, refaz a piada, ressignifica o humor em amor e amizade. São muitos os Paulos, para cada um, um carão, que somam à construção artística e estética proposta enquanto enredo.

Em seu estado de irreverência, a São Clemente apaixonou-se pela arte de sua graça e enreda-se pelo sopro de liberdade e fabulação da vida do artista, que é a peça do nosso carnaval.

A seguir, nossa narrativa apresentada em setores:

### **Primeiro setor: o “Céu de PG”.**

A São Clemente inaugura sua peça-teatro-desfile abordando o grande delírio da chegada de PG ao céu. Lugar, onde o astro eternizado é recebido com festa no paraíso da comédia brasileira. Entre gritos, deboches, descontroladas gargalhadas, anjos vestidos com perucas coloridas, escandalosas drag queens e seres celestiais, tudo ganha vida ao encontro de PG com os grandes humoristas da comédia nacional. E PG, feliz, exclama: “isso aqui parece quando eu desfilei na São Clemente!”

### **Segundo setor: “Triunfo de Dona Hermínia”.**

Na sequência dos festejos no céu, a narrativa carnavalesca revive momentos de sua infância, a sabedoria e a personalidade de sua mãe, como fonte de inspiração. O setor debruça-se ainda, sobre as idas e vindas de Paulo Gustavo, a bordo da barca de Niterói, e aborda aspectos importantes do início de sua carreira, a trajetória artística para conquista do maior sucesso de suas criações: Dona Hermínia, com “Minha mãe é uma peça”.

### **Terceiro setor: “O Amor de Thales: o que é bom vira perfeito”.**

A inspiração são os laços de afeto. Mergulhada no universo amoroso, vivido por Paulo Gustavo e Thales Bretas, a Preta e Amarela de Botafogo traz ao desfile os momentos felizes e românticos dessa relação, a semente que gerou os filhos Romeu e Gael, e constituiu a família do ator homenageado.

### **Quarto setor: “Bondedazamigas”.**

O setor apresenta alguns de seus personagens, peças e programas, por Paulo protagonizados na TV, ao longo de sua carreira. Com uma concepção plástica, que valoriza o processo criativo do ator-comediante, o setor traz ao desfile sua figura como pop-star – com seu estilo único de fazer humor, homenageia um dos seus maiores tesouros, as relações de amizade, parcerias de uma vida inteira ligadas por trabalhos artísticos e muito amor, como define-se o título do setor: “Bondedazamigas”.

### **Quinto setor: “Família é o alicerce, onde a vida começa e o amor nunca termina”.**

O último setor apresenta o porto seguro feminino de PG. A proteção da Mãe Dea – a divina Dea, a diva inspiradora Mãe da Mãe. Conceitualmente, celebra a figura feminina e a forte influência que Paulo Gustavo recebeu das mulheres de sua família. Nesse contexto, o setor lança luz ao espírito caridoso e solidário do comediante e encerra-se com uma alegoria que festeja a sua brilhante carreira ao promover uma manifestação cultural de apoio à luta contra a homofobia.

# **ROTEIRO DO DESFILE**

## **SETOR 01 – CÉU DE PG**

**Comissão de Frente  
“A PRIMEIRA INSPIRAÇÃO VESTE SEU  
MAIOR SUCESSO”**

**Elemento Cenográfico da Comissão de Frente  
“MEU CAMARIM”**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Vinícius Pessanha e Jack Pessanha  
“SACERDOTES DA ALEGRIA”**

**Guardiões do  
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
“SERES DE LUZ”**

**Ala 01 – Comunidade  
“FESTA NO CÉU”**

**Grupo de Adereços  
“SERES CELESTIAIS”**

**Musa 01  
Letícia Guimarães  
“CÉU DE BORBOLETAS”**

**Alegoria 01 – Abre-Alas  
“PARAÍSO DA COMÉDIA BRASILEIRA”**

**Ala 02 – Baianas  
“LUZ DA ETERNIDADE”**

## **SETOR 02 – TRIUNFO DE DONA HERMÍNIA**

**Ala 03 – Comunidade  
“ENTREGADOR DE QUENTINHA”**

**Tripé 01**  
**“BARCA DE NITERÓI”**

Ala 04 – Comunidade  
“NITERÓI DA MINHA INFÂNCIA”

Ala 05 – Comunidade  
“JUVENTUDE SONHADORA DA CAL”

Ala 06 – Comunidade  
“SURTO DE ALEGRIA”

Ala 07 – Comunidade  
“04.05.2006 – ESTREIA DE DONA  
HERMÍNIA”

Musa 02  
Perett Sato  
“OS BOBES DE HERMÍNIA”

**Alegoria 02**  
**“MINHA MÃE É UMA PEÇA”**

**SETOR 03 – O AMOR DE THALES: O QUE É BOM VIRA PERFEITO**

Ala 08 – Comunidade  
“FELIZ COMO CENA DE FILME”

Ala 09 – Comunidade  
“O CUPIDO ME FLECHOU”

**Tripé 02**  
**“CASÓRIO NO PARQUE LAJE”**

Ala 10 – Comunidade  
“O PIERRÔ APAIXONADO”

Ala 11 – Comunidade  
“DERMATOLOGISTA”



Ala 12 – Comunidade  
“MEU CARRINHO DE BEBÊ”

Musa 03  
Andreza Clemente  
“PRA TI EU ENTREGO MEU CORAÇÃO”

**Alegoria 03**  
“THALES E AS CRIANÇAS”

**SETOR 04 - BONDEDAZAMIGAS**

Ala 13 – Comunidade  
“PG – POP STAR”

Ala 14 – Comunidade  
“HIPERATIVO”

Rainha de Bateria  
Raphaela Gomes  
“ANGELS – A DONA DA BANCA”

Ala 15 – Bateria  
“DONA HERMÍNIA CLEMENTIANA”

Musa 04  
Thelma Assis  
“O BALACOBACO DA IVONETE”

Ala 16 – Passistas  
“IVONETE”

Ala 17 – Comunidade  
“VAI QUE COLA”

Ala 18 – Comunidade  
“A VILA”

Ala 19 – Comunidade  
“SENHORA DOS ABSURDOS”

Musa 05  
Bruna Almeida  
“MINHA VIDA EM MARTE”

**Alegoria 04**  
**“220 VOLTS”**

**SETOR 05 – FAMÍLIA É O ALICERCE, ONDE A VIDA COMEÇA E O  
AMOR NUNCA TERMINA**

Ala 20 – Comunidade  
“VOCÊ É VIADO?”

Ala 21 – Comunidade  
“FIGURA FEMININA”

Destaque de Chão  
Jonhatan Avelino  
“DIVERSIDADE”

Ala 22 – Comunidade  
“LGBTQIAP+  
BICHA BICHÉRRIMA”

Ala 23 – Comunidade  
“PAI E MADASTRA”

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Marcelo Tchetchelo e Bárbara Falcão**  
**“SÃO FRANCISCO E DULCE DOS  
POBRES”**

Ala 24 – Comunidade  
“JU FIEL ESCUDEIRA”

Musa 06  
Duda Almeida  
“ESTRELA DE SUCESSO”

**Alegoria 05**  
**“VALEU PG!”**

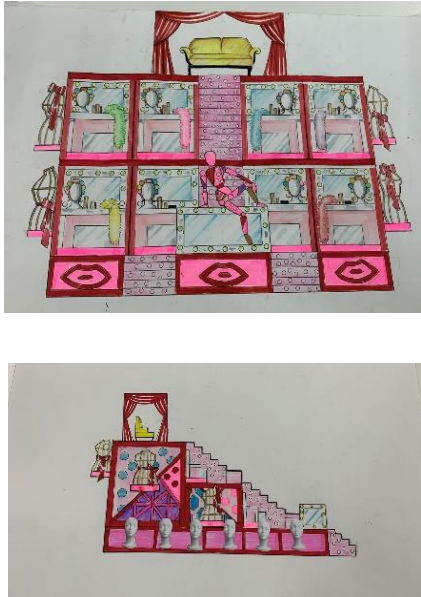
Ala 25 – Comunidade  
“RIR É UM ATO DE RESISTÊNCIA”

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

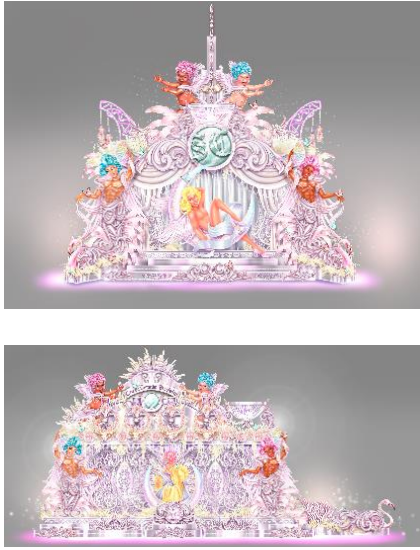
**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tiago Martins

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Elemento Cenográfico da Comissão de Frente</b></p> <p><b>“MEU CAMARIM”</b></p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>O elemento faz menção aos camarins, lugar utilizado pelo artista Paulo Gustavo, para transformação em seus personagens.</p>


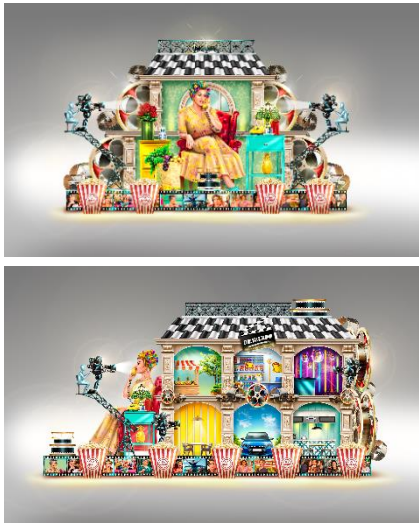
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tiago Martins		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>“PARAÍSO DA COMÉDIA BRASILEIRA”</b></p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Uma explosão de alegria! Como fruto de um delírio Paulo Gustavo, o PG, chega ao céu – o paraíso da comédia brasileira. A construção plástica do abre-alas versa com a imaginação: abre-se o portal-teatro do céu, nuvens, em forma de gigantescos arabescos, irradiam raios, em tons lilás, e iluminam os sorrisos do céu de PG. Entre gritos, deboches, descontroladas gargalhadas, anjos vestidos com perucas coloridas e escandalosas drag queens o recebem, sob a suprema arte da palhaçada. Gritaria e muitos aplausos, numa comemoração de arrepiar, PG se encontra com os grandes humoristas da comédia nacional. Sim, ele sapateia com Grande Otelo, conta piadas com Golias, se diverte com os gestos obscenos de Derci, e a narrativa alegórica immortaliza a vida e a obra de Paulo Gustavo, como astro eternizado, em uma escultura no alto do carro.</p> <p><b>Destaque Central – Parte 1A</b> – Fantasia: Deusa Celestial – Cristina Gouveia</p> <p><b>Destaque Central – Parte 1B</b> – Fantasia: Drag King dos Céus – Edmilson Cabral</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Anjos</p> <p><b>Composições Masculinas:</b> Unicórnios <b>Composições:</b> Sambistas e Cabrochas</p>

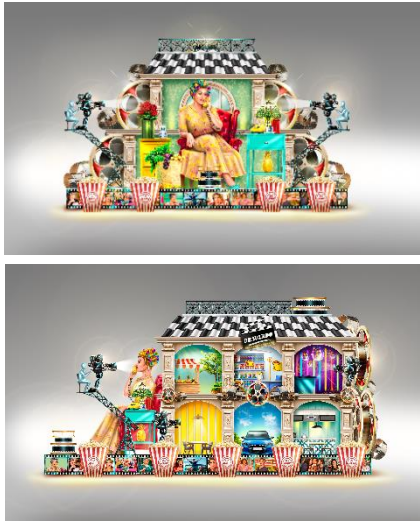
## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tiago Martins		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 01</b></p> <p><b>“BARCA DE NITERÓI”</b></p> 	<p>As idas e vindas de Paulo Gustavo, estudante de teatro e atuando em esquetes teatrais no início de sua carreira. O tripé acrescenta ao desfile a referência histórica e cultural da barca niteroiense à vida do jovem ator – que esbanjava talento e seguia, sobre as águas da Guanabara, rumo à conquista daquilo que seria o maior sucesso de suas criações: Dona Hermínia.</p> <p><b>Personagem</b> – Fantasia: “O menino em busca de um sonho”</p>
02	<p><b>“MINHA MÃE É UMA PEÇA”</b></p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Para matar a saudade do público e dos milhões de fãs do gênio Paulo Gustavo, um prédio ‘barulhento’, localizado na cidade de Niterói, ganha destaque na alegoria que apresenta cenas engraçadas e desconcertantes dos filmes “Minha Mãe é uma Peça”. Silêncio no set! Câmeras rodando.</p> <p>Inspirada no ambiente cinematográfico, a alegoria personifica, numa grande escultura, Dona Hermínia, com movimentos arrojados e articulados a um cenário, que revelam os aspectos cênicos/dramáticos de suas apresentações. Efeitos especiais reforçam o conceito artístico da narrativa alegórica, acionando a queda das paredes à revelação das cenas que o Brasil aplaudiu e gargalhou nos cinemas e nas poltronas de casa.</p> <p>É no teor cenográfico, que envolve a divertida movimentação da alegoria – rolos de filmes, gruas e câmeras, pacotes de pipocas –, que assistimos Dona Hermínia, com seu charme, na feira de Niterói comprando os seus biscoitos de polvilho; a bateção de boca na fila do caixa do supermercado, onde, aos berros, Hermínia, cancela a compra do presunto de Marcelina;</p>

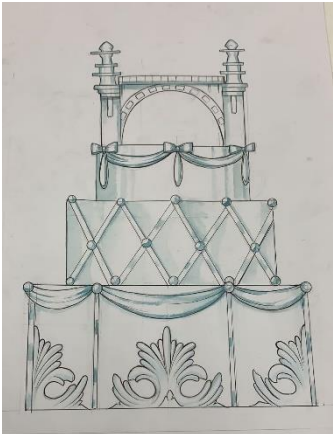
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tiago Martins		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>“MINHA MÃE É UMA PEÇA” (Continuação)</b></p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>A super mãezona invadindo a boate atrás da filho, de bobs e pijama; a confusão provocada por Dona Hermínia, que assume o papel da síndica e acaba com a reunião de condomínio; a alegria das irmãs, a bordo de um belo carro, indo para o casamento de Juliano.</p> <p>Mas como tudo que Dona Hermínia diz e pensa é movido pelo seu coração mole e apaixonado pelos filhos, é na mesa da cozinha, onde, junto de suas crias, que a mais famosa mãe de Niterói – mesmo, com puxões de orelha e muitas discussões –, esbanja seus cuidados e o seu escandaloso jeito de amar.</p> <p>Aproximando o grande público do caráter original de Dona Hermínia, a alegoria marca a lembrança e a saudade dessa mãe, que para sempre ficará guardada em nossos corações.</p> <p><b>Destaque Central</b> – Fantasia: Silêncio no Set – Yasmim Gomes</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Hermínias</p> <p><b>Composições Masculinas:</b> Câmeras Men</p> <p><b>Composições:</b> Pipocas</p> <p><b>Teatralização:</b> Cenas do filme “Minha mãe é uma peça”</p>

**FICHA TÉCNICA****Alegorias****Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tiago Martins


Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p data-bbox="493 520 610 552" style="text-align: center;"><b>Tripé 02</b></p> <p data-bbox="370 590 732 659" style="text-align: center;"><b>“CASÓRIO NO PARQUE LAJE”</b></p>  <p data-bbox="350 1171 748 1276" style="text-align: center;"><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p data-bbox="794 520 1511 919">No dia 20 de dezembro de 2015, o Rio de Janeiro brindou – numa luxuosa cerimônia no Paque Lage – o casamento de Paulo Gustavo e Thales Bretas. O país, que ainda sofre com o preconceito e a intolerância homofóbica, viu dois homens se casarem em nome do amor, acolhidos por suas famílias, amigos e pela liberdade de viver como se deseja – essa, inclusive, é a liberdade que Paulo Gustavo mais prezou durante toda sua vida. Ladeado por pierrôs apaixonados, o tripé desfila as declarações de amor trocadas pelo ator e o dermatologista durante o casamento.</p> <p data-bbox="794 961 1179 993"><b>Destaque – Fantasia: O Casal</b></p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

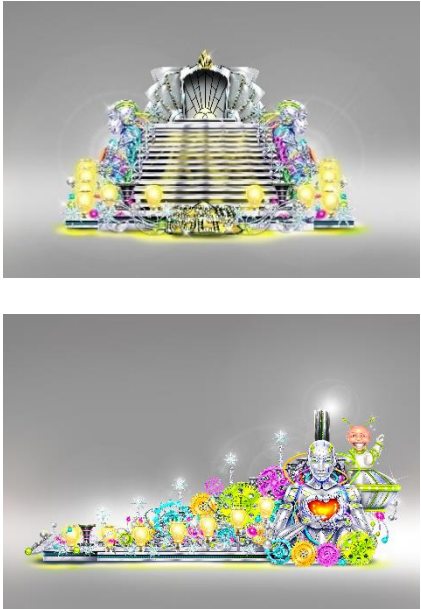
Tiago Martins

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>“THALES E AS CRIANÇAS”</b></p>  <p><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Paulo Gustavo encontrou um grande amor. Com Thales Bretas, viveu intensamente desfrutando da liberdade e da união entre dois homens apaixonados à construção de uma família: sentimento, que gerou os filhos Romeu e Gael.</p> <p>Para abordar esse contexto amoroso, a alegoria se apresenta como uma espécie de carrossel, como fonte de inspiração. Puxada por um carro fazendo menção aos carrinhos de brinquedo, a terceira alegoria traz um conjunto escultórico que remete ao dia a dia das brincadeiras e ensinamentos dos pais Paulo e Thales, personificando universo infantil de Romeu e Gael: desfilam boizinhos da cara de todas as cores; elementos coloridos e uma grande escultura fazendo alusão à vovó Dea, que alegra seus netos contando “estórias” e tocando violão. Nesse sentido, a narrativa alegórica inspira-se no trecho do samba de enredo da São Clemente: “Mulher com Mulher, tudo bem/Homem com homem também/O negócio é amar alguém” e traz ao seu conteúdo estético casais homoafetivos, que se apresentam empurrando carrinhos de bebê para representar a liberdade de amar quem e como se deseja. A alegoria é a representação da família constituída pelo ator homenageado e o significado da pureza do amor entre Paulo Gustavo e Thales Bretas.</p> <p><b>Personagem:</b> Thales Bretas</p> <p><b>Composições:</b> Família Homoafetiva</p> <p><b>Composições:</b> Amor de Criança</p>



**FICHA TÉCNICA****Alegorias****Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tiago Martins

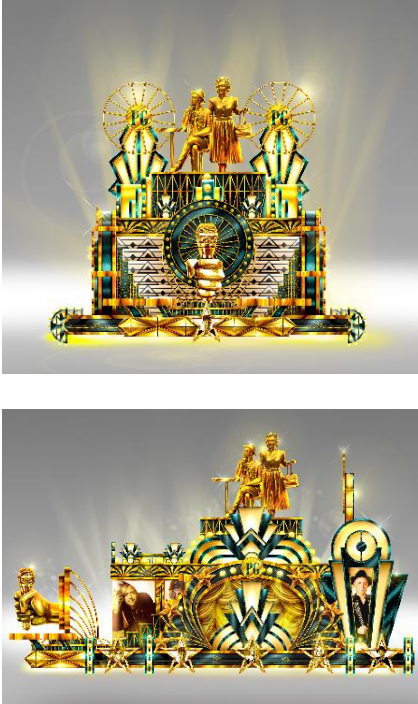
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p data-bbox="451 506 651 541" style="text-align: center;"><b>“220 VOLTS”</b></p>  <p data-bbox="354 1230 748 1335" style="text-align: center;"><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p data-bbox="797 506 1515 940">Paulo Gustavo, um dos mais celebrados comediantes da atualidade, misturou seus dois espetáculos teatrais - a comédia dramática “Minha mãe é uma peça” e o stand up “Hiperativo” - e transformou-os em um dos humorísticos de maior sucesso da TV paga, o “220 volts”; descrito pela crítica como um programa ágil, divertido, com um texto inspirador e inteligente. Encerrando o setor que celebra os personagens e as amizades do artista homenageado, a quarta alegoria representa o programa 220 volts, onde Paulo Gustavo interpretava com desenvoltura gêneros tão populares e tão diversos de se fazer humor.</p> <p data-bbox="797 947 1515 1640">Nessa alta voltagem, um grande portal se abre e, lá no alto das escadarias, o personagem principal fazendo alusão ao Paulo Gustavo abrindo os espetáculos 220 Volts, caracterizado de Beyoncé, dá close, joga os cabelos e reafirma o desejo do amigo de ser bicha pra sempre. Ocupando um lugar de destaque, ao lado de diversos personagens de Paulo Gustavo, encena um espetáculo em homenagem a obra do artista que apresentamos como enredo. Nesse contexto, a alegoria apresenta elementos visuais que celebram as relações de amizade de Paulo, que recriam um universo planetário, com engrenagens coloridas, extraterrestres com corações pulsando de paixão de ‘minha vida em marte’. Remetendo-nos ao amor eterno dos personagens Aníbal e Fernanda, vividos por Paulo Gustavo e Mônica Martelli, para no alto de seu conjunto escultórico, apresentar uma nave espacial figurando-se o comediante: até, quem sabe, um dia em Marte.</p> <p data-bbox="797 1682 1515 1892"><b>Personagem</b> – Fantasia: Beyoncé  <b>Semidestaques:</b> Alta Voltagem  <b>Composições Laterias:</b> Minha vida em Marte  <b>Composições:</b> Acrobatas Planetários <b>Composições:</b> Televisores  <b>Teatralização:</b> 220 Volts</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Tiago Martins

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p style="text-align: center;"><b>“VALEU PG!”</b></p>  <p style="text-align: center;"><i>* Imagem meramente ilustrativa, sendo passível de adequação estética ao projeto.</i></p>	<p>Para celebrar a brilhante carreira de Paulo Gustavo, que se dedicou a nos fazer sorrir com piadas, engraçados personagens e sua alegria contagiante, a quinta alegoria remonta os palcos de PG, tendo como fonte de inspiração as cenografias de seus grandes espetáculos. Sua concepção plástica, conjuga fotos de diversos momentos do ator, que emolduram toda a extensão da alegoria, com um conjunto escultórico que remete às homenagens póstumas destinadas a Paulo Gustavo. À frente, uma mão segurando um microfone dourado faz menção às performances do comediante, que era um verdadeiro showman, que seguiu o estrelato e ganhou o mundo. No ponto mais alto, erguem-se as imagens de Paulo Gustavo acompanhado de Dona Hermínia, conforme as inauguradas no Campo de São Bento, em Niterói, simbolizando a vida e obra do nosso homenageado. Nos palcos laterais, composições alegóricas, vestidas com fantasia inspirada nos figurinos de Paulo, se unem a um grupo de amigos e artistas, representando PG: uma grande estrela de sucesso. Nessa festiva apresentação, que mistura alegria e saudade, a velha-guarda da São Clemente debruça sobre seu conceito estético e desfila homenageando seu eterno legado. Valeu PG!</p> <p><b>Destaque Central</b> – Fantasia: Gran Finale – Amanda Gomes</p> <p><b>Composições:</b> Estrelas de PG</p> <p><b>Velha-Guarda</b> – A Cadência do Sucesso</p>

**FICHA TÉCNICA**




**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Cristina Gouveia (Abre-Alas)	Empresária
Edmilson Cabral (Abre-Alas)	Cabeleireiro
Yasmin Gomes (Alegoria 02)	Relação Internacional
Thales Bretas (Alegoria 03)	Dermatologista
Marcus Majela (Alegoria 04)	Ator
Amanda Gomes (Alegoria 05)	Advogada
<b>Local do Barracão</b>	
Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 09 – Gamboa – RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>	
Roberto Almeida Gomes	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> João Manoel	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Futica e Edson Miguel
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Ronildo da Silva	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Rafael Vieira
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Sidney Correia	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> José Pereira
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Victor	-Vime
Orlando	-Perucas
Berg	-Hidráulica
Washington	- Sapatos
Gomes	- Sapatos
Zulu	- Equipe de Parintins - Movimento



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<b>Seres Celestiais (continuação)</b> 	Integrados à apresentação da ala Festa no Céu, artistas de pernas de pau e adereços de mão vestem fantasia inspirada na figura mágica dos unicórnios, com corpo de cavalo e a cabeça de veado munidos de chifres e asas, e revelam ao comediante, recém-chegado no céu, o templo do humor, a riqueza alegórica do paraíso da comédia brasileira.	Grupo de Adereços	Direção de Carnaval
*	<b>“Céu de Borboletas”</b> 	Conduzida pela leveza de suas borboletas, a frente do carro abre-alas, a musa representa a diversidade criativa do artista homenageado.	Musa 01	Letícia Guimarães
02	<b>“Luz da Eternidade”</b> 	Inserida nos festejos do céu de PG, a ala das baianas da São Clemente encerra o setor lançando luz à vida e obra do artista que homenageamos. As nossas mães do samba preservam Paulo Gustavo, sob a luz da eternidade, que para sempre a arte e a beleza da sua suprema palhaçada, viva na memória de todos os brasileiros.	Baianas (1962)	Direção de Carnaval


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figuristas)


Tiago Martins

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>“Entregador de Quentinha”</b></p> 	<p>Inspirada nas várias funções que Dona Dea ocupava para garantir comida na mesa, que, entre gritos e deboches, Paulo Gustavo morria de vergonha; a fantasia revive os momentos em que o nosso homenageado entregava quentinha para sua mãe Dea Lúcia. Numa representação divertida, a ala faz alusão ao dia em que Paulo virou-se para Dea e disse: “Então tá, só vou entregar se for de patins, linda!” Ao mesmo tempo, em que a mãe o agarra e responde: “se você cair com uma quentinha, vou esfregar sua cara no fogão do mesmo jeito que esfrego o meu umbigo desde as seis da manhã”. Acolhendo as histórias cotidianas vividas por Paulo Gustavo, ala representa a vitalidade artírtica e as fontes de inspiração do nosso homenageado.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p><b>“Niterói de Minha Infância”</b></p> 	<p>Em meio ao setor que conta o início da carreira à trajetória artística de Paulo Gustavo, a ala <b>“Niterói da Minha Infância”</b> – que se apresenta ladeada ao tripé Barca de Niterói, revive o menino, adolescente, jovem adulto, nascido em 30 de outubro de 1978, criado no seio de uma família recheada de significados, de personalidade forte e regida pela sabedoria das mulheres. A fantasia exalta uma Niterói, que doou ao Brasil o talento desse grande comediante; uma Niterói, que Paulo, atrás do seu sonho, vestiu de bom humor, bateu pernas sobre suas ruas e avenidas, sempre se divertindo com a piada na ponta língua.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantásias**

**Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)**

Tiago Martins



**DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>“Juventude Sonhadora da CAL”</b></p>  <p>ALA 05 - JUVENTUDE SONHADORA DA CAL</p>	<p>Sempre saltitante, sua alegria acalenta seu desejo de se tornar ator: Paulo Gustavo estudou na Casa de Artes de Laranjeiras, a CAL, lá pelos idos dos anos 2000. Formado, lançou-se aos palcos dos teatros da cidade.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
06	<p><b>“Surto de Alegria”</b></p>  <p>ALA 06 - SURTO DE ALEGRIA</p>	<p>Desde do princípio da sua carreira artística seu histórico de humor foi sempre imitar familiares de forma engraçada e por eles ser incentivado a continuar. Inserida nesse contexto, a fantasia <b>“Surto de Alegria”</b> simboliza o convite feito pela atriz Samantha Schmütz para Paulo Gustavo fazer uma participação especial na peça “O Surto”, onde o niteroiense apresentou ao público a mulher inspirada na mãe e provocou um verdadeiro surto de alegria na plateia.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>“04.05.2006 – Estreia de Dona Hermínia”</b></p>  <p>+ALA 07 - 04/05/2006: ESTREIA DE DONA HERMÍNIA</p>	<p>Ala que fecha o segundo setor, entra em cena e dá o tom da voz, dos detalhes da imersão aos trejeitos de uma clássica mãe do subúrbio, o texto cheio de tiradas hilárias, provocativas, chamegos e amor de mãe. Uma mulher. Ou várias: a fantasia representa a estreia de Dona Hermínia, em “Minha mãe é uma peça”, em 04 de maio de 2006. Com sucesso de público, a mãezona apaixonante e vigorosa, transbordou empatia nos palcos da cidade, levando milhares de pessoas a vibrarem na mesma sintonia, entregues à alegria e às mais gostosas e sinceras das gargalhadas.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
*	<p><b>“Os Bobes de Hermínia”</b></p> 	<p>A musa trans Perett Sato traz ao desfile a valorização das questões de gênero e representa um dos principais símbolos da personagem Dona Hermínia: os famosos “bobs”.</p>	Musa 02	Perett Sato



**FICHA TÉCNICA**

**Fantásias**

**Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)**




Tiago Martins

**DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>“Feliz como Cena de Filme”</b></p> 	<p>A ala que abre o setor sobre a história de amor entre Paulo Gustavo e Thales Bretas, revela que só o amor constrói, que a família são laços de afeto e que viva a liberdade da gente ser aquilo que cada um é. Mergulhada nesse universo amoroso, a fantasia representa os momentos felizes e românticos de Paulo e Bretas, assim como as cenas mais belas de um filme.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
09	<p><b>“O Cupido me Flechou”</b></p> 	<p>“Brincar na avenida e dizer no pé, Mulher com Mulher, tudo bem; Homem com homem, também; o negócio é amar alguém.”</p> <p>Como sugere o trecho acima do nosso samba, Paulo Gustavo e Thales Bretas se conheceram em 2014. Flechados pelo amor, por um verdadeiro amor, compartilharam momentos incríveis, assumiram o namoro para um país inteiro e se casaram diante de dezenas de milhões de brasileiros. A fantasia <b>“O Cupido me Flechou”</b> reconstrói esse lindo romance, o espaço sagrado da união, para representar o respeito considerando “justa toda forma de amor”.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<b>“O Pierrô Apaixonado”</b> 	<p>Compondo a apresentação do tripé Casório no Parque Laje, a fantasia “<b>O Pierrô Apaixonado</b>” representa a paixão de Paulo e Bretas, o amor de uma relação homoafetiva que faz alusão à liberdade, quando os pais aceitam seus filhos como eles são, dentro de casa, deixando-os muito mais fortes para lidar com o mundo lá fora.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
11	<b>“Dermatologista”</b> 	<p>A fantasia faz alusão à profissão de Thales Bretas, marido-viúvo de Paulo Gustavo.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
12	<b>“Meu Carrinho de Bebê”</b> 	<p>Com a arte de se montar, coloridas drag queens empurram os carrinhos de bebê, em homenagem aos pais: Paulo Gustavo e Thales Bretas. Entre tantas brincadeiras, a fantasia representa a semente que gerou os filhos Romeu e Gael, e a família constituída pelo ator Paulo Gustavo.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Tiago Martins

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>“Pra Ti Eu Entrego Meu Coração”</b></p> 	<p>A musa desfila a frente da terceira alegoria movida pelo eterno amor de Paulo e Thales.</p>	Musa 03	Andreza Clemente
13	<p><b>“PG – Pop Star”</b></p> 	<p>O cotidiano artístico de Paulo Gustavo, que nos bastidores, tudo era motivo para boas piadas e gostosas gargalhadas. Era nas coxias, nos camarins que inventava moda e carregava na bagagem de artista suas mil e uma facetas. Com seu estilo único de fazer humor, a ala eleva o humorista, um dos mais celebrados comediantes da atualidade, ao status de Pop-Star.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<b>“Hiperativo”</b> 	<p>O ator que conseguiu o feito de se tornar popular sem nunca ter posto a cara na TV, estreou com enorme sucesso de público, a peça “Hiperativo”, em 2010. Como nos revelou Dona Dea, mãe de Paulo Gustavo, seu filho era “uma pimenta”, muito levado, que não parava quieto... sempre inventando histórias. São essas histórias engraçadas, humorizando medos, viagens, ansiedades, baladas, relacionamentos, isto é, tratando com humor questões que dizem respeito ao dia a dia das pessoas, que a fantasia traz ao desfile um menino hiper-levado, de velocidade cerebral inigualável, que tudo observa e transforma as cenas da vida, para representar a peça “Hipertativo”.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
*	<b>“Angels – A Dona da Banca”</b> 	<p>Raphaela Gomes apresenta-se a frente da bateria da São Clemente com figurino que faz menção a “Angels” – personagem interpretada por Paulo Gustavo no programa humorístico “Vai que Cola” –, com seu perucão cor de rosa, suas botas longas, jogando os quadris, a dona da banca toda. Afinal, cada mulher é poderosa e dona de si como uma “Angels”.</p>	Rainha de Bateria	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Tiago Martins

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p><b>“Dona Hermínia Clementiana”</b></p>  <p><small>ALA 15 - DONA HERMINIA CLEMENTIANA (BATERIA)</small></p>	<p>Na concepção artística proposta pelo enredo, os ritmistas da São Clemente personificam uma “Dona Hermínia Clementiana”, que ama, que cuida, que sente, mostrando a cara da nossa gente; que num gesto simbólico, em preto e amarelo, ecoa do ritmo da fiel bateria os seus mais puros ensinamentos: afinal, mãe é mãe e merece respeito.</p>	Bateria (1962)	Mestre Caliquinho
*	<p><b>“O Balacobaco da Ivonete”</b></p> 	<p>A frente da ala de passistas da São Clemente, a musa Thelma Assis figura-se à personagem Ivonete e representa o cotidiano e o lugar de fala das mulheres negras das comunidades periféricas.</p>	Musa 04	Thelma Assis

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>“Ivonete”</b></p> 	<p>Nessa dança das mil e uma facetas de Paulo Gustavo, Ivonete é aquela que sobe no salto e não tem papa na língua para reivindicar sua coroa de Madrinha da Bateria. Ela é a tal: cria da comunidade e samba no pé desde pequenininha. Uma mulher com a autoestima elevadíssima, e consciente: trabalha, requebra, beberica e pede por melhorias sociais. Com a irreverência e o samba no pé de Ivonete – personagem interpretada pelo ator Paulo Gustavo –, a ala de passistas da São Clemente desfila com uma fantasia inspirada nos figurinos da personagem, associadas, geralmente, às comunidades da periferia e ao universo das escolas de samba.</p>	Passistas	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Tiago Martins



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>“Vai Que Cola”</b></p> 	<p>Apresenta o programa Vai que Cola, que estreou em julho de 2013, protagonizado por Paulo Gustavo na pele do espertalhão Valdomiro Lacerda, Val para os íntimos, que vai morar no bairro do Méier e se instala na pensão de Dona Jô. Na divertida trama, são muitas as histórias onde os hóspedes brigam e se metem em confusão, mas se amam e se ajudam como uma verdadeira família. Inserida nesse universo humorístico, a ala revive o dia a dia da pensão e personifica seus principais personagens, além dos já citados acima, desfilam “Ferdinando”, “Seu Wilson”, “Jéssica”, “Maicól”, “Lacraia”, “Gringa Velna” e “Terezinha” que se apresentam, entre gritaria, provocações, gargalhadas, remetendo-nos aos divertidos episódios do programa.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>“A Vila”</p> 	<p>Inserida no contexto de desfile que apresenta personagens, amizades e os programas de humor protagonizados pelo nosso homenageado, a fantasia representa o sitcom “A Vila (2017)” – onde Paulo Gustavo dava vida ao expalhão Rique, cujo circo faliu, e morava em seu trailer numa simpática vila, acompanhado de sua melhor amiga, Violeta. O dia a dia desse vilarejo é o tema da ala, que traz ao desfile uma concepção plástica com características circenses.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
19	<p>“Senhora dos Absurdos”</p> 	<p>A personagem Senhora dos Absurdos, que ganhou fama justamente por comentários absurdos, revela-se uma mulher preconceituosa: racista, homofóbica, gordofóbica e cheia de si. Com o intuito de fazer rir e provocar uma bem-humorada crítica à elite brasileira e aos seus tradicionais preconceitos, Paulo criticava e levava uma mensagem, através de textos e performance, colocando uma lente de aumento nos problemas sociais e raciais, para que as pessoas adquirissem consciência. Através da ridicularização do ridículo, a ala desfila sob doses de elitismo com uma senhora, ornada de joias e casaco de pele, reivindicando ideias completamente absurdas. E não é que existem pessoas, que pensam e agem como esta senhora? Que absurdoooooooooo.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Tiago Martins

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>“Minha Vida em Marte”</b></p> 	<p>A musa vestida com fantasia fazendo menção ao planeta Marte, apresenta-se a frente da alegoria “220 Volts”, para celebrar a amizade e a parceria de Mônica Martelli e Paulo Gustavo. No filme “Minha vida em Marte”, os amigos interpretaram os personagens Fernanda e Aníbal – parceiros inseparáveis, durante a árdua jornada entre salvar ou pôr fim o casamento de Fernanda.</p>	Musa 05	Bruna Almeida
20	<p><b>“Você é Viado?”</b></p> 	<p>Já estava mais do que na cara, de que Paulo Gustavo era “gay”. Com suas pintas, bateção de perna, seu jeito divertidíssimo de falar, seus gritos e giros...predestinados a ganhar o mundo, mesmo assim sua mãe perguntou: “Paulo Gustavo, você é viado? Ele respondeu: “Sou mãe, sou sim. Algum problema?” Diz levando a mão à cintura. Ela, por sua vez, lhe responde: “Não meu filho. Aqui dentro de casa eu te protejo e vou te proteger sempre, para que você saiba lutar contra os horrores do preconceito lá de fora”. Embarcada nas sábias e amorosas palavras de Dona Dea, a ala veste-se com figurino fazendo alusão à delicadeza característica de um veado e gracioso veado, para representar a liberdade e o desejo de cada um ser o que realmente é. E aí? Paulo Gustavo, não pensou duas vezes, saiu do armário, com a promessa de ser “bicha para sempre”.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Tiago Martins				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
21	<b>“Figura Feminina”</b> 	Inspirada na indumentária da “Mulher Maravilha”, a fantasia presta uma homenagem as figuras femininas da família de Paulo Gustavo: mulheres guerreiras, que trabalhavam em dois ou mais empregos, para criar seus filhos, empoderadas, decididas, verdadeiras mulheres maravilha.	Comunidade	Direção de Carnaval
*	<b>“Diversidade”</b> 	A frente da ala “LGBTQIAP+ Bicha Bichérrima”, o destaque de chão representa a luta contra a homofobia.	Comunidade	Direção de Carnaval
22	<b>“LGBTQIAP+ Bicha Bichérrima”</b> 	Paulo Gustavo não ia para rua levantar a bandeira, a luta contra a homofobia. Fazia questão de gritar “sou bicha, bichérrima” – na voz do personagem de mesmo nome, e sambar na cara da sociedade, combinando de ser bicha pra sempre. A fantasia refere-se ao comediante como símbolo importante para a comunidade LGBTQIAP+, que deixou um grandioso exemplo de luta contra o preconceito e a discriminação de gênero.	Comunidade	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Tiago Martins

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>“Pai e Madrasta”</b></p> 	<p>A ala homenageia o pai e a madrasta de Paulo Gustavo. Júlio e Penha, que sempre estiveram por perto, prontos para ajudar no que fosse necessário. Foi do apoio da madrasta, que Paulo ingressou na escola de teatro, se lançou na vida artística e tornou-se um dos maiores comediantes do Brasil.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
24	<p><b>“Ju Fiel Escudeira”</b></p> 	<p>Utilizando-se de uma estética de ritos dos gladiadores, a fantasia homenageia Juliana Amaral – irmã de Paulo Gustavo. Produtora dos trabalhos do irmão, que cuidava e o protegia nos bastidores da vida, como uma grande gladiadora-guerreira: Ju sua fiel escudeira.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval
*	<p><b>“Estrela de Sucesso”</b></p> 	<p>A frente da última alegoria a musa homenageia a brilhante carreira de Paulo Gustavo, remetendo-nos à sua estrela de sucesso.</p>	Musa 06	Duda Almeida

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tiago Martins				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<b>“Rir é um Ato de Resistência”</b> 	<p>Na rua “Ator Paulo Gustavo”, acontece um grande ato político cultural, onde rir é um ato de resistência. Bandeiras, palavras de ordem denunciam a falta de vacinas, o descaso público com a vida das pessoas. Emanada, por um grito uníssono de viva o SUS. A ala reivindica um Brasil com mais humor e responsabilidades. Revive todo o universo artístico de Paulo Gustavo: sorrisos, gargalhadas, cara e os carões, chapéus, maquiagens, figurinos, personagens, falas, mensagens, sabedoria... representando seu legado de amor, que toca em cada coração de menino e menino e gera a vontade de ser também um criador. A inspiração de um fazedor de sonhos e de um instrumento de mudança. Porque “rir é resistir, é seguir em frente. Paulo Gustavo pra sempre”</p>	Comunidade	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 09 – Gamboa – RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Paulo Rogério	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Ferrula Muniz	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Diversos
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Paulo Rogério	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Washington e Gomes
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Almir	- Arame
Anderson e Ana Paula	- Espuma
Ronildo	- Escultura
Futica	- Madeira
Zulu	- Paritins
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>			Cláudio Filé, Arlindinho Neto, Igor Leal, James Bernardes, Braguinha, Colaço, Marcus Lopes, Caio Tinguinha, Danilo Gustavinho e Kaike Vinícius
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b>			Ricardo Góes
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 46 (quarenta e seis)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Toninho Nascimento 73 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Thiago Meiners 27 anos	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>			
<p>O céu me sorriu A irreverência me chamou, eu vou Imortal a nossa relação A bênção lhe dou, num gesto de amor Pra você vestir preto e amarelo e sorrir Atuar com Otelo e Dercy Pra plateia vibrar, gargalhar, delirar Na próxima cena, no primeiro plano Nem só Marcelina, nem só Juliano Milhões de herdeiros Anunciando a mãe de todo brasileiro</p> <p><b>Dona Hermínia mandou avisar que pode Brincar na avenida e dizer no pé Mulher com mulher, tudo bem Homem com homem, também O negócio é amar alguém</b></p> <p>“DeThales” o amor venceu O sentimento mais fiel Semente que gerou Romeu Semente que gerou Gael Exemplo de atitude pra uma nova geração Corrente de amizade sempre em alta tensão Vai que cola Esse meu despedaçado coração (ah, coração) Sou eu a primeira plateia Divina “iDÉa”, dei luz ao seu brilho A nossa vida é uma peça Graças a você, meu filho</p> <p><b>São Clementes, aqueles que amam, que cuidam, que sentem Mostrando a cara da nossa gente “Rir é resistir”, seguir em frente Paulo Gustavo pra sempre!</b></p>			<p><b>BIS</b></p> <p><b>BIS</b></p>

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### **Outras informações julgadas necessárias**

##### **Justificativa da Letra**

Paulo Gustavo é um artista popular, de sucesso meteórico, grande ícone do humor contemporâneo, cuja partida precoce enlutou o país inteiro. Nesta merecida homenagem em forma de carnaval, o samba da São Clemente, no Carnaval 2022, canta os muitos papéis que Paulo exerceu ao longo da vida, seja como o grande ator nos palcos e na frente das câmeras, seja como o grande ser humano que sua amada família e seus amigos puderam conhecer mais de perto.

Considerando que seu principal personagem, Dona Hermínia, e seus trabalhos de maior sucesso, a franquia “Minha mãe é uma peça” foram inspirados em sua relação com sua mãe, optamos por elaborar a letra do ponto de vista de Dona Déa, que, portanto, assume a posição de eu-lírico da construção poética. A obra também apresenta elementos que unem Paulo Gustavo e São Clemente, como a irreverência, a alegria e a crítica social.

##### **O céu me sorriu**

**A irreverência me chamou, eu vou**

**Imortal a nossa relação**

A letra do samba enredo, a todo tempo, transita entre a alegria que o homenageado espalhou ao mundo e a saudade que ele deixou, o que já se nota nos primeiros versos, quando o céu, que metaforicamente representa o próprio Paulo, sorri para Déa, ao mesmo tempo em que a irreverência, característica que distingue a nossa agremiação, a convida para, através desta homenagem, celebrar a imortalidade de uma relação entre mãe e filho.

**A bênção lhe dou, num gesto de amor**

**Pra você vestir preto e amarelo e sorrir**

**Atuar com Otelo e Dercy**

**Pra plateia vibrar, gargalhar, delirar...**

É assim que ela, num gesto de amor, abençoa Paulo, em sua chegada ao Paraíso da Comédia Nacional, lugar de alegria, fraternidade e sorrisos, que chega a lembrar a primeira vez que ele e a São Clemente cruzaram seus destinos, no nosso desfile de 2013. Este paraíso será, a um só tempo, palco e cenário onde Paulo, mais uma vez vestido de preto e amarelo (cores da nossa agremiação), irá contracenar com outros grandes nomes do humor, como Grande Otelo e Dercy Gonçalves, para a vibração, o delírio e as sonoras gargalhadas da plateia.



**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Na próxima cena, no primeiro plano**

**Nem só Marcelina, nem só Juliano**

**Milhões de herdeiros**

**Anunciando a mãe de todo brasileiro**

Com a agilidade de uma troca de cenário num palco teatral, a melodia faz a transição para próxima cena desta peça que é uma vida. E nesta cena, estarão em primeiro plano não apenas os irmãos Marcelina e Juliano, mas milhões de protagonistas, que são todos os brasileiros que de alguma maneira se sentem filhos de Dona Hermínia. Afinal, tão grande é o talento de Paulo e tão marcante é a personagem Dona Hermínia que milhões de pessoas se identificaram de alguma maneira com a personalidade e os trejeitos dela, a ponto de todo brasileiro considerá-la uma mãe.

**Dona Hermínia mandou avisar que pode**

**Brincar na avenida e dizer no pé**

**Mulher com mulher, tudo bem**

**Homem com homem, também**

**O negócio é amar alguém**

Devidamente anunciada por seus milhões de herdeiros, com firmeza e autoridade de quem é a dona do palco e o centro das atenções, o refrão do meio é dela: Dona Hermínia, a mãe das mães, que chega mandando e desmandando. Construído com uma linguagem popular, (como era popular a obra de Paulo) o refrão alia duas características comuns à São Clemente e ao homenageado: a alegria, ao convidar todo o público para cair no samba; e a crítica social, um pilar da identidade da agremiação, aqui formulada como um libertário grito de luta e da visibilidade LGBTQIA+, uma temática ainda rara nos enredos do carnaval carioca. E o fazemos sem papas na língua, sem meias palavras, para que a mensagem seja direta, como é da personalidade de Dona Hermínia. Seja mulher com mulher, seja homem com homem, vale qualquer tipo de manifestação de afeto, pois o negócio é amar alguém.

**De Thales o amor venceu**

**O sentimento mais fiel**

**Semente que gerou Romeu**

**Semente que gerou Gael**

E, se importante é amar alguém, o amor, em seus muitos detalhes, para Paulo tinha um nome: Thales. Em tempos em que pessoas mal intencionadas usam o moralismo e destilam preconceito em nome de uma suposta defesa da família, celebramos a beleza de uma família formada pelo elo mais forte que há: o sentimento fiel. É o amor que se faz semente e seus frutos são os filhos desse lindo casal. E que a felicidade e a beleza dessa família seja exemplo para as novas gerações, pois o mundo será melhor quando cada um puder ser quem é, afinal, a pluralidade faz parte.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Exemplo de atitude pra uma nova geração**

**Corrente de amizade sempre em alta tensão**

**Vai que cola**

**Esse meu despedaçado coração (ah, coração)**

Não é possível falar de Paulo sem lembrar das amizades que cultivou ao longo da vida. Amigos que estarão presentes nesse desfile e que relembram a cada dia os grandes trabalhos artísticos que são o legado de Paulo. Esta é uma corrente de amizade, emanando bons sentimentos. Ao nos referimos a corrente e alta tensão, fazemos uma referência indireta ao “220 volts”, uma das obras do ator, e ao “Hiperativo”, um show no formato stand up de Paulo. E não poderia faltar um dos principais trabalhos de Paulo Gustavo na televisão, o “Vai que cola”. Nesse verso, também aproveitamos para dar vazão à saudade de fãs, amigos e familiares, pois ainda é difícil lidar e os corações estão despedaçados, sentimento acentuado na repetição da palavra “coração”. Mas acreditamos que sim, as boas lembranças, as boas ações, o contato com as amizades e a obra de Paulo podem “colar” os corações.

**Sou eu a primeira plateia**

**Divina “iDÉa”, dei luz ao seu brilho**

**A nossa vida é uma peça**

**Graças a você, meu filho**

Por fim, nas últimas quatro linhas da estrofe, o eu-lírico do samba se apresenta. Déa, que foi a primeira a conhecer o talento de Paulo, portanto, a primeira plateia do artista. Déa, a diva inspiradora, uma ideia, no sentido de uma representação ideal do amor materno. Déa que deu luz ao brilho de Paulo. Tomamos a liberdade de unir o título da obra de Paulo (Minha mãe é uma peça) e o título do enredo (Minha vida é uma peça), em “nossa vida é uma peça”, para celebrar a imortal relação que já foi cantada na primeira estrofe. Essa relação é o espetáculo homenagem que a São Clemente apresenta, como Déa descreve, numa fala íntima ao filho, que encerra a estrofe.

**São Clementes aqueles que amam, que cuidam, que sentem**

**Mostrando a cara da nossa gente**

**“Rir é resistir”, seguir em frente**

**Paulo Gustavo pra sempre!**

No refrão de cabeça, transformamos o nome da nossa agremiação em uma oração com verbo e adjetivo (são clementes), para celebrar a bondade de Paulo, que ele demonstrou ao longo de toda a vida, seja levando alegria aos lares brasileiros, seja através de seus atos de caridade. Paulo era daqueles que amam, que cuidam, que sentem. Assim como a nossa gente brasileira, assim como a nação clementiana, que vai mostrar a cara nesse desfile.

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### **Outras informações julgadas necessárias**

O ensinamento de Paulo Gustavo, para quem rir é um ato de resistência, dá o tom de esperança da homenagem. Rir é resistir! E para seguirmos em frente, nada melhor que celebrar esse grande ser humano e grande artista, que é Paulo Gustavo. Por isso o samba encerra com um sonoro “Paulo Gustavo pra sempre”, cantando a certeza de que ele sempre se fará presente, seja nas obras, seja em nome de rua, seja nas lembranças, seja nos corações.

#### **Justificativa da melodia**

No que diz respeito à melodia do samba, mantivemos a mesma leveza, espontaneidade e alegria que marcam a ótima sinopse, e que também são as principais marcas do homenageado.

A música, composta propositalmente em Si (B), que é um tom maravilhoso para trazer a atmosfera de veneração, galanteio e reconhecimento, traz também consigo aquela saudade e nostalgia boa já nos primeiros acordes.

Conseguimos driblar a dificuldade em retratar o céu de PG quando adotamos uma melodia que passeia a todo tempo entre o popular e o clássico.

Repare que no verso: "O céu me sorriu / a irreverência me chamou / eu vou / imortal a nossa relação / a bênção lhe dou / num gesto de amor" já introduzimos o ouvinte em uma viagem harmonicamente gostosa, que brinca com a memória afetiva e a quebra da melodia intuitiva em cada verso, culminando em uma brincadeira inteligente no verso: "Pra você vestir / preto e amarelo e sorrir / atuar com Otelo e Dercy / pra plateia vibrar! Gargalhar! Delirar!", onde chamamos o corpo do desfilante para uma bossa espontaneamente crescente, em uma melodia ascendente, que dialoga com a letra.

Continuamos com a melodia, propondo uma pergunta e resposta até desaguar em um refrão de meio que tem tudo para ser o refrão arrasta quarteirão do carnaval, pela sua simplicidade em brincar com a lembrança cômica de Dona Hermínia, personagem principal de PG, de maneira bem carnavalesca, irreverente e sem gritaria, pois ele é forte sem forçar: "Dona Hermínia mandou avisar que pode / brincar na avenida e dizer no pé / mulher com mulher tudo bem / homem com homem também / o negócio é amar alguém".

Melodia extremamente popular e calangueada, que leva o samba para um momento especial, apostando em uma síncope que mergulha e empresta ao trecho um samba amaxiado, trazendo uma alegria dançante e que, novamente, convida a bateria para um swing bem gostoso de forma pura e natural em breques melódicos que enfeitam qualquer componente, ritmista ou ouvinte do samba.

No início da segunda do samba, decidimos imprimir uma melodia mais romântica e sinfônica, por se tratar do momento em que falamos do amor de PG e Thales, amor este que floriu e foi coroado com seus dois filhos: "De Thales o amor venceu / O sentimento mais fiel / Semente que gerou Romeu / Semente que gerou Gael".

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

Melodia espaçada, forte e carregada do mais límpido sentimento.

Ao tratar das atitudes louváveis que PG se engajou socialmente, como também da importância de suas grandes amizades, decidimos impelir mais força na melodia, com versos em que forçamos a repetição curta de algumas notas com pouco espaço entre elas, para que fique marcado neste momento a importância de seus gestos: "Exemplo de atitude pra uma nova geração / Corrente de amizade sempre em alta tensão..."

E na "cola" entre este momento e o momento de entregar para o refrão, espaçamos novamente a melodia para derramar ainda mais brilho e emoção sobre a letra/caco seguinte: "vai que cola / esse meu despedaçado coração... / Ah, coração!"

E pouco a pouco vamos dando pistas de quem está narrando a história: "Sou eu a primeira plateia / divina ideia dei luz ao seu brilho..."


Até o plot twist final revelar Dona Déa, a mãe do homenageado, como o eu-lírico. Portanto, vemos também este momento na melodia, pois, quando a letra traz o gran finale no verso "a nossa vida é uma peça / graças a você meu filho!", ouve-se a intenção harmônica e melódica fazendo referência aos grandes musicais no uso de uma coda, utilizando um empréstimo modal do acorde de G (Sol), fazendo passagem para o F#7 (Fá sustenido com sétima), causando um sobressalto proposital em quem ouve pela primeira vez, e injetando força em cada vez que se repete, já que tem estampada em cada nota toda a emoção de uma mãe cantando, homenageando e agradecendo, em versos, seu filho.

No refrão principal, trazemos uma similitude entre a escola e o homenageado, sendo esta parte do samba a mais complexa melodicamente, por representar a personalidade da escola e de PG, visto que na volta do refrão temos uma inflexão/variação melódica ascendente na quinta dominante de B (Si), F# (Fá sustenido), subindo para G (Sol) e depois G# (Sol sustenido), seguindo os voicings harmônicos (acordes): "São Clementes / aqueles que amam, que cuidam, que sentem..."

Ainda assim, o refrão é popular, solto, de entendimento rápido para o folião e com uma explosão natural que não se rebaixa aos artifícios melódicos corriqueiros que ouvimos ano após ano.

PG foi gênio e popular, falou a língua do povo e deixou ensinamentos que vão se perpetuar. Nossa música nunca teve a pretensão de ser do tamanho de PG, mas sim a intenção de mostrar ao povo do carnaval e do mundo o tamanho de PG.

**FICHA TÉCNICA****Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Caliquinho				
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Tião Belo, David, João, Bruno, Felipe, Rafael, Gil, Natan, Vanusa e Patrick.				
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 270 (duzentos e setenta) componentes				
<b>NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS</b>				
<b>1ª Marcação</b> 12	<b>2ª Marcação</b> 12	<b>3ª Marcação</b> 15	<b>Violinos</b> 10	<b>Ganzá</b> 0
<b>Caixa</b> 100	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 32	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 35
<b>Prato</b> 10	<b>Agogô</b> 0	<b>Cuica</b> 24	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 20
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>				
A bateria da São Clemente se diferencia das demais por ser a única entre as escolas de samba do Rio a não usar apito, somente conduzir a regência com gestos.				
<b>Rainha de Bateria:</b> Raphaela Gomes				
<b>Mestre de Bateria:</b> Caliquinho				
<b>Fantasia:</b> Dona Hermínia Clementiana				
<b>Representa:</b> Na concepção artística proposta pelo enredo, os ritmistas da São Clemente personificam a “Dona Hermínia Clementiana”, que ama, que cuida, que sente monstrado a cara da nossa gente; e que num gesto simbólico, em preto e amarelo, ecoa do ritmo da fiel bateria os seus mais puros ensinamentos: afinal, mãe é mãe e merece respeito.				
<b>Superintendente da bateria:</b> Gilberto Almeida				
				

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Marquinhos São Clemente

**Outros Diretores de Harmonia**

Evandro, Claudinho, Jorginho, Marília, Julinho, Sílvia Goes, Aranha, Fabinho e outros.

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

40 (quarenta) componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Intérpretes oficiais: Leozinho Nunes e Leonardo Maninho

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Cavaco – Marcus Vinícius e Hugo

**Outras informações julgadas necessárias**

A harmonia da São Clemente tem como objetivo levar a técnica e a alegria para todos os seus componentes, fazendo com que a escola cante e encante a todos com amor, garra e muita vontade de vencer.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

<b>Diretor Geral de Evolução</b> Roberto Gomes
<b>Outros Diretores de Evolução</b> Vários
<b>Total de Componentes da Direção de Evolução</b> 20 (vinte) componentes
<b>Principais Passistas Femininos</b> Diana Prado
<b>Principais Passistas Masculinos</b> Bolachina
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  A São Clemente trabalhou intensamente nos ensaios técnicos todas às terças e sábados, buscando aperfeiçoar o samba no pé, a garra e a vibração dos nossos componentes.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Roberto Gomes		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Thiago Almeida		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> -		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> -	<b>Quantidade de Meninas</b> -	<b>Quantidade de Meninos</b> -
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Ana Carolina		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 70 (setenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Maria José 83 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Bianca 30 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Luiza Carvalho		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 20 (vinte)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Lizete 82 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Ismael 65 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> -		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		



**FICHA TÉCNICA****Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Junior Scapin		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Junior Scapin		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Femininos</b> 0	<b>Componentes Masculinos</b> 15 (quinze)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p><b>Comissão de Frente: “A primeira inspiração veste seu maior sucesso”</b></p> <p><b>O que representa:</b> A concepção poética do enredo sugere um contexto narrativo, onde a comissão é apresentada pelo nosso homenageado, Paulo Gustavo:</p> <p>“No camarim eu transcendo... No camarim eu me dispo... No camarim encontro o verdadeiro eu... Cores, brilhos, paetês, plumas... No ar vejo glitter se dissipar, a sensação é de respirar a plenos pulmões purpurina... Sinto ao ver o arco-íris a necessidade de me jogar e me envolver nessas cores... Precisava de inspiração, precisava sentir dentro de mim que estava no caminho certo... Sentia que encontrar minha referência artística estava nesse universo...</p> <p>E sim, estava! Para o ator, o laboratório leva ao encontro do personagem. E eu encontrei... Encontrei na noite, nas boates, na boêmia a minha primeira referência de artista.</p> <p>Enxerguei em um homem travestido de mulher a potência, a graça, a coragem, o artista, as nuances e tudo mais que buscava para compor dentro de mim o artista completo que viria a me tornar...</p> <p>Sim, senhores, uma drag, uma drag queen foi a minha primeira inspiração de artista e confesso que não poderia ter referência mais BABADEIRA!</p> <p>Me vejo nessas 15 drags engraçadas, divertidas, loucas, artísticas... Tudo isso é muito Eu! Apresentar esses personagens icônicos das noites carioca diz muito do que sou como artista.</p> <p>Assim como eu, elas botam pra quebrar e com sua dança frenética mostram muito da minha energia e alegria que sempre espalhei por onde passei. Essas “meninas drags” me inspiraram como profissional e agora as coloco dentro do meu templo. Meu templo chamado camarim! Lugar esse que passei boa parte dos meus dias... Me transformando, me conhecendo, me preparando...</p> <p>No meu camarim elas apresentam a todos, através da dança, da irreverência as transformações, feito camarins da vida”.</p> <p>“Nesse sentido, faço questão que as minhas primeiras inspirações encontrem com a minha personagem de maior sucesso. Só elas podem se transformar na minha eterna Hermínia. E é nesse alegre camarim, com bancadas tradicionais de efileiradas luzes, que minhas drags se transformam, como num passe de mágica, em múltiplas Hermínias espalhado-se pela Sapucaí.</p> <p>Sendo assim, depois de muita dança, efeitos e transformações eu não poderia deixar de presentear-los com um ápice!</p>		

## FICHA TÉCNICA

### Comissão de Frente

#### Outras informações julgadas necessárias

A verdadeira mãe das mães, minha mãe, minha Hermínia. Trago-a, no cenário original de “Minha Mãe é uma Peça”, ao encontro, no templo camarim, de minhas primeiras inspirações como artista, minha personagem de maior sucesso, Hermínia, e a grande inspiração que deu origem a tudo isso.

Tudo com muito brilho, luzes, cores, efeitos e, claro, muita purpurina e alegria. Que todas reunidas, numa apresentação coreográfica deslumbrante, toquem os corações de todos vocês e inundem com muito amor e descontroladas gargalhadas”.

Prometo: Paulo Gustavo pra sempre.



**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**DADOS SOBRE O COREÓGRAFO JUNIOR SCAPIN**

Junior Scapin é um artista brasileiro sindicalizado no Sindicato dos Profissionais da Dança do Rio de Janeiro na categoria: artista bailarino clássico / coreógrafo.

Começou seus estudos de dança na conceituada academia de dança Jazz Carlota Portela, onde também foi estagiário da Cia. de Dança Vacilou Dançou Carlota Portela. Fez aulas de balé clássico na Escola Estadual de Danças Maria Olenewa (escola do Teatro Municipal do RJ) e logo em seguida ingressou no Centro de Artes Nós da Dança tendo aulas com Regina Sauer de técnica de dança moderna de Lester Horton e Graham.

Como bailarino dançou para vários artistas importantes da música como: Sandy & Junior, Vanessa Camargo, Grupo KLB entre outros.

Na TV fez várias participações como bailarino em programas como Sandy & Junior, Jovens Tardes, Dalva e Herivelton e Domingão do Faustão.

Como coreógrafo foi responsável pelos seguintes programas na Rede Globo: Casseta & Planeta Vai Fundo (2012), Esquentando (2014 a 2017), Tamanho Família (2016 a 2020), Zorra Total (2015), Chacrinha - O Eterno Guerreiro (2017), Os Melhores Anos das Nossas Vidas (2018).

Como coreógrafo assistente e assistente de coreografia fez os seguintes trabalhos: Criança Esperança (2010 a 2014), Show de inauguração do estádio Arena Grêmio (2012), Jornada Mundial da Juventude (2013).

No carnaval foi coreógrafo de comissão de frente das escolas: Império da Tijuca, Império Serrano, Paraíso do Tuiuti, Estácio de Sá e Estação Primeira de Mangueira.

Atualmente é coreógrafo do Show do Criança Esperança 2021 (Rede Globo), Programa Tamanho Família (Rede Globo) e da escola de samba São Clemente.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Vinícius Pessanha	<b>Idade</b> 33 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Jack Pessanha	<b>Idade</b> 34 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Marcelo Tchetchelo	<b>Idade</b> 47 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Bárbara Falcão	<b>Idade</b> 26 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA**

**Nome da Fantasia:** Sacerdotes da Alegria

**Criação do Figurino:** Tiago Martins

**Confecção:** Edmilson Lima

**O que representa:** Inserido no contexto que inaugura a apresentação carnavalesca da peça-teatro-desfile “Minha vida é uma peça”, o casal de mestre-sala e porta-bandeira Vinícius e Jack Pessanha formam o par de personagens personificados pelo delírio de PG e representam, na concepção poética do enredo, os guardiões do portal-teatro do céu – uma espécie de sacerdotes da alegria, munidos de asas e áureas, que bailam irradiando a vibração e o som das gargalhadas, de um céu em festa, para receber PG no paraíso da comédia brasileira.



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**DADOS SOBRE O 1º CASAL:**

Nesse Carnaval, o Pavilhão da São Clemente é defendido pelos irmãos Jack e Vinícius Pessanha.

Aos 34 anos **Jack Pessanha** estreia como primeira porta-bandeira da São Clemente. Sua vida na dança como porta-bandeira se iniciou no ano de 1999. Aos 9 anos de idade, desfilou como 3ª porta-bandeira da Imperio da Tijuca e nunca mais parou. Passando pelo bloco Raizes da Tijuca e Aprendizes do Salgueiro, ambos no morro do Salgueiro, Caprichosos de Pilares, Unidos da Tijuca, para ser campeã, em 2016, no GRES Paraíso do Tuiuti, gabaritando com as 4 notas 10. No Carnaval de 2018 retornou à Unidos da Tijuca, como primeira porta-bandeira e no carnaval 2020 defendeu o Pavilhão da Renascer de Jacarepaguá.

Aos 33 anos **Vinícius Pessanha** estreia como primeiro mestre-sala da São Clemente. Iniciou sua carreira como mestre-sala mirim da Império da Tijuca, onde atuou até 2005, conciliando com a escola mirim, Aprendizes do salgueiro. Em 2008 começou a defender o Pavilhão da Caprichosos de Pilares, como segundo mestre-sala. No ano de 2007 foi pra Unidos da Tijuca. Em 2016, desfilou pela Paraíso do Tuiuti onde foi campeão e a escola subiu para o grupo Especial. Seguindo, ainda pelo Salgueiro e Renascer de Jacarepaguá, Vinícius ingressa na São Clemente em 2021.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

**Nome da Fantasia:** São Francisco e Dulce dos Pobres

**Criação do Figurino:** Tiago Martins

**Confecção:** Edmilson Lima

**O que representa:** O segundo casal da São Clemente, Marcelo Tchetchelo e Bárbara Falcão, desfilam a fé e a solidariedade humana, como um dos mais fortes sentimentos de Paulo Gustavo, que durante sua breve passagem pela a vida, ajudou instituições carentes e a muitas pessoas em situação de risco social. A fantasia do casal revela os gestos caridosos do artista, que após sua morte todos passaram a saber de suas ajudas extraordinárias, para as ações sociais, voltadas aos mais pobres, realizadas por Irmã Dulce e da oração de São Francisco de Assis.



# **G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO**



**PRESIDENTE**

**MARCELO CALIL PETRUS FILHO**

**PRESIDENTES DE HONRA**

**JOSÉ CARLOS MONASSA BESSIL (EM MEMÓRIA)**

**E MARCELO CALIL PETRUS**





*“Não há tristeza que possa suportar tanta alegria.”*



**Carnavalescos**

**MARCUS FERREIRA E TARCÍSIO ZANON**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b>					
<i>“Não há tristeza que possa suportar tanta alegria.”</i>					
<b>Carnavalesco</b>					
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon					
<b>Autor(es) do Enredo</b>					
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b>					
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b>					
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Metrópole à Beira-Mar. O Rio moderno dos anos 20	Ruy Castro	Companhia das Letras	2019	Prólogo. O Carnaval da Guerra e da Gripe
02	De sonho e desgraça: O carnaval carioca de 1919	David Butter	Morula	2022	Todas
03	Carnaval. Seis milênios de história	Hiram Araújo	Gryphus	2003	Todas
04	Desde que o samba é samba	Paulo Lins	Planeta do Brasil	2012	Todas
05	O livro de ouro do Carnaval Brasileiro	Felipe Ferreira	Ediouro	2004	Todas
06	Dicionário Houaiss Ilustrado. Música Popular Brasileira	Ricardo Cravo Albin	Paracatu	1999	Todas
07	Catálogo da 1ª Bienal Internacional da Caricatura – Brasil	Luciano Magno	Gala Edições de Arte	2014	Todas
08	Les Batutas, 1922: Uma antropologia da noite parisiense	Rafael José de Menezes Bastos	Revista Brasileira de Ciências Sociais	São Paulo, Junho 2005	V.20, nº58

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
09	A Alma Encantadora das Ruas do Rio	João do Rio	Companhia das Letras	1997	Todas
10	O Carnaval da Gripe	Carlos Heitor Cony	Folha de São Paulo	2001	Pág. única
11	La Dansarina: a Gripe Espanhola e o Cotidiano na Cidade do Rio de Janeiro	Nara de Azevedo Brito	Hist. Cienc. Saúde- Manguinhos	1997	Vol.04, N.1, P.11-30
12	O Carnaval, a Peste e a Espanhola	Ricardo Augusto dos Santos	História, Ciência, Saúde - Manguinhos UFF-RJ	2006	V.13, P. 129-158
13	Antigamente é que era Bom: A Folia Niteroiense entre 1900-1986	Delmar, Winnie/ Viug, Matheu/ Silveira, Leandro		-	Todas
14	A Virologia no Estado do Rio de Janeiro: Uma Visão Global	Schatzmayr, Herman G./ Cabral / Maulori Curié	Fiocruz	2012	P.57-62
15	O Carnaval na Poética de Manuel Bandeira	Luciano Marcos Dias Cavalcanti	UFJF	2010	V.2
16	Pixinguinha/Sinhô: Dados Artísticos	Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira	Instituto Cravo Albin	2006	Todas
17	Os Ranchos Pedem Passagem – O Carnaval no Rio de Janeiro do começo do Século XX	Renata Sá Gonçalves	UFRJ	2001	P.81-98.

## FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
18	As Tias Baianas Tomam Conta do Pedaco: Espaço e Identidade Cultural no Rio de Janeiro	Mônica Pimenta Velloso	-	1990	V.3, N.6
19	Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua: A Construção de uma cidadania da festa no carnaval de rua do Rio de Janeiro	Thiago Rocha Ferreira da Silva	UFRJ/IGEO/PPGG	2013	Todas
20	História do Carnaval Carioca	Eneida	Editora Record	1987	Todas

**Outras informações julgadas necessárias****Histórico Carnavalescos:**

**Marcus Ferreira** é arquiteto e designer gráfico formado pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). O carnavalesco estreou em 2009 pela Mocidade de Vicente de Carvalho, levando a agremiação a conquistar um lugar no antigo Grupo B. Em 2010, manteve a escola no mesmo grupo, após assinar o premiado enredo “Bonecas: impossível não se apaixonar por elas”. O notório trabalho fez Marcus assumir a Estácio de Sá em 2011, ano em que foi considerado a revelação do Carnaval da Série A. O artista faturou diversos prêmios de melhor carnavalesco e figurinista, além do internacional “Top Of Business” – oferecido pelo Hotel Sheraton. Na Série A, ainda foi carnavalesco de outras agremiações, como Unidos do Jacarezinho, Renascer de Jacarepaguá, União do Parque Curicica e Inocentes de Belford Roxo. Em 2017, deu o título ao Império Serrano, com o enredo sobre o centenário do poeta Manoel de Barros – “Meu quintal é maior que o mundo!” –, levando a verde e branco da Serrinha de volta ao Grupo Especial. Já no ano de estreia na elite do Carnaval (2020), Marcus conquistou o campeonato com a Unidos do Viradouro, pelo desfile em homenagem às Ganhadeiras de Itapuã. Atualmente, além de seguir emprestando seu talento à escola de Niterói, o artista assina os figurinos da peça “O futuro chegou ontem”, de Kleber Di Lázare, inspirada justamente no enredo sobre o Carnaval de 1919, e que está em cartaz em São Paulo.

## FICHA TÉCNICA

### Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

**Tarcísio Zanon** é designer gráfico formado pela Escola Técnica Federal de Campos dos Goytacazes e pós-graduado em Carnaval e Figurino pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). A carreira de Tarcísio começou em 2014 como assistente de carnavalesco, na Estácio de Sá, na Série A. No ano seguinte, Zanon se tornou titular da escola e emplacou um campeonato logo na estreia, ao homenagear os 450 anos do Rio de Janeiro, levando a Estácio para o Grupo Especial. Pelo feito, ainda foi premiado como “revelação” da temporada. Em 2016, seguiu com a escola no Grupo Especial, ao lado do também carnavalesco Chico Spinoza, e conquistou o Estandarte de Ouro pela Melhor Ala das Baianas daquele ano. Paralelamente ao Carnaval, em 2017, levou o prêmio concedido pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro pela cenografia da peça “João e o Alfaiate”, da companhia Etc. e Tal. A partir de 2018, passou a assinar sozinho os desfiles da Estácio de Sá. O profissional ainda assumiu a função de figurinista do carnavalesco Alexandre Louzada, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Na ocasião, faturou outros prêmios de melhor figurinista. Em 2019, conquistou mais um título da Série A pela Estácio de Sá, levando a agremiação de volta para o Especial. No mesmo ano, foi um dos responsáveis pelos figurinos da novela “Jesus”, da TV Record. No Carnaval 2020, o último da Sapucaí, conquistou com Marcus Ferreira o campeonato com a Unidos do Viradouro. O enredo foi uma homenagem às Ganhadeiras de Itapuã. Atualmente, além de atuar no carnaval, Tarcísio leciona no curso de pós-graduação “Carnaval e Figurino”, na disciplina “Fantasia”, da Universidade Veiga de Almeida (UVA).

#### Parceria de sucesso: em seis temporadas, quatro títulos

Juntos, Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon somam, nos últimos seis anos, quatro títulos pela Série A e pelo Grupo Especial (2015, 2017, 2019 e 2020). Os dois são apontados por especialistas na festa como grandes talentos a serviço do Carnaval Carioca. Casados na vida real, assinaram o desfile campeão da Unidos do Viradouro no Carnaval de 2020, mostrando que o casamento funciona bem também na pista de desfiles. Na estreia como dupla, eles já conquistaram diversos prêmios: Estandarte de Ouro de Melhor Enredo, Troféu Plumas e Paetês e Troféu Gato de Prata. Ouvintes da Rádio Tupi também elegeram Marcus e Tarcísio os melhores carnavalescos de 2020.

**Igor Ricardo** é formado em Jornalismo pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e graduando em Turismo na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Trabalha na cobertura carnavalesca desde 2013. Neste período, o jornalista se notabilizou à frente da Editoria de Carnaval do Jornal O Globo e do Jornal Extra, os jornais de maior renome da mídia carioca e do país. Também foi convidado para a produção de reportagens internacionais durante os desfiles carnavalescos da província de San Luís, na Argentina. Além disso, foi jurado no Carnaval de Santos e Córdoba (Argentina). Por dois anos consecutivos, fez parte do corpo de jurados para a escolha da Corte Real do Carnaval do Rio. Em 2018, foi convidado a desenvolver a pesquisa de enredo da Unidos da Tijuca no desfile sobre Miguel Falabella. No ano seguinte, ainda seguiu na escola, por onde conquistou todas as notas 10 dos jurados no enredo sobre a história do pão. Com elogiada atuação, Igor foi convidado pela Unidos do Viradouro para auxiliar na defesa do enredo de 2020 e, juntamente com Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon, levou para casa os principais prêmios carnavalescos pelo tema Ganhadeiras de Itapuã. Mais uma vez, conseguiu agradar todo o júri técnico da Avenida no quesito enredo, colaborando com o título da vermelho e branco de Niterói.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Logomarca (Arte Visual – Carnaval 2022):**

Os grupos cariocas personificavam o pierrot como a figura foliã do início do século XX. No desfile da Viradouro, a fantasia mais vestida do carnaval 1919 encarna o saudoso carioca em busca de seu amor pelo Carnaval. A logomarca é inspirada na arte geométrica circular de um dos primeiros artistas do Carnaval brasileiro: o caricaturista J.Carlos, que também foi artista plástico dos desfiles das Grandes Sociedades Carnavalescas. A marca reflete a atemporalidade da pintura de Michelangelo, “A Criação de Adão”, com a colombina recriando a vida para o pierrot (após a pandemia da gripe espanhola).

**Sites consultados:**

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/apos-a-gripe-espanhola-rio-teve-o-maior-carnaval-de-todos-como-revanche.shtml>

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702006000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000100008)

[http://www.memoriadamusica.com.br/site/images/stories/Na\\_Roda\\_do\\_Samba\\_-\\_Francisco\\_Guimares.pdf](http://www.memoriadamusica.com.br/site/images/stories/Na_Roda_do_Samba_-_Francisco_Guimares.pdf)

<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/artigo17.pdf>

<https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/carnaval-de-rua-no-rio-20858989>

<http://www.scielo.br/pdf/tem/v21n37/1413-7704-tem-21-37-00022.pdf>

[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/memoria\\_carioca\\_pdf/samba.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/memoria_carioca_pdf/samba.pdf)

<https://nitheroy.wordpress.com/2017/02/19/historia-do-carnaval-em-niteroi/>

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1666177158498136-o-maior-carnaval-de-todos-os-tempos>

[http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2017/08/15\\_Artigos-livres\\_Artigo-2.pdf](http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2017/08/15_Artigos-livres_Artigo-2.pdf)

[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004\\_221487887fd1a9c02a9ef7815d2c83e8.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004_221487887fd1a9c02a9ef7815d2c83e8.pdf)

<https://ims.com.br/titular-colecao/j-carlos/>

<http://guiaculturalcentroorio.com.br/cordao-da-bola-preta/>

[http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079\\_1919\\_00699.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1919_00699.pdf)

<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/pixinguinha-oito-batutas>

<https://www.geledes.org.br/tia-ciata/>

## HISTÓRICO DO ENREDO

*“Depois da energia elétrica,  
energia atômica,  
uma terceira energia chamada alegria  
poderia realizar grandes eventos”  
A genialidade profética de João Jorge Trinta.*

Corações à espera:

**- Que será do carnaval?**

Questionam os sambistas na Festa da Penha, no dia oito de dezembro de 1918, séc. XX.

*David Butter, jornalista e pesquisador do carnaval, descreve:*

“À época, a Festa da Penha era um terreno de teste para canções, onde se esbarravam figuras das Sociedades, dos Ranchos, dos Blocos e da incipiente Música Popular Brasileira. Para lá, mudava-se por alguns dias, a Pequena África, com as tias baianas e suas barracas”.

*O matinal O Paiz, em 03 de março de 1919, descreve:*

“O Carnaval não morreu. Vingou-se gloriosamente das restrições que o passado lhe impôs na guerra e prestou um ótimo serviço de fazer escurecer a visita macabra da ‘espanhola’”.

Extinta a dor da Primeira Guerra Mundial. Asfixiada a Gripe Espanhola.

Findo o ano de 1918.

### SINOPSE DE ENREDO

**“NÃO HÁ TRISTEZA QUE POSSA SUPORTAR TANTA ALEGRIA.”**

1919

“E o Mundo não se acabou”

(O carnaval de 1919 foi uma das inspirações para o compositor Assis Valente - música eternizada na voz inesquecível de Carmem Miranda).

Os cronistas dos principais matinais da cidade prenunciam a *Chegada do Carnaval*. No jornal O Malho, a charge do cartunista Hélios Seelinger revela em nanquim traços de saudosos foliões esquecidos do imaginário popular. Momo deixa de ser tratado como Rei e é elevado aos céus para ser glorificado como Deus, no dia 1º de março de 1919.

Confino a tristeza, me despeço das trevas. Rompo o isolamento de uma infinda solidão. Calçadas testemunham passos contidos, janelas se entreabrem. Inebrio-me com os ares do Marca-meu-Coração. A Casa das Fazendas Pretas retira os fardos de um luto elegante, que vestiu a dor dos últimos tempos – em seu lugar o lume dos brocados, das rendas e cetins.



Entrelaço o olhar nas fitas métricas da Boutique Le France, recebendo os primeiros foliões. Céu desenhado por varais de ventarolas da Casa Buis, na Rua do Ouvidor. A nova dama do cabaré se faz presente nas esquinas da Avenida Mem de Sá, seguindo o legado da cafetina Alice Cavalo de Pau, dizimada pela gripe. Sou um PIERROT que faz parte da nata da sociedade que se prepara para o último baile pré-carnavalesco do Clube dos Democráticos. Evoco a vingança da vida!

***“Assim é que é, viva a folia!  
Viva Momo, viva a troça!  
Não há tristeza que possa  
suportar tanta alegria”***

*(Canção de baile do pré-carnaval dos Democráticos, Autor Desconhecido, 1919).*

O carioca instaura a desforra da peste na primeira manhã de um carnaval. Ensaio um canto a contemplar a concentração dos préstitos das Grandes Sociedades. Parto no Bonde da Vingança para a Praça da República, conduzido pelo popular Jamanta - desvairado folião a retomar a nossa delirante fantasia de viver, levada por espíritos revoltosos. Esbarro nas Cocotas Emplumadas e me embriago num ardente xarope de Calibrina. Desfaço a melancolia de uma face mal-ajambrada, que revela o sorriso envolto à alegria do bloco Carões mascarados.

Nas ondas da Avenida Beira-Mar, dou cor à angústia em folhas de papel crepom. Contemplo corsos engarrafados de flertes e melindrosas. Autos que figuram deusas ávidas, despertando o olhar sensual do jovem Nelson Rodrigues. Bandas marciais fanfarram por coretos e boulevards ao denotarem o traço Art Decò de J.Carlos. Numa das esquinas da Rio Branco, de um bar, exclama um folião: - Chegou o Caveirinha! Mestre que driblou a morte a desfraldar seu pavilhão, no primeiro desfile do Cordão da Bola Preta. Peço exílio a milhares de corações aglomerados no Bloco do Eu Sozinho – cortejo que rendeu ao folião Júlio Silva 53 memoráveis carnavais. Nas matinês, o moleque mestiço com chapéu de jornal Tico-Tico, em que retrato o Rio em palavras e desenhos. O beijo na serpentina declara um amor que se desdobra nas batalhas de flores da Avenida Central.

Reside em mim a eterna fantasia de um palco reanimado. Pernaltas vibram cornetas, que prenunciam os bilhetes dos grandes bailes de clubes e *theatros*. Escadarias conferem um refinado bailado, sacadas preenchem vivências que revelam a fúria de uma metrópole em festa. Orquestras animam valsas, dando um baile em qualquer tristeza. Bombons adoçam sentimentos. Na luz da ribalta, o equilíbrio dos artistas do Circo American-France. Figuras macabras de um salão (diabinhos, morcegos, bruxas) curvam-se à sombra de aplausos aos heróis da Cruz Vermelha. Descortino lembranças heroicas de vestes bordadas por sagradas mãos do caldeirão da Praça Onze.

O carnaval é do corpo e o samba é de alma preta. Na Pequena África, reverencio as tias curandeiras que extirparam o mal da gripe de centenas de baianos e mestiços. Borboletas Negras clamam a transformação para uma sociedade igualitária. Guerreiros Paladinos empunham lanças tribais pela legitimidade do samba - que se faz o principal gênero musical

do carnaval. O folclórico Grupo Caxangá, de João Pernambuco, germina a criação dos Oito Batutas. Entraram Donga, China e Pixinguinha – a primeira linhagem de sambistas. O lenço negro caído dos sobrados dá lugar ao colorido de estandartes dos ranchos. Evoco o Senhor da Cura! Cubra-nos com suas palhas! Que teu xaxará afaste de vez todas as mazelas que vierem tocar os sambistas.

O único contágio possível? A alegria.

*“A alegria estava entre nós,  
Era dentro de nós que estava a alegria.  
A profunda e silenciosa alegria.”*

*(“Sonhos de uma terça-feira gorda”, de Manuel Bandeira)*

Ar libertário na manhã de um último dia de carnaval. Um Rio em transe, de almas cantantes, em uma catarse de alegria. “Desmascaro” um Rio que o próprio Rio não conhecia – esperança para os dias atuais. Volto aos dias calorosos, dos abraços afetuosos como todo carioca preza. Corpos que se transpassam, mãos que se unem nos reencontros familiares–Folião-Original a exorcizar toda a saudade. Figuram tribos ébrias, corações perambulantes em estado de graça. Euforia que não derrubou a sabedoria dos foliões mais antigos a procurar, na Quarta de Cinzas, os seus. Pulsa no epicentro da capital, o Destemidos do Conselheiro, que clama a revanche a se ouvir do outro lado da Baía de Guanabara.

Aportam na enseada os revanchistas da Cidade Sorriso, lançados dos corredores da Barca XIX, *Nictheroy*-Rio. Alguns ensaiam um funambulesco banho de mar. Outros desembarcam sonhos de uma apoteótica travessia de balão. Sob um sol estridente, esvaíram-se cantoria adentro, embalados pelas composições do poeta barretense Zé de Matos. O Rio de Janeiro, memorável, desperta com a emoção que formaria, mais tarde, o chão da Unidos do Viradouro.

Adormeço em meio aos últimos foliões resignados: eram trapeiros que carregavam palmos de confetes e serpentinas de uma troça sem fim. Quarenta toneladas de uma folia que teve papel histórico. Retomar a vida pela alegria no maior carnaval de todos os séculos.

**“Na Quarta-feira de Cinzas,  
o Rio despertou convicto  
de que vivera  
o maior Carnaval de sua história”**

*(“Metrópole à Beira-mar, o Rio moderno dos anos 20”, de Ruy Castro)*

Carnaval, na vida és tudo pra mim!

PIERROT, Apaixonado. *Não há tristeza que possa suportar tanta alegria.* Viradouro: Rio de Janeiro, 1919.

(Autoria Enredo, Texto) **Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon** – Carnavalescos

**\*Dicionário de um folião:**

**Barca da Vitória** – Alegoria ao fim da 1ª Guerra Mundial; **Borboletas Negras** – Bloco feminino que desfilou na Praça Onze em 1919; **Calibrina** – Famosa cachaça; **Carões** – Foliões humildes, mascarados improvisados; **Casa Buis** – Armazém de artigos carnavalescos; **Casa das Fazendas Pretas** – Loja de tecidos; **Caveirinha (Álvaro Gomes de Oliveira)** – Fundador do Cordão da Bola Preta; **Caxangá** – Grupo carnavalesco de inspiração afro-nordestina, de João Pernambuco; **Chá da Meia-Noite** – Alegoria da lenda urbana de um chá mortal oferecido na Santa Casa de Misericórdia; **Cocotas Emplumadas** – Bloco de homens travestidos de Galinhas (revanchistas à dita curativa canja de galinha); **Destemidos dos Conselheiro** – Grupo de Zé-Pereira da Saúde/Gamboa; **Folião-Original** – O folião eleito o mais animado; **Funambulesco** – *adj.* excêntrico, brincalhão; **Guerreiros Paladinos** – Bloco de homens pretos da Cidade Nova; **Hespanhola** – Carro alegórico de leque espanhol; **Jamanta (Zé Cordeiro)** – Condutor ferroviário do antecessor Bonde da Morte; **Marca-meu-coração** – Famoso lança-perfume; **Préstitos** – Apresentação, desfile; **Trapeiros** – Catadores de papel; **Xaxará** – Cajado de Omulu (orixá da cura); **Zé de Matos** – Compositor de Carnaval do Largo do Barreto.

(Pesquisa) **Marcus Ferreira, Tarcísio Zanon e Igor Ricardo**

(Revisão textual) **Henrique Pessoa**

(Agradecimentos especiais) Jornalistas **David Butter e Ruy Castro**

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Uma ode à alegria de viver. Neste ano, a Unidos do Viradouro apresenta ao público da Marquês de Sapucaí um enredo marcadamente histórico, entrelaçado por uma via de sentimentos universais: a alegria, a liberdade e a esperança. O Rio de Janeiro enfrentou, no fim de 1918, a passagem da pandemia da gripe espanhola, que dizimou os sonhos de inúmeras famílias, fazendo brotar a insegurança na não realização da folia momesca de 1919. Os carnavalescos Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon usam de todo o lirismo permitido e nos levam com sua arte até o referido ano, para recordarmos o maior Carnaval que o Rio de Janeiro já teve (até esta noite).

Além de toda pesquisa baseada em jornais da época, a dupla de artistas tomou como guia o capítulo “O Carnaval da guerra e da gripe”, do livro “Metrópole à beira-mar - O Rio moderno dos anos 20”, do jornalista Ruy Castro, e o livro “De sonho e desgraça: O carnaval carioca de 1919”, do jornalista David Butter, para a criação deste espetáculo. Nesta ópera popular, a narrativa é conduzida pelo amor do pierrot (todo folião apaixonado e saudosista) ao Carnaval (colombina), documentando a singularidade dos dias carnavalescos vividos. O título do enredo, “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria”, é inspirado nos versos de uma das marchinhas mais entoadas daquele ano, e que faz parte do repertório musical da Grande Sociedade Club dos Democráticos.

À espera de uma folia que parecia impossível de acontecer, os cariocas descortinam a veste do luto de dias sombrios, tristes, para se esbaldar nos primeiros feixes de luz dos bailes pré-carnavalescos que eram anunciados na imprensa escrita da época. Nesse compasso, o Rio de Janeiro, então capital federal, vivia ainda a chamada Belle Époque, passando por intensas modificações urbanas, culturais e sociais, inspiradas na sociedade europeia, principalmente a francesa. Mas, genuinamente debochados, os sobreviventes da gripe usaram todo o bom humor para se vingar da doença durante a festa. Os préstitos carnavalescos e as charges jornalísticas registraram jocosamente diversas situações envolvendo a “hespanhola”. É a vingança da vida!

Virada de vez a página da pandemia, o Carnaval de 1919 se tornou o pilar da festa que conhecemos hoje. Revelou grandes nomes de personalidades como J.Carlos (artista plástico, considerado um dos primeiros carnavalescos da história por criar a identidade visual das Grandes Sociedades e dos principais coretos da cidade). Instituiu importância para o firmamento das entidades carnavalescas como os “Democráticos”, os “Tenentes do Diabo” e os “Fenianos”, que anos depois deram os primeiros passos às escolas de samba. Fez chão para o primeiro desfile do Cordão da Bola Preta (entidade até hoje viva). Apresentou o folião Júlio Silva, ilustre jornalista da época, que presidiu por quase seis décadas o “Bloco do Eu Sozinho”.

O histórico ano ainda iria consagrar de vez o samba como ritmo nacional e do Carnaval. Surgido oficialmente quatro anos antes, o samba já era velho conhecido dos frequentadores da Pequena África, mas passou a ser ouvido para além das “fronteiras” dos terreiros da região. Esse feito deve-se muito à maestria dos grupos de Donga e Pixinguinha, além de Tia Ciata, grande matriarca do samba. Foi através das festas de orixás promovidas por ela, como as de Obaluaê, que o samba foi ganhando apelo - e apreço - popular.

Admiração tamanha pelo Carnaval do Rio também tinham (e cultivam até os tempos atuais) os niteroienses. O afeto de uma cidade pela outra vem de tempos vindouros. A região do Barreto, berço da Unidos do Viradouro, concentrava os desfiles dos principais grupos carnavalescos de Niterói. Muitos desses foliões, conduzidos pela barca da revanche, atravessaram a Baía de Guanabara para curtir os últimos dias da festa de Momo.

Na chegada daquela Quarta-feira de Cinzas, o Rio de Janeiro teve a convicção de que vivera o mais louco dos carnavais. O Carnaval vingou-se, gloriosamente, das restrições que o recente passado lhe impôs, e prestou a todos um ótimo serviço de fazer escurecer a visita macabra da “hespanhola”. E é essa inesquecível folia, separada dos dias atuais em pouco mais de 100 anos, que a Viradouro resgata neste desfile. Mesmo com tamanha distância temporal, são os sentimentos vividos que transformam essa página da história em algo tão próximo do que poderemos presenciar nesta folia com ares de pós-pandemia. E são esses sentimentos que norteiam a vermelho e branco para garantir que “não há tristeza que possa suportar tanta alegria”. Portanto, a escolha do tema pela Unidos do Viradouro (a escola da emoção) se deu após entendermos a importância acima de tudo emocional que o Carnaval de 2022 terá para a população brasileira, considerando a nova retomada de vida, após tantas dificuldades enfrentadas em virtude da pandemia aqui no Brasil iniciada no pós-Carnaval 2020, e por termos vivido a ausência de um ano sem desfiles das escolas de samba.

## **SETORES DE DESFILE**

### **1º SETOR: “VIREI NOITES À SUA ESPERA”**

O primeiro setor do desfile da Viradouro traz a representação da elite carioca, que durante a pandemia vestiu o luto elegante, e agora se prepara para se despedir das trevas, dos dias sombrios de solidão, diante das notícias sobre o arrefecimento da Gripe Espanhola na cidade e da retomada social pela população. Eles estão prontos para reluzir em um novo tempo, à luz da Belle-Époque. Foram noites à espera desse momento!

## **2º SETOR: “ALEGORIA IRONIZANDO A LUCIDEZ”**

Ironia do destino: os cariocas se vingaram da morte, através do deboche dos dias pitorescos do Carnaval de 19. No 1º de março, alegorias tomam as ruas com o sabor da vingança da vida. Baseado em registros históricos das Grandes Sociedades, este segundo setor satiriza a vitória humana sobre a peste. Algumas soluções de curas milagrosas ganham doses extras de humor, ao vestir os blocos de sujos. Humildes foliões (chorões) se tornam passageiros no Bonde da Revanche, a caminho da Praça da República, onde irão acompanhar a concentração dos préstitos carnavalescos.

## **3º SETOR: “A AVENIDA GANHA COR”**

Vencida de vez a gripe, os foliões cariocas estão nas ruas para curtir o Carnaval. E é a região central da cidade do Rio de Janeiro o palco principal da festa. Pela Avenida Rio Branco, desfilam os Corsos de jovens enamorados, acontece a tradicional batalha das flores, os banhos de mar à fantasia, no encontro da via com a Avenida Beira-Mar, entre outros. Torna-se também via para a primeira exibição de instituições tradicionais, como o Cordão da Bola Preta e o Bloco do Eu Sozinho, que arrastaram milhares de corações pela Avenida mais charmosa do Rio de Janeiro. O terceiro setor do desfile da Viradouro sintetiza as principais manifestações e personagens que desfilaram pela antiga Avenida Central.

## **4º SETOR: “AOS PÉS DA CRUZ, AGRADECER À SAÚDE!”**

Momento de agradecer aos principais heróis que defenderam a vida durante a pandemia. Neste quarto setor de desfile, faremos uma grande homenagem a todos que se doaram pela cura. Documentos jornalísticos da época apontam que a linha de frente norte-americana da Cruz Vermelha foi reverenciada pelos foliões nos bailes de salão à fantasia, como os realizados no Liberty Club.

## **5º SETOR: “PRA ETERNIDADE, UM SAMBA NASCIA!”**

É na região do bairro da Cidade Nova, batizada de Pequena África, que acontece o Carnaval mais democrático da capital. Os foliões mais humildes, oriundos das favelas ao redor, reverenciam a negritude e, em forma de alegoria, o orixá da cura. O setor mostra a representação dos principais blocos pretos que fizeram da Praça Onze o caldeirão (reduito mais quente) da cidade. O luto dá lugar ao colorido dos estandartes dos principais Ranchos Carnavalescos. Uma população majoritariamente preta, que produziu o maior ritmo musical do nosso país: o samba.

## **6º SETOR: “O DESEMBARQUE DO AFETO VINDOURO”**

No 5 de Março de 1919, o Rio de Janeiro desperta em uma Quarta-Feira de Cinzas solar. O último setor do desfile evidencia que era no bairro do Barreto, em Niterói, que acontecia o mais importante Carnaval da cidade. A região que, muitos anos depois, abrigaria a sede da Unidos do Viradouro concentrou inúmeros foliões que também atravessaram a Baía de Guanabara para curtir o Carnaval pós-pandêmico na Cidade Maravilhosa. A bordo da barca “Nitheroy-Rio”, desembarcam os niteroienses sobreviventes da gripe, prontos para a revanche da vida, para viver o último dia no maior Carnaval de todos os séculos.

## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **1º SETOR – “VIREI NOITES À SUA ESPERA”**

**Comissão de Frente**  
**“E O MUNDO NÃO SE ACABOU”**

**Elemento Cênico**  
**A CHEGADA DO CARNAVAL 1919**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Julinho Nascimento e Rute Alves**  
**“LUMIÈRE, MEU RIO!”**

**Guardiões do 1º Casal de**  
**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**“BAL MASQUÈ”**

**Ala 01 – Comunidade**  
**“DOU UM BAILE NAS TREVAS!”**

**Musa I**  
**Luana Bandeira**  
**HOURI**

**Alegoria 01 – Abre-Alas**  
**“SEGUI SEU OLHAR, NUMA LUZ TÃO LINDA!”**

### **2º SETOR – “ALEGORIA IRONIZANDO A LUCIDEZ”**

**Ala 02 – Comunidade**  
**CAVALEIRO DA PESTE E CAVALEIRO**  
**DA DESFORRA**  
**(CLUB DOS DEMOCRÁTICOS)**

**Ala 03 – Comunidade**  
**“FORÇA NA PERUCA!”**  
**(TENENTES DO DIABO)**

**Personagem de Chão I – Tia Cléa (Presidente da**  
**Ala das Baianas)**  
**ANSIÃ HESPANHOLA**

Ala 04 – Baianas  
“LA DANSARINA” (OS FENIANOS)

**Tripé I**  
**CHÁ DA MEIA-NOITE**

Ala 05 – Comunidade  
COCOTAS EMPLUMADAS E  
BOÊMIOS CALIBRINAS  
(*BLOCO DE SUJOS*)

Ala 06 – Comunidade  
“EU TENHO A FORÇA!”  
(*BLOCO DOS CARÕES*)

Musa II  
Lorena Improta  
VITÓRIA NA GUERRA!

**Alegoria 02**  
**“O CORAÇÃO É PASSAGEIRO DO TALVEZ”**  
**(BONDE DA REVANCHE)**

**3º SETOR – “A AVENIDA GANHA COR”**

Ala 07 – Comunidade  
BANHO À BEIRA-MAR

**Tripé II**  
**EU FICO ASSIM QUANDO VOCÊ PASSA...**  
**(CHANDLER)**

Personagem de Chão II  
Valci Pelé  
“CHOFER”

Ala 08 – Passistas  
ELITE DOS CORSOS  
(ALMOFADINHAS E MELINDROSAS)



**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Jefferson Souza e Amanda Poblete  
FOLIAS NO CORETO MARCIAL**

**Guardiões do 2º Casal de  
Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
FANFARRA MARCIAL**

Rainha de Bateria  
Erika Januza  
RAINHA DO BOLA

Mestre de Bateria  
Mestre Ciça  
CAVEIRINHA

Ala 09 – Bateria Furacão  
Vermelho e Branco  
TROPA DO CAVEIRA

Ala 10 – Comunidade  
BLOCO DO EU SOZINHO

Ala 11 – Juvenil  
TICO-TICO DAS MATINÊS

Ala 12 – Comunidade  
BATALHA DAS FLORES

Musa III  
Bellinha Delfim  
A JARDINEIRA

**Alegoria 03  
PERFUMO O DESEJO  
NA BATALHA DAS FLORES.**

**4º SETOR – “AOS PÉS DA CRUZ, AGRADECER À SAÚDE”**

Grupo Performático I  
CIRQUE AMERICAN-FRANCE

Ala 13 – Comunidade  
FANTASIA: O BILHETE DOS CLUBES

Grupo Performático II (Alegoria 04)\*  
LINHA DE FRENTE DA CRUZ VERMELHA  
Figurino 01: PALHAÇOS LISTRADOS  
Figurino 02: O FOLIÃO  
Figurino 03: A FOLIÃ  
\*Em determinados momentos do desfile, o grupo  
sai da Alegoria 04 para interagir com os  
componentes da Ala 13

**Alegoria 04**  
**LIBERTY CLUB: A RIBALTA DA VIDA**

**5º SETOR – “PRA ETERNIDADE, UM SAMBA NASCIA”**

Ala 14 – Reis da Folia  
GRUPO CAXANGÁ

Ala 15 – Compositores  
OS OITO BATUTAS

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**João de Oliveira e Duda Martins**  
**RANCHO MACACO É OUTRO**

Ala 16 – Projeto de Casais de  
Mestres-Salas e Porta-Bandeiras  
RANCHO ROSA BRANCA

Personagem de Chão III (Ala 17)  
Vivian Souza  
BORBOLETA-RAINHA  
\*Em determinados momentos do desfile, a  
personagem de chão irá interagir com a Ala 17

Ala 17 – Comunidade  
BORBOLETAS NEGRAS

Ala 18 – Comunidade  
FILHOS DO CASTELO

Ala 19 – Comunidade  
GUERREIROS PALADINOS

**Alegoria 05**  
**“FUI AO TERREIRO, CLAMEI OBALUAÊ!”**

**6º SETOR – “O DESEMBARQUE DO AFETO VINDOURO”**

Grupo Performático III  
FOLIÃO ORIGINAL  
(DESTEMIDOS DO CONSELHEIRO)

Ala 20 – Amizade  
TIREI A MÁSCARA!  
(AS FURREQUINHAS)

Ala 21 – Comunidade  
O BLOCO DA REVANCHE  
(ZÉ-CÔDEA)

Grupo Performático IV (Ala 21)\*  
Figurino 01: ESPANHOL (ZÉ DE MATTOS)  
Figurino 02: PALHAÇO DE CIRCO (OS CLOWNS)  
Figurino 03: CUCUMBI (O ÚLTIMO SELVAGEM)  
Figurino 04: PIRATA (OS VIOLEIROS)

\*O Grupo Performática IV faz parte da composição cênica da Ala 21.

Ala 22-A – Comunidade  
OS TRAPEIROS  
\*Os componentes desfilam ao redor da  
Alegoria 06

**Alegoria 06**  
**“ACORDES VIRÃO DA VIRADOURO!”**  
**(A BARCA DA REVANCHE NICTHEROY-RIO)**

Ala 22-B – Comunidade  
OS TRAPEIROS  
\*Os componentes desfilam ao redor da  
Alegoria 06


Ala 23 – Bolo Doido  
“QUE ALÉM DO INFINITO, O AMOR SE  
RENOVE”

Ala 24 – Velha-Guarda e Crianças  
REVANCHE DO AMANHÃ  
(CORDÃO DOS VELHOS)

Grupo Performático V  
5 DE MARÇO DE 1919 (A CARTA)


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira e Tarcício Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p><b>“SEGUI SEU OLHAR NUMA LUZ TÃO LINDA!”</b></p>  <p>* As esculturas trevosas estarão acopladas e fazem parte do Carro Abre-Alas.</p> <p>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</p>	<p>O Rio de Janeiro, então capital do país, vivia o auge dos ares franceses da Belle Époque, que mudou por mais de três décadas os costumes sociais dos cariocas, como a implementação da luz elétrica. O Carro Abre-Alas da Viradouro apresenta o primeiro baile pré-carnavalesco do Club dos Democráticos, que teve como tema o Sol e a Lua, e adquiriu a pompa e os costumes parisienses do período, remontando em seus lustres esses ares. Curva-se a peste, irradia-se a luz de um Carnaval que viria para mudar o espírito trevosos que assolava a cidade. Brilha a luz da vida! Chegou o Carnaval da revanche!</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Femme</p> <p><b>Composições Masculinas:</b> Homme.</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal</b> – Tatiana Guimarães <b>Fantasia:</b> Soleil Et Lune</p> <p><b>Destaque Central I</b> – Nelcimar Pires <b>Fantasia:</b> Masquè</p> <p><b>Destaque Central II</b> – Raí Meneses <b>Fantasia:</b> Lumière</p> <p><b>Grupo Teatral Feminino (Taças e Liras):</b> Danseurs</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira e Tarcício Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 01</b></p> <p><b>CHÁ DA MEIA-NOITE</b></p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</p>	<p>A ode ao “Chá da Meia-Noite”, suposto remédio administrado aos convalescidos pela Gripe Espanhola nas Casas de Saúde cariocas, virou alegoria de duas das maiores Grandes Sociedades Carnavalescas: o Club dos Democráticos e os Fenianos. Reza a lenda que o tal chá era servido aos enfermos mais abatidos nos leitos de partida. Verdade ou não, virou deboche no carnaval, assim como o chá de limão (retratado nas xícaras do tripé), que adicionado à aguardente (produzida pela cana-de-açúcar), deu origem à caipirinha. O tripé é uma releitura plástica das alegorias que desfilaram neste carnaval.</p> <p>No programa do desfile do Democráticos contava:</p> <p><i>"Estão lembrados, senhores, Desse chá famigerado? Isso foi no anno passado, Num mez de grandes horrores... A Santa Casa da Miséria e Corda Poz muita gente do sepulchro à borda... "O chá da meia noite" Foi caminho mais curto pra morte Do pobre desgraçado, dos "sem sorte" O chá marcou a época tristonha E o ZÉ POVINHO mesmo ardendo em basa Queimado pela febre má, bisonha, Escomungou, de vez, a Santa Casa!"</i> (Grafia original)</p> <p><b>Semi-Destaque Central</b> – Cristiano Morato. <b>Fantasia:</b> Chá à meia-noite.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcos Ferreira e Tarcício Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
02	<p><b>“O CORAÇÃO É PASSAGEIRO DO TALVEZ” (BONDE DA REVANCHE)</b></p>  <p><b>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>O bonde era o maior meio de transporte dos cariocas e foi muito utilizado para carregar a dor da perda de diversas famílias. Neste Carnaval, através da figura de um ilustre ferroviário e folião, o José Luiz Cordeiro, ou o popular Jamanta, tinha como função conduzir centenas de cariocas do bloco dos carões à Praça da República, local da “fervura” dos foliões que desembarcavam a fim de assistir ao préstito das Grandes Sociedades. O bonde se despiu da tristeza pandêmica para trazer a alegria do tradicional bloco dos palhaços populares.</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Bloco das Viúvas Hespanholas.</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal</b> – Rodrigo Totti <b>Fantasia:</b> Zé Cordeiro (O Jamanta)</p> <p><b>Destaque Central I</b> – Luanda Ritz <b>Fantasia:</b> Viúva Hespanhola</p> <p><b>Destaque Central II</b> – Adir Araújo <b>Fantasia:</b> Palhaço-Carão</p> <p><b>Grupo Teatral</b> – Detentos da Morte / Bloco dos Carões</p>
*	<p><b>Tripé 02</b></p> <p><b>“EU FICO ASSIM QUANDO VOCÊ PASSA...” (CHANDLER)</b></p>  <p><b>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>Haviam Corsos, desfiles de carnaval em automóveis, espalhados por diversos cantos da cidade. Os mais charmosos e concorridos eram os que atravessavam a Avenida Central e a Beira-Mar. A principal atração eram os flertes e o olhar sedutor das jovens das elites cariocas. O tripé remonta o Chandler – principal automóvel dos Corsos, sempre decorado com guirlandas de flores.</p> <p><b>Personagens:</b> Jornalistas</p> <p><b>Fantasia:</b> Choferes</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira e Tarcício Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
03	<p><b>PERFUMO O DESEJO NA BATALHA DAS FLORES</b></p>  <p><b>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A Avenida Rio Branco foi palco das principais batalhas de flores registradas naquele Carnaval. O ponto de encontro entre os foliões era um Coreto existente ao fim da via, próximo à Av. Beira-Mar. Esse Coreto foi ornamentado por um grande artista da época, o cartunista J. Carlos*, e marcado pelo uso de elementos tradicionais da folia: o guizo, florais circulares e a ilustração das principais figuras carnavalescas do Rio de Janeiro. A terceira alegoria da Viradouro resume de forma lúdica os personagens que tiveram importância nos desfiles de Carnaval da antiga Avenida Central e que participaram deste tradicional festejo carnavalesco.</p> <p><i>*Caricaturista, chargista, ilustrador, publicitário e humorista, José Carlos de Brito e Cunha (1884-1950), o J. Carlos, nasceu e viveu no Rio de Janeiro. Foi um dos maiores cronistas visuais de seu tempo, retratou com beleza e elegância o cotidiano da cidade e seus habitantes. Com seu traço, criou edifícios, paisagens e personagens, que ilustraram as principais publicações que circularam por aqui na primeira metade do século XX.</i></p> <p><b>Composições Femininas:</b> Chorões: O Público</p> <p><b>Composições Masculinas:</b> Chorões: O Público</p> <p><b>Destaque Frontal</b> – Victória Castelhana <b>Fantasia:</b> A Jardineira</p> <p><b>Destaque Central II</b> – Augusto Mello <b>Fantasia:</b> Alegoria a J. Carlos</p> <p><b>Grupo Teatral (Ao centro do Coreto)</b> – Floristas da Batalha</p>




**FICHA TÉCNICA****Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira e Tarcício Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
04	<p><b>LIBERTY CLUB: A RIBALTA DA VIDA</b></p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</p>	<p>O Liberty Club promoveu no Carnaval de 1919 um dos maiores bailes à fantasia, preenchendo de vida seus iluminados salões. Como de costume, possuía temática e estética circenses. Uma dessas festas foi em reverência aos profissionais que lutaram durante a pandemia da Gripe Espanhola nas Casas de Saúde do Rio. A quarta alegoria do desfile faz uma homenagem à linha de frente da Cruz Vermelha, na figura de grandes profissionais que hoje amenizam a dor dos brasileiros durante a atual situação sanitária. Eles vestem a fantasia histórica dos Palhaços Listrados, a mesma que os profissionais vestiram em 1919. A alegoria ainda apresenta ornamentação com as principais máscaras utilizadas pelos foliões da época.</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Pitré</p> <p><b>Destaque Frontal</b> – Karla Soares <b>Fantasia:</b> Cirque American-France</p> <p><b>Grupo Performático II:</b> Linha de Frente da Cruz Vermelha <b>Figurino 01:</b> Palhaços Listrados <b>Figurino 02:</b> O Folião <b>Figurino 03:</b> A Foliã</p> <p>*Em determinados momentos do desfile, o Grupo Performático II sai da Alegoria 04 para interagir com os componentes da Ala 13.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira e Tarcício Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>“FUI AO TERREIRO, CLAMEI OBALUAÊ!”</b></p>  <p><b>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>A Praça Onze abrigava o Carnaval excluído pela elite da cidade. No penúltimo dia de folia, os pretos e mestiços da Pequena África fortificaram seu reduto para que desfilassem os blocos pretos. Eles tinham uma alegoria ao orixá Obaluaê, que contribuiu espiritualmente na cura da peste. À frente dos casarios coloniais, que abrigavam os principais baianos da época, como João Alabá e Hilária Batista de Almeida (a Tia Ciata), verdadeiros Olubajés eram ofertados como forma de agradecimento ao Orixá. Presentes flores de cravo branco, as guias de pipoca e as cabaças que, para a nação Iorubá, representam o símbolo da vida.</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Os Filhos da Cura</p> <p><b>Composições Masculinas:</b> Os Filhos da Cura</p> <p><b>Personalidades:</b> Babalorixá e Yalorixás da Praça Onze</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal</b> – Carlos Tavares <b>Fantasia:</b> Deburú</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal Direito</b> – Marilda Lafitte <b>Fantasia:</b> Olubajé</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal Esquerdo</b> – Marcelo Gonçalves <b>Fantasia:</b> Olubajé</p> <p><b>Destaque Central Superior</b> – Edmilson Paracambi <b>Fantasia:</b> Filigrana Africana</p> <p><b>Grupo Teatral</b> <b>(Grupo Cênico dos Casarios Coloniais)</b> <b>Figurino 01:</b> Rancheiros e Rancheiras <b>Figurino 02:</b> Curandeiras</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcos Ferreira e Tarcício Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
06	<p><b>“ACORDES VIRÃO DA VIRADOURO!” (A BARCA DA REVANCHE NICTHEROY-RIO)</b></p>  <p><b>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</b></p>	<p>No último dia deste histórico carnaval, desenhado por raios solares, atravessa a Baía de Guanabara a Barca da Revanche "Nictheroy-Rio", levando ao conagraçamento entre cariocas e niteroienses. A alegria do Carnaval da capital fez com que os principais foliões do Largo do Barreto (considerado o reduto mais quente do carnaval niteroiense) desembarcassem no Centro do Rio de Janeiro. O pierrô, principal figura da folia de 1919, enfim encontra seu amor pelo Carnaval, representado na figura da colombina. O clima é de comunhão, afeto e liberdade dos dias que essa folia memorável permitiu.</p> <p><b>Personalidades (Coroa da Viradouro):</b> O Pierrô e a Colombina</p> <p><b>Semi-Destaque Frontal</b> – Susie Monassa <b>Fantasia:</b> Comandante da Alegria</p> <p><b>Semi-Destaque Central</b> – Thalitta Monassa <b>Fantasia:</b> Tripulante Real</p> <p><b>Destaque Central Superior</b> – Maurizio Médici <b>Fantasia:</b> Folia Solar</p> <p><b>Grupo Teatral (Corrimãos da Barca)</b> <b>Figurinos:</b> Foliões de Marinheiros</p> <p><b>Velha Guarda</b> <b>Fantasia:</b> Revanche do Amanhã (Cordão dos Velhos)</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Alegoria 01 – Segui seu olhar numa luz tão linda!</u></b>  <b>Semi-Destaque Frontal</b> – Tatiana Guimarães                      Fantasia – Soleil Et Lune</p> <p><b>Destaque Central Baixo</b> – Nelcimar Pires                      Fantasia – Lumière</p> <p><b>Destaque Central Superior</b> – Raí Meneses                      Fantasia – Masquè</p> <p><b><u>Tripé I – Chá da Meia-Noite</u></b>  <b>Semi-Destaque Central</b> – Cristiano Morato                      Fantasia – Chá à Meia-Noite</p>	<p>Designer de Interiores</p> <p>Estilista</p> <p>Artesão</p> <p>Designer de Moda</p>
<p><b><u>Alegoria 02 – O coração é passageiro do talvez (Bonde da Revanche)</u></b>  <b>Semi-Destaque Frontal</b> – Rodrigo Totti                      Fantasia – Zé Cordeiro (O Jamanta)</p> <p><b>Destaque Central Superior I</b> – Luanda Ritz                      Fantasia – Viúva Hespanhola</p> <p><b>Destaque Central Superior II</b> – Adir Araújo                      Fantasia – Palhaço-Carão</p> <p><b><u>Tripé II – Eu fico assim quando você passa... (Chandler)</u></b>  <b>Personagens</b> - Fantasia – Almofadinhas</p>	<p>Gerente de Marketing</p> <p>Professora</p> <p>Artesão</p> <p>Jornalistas</p>
<p><b><u>Alegoria 03 – Perfumo o desejo na batalha das flores</u></b>  <b>Semi-Destaque Central</b> – Victoria Castelhanos                      Fantasia – A Jardineira</p> <p><b>Destaque Central Superior</b> – Augusto Melo                      Fantasia – Alegoria a J.Carlos</p>	<p>Estudante</p> <p>Designer de Festa</p>
<p><b><u>Alegoria 04 – Liberty Club: A ribalta da vida</u></b>  <b>Semi-Destaque Central</b> – Karla Soares                      Fantasia – Cirque American-France</p>	<p>Enfermeira</p>
<p><b><u>Alegoria 05 – Fui ao terreiro, clamei Obaluaê!</u></b>  <b>Semi-Destaque Central</b> – Carlos Tavares                      Fantasia – Deburú</p>	<p>Cabelereiro</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões																						
<p><b><u>Alegoria 05 – Fui ao terreiro, clamei Obaluaê!</u></b>  <b>Semi-Destaque Esquerdo</b> – Marcelo Gonçalves                      Fantasia – Olubajé</p> <p><b>Semi-Destaque Direito</b> – Marilda Lafitte                      Fantasia – Olubajé</p> <p><b>Destaque Central Superior</b> – Edmilton Paracambi                      Fantasia – Filigrana Africana</p> <p><b><u>Alegoria 06 – Acordes virão da Viradouro (A Barca da Revanche Nichterov-Rio)</u></b>  <b>Semi-Destaque Central</b> – Susie Monassa                      Fantasia – Comandante da Alegria</p> <p><b>Destaque Central</b> – Thalita Monassa                      Fantasia – Tripulante Real</p> <p><b>Destaque Superior</b> – Maurizio Médici                      Fantasia – Folia Solar</p>	<p>Jornalista</p> <p>Promotora de Eventos</p> <p>Assessor Executivo</p> <p>Empresária</p> <p>Empresária</p> <p>Designer de Moda</p>																						
<p><b>Local do Barracão</b>                      Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 01 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>																							
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>                      Hilton Rosa do Nascimento Filho (Miltinho)</p>																							
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b>                      João Lopes</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b>                      Edson de Lima (Futika)</p>																						
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b>                      Flavinho Policarpo</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b>                      Leandro Assis (Lê Art)</p>																						
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b>                      Júlio</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b>                      Cal</p>																						
<p><b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b></p> <table border="0"> <tr> <td>Nino</td> <td>- Fibra e Pastelação</td> </tr> <tr> <td>Vitor Negromonte</td> <td>- Vime</td> </tr> <tr> <td>Biano Ferraro</td> <td>- Decorador (Carro Abre-Alas, e Tripé Comissão de Frente)</td> </tr> <tr> <td>Luiz Monsores</td> <td>- Decorador (Tripé 01 e Carros 02 e 05)</td> </tr> <tr> <td>Bebeto</td> <td>- Decorador (Carros 03 e 04) e Forrador de todas as Alegorias</td> </tr> <tr> <td>Orlando Espuma</td> <td>- Decorador (Carro 06 e Tripé Comissão de Frente) e Espuma</td> </tr> <tr> <td>Sandro Márcio (Família Bigode)</td> <td>- Espelho</td> </tr> <tr> <td>Alan (Carvalho JPC)</td> <td>- Iluminação</td> </tr> <tr> <td>Luiz</td> <td>- Borracharia</td> </tr> <tr> <td>Sérgio Pina e Jamaica</td> <td>- Efeitos em água</td> </tr> <tr> <td>Nildo</td> <td>- Parintins</td> </tr> </table>		Nino	- Fibra e Pastelação	Vitor Negromonte	- Vime	Biano Ferraro	- Decorador (Carro Abre-Alas, e Tripé Comissão de Frente)	Luiz Monsores	- Decorador (Tripé 01 e Carros 02 e 05)	Bebeto	- Decorador (Carros 03 e 04) e Forrador de todas as Alegorias	Orlando Espuma	- Decorador (Carro 06 e Tripé Comissão de Frente) e Espuma	Sandro Márcio (Família Bigode)	- Espelho	Alan (Carvalho JPC)	- Iluminação	Luiz	- Borracharia	Sérgio Pina e Jamaica	- Efeitos em água	Nildo	- Parintins
Nino	- Fibra e Pastelação																						
Vitor Negromonte	- Vime																						
Biano Ferraro	- Decorador (Carro Abre-Alas, e Tripé Comissão de Frente)																						
Luiz Monsores	- Decorador (Tripé 01 e Carros 02 e 05)																						
Bebeto	- Decorador (Carros 03 e 04) e Forrador de todas as Alegorias																						
Orlando Espuma	- Decorador (Carro 06 e Tripé Comissão de Frente) e Espuma																						
Sandro Márcio (Família Bigode)	- Espelho																						
Alan (Carvalho JPC)	- Iluminação																						
Luiz	- Borracharia																						
Sérgio Pina e Jamaica	- Efeitos em água																						
Nildo	- Parintins																						

## FICHA TÉCNICA

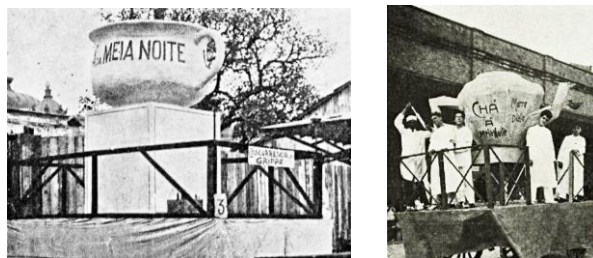
### Alegorias

#### Outras informações julgadas necessárias

**\*Detalhe quadro fichas técnicas Alegorias: Registro histórico das fotos que embasaram conceitualmente a criação artística de nossas alegorias. Agradecimentos especiais ao Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que esteve aberto digitalmente durante o ano de 2020.**

#### Tripé I – Chá da Meia-Noite.

**Texto - Fotos 01 e 02.** Alegorias originais do Club dos Democráticos e dos Fenianos que descreveram plasticamente o Chá da Meia-Noite - Grandes Sociedades que se apresentaram no Carnaval de 1919.



Fotos 01 e 02. Revista Careta – Biblioteca Nacional.

#### Alegoria 02 – O coração é passageiro do talvez (Bonde da Revanche)

**Texto – Foto 01.** O tradicional bonde com os foliões do Bloco dos Carões - populares mais humildes da cidade que desfilaram durante décadas no carnaval carioca. **Fotos 02, 03 e 04.** Referências arquitetônicas originais do ano de 1919, que conceituam a estética da Praça da República em nossa alegoria: Os postes Art Nouveau ainda existentes, o pórtico eclético de acesso à Praça e a estátua da musa das estações.



Foto 01. Arquivo Biblioteca Nacional.



Fotos 02, 03 e 04. Vera Dias.

## FICHA TÉCNICA

### Alegorias

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Tripé II – Eu fico assim quando você passa... (Chandler)

**Texto – Foto 01.** Anúncio de aluguel e venda do Chandler - o principal calhambeque para os Corsos Carnavalescos que desfilaram na Avenida Central. **Foto 02.** Foto original do Corso em que os desfiles eram ornados com guirlandas de flores.



Foto 01. Revista Careta – Biblioteca Nacional.



Foto 02. Museu da República.

##### Alegoria 03 – Perfumo o desejo na Batalha das Flores

**Texto – Foto 01.** Arte das figuras foliãs de J.Carlos sobre guizos. **Foto 02.** Foto referência do folião Júlio Silva, Bloco do Eu Sozinho. **Foto 03.** Foto histórica do primeiro pavilhão e desfile do Cordão da Bola Preta.



Foto 01. Arquivo J.Carlos.



Foto 02. Reinaldo Elias.



Foto 03. Arquivo Cordão da Bola Preta.

##### Alegoria 04 – Liberty Club: A ribalta da vida.

**Texto – Foto 01.** Apresentação dos foliões e da Linha de Frente da Cruz Vermelha Norte-Americana pelos Salões do Liberty Club para o carnaval de 1919.



Foto 01. Correio da Manhã de 1919.


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>“Dou um Baile nas Trevas!”</b></p> 	<p>A nata da sociedade carioca que frequentou os bailes pré-carnavalescos da cidade. A população vivia a incerteza sobre a realização do Carnaval, mas já começava a se despedir das “trevas”, da solidão dos dias atingidos pela peste que dizimou milhares de pessoas.</p> <p>O preto predominante nas fantasias marca tal sentimento, assim como a máscara da peste presente na cabeça dos componentes. Esse objeto foi muito utilizado pelos profissionais de saúde durante a peste negra (última pandemia antes da Gripe Espanhola). No Carnaval de 1919, essas máscaras foram ressignificadas, virando adorno carnavalesco.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<b>“Dou um Baile nas Trevas!”</b> <b>(continuação)</b> 	<p>A nata da sociedade carioca que frequentou os bailes pré-carnavalescos da cidade. A população vivia a incerteza sobre a realização do Carnaval, mas já começava a se despedir das “trevas”, da solidão dos dias atingidos pela peste que dizimou milhares de pessoas.</p> <p>O preto predominante nas fantasias marca tal sentimento, assim como a máscara da peste presente na cabeça dos componentes. Esse objeto foi muito utilizado pelos profissionais de saúde durante a peste negra (última pandemia antes da Gripe Espanhola). No Carnaval de 1919, essas máscaras foram ressignificadas, virando adorno carnavalesco.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Houri</b></p> 	<p>Luana Bandeira é uma “houri”, termo em francês para designar as belas moças jovens da elite carioca que iam aos bailes. Solteiras, eram muito cobiçadas pelos olhares atentos dos rapazes dos bailes.</p>	<p>Musa I (2018)</p>	<p>Luana Bandeira</p>
02	<p><b>Cavaleiro da Peste (Club dos Democráticos)</b></p> 	<p>Como de costume, as Grandes Sociedades abriam seus desfiles com cavaleiros portando a indumentária referente aos temas de cada ano. Nesta ala, estão dois figurinos inspirados no desfile do Club dos Democráticos: o Cavaleiro da Peste (referência à dor da Gripe Espanhola) e o Cavaleiro da Desforra (referência ao fim da pandemia e da Primeira Guerra Mundial), que guerrearam na apresentação do Carnaval de 1919. Para destacar, os versos da canção que mais fez sucesso durante o préstito carnavalesco dos Democráticos:  <i>“Quem não morreu da Espanhola,                  Quem dela pode escapar                  Não dá mais tratos à bola                  Toca a rir, toca a brincar...”</i></p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
02	<b>Cavaleiro da Desforra (Club dos Democráticos)</b>  	<p>Como de costume, as Grandes Sociedades abriam seus desfiles com cavaleiros portando a indumentária referente aos temas de cada ano. Nesta ala, estão dois figurinos inspirados no desfile do Club dos Democráticos: o Cavaleiro da Peste (referência à dor da Gripe Espanhola) e o Cavaleiro da Desforra (referência ao fim da pandemia e da Primeira Guerra Mundial), que guerrearam na apresentação do Carnaval de 1919. Para destacar, os versos da canção que mais fez sucesso durante o préstito carnavalesco dos Democráticos:</p> <p><i>“Quem não morreu da Espanhola, Quem dela pode escapar Não dá mais tratos à bola Toca a rir, toca a brincar...”</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia
03	<b>“Força na Peruca!” (Tenentes do Diabo)</b>  	<p>Outra grande sociedade que trouxe humor para o seu préstito foi o Tenentes do Diabo. A organização carnavalesca fez uma sátira de uma das sequelas de quem sobreviveu à gripe: a perda de cabelos. As perucas viraram artigos obrigatórios para homens e, principalmente, mulheres, que queriam curtir o Carnaval. Esta ala recria de maneira lúdica e bem humorada uma das alegorias do Tenentes do Diabo.</p> <p><i>* A ala traz diferentes penteados anunciados no Jornal Correio da Manhã, inspirados nos ares Parisienses da Belle Époque.</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>“Ansiã Hespanhola”</b></p> 	<p>Apesar da gripe não ter surgido na Espanha, foi lá que se notabilizou, já que era amplamente divulgada nos jornais do país europeu. As baianas personificam a crítica feita no desfile dos Fenianos (outra importante Grande Sociedade carioca).</p>	<p>Personagem de Chão I</p>	<p>Tia Cléia</p>
04	<p><b>“La Dansarina” (Os Fenianos)</b></p> 	<p>No préstito, “La Dansarina” é personificada alegoricamente com os elementos da cultura hispânica. No texto de explicação para os foliões, os Fenianos romantizaram a “hespanhola” como se fosse uma dança em direção ao túmulo:</p> <p><i>“Quando aportou ao Brasil, Bella e cheia de meiguice, Todo o mundo pasmo disse: – Oh, que bella creatura! – Mas... depois todos fugiram, Pois seus beijos coruscantes, Atiravam os amantes Ao fundo das sepulturas! Ella apareceu dançando, Numa bella patuscada Mostrando à gente pasmada O seu níveo collo! Mas... depois abrindo o cofre Das suas bellas promessas, O Rio poz às avessas A Caminho do Caju!”</i></p> <p>(Grafia original - Correio da Manhã, 04/03/1919)</p> <p>*Tia Cléia, Presidente da Ala das Baianas, vem à frente do grupo com vestimenta inspirada nas utilizadas pelas mulheres que desfilaram nos Fenianos.</p>	<p>Baianas (1946)</p>	<p>Tia Cléia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
05	<p><b>Cocotas Emplumadas (Bloco de Sujos)</b></p>  <p><b>Boêmios Calibrinas (Bloco de Sujos)</b></p> 	<p>Os Blocos de Sujos da cidade satirizaram duas lendas sobre receitas curativas durante a passagem da Espanhola no Rio. Mulheres vestiram-se de Malandros Calibrinas (Principal cachaça da época), debochando da criação da caipirinha, que no Carnaval de 1919 virou a principal bebida pelas ruas da capital. Homens montaram o Bloco das Cocotas Emplumadas, em referência à grande procura de galinhas nas granjas cariocas durante a gripe. De acordo com a tradição popular, a canja de galinha ajudava na cura dos enfermos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
06	<p><b>“Eu tenho a força!” (Bloco dos Carões)</b></p> 	<p>Um dos estágios de quem estava com a gripe era a falta de força e a ausência de vigor físico. Não por acaso, os remédios fortificantes foram os mais vendidos nas farmácias, mesmo sem qualquer comprovação de que fizessem efeito. O Bloco dos Carões (bloco de sujos das camadas mais populares da sociedade) representava alegoricamente a irreverência de caveiras utilizando esses mesmos tônicos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Vitória na Guerra!</b></p> 	<p>Este carnaval também foi marcado por ter sido o primeiro após a Grande Guerra. Diversas instituições carnavalescas lembraram com entusiasmo esse importante marco.</p>	<p>Musa II (2018)</p>	<p>Lorena Improta</p>
07	<p><b>Banho à Beira-Mar</b></p> 	<p>Uma das manifestações mais tradicionais do Carnaval do Rio na primeira metade do Século XX: o Banho à Fantasia, que ocorria ao fim da Avenida Rio Branco e início da Beira-Mar. Desfilavam, quase sempre, com vestimentas de motivos marinhos ao se lançarem às águas da Guanabara.</p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>
*	<p><b>“Chofer”</b></p> 	<p>Os foliões que desfilam nos Corsos da Cidade Maravilhosa. Essa manifestação carnavalesca era a maneira mais tradicional da elite carioca ostentar nos desfiles. As belas jovens, em maioria, se portavam como Melindrosas, e os rapazes de Almofadinhas – personagens cariocas com inspiração na sociedade europeia. *À frente da ala, Valci Pelé desfila como um exuberante “Chofer” – o condutor desse tradicional desfile de carros.</p>	<p>Personagem de Chão II</p>	<p>Valci Pelé</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
08	<p><b>Elite dos Corsos (Almofadinha)</b></p> <p><b>Elite dos Corsos (Melindrosa)</b></p>	<p>Os foliões que desfilam nos Corsos da Cidade Maravilhosa. Essa manifestação carnavalesca era a maneira mais tradicional da elite carioca ostentar nos desfiles. As belas jovens, em maioria, se portavam como Melindrosas, e os rapazes de Almofadinhas – personagens cariocas com inspiração na sociedade europeia.</p> <p>*À frente da ala, Valci Pelé desfila como um exuberante “Chofer” – o condutor desse tradicional desfile de carros.</p>	<p>Passistas (1946)</p>	<p>Valci Pelé</p>
*	<p><b>Rainha do Bola</b></p>	<p>A primeira Rainha a desfilarm no Cordão da Bola Preta. Desde sua fundação, em dezembro de 1918, o bloco mantém a tradição de escolher uma rainha. Tal majestade é a representação da musa que inspirou os fundadores do Cordão Carnavalesco para sua primeira apresentação no Carnaval 1919.</p>	<p>Rainha de Bateria (2022)</p>	<p>Erika Januza</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon




**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>Caveirinha</b></p>  <p>Cartão de Mestre de Bateria Caveirinha. O cartão mostra um homem em um traje branco e preto, com uma faixa colorida na cintura, apontando para a direita. O texto no cartão inclui '2º SETOR' e 'MESTRE DE BATERIA CAVEIRINHA'.</p>	<p>A bateria Furacão Vermelho e Branco de Mestre Ciça faz homenagem ao fundador do Cordão da Bola Preta: Álvaro Gomes de Oliveira, mais conhecido como “Caveirinha”. O apelido surgiu por causa da própria aparência quando ele ainda convalescia da Gripe, no fim de 1918. “Caveirinha”, juntamente com outros ex-integrantes do Club dos Democráticos, liderou no dia 31 de dezembro de 1918 a fundação de um dos mais famosos blocos do Rio de Janeiro. E o primeiro desfile do Bola foi justamente no Carnaval de 1919. Os ritmistas são a Tropa Musical do Caveira, representando dois dos principais parceiros de Caveirinha (Jair Roxo e Chico Brício). O traje feminino da bateria é uma referência à companheira de Chico Brício.</p> <p>Mestre Ciça, que é carinhosamente chamado de Caveira no mundo do samba, é o próprio Caveirinha.</p>	Bateria (1946)	Mestre Ciça



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figuristas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>Tropa do Caveira</b></p> <p>(Madame Brício)</p>  <p>(Chico Brício)</p>  <p>(Jair Roxo)</p> 	<p>A bateria Furacão Vermelho e Branco de Mestre Ciça faz homenagem ao fundador do Cordão da Bola Preta: Álvaro Gomes de Oliveira, mais conhecido como “Caveirinha”. O apelido surgiu por causa da própria aparência quando ele ainda convalescia da Gripe, no fim de 1918. “Caveirinha”, juntamente com outros ex-integrantes do Club dos Democráticos, liderou no dia 31 de dezembro de 1918 a fundação de um dos mais famosos blocos do Rio de Janeiro. E o primeiro desfile do Bola foi justamente no Carnaval de 1919. Os ritmistas são a Tropa Musical do Caveira, representando dois dos principais parceiros de Caveirinha (Jair Roxo e Chico Brício). O traje feminino da bateria é uma referência à companheira de Chico Brício.</p> <p>Mestre Ciça, que é carinhosamente chamado de Caveira no mundo do samba, é o próprio Caveirinha.</p> <p><i>*Os figurinos da bateria revelam o traje social do primeiro desfile do Cordão da Bola Preta, havendo uma pequena variação dos chapéus.</i></p>	Bateria (1946)	Mestre Ciça




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Bloco do Eu Sozinho</b></p> 	<p>Um dos principais personagens que surgiu neste Carnaval foi o folião Júlio Silva, idealizador do famoso Bloco do Eu Sozinho. O folião saiu pela primeira vez às ruas no ano de 1919, portando um estandarte com os dizeres do bloco e com figurinos bufões. Seus desfiles perduraram quase por 60 anos nas ruas da capital.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
11	<p><b>Tico-Tico das Matinês</b> (Masculino)</p>  <p><b>(Feminino)</b></p> 	<p>Os concursos de matinês viralizaram nas ruas adjacentes à Avenida Rio Branco. As festas eram de tamanha importância, que mereceram destaque no mais importante semanário voltado para o público infanto-juvenil: o Tico-Tico. A revista trazia dicas de fantasias que na maior parte eram construídas com suas próprias páginas.</p>	Juvenil (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
12	<b>Batalha das Flores</b> 	<p>A Avenida Rio Branco foi palco para uma das maiores batalhas de flores registradas neste carnaval. Os foliões desta ala mimetizam as flores por diferentes grupos que em maior parte se vestiram como pierrô. Com suas golas florais estilizadas fantasiavam-se desse costume de tradição francesa.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<b>A Jardineira</b> 	<p>A “jardineira” – principal figura feminina no folguedo das Batalhas das Flores.</p>	Musa III (2022)	Bellinha Delfim
*	<b>Cirque American-France</b> 	<p>O Gran Cirque American-France aportou na capital fazendo muito sucesso entre a elite carioca. A performance desses circenses era tamanha, que algumas atrações viraram chamariz na porta dos bailes carnavalescos mais sofisticados.</p>	<p>Grupo Performático I</p> <p>Comunidade (1946)</p>	Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p><b>Fantasia: O Bilhete dos Clubes</b></p>  <p><i>*Variação das Máscaras sobre o figurino acima.</i></p> 	<p>As festas carnavalescas não se resumiam apenas aos festejos das ruas. Em 1919, ocorreram muitos bailes dentro de renomados clubes que tinham como exigência dos foliões estarem devidamente fantasiados. A ala personifica os principais personagens utilizados no Baile de Salão do Liberty Club. As vestimentas variam com as cores do bem contra o mal - personagens carnavalescos que surgiram dos carnavais de subúrbio e se intensificaram nos carnavais de clubes.</p> <p><i>* Em determinados momentos do desfile, ocorre uma interação desta ala com o grupo performático II (alegoria quatro).</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Linha de Frente da Cruz Vermelha</b></p> <p><b>(Palhaços Listrados)</b></p>  <p><b>(O Folião)</b></p>  <p><b>(A Foliã)</b></p> 	<p>O Grupo performático II vem dentro da boca de cena da quarta alegoria, representando os profissionais de saúde da Cruz Vermelha Norte-Americana, que ajudaram na cura dos vitimados pela Gripe Espanhola. Junto a eles estão os pacientes representando as principais figuras foliãs da sociedade.</p> <p>Registros históricos contam que foram oferecidos bailes para homenagear os profissionais da linha de frente. No Liberty Club, tal “linha de frente” se fantasiou de Palhaços Listrados. É o momento de agradecer a quem se doou pela cura da humanidade. A todos esses profissionais, os nossos aplausos!</p> <p><i>*Em determinados momentos do desfile, os personagens do Grupo Performático II saem da boca de cena da Alegoria 04 para interagir com os integrantes da Ala 13. Os componentes vestidos de Foliões e Foliãs se apresentarão portando cadeiras de rodas.</i></p>	<p>Grupo Performático II (Alegoria 04)</p> <p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Grupo Caxangá</b></p> 	<p>O Carnaval de 1919 foi o primeiro em que o samba superou, em número de execuções, outros gêneros. O ritmo vinha sendo escutado na região da Praça Onze, onde os primeiros nomes do samba se exibiam nessas festas. O Grupo Caxangá, formado pelo lendário compositor João Pernambuco, mesclou a musicalidade dos maracatus ao seu bloco preto que desfilava no Carnaval da Pequena África. Eles se apresentavam com trajes nordestinos que remetiam à figura do Caboclo de Lança. As referências africanas na roupa justificam a origem do grupo nos terreiros da região.</p>	Reis da Folia (2013)	Luana Tinoco
15	<p><b>Os Oito Batutas</b></p> 	<p>Em meio ao sucesso do Grupo Caxangá no Carnaval de 1919, Pixinguinha, Donga, Raul Palmieri, China, Jacob Palmieri, Nelson Alves, João Pernambuco, Luis de Oliveira criaram os Oito Batutas. Fundado nessa efervescência, o grupo foi um sucesso de público. Os compositores da Viradouro usam traje tradicional para lembrar essa primeira linhagem de sambistas.</p>	Compositores (1946)	PC Portugal

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
16	<p><b>Rancho Rosa Branca</b></p> <p><b>(Mestre-Sala)</b></p>  <p><b>(Porta-Bandeira)</b></p>  <p><i>*Modelos dos Estandartes dos Ranchos:</i></p> 	<p>Outro importante rancho carnavalesco fundado por Tia Ciata e Hilário Jovino: o Rosa Branca. O grupo transformou-se em um momento culminante dos festejos carnavalescos da região da Praça Onze. Seguindo a tradição dos ranchos, a porta-estandarte desfilou com seu mestre-sala no Carnaval de 1919, portando os estandartes dos principais Ranchos Carnavalescos da Pequena África.</p>	<p>Projeto de Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Harmonia</p>





**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon




**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Rancho Rosa Branca (continuação)</b></p>    	<p>Outro importante rancho carnavalesco fundado por Tia Ciata e Hilário Jovino: o Rosa Branca. O grupo transformou-se em um momento culminante dos festejos carnavalescos da região da Praça Onze. Seguindo a tradição dos ranchos, a porta-estandarte desfilou com seu mestre-sala no Carnaval de 1919, portando os estandartes dos principais Ranchos Carnavalescos da Pequena África.</p>	<p>Projeto de Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Harmonia</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Borboleta-Rainha</b></p> 	<p>A festa de Momo ainda produziu um feito inédito na região da Pequena África, que foi o surgimento de um bloco exclusivamente feminino, chamado de Borboletas Negras. Elas marcam uma importância no início da conscientização do empoderamento feminino.</p> <p>*Interagindo com o grupo de mulheres vem se apresentando a Personagem de Chão III, representando a Rainha do Bloco das Borboletas Negras.</p>	<p>Personagem de Chão III Comunidade (1946)</p>	Vivian Souza
17	<p><b>Borboletas Negras</b></p> 	<p>A festa de Momo ainda produziu um feito inédito na região da Pequena África, que foi o surgimento de um bloco exclusivamente feminino, chamado de Borboletas Negras. Elas marcam uma importância no início da conscientização do empoderamento feminino.</p> <p>*Interagindo com o grupo de mulheres vem se apresentando a Personagem de Chão III, representando a Rainha do Bloco das Borboletas Negras.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
18	<p><b>Filhos do Castelo</b></p> 	<p>Com forte presença da população negra e de descendentes dos escravos africanos, os clubes carnavalescos da região da Praça Onze relembavam com frequência o caráter guerreiro de seus ancestrais. “Filhos do Castelo” era um deles e seu nome carregava o bairro de origem, de modo a garantir o direito de desfilar sem ser incomodado pelas autoridades.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p><b>Guerreiros Paladinos</b></p> 	<p>A instituição carnavalesca Paladinos da Cidade Nova: os Guerreiros Paladinos destacaram em seu nome o termo de um herói errante e destemido. Foram defensores da lei e da ordem se apresentando com escudos de filigranas tribais.</p> <p>Registros históricos apontam que a sede do Paladinos ficava ao lado do terreiro de Tia Ciata.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p><b>Folião Original (Destemidos do Conselheiro)</b></p> 	<p>Os Destemidos do Conselheiro, famoso grupo de Zé-Pereira da Região da Saúde/Gamboá, foram eleitos como “Folião Original”, aqueles que eram os mais animados do festejo carioca. Neste Carnaval, eles conclamaram a revanche para que os niteroienses atravessassem a Baía de Guanabara e se juntassem aos cariocas no último dia de uma folia histórica.</p>	<p>Grupo Performático III</p> <p>Comunidade (1946)</p>	Escola
20	<p><b>Tirei a Máscara! (As Furrequinhas)</b></p> 	<p>A região do Largo do Barreto era o principal endereço do Carnaval de Niterói. A Sociedade “As Furrequinhas” era a mais concorrida da cidade. Apesar do título de “furrecas”, era a mais sofisticada Grande Sociedade de Niterói.</p> <p>Na Quarta-Feira de Cinzas, seus integrantes se fizeram presentes na folia com os cariocas.</p> <p>Inspirados na cultura europeia, eles se apresentaram com adereços de máscara na mão.</p>	Amizade (1986)	Ubirajara e Sandra Siqueira

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<b>O Bloco da Revanche (Zé Côdea)</b> 	<p>O Zé Côdea foi durante muitos anos a personificação do folião carioca que improvisava sua indumentária para curtir os diferentes dias de folia. Essa figura das ruas, por vezes denominada de maltrapilho, se incorporou aos principais grupos niteroienses que desembarcaram na Região Central do Rio de Janeiro. Vieram comemorar a alegria extasiante dos reencontros pessoais na Quarta-Feira de Cinzas.</p> <p>*A Ala 21 tem como Grupo Performático as principais fantasias de foliões vindos do carnaval niteroiense de 1919. O Bloco do poeta barretense Zé de Mattos fez uma irreverente fantasia de espanhol. Os <i>Clowns</i> foram personificados pela Linha de Frente da cidade de Niterói. A figura do último selvagem é encarnada por populares que remontam a fantasia do fundador da cidade: o índio Araribóia e o Rancho Os Violeiros se apresentaram com a fantasia de Pirata.</p> <p>*O Grupo Performático IV (Ala 21) apresentará o reencontro entre as diferentes famílias na liberdade que esse último dia de carnaval promoveu no Centro da Cidade Maravilhosa.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Espanhol (Zé de Mattos)</b></p>  <p><b>Palhaço de Circo (Os Clowns) – Masculino</b></p>  <p><b>Palhaço de Circo (Os Clowns) – Feminino</b></p> 	<p>O Zé Côdea foi durante muitos anos a personificação do folião carioca que improvisava sua indumentária para curtir os diferentes dias de folia. Essa figura das ruas, por vezes denominada de maltrapilho, se incorporou aos principais grupos niteroienses que desembarcaram na Região Central do Rio de Janeiro. Vieram comemorar a alegria extasiante dos reencontros pessoais na Quarta-Feira de Cinzas.</p> <p>*A Ala 21 tem como Grupo Performático as principais fantasias de foliões vindos do carnaval niteroiense de 1919. O Bloco do poeta barretense Zé de Mattos fez uma irreverente fantasia de espanhol. Os <i>Clowns</i> foram personificados pela Linha de Frente da cidade de Niterói. A figura do último selvagem é encarnada por populares que remontam a fantasia do fundador da cidade: o índio Araribóia e o Rancho Os Violeiros se apresentaram com a fantasia de Pirata.</p> <p>*O Grupo Performático IV (Ala 21) apresentará o reencontro entre as diferentes famílias na liberdade que esse último dia de carnaval promoveu no Centro da Cidade Maravilhosa.</p>	<p>Grupo Performático IV (Ala 21)</p>	<p>Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Cucumbi (O Último Selvagem) – Masculino</b></p>  <p><b>Cucumbi (O Último Selvagem) – Fem.</b></p>  <p><b>Pirata (Os Violeiros)</b></p> 	<p>O Zé Côdea foi durante muitos anos a personificação do folião carioca que improvisava sua indumentária para curtir os diferentes dias de folia. Essa figura das ruas, por vezes denominada de maltrapilho, se incorporou aos principais grupos niteroienses que desembarcaram na Região Central do Rio de Janeiro. Vieram comemorar a alegria extasiante dos reencontros pessoais na Quarta-Feira de Cinzas.</p> <p>*A Ala 21 tem como Grupo Performático as principais fantasias de foliões vindos do carnaval niteroiense 19. O Bloco do poeta barretense Zé de Mattos fez uma irreverente fantasia de espanhol. Os <i>Clowns</i> foram personificados pela Linha de Frente da cidade de Niterói. A figura do último selvagem é encarnada por populares que remontam a fantasia do fundador da cidade: o índio Araribóia e o Rancho Os Violeiros se apresentaram com a fantasia de Pirata.</p> <p>*O Grupo Performático IV (Ala 21) apresentará o reencontro entre as diferentes famílias na liberdade que esse último dia de carnaval promoveu no Centro da Cidade Maravilhosa.</p>	Grupo Performático IV (Ala 21)	Harmonia




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**




Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22 A  e  22 B	<p><b>Os Trapeiros</b></p> 	<p>Os Trapeiros ou catadores de papéis - figuras que surgiram na Quarta-Feira de Cinzas envoltos em um mar de quarenta mil toneladas de confetes e serpentinas, que expressaram a felicidade histórica daquele carnaval.</p> <p>*Os componentes da ala 22 A e B desfilam ao redor da Sexta Alegoria.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
23	<p><b>“Que Além do Infinito, o Amor se Renove”</b></p>   <p>* Detalhe Arte Balão Inflável</p>	<p>Toda pandemia denota ao mundo o fim de um ciclo espiritual para a humanidade. A Viradouro se solidariza a todas as famílias que perderam saudosamente seus ilustres entes. Com a licença poética e temporal permitida, usamos a figura de Dominginhos do Estácio, importante intérprete da história da nossa escola, para nos juntar a todos os sambistas (que pela pandemia, ou não, partiram para um novo plano).</p> <p>* A Ala Bolo Doido, introduzida por Joãosinho Trinta e o tradicional grupo de Clóvis do carnaval carioca, desfilou por mais de 15 anos na Unidos do Viradouro. Faz sua reestreia nesta linda homenagem.</p> <p>* Flutuando sobre a Ala 23 há um balão inflável que sintetiza nele o Astro-Rei como encontro simbólico a todos que partiram para um novo plano. E <i>que além do infinito, o amor se renove!</i></p>	Bolo Doido (1997)	Harmonia


## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<b>Revanche do Amanhã (Cordão dos Velhos)</b>  <b>Masculino</b>   <b>Feminino</b> 	<p>A esperança é um sentimento atemporal. A tradicional Velha-Guarda da Unidos do Viradouro desfila este ano ao lado de seus netos. Mesmo diante de um cenário pandêmico, em que o confinamento revelou momentos de saudade, a esperança de um amanhã melhor deixou viva em cada um a certeza de que voltariam a estar juntos de quem mais se ama. O Carnaval de 1919 representa o laço de continuidade entre os mais sábios e a esperança do amanhã.</p>	Velha-Guarda e Crianças (1946)	Sr. Zeca
*	<b>5 de Março de 1919 (A Carta)</b> 	<p>Em 1919, a euforia revanchista da população ficou registrada nos jornais da época e agora é revivida no desfile da Unidos do Viradouro. A vermelho e branco encerra a apresentação em consonância com as notícias das cinzas de 1919, redigidas pelos Pierrôs que testemunharam a alegria consonante desse carnaval histórico. A folia revelou o amor de todos nós cariocas pela maior festa popular do planeta.</p>	Grupo Performático V  Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, 60, Gamboa, Rio de Janeiro - Barracão 01	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Alessandra Reis	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Simone	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Alessandra Reis
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Biano Ferraro e Wladimir Viana	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> José e Deivison
<b>Outros Profissionais e Respektivas Funções</b>	
Júnior e Alexandre	- Arame
Paula e Anderson	- Espuma
Vitor Negromonte	- Vime
Leandro Art	- Pintura
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	
<p><i>*As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência.</i></p> <p><b>*Detalhe quadro fichas técnicas Fantasia: Registro histórico das fotos que embasaram conceitualmente a criação artística de nossas fantasias. Agradecimentos especiais ao Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que esteve aberto digitalmente durante o ano de 2020.</b></p> <p><b><u>Ala 02 – Cavaleiro da Peste/Cavaleiro da Desforra. (Club dos Democráticos)</u></b></p> <p><b>Texto - Fotos 01 e 02.</b> Alegorias originais do Club dos Democráticos que descreveram plasticamente os Cavaleiros da Desforra (O fim da Pandemia e da Primeira Guerra Mundial) e a Peste (Referência à dor da Gripe Espanhola) - Abertura do desfile desta Grande Sociedade, que se apresentou no Carnaval de 1919. Conceito que inspirou a criação plástica da Ala 02.</p>	
	
<p>Foto 01 e 02. Correio da Manhã – Biblioteca Nacional.</p>	



## FICHA TÉCNICA

### Fantasia

#### **Outras informações julgadas necessárias**

##### **Ala 03 – Força na Peruca! (Tenentes do Diabo)**

**Texto - Foto 01.** Alegoria original dos Tenentes do Diabo, que descrevia plasticamente a falta de cabelos devido à Influenza Hespânica. - Alegoria do desfile desta Grande Sociedade que se apresentou no carnaval de 1919. Conceito que inspirou a criação plástica da Ala 03.

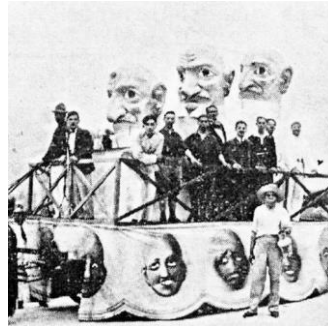


Foto 01. Correio da Manhã – Arquivo da Biblioteca Nacional.

##### **Ala 04 (Baianas) - “La Dansarina” (Os Fenianos)**

**Texto - Foto 01.** Alegoria original de Os Fenianos, que mostrava aspectos da cultura espanhola. Alegoria do desfile desta Grande Sociedade, que se apresentou no carnaval de 1919. Conceito que inspirou a criação plástica da Ala 04.

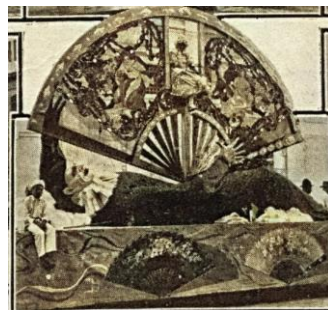


Foto 01. Correio da Manhã – Arquivo da Biblioteca Nacional.

##### **Ala 09 (Bateria) – Tropa do Caveira**

**Texto - Foto 01.** Figurinos sociais do primeiro desfile do Cordão da Bola Preta. Apresentam-se neles Caveirinha e seus principais parceiros que ajudaram a erguer essa importante instituição do Carnaval carioca, que perdura até os dias recentes. Conceito que inspirou a criação plástica da Ala 09.



Foto 01 Cordão da Bola Preta – Arquivo da Biblioteca Nacional.

## FICHA TÉCNICA

### Fantasia

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Ala 10 – Bloco do Eu Sozinho

**Texto - Foto 01.** Registro do 37º desfile do Bloco do Eu Sozinho e do seu criador, o jornalista Júlio Silva. Conceito que inspirou a criação plástica da Ala 10.



Foto 01 Correio da Manhã – Arquivo da Biblioteca Nacional.

##### Ala 12 – Batalha das Flores

**Texto - Foto 01.** Os tradicionais grupos de Pierrôs que participaram da maior Batalha das Flores pela Região Central do Rio de Janeiro. Conceito que inspirou a criação plástica da Ala 12.



Foto 01 Correio da Manhã – Arquivo da Biblioteca Nacional.

##### Ala 15 (Compositores) – Os Oito Batutas

**Texto - Foto. 01.** Tradicional registro do Grupo Os Oito Batutas. Conceito que inspirou a criação da Ala 15.



Foto 01 Correio da Manhã – Arquivo da Biblioteca Nacional.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>			Felipe Filósofo, Fábio Borges, Ademir Ribeiro, Devid Gonçalves, Lucas Marques e Porkinho.		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b>					
Paulo César Portugal					
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>		<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>		<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>	
65 (sessenta e cinco)		Maria Preta 72 anos		Dan Passos 28 anos	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>					
<p>Amor, escrevi esta carta sincera  Virei noites à sua espera  Por te querer, quase enlouqueci  Pintei o rosto de saudade e andei por aí  Segui seu olhar numa luz tão linda  Conduziu meu corpo, ainda  O coração é passageiro do talvez  Alegoria ironizando a lucidez  Senti lirismo, estado de graça  Eu fico assim quando você passa  A avenida ganha cor, perfuma o desejo  Sozinho te ouço se ao longe te vejo  Te procurei nos compassos e pude  Aos pés da cruz agradecer a saúde</p>					
<p><b>Choram cordas da nostalgia  Pra eternidade, o samba nascia</b></p>				<p><b>BIS</b></p>	
<p>Não perdi a fé, preciso te rever  Fui ao terreiro, clamei: Obaluaê!  Se afastou o mal que nos separou  Já posso sonhar com as bênçãos do tambor  Amanheceu! Num instante já  Os raios do sol foram testemunhar  O desembarque do afeto vindouro  Acordes virão da Viradouro  Tirei a máscara num clima envolvente  Encostei os lábios suavemente  E te beijei na alegria sem fim  Carnaval, te amo, na vida és tudo pra mim</p>					
<p><b>Assinado: Um pierrot apaixonado  Que além do infinito o amor se renove  Rio de Janeiro, 5 de março de 1919</b></p>				<p><b>BIS</b></p>	

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Defesa da Letra do Samba-Enredo:

A letra do samba levanta uma questão interessante e rara sobre suas rimas. Quanto à qualidade, o samba possui a característica de ter 100% das rimas ricas, ou seja, com classes gramaticais variadas. Dessa maneira, primou-se pelo cuidado, bom gosto e ainda pela delicadeza estética, ao reunir rimas de extrema riqueza poética, de tocar até os mais frios corações. Tal diversidade de recursos vem acompanhada de outro fator relevante: o popular. As palavras minuciosamente escolhidas foram aquelas que já estão incorporadas no inconsciente popular e que agradam à leitura e aos ouvidos pela singeleza e contribuem para um canto livre e tocante, tanto para desfilantes quanto para espectadores.

Quanto à posição, as rimas fogem do óbvio da estrutura A/B/A/B (rimas alternadas). A opção foi a estrutura A/A/B/B (rimas emparelhadas), que auxilia na fluidez do desenvolvimento de sua encantadora e ao mesmo tempo nostálgica melodia. Importante mencionar que a letra foi construída com recursos de figuras de linguagem, um incremento e tanto para proporcionar riqueza poética em seu corpo.

O samba da Viradouro para o carnaval de 2022 possui a inovação de ser o primeiro samba-enredo da história do carnaval em formato de carta. A inspiração para o formato é a história do Pierrot, personagem da Commedia Dell' Arte, que escrevia cartas para seu grande amor, a Colombina. Em 1919, ano retratado no enredo, vários jornalistas se inspiraram também na Commedia Dell' Arte e assinavam suas crônicas e artigos com o pseudônimo de Pierrot, para que pudessem criar toda uma atmosfera que incentivasse os foliões a curtirem o carnaval pós-gripe espanhola. Dessa maneira, a letra do samba é uma carta de amor, na qual o Pierrot representa cada folião a se declarar para a sua Colombina, está representando o desejado carnaval. Uma declaração carregada de muito lirismo e paixão.

A sinceridade da “carta” revela que a mesma traz algo que não se pode ocultar, algo verdadeiro que vem do fundo do coração. O Pierrot (folião) estava aguardando ansiosamente este momento de reencontro com o seu grande amor Colombina (Carnaval). O enclausuramento, a distância e o afastamento em relação ao seu grande amor causa um abalo emocional no narrador. Assim, ficamos todos nós, que amamos intensamente o carnaval, vislumbrando reencontrá-lo. Movido fortemente pelo sentimento de saudade, eis o momento em que o Pierrot retoma às ruas em busca de reencontrar seu grande amor. Ele segue, então, suas percepções, completamente encantado com a luminosidade da maneira de olhar a vida que tem seu grande amor. Luminosidade esta que personifica o colorido do carnaval e reluz esperança de uma retomada.

Completamente entregue e fascinado, o corpo do narrador é conduzido pelo sentimento de amor. O termo “conduzir” faz referência poética ao bonde. Antes do carnaval de 1919, o bonde carregava corpos mortos pela gripe espanhola e, com a volta da folia, passou a carregar foliões em estado de alegria. Apesar de tanto sofrimento, seguimos “ainda” acreditando na força e na magia que esta relação amorosa nos transmite. Já o termo “coração”, símbolo maior do amor, aparece junto com os termos “passageiro” e “talvez” por representar a possibilidade e denotar a ideia de uma viagem no campo das incertezas que circulam este sentimento. A própria vida está no âmbito das incertezas. As chamadas Grandes Sociedades, neste carnaval de 1919, ironizavam a gripe espanhola em suas alegorias, como podemos observar o “Chá da meia-noite”. Nesse caso, o amor representa o ato de ironizar a “lucidez”, ou seja, alfinetar justamente o campo das certezas, o campo da razão. É um momento em que estamos entregues à magia do amor que pertence à emoção, e não à razão.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

O Pierrot é um personagem um tanto sentimental, apaixonado, entregue. “Sentir lirismo” é um arrebatamento pela via do amor. É estar com a alma repleta de romantismo e ficar em estado de graça perante a este amor, é estar perdidamente encantado. É a egrégora da energia do amor tomando conta da alma. A presença deste grande amor imprime, para o narrador, um colorido ao ambiente. Muda a vibração energética do espaço, o preenchendo de “cor”, ou seja, injetando necessárias doses de alegria e vivacidade, exalando um quê de sensual, e estimulando o querer do narrador. O termo “sozinho” faz referência poética ao chamado “Bloco do eu sozinho”, um marco do Carnaval de 1919. Explorando o duplo sentido da questão amorosa, aqui o Pierrot (folião) está entrando em sintonia com este amor, percebendo sua presença mesmo que em forma de “miragem”, mesmo que ao longe. Sentimos a presença do amor mesmo que esse amor não esteja perto, fisicamente.

O Pierrot prossegue em sua busca pelo grande amor e reconhece a importância de estar com saúde para ter a oportunidade de reencontrar este amor e faz um agradecimento tanto à vida quanto aos profissionais da saúde, e até mesmo à espiritualidade. Nesse contexto dúbio, o termo “Cruz” também é uma referência aos profissionais da Cruz Vermelha, que foram fundamentais na luta contra a gripe espanhola naquele ano. No percurso que o Pierrot traça pelo reencontro com seu grande amor temos também o chorinho como trilha sonora desta história. Neste período, o samba ganha *status* de grande gênero musical do Brasil, se eternizando deste modo. Aqui, é relevante mencionar que a utilização do artigo “um” traz novamente um duplo sentido. Um primeiro de que trata-se de “um” samba que está sendo feito, composto exatamente no momento em que o Pierrot (folião) vive tal experiência amorosa de reencontro. O outro sentido é de que o próprio samba da Viradouro estará se eternizando por retratar o maior carnaval de todos os tempos - que foi o de 1919 - em 2022, que, acreditamos, será um carnaval épico e marcante para nossa alma.

As chamadas “tias curandeiras” atuavam contra a gripe espanhola recorrendo aos Orixás. E o Orixá Obaluaê é considerado o Orixá da cura. Assim, Obaluaê é evocado para afastar esse mal que separou o Pierrot de seu grande amor. Feito o trabalho espiritual para afastar esse mal, o sonho do reencontro ganha as bênçãos do tambor e começa a ficar cada vez mais próximo.

Eis que chega a chamada terça-feira gorda. É a vinda do último dia de folia. O termo “amanheceu”, poeticamente, remete à ideia de que algo está surgindo. O “instante já” sugere um momento único, singular, e por isso devemos vivê-lo e amá-lo intensamente. O “já” é o agora, o imediato... A utilização do termo “num” (em + um) é justamente para situar que este “amanhecer” está inserido neste momento único e singular que o Pierrot irá vivenciar intensamente, o almejado reencontro amoroso.

Após o trabalho espiritual e as bênçãos do tambor, eis que se aproxima o momento que tanto o Pierrot sonhou: o “desembarque”, que irá representar os foliões nas Barcas e o ato do coração chegar até o reencontro amoroso, este apresentado pela Viradouro. Mas não em 1919. Por isso a utilização do termo “virão”, para retratar o que irá acontecer no futuro, no caso, 2022. Estabelecido o reencontro, sem medo do mal que afastou esta relação, eis que chega o momento da liberdade para amar, o tempo em que finalmente corpo e alma podem ficar completamente entregues ao amor.

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### **Outras informações julgadas necessárias**

Em “Carnaval, te amo, na vida és tudo pra mim” é evidenciado para o leitor que o grande amor do narrador/pierrot é o carnaval. O duplo sentido usado como metáfora e fio condutor da letra é, enfim, revelado. A Colombina, que fica subentendida a todo momento e representada como o grande amor do Pierrot (folião), na verdade é o Carnaval. Ocorrido o reencontro amoroso do folião com o carnaval, há um desejo de que esse amor sublime possa sempre se renovar! Que possam surgir novos foliões amando essa festa! Que nunca mais fiquemos sem este grande amor! Que possamos sempre renovar em nossa alma esse sentimento maior do ser humano, que é o amor pelo outro, pela vida... E que ganha a forma mais bela e singela na Avenida, que é a alegria sem fim em poder curtir a maior festa popular do planeta! A assinatura e a data aparecem para deixar claro ao leitor que a letra do samba é uma carta. É um recurso para caracterizar a opção estética da estrutura da letra. Cabe mencionar que a referida data, 5 de março, foi exatamente a Quarta-Feira de Cinzas no calendário vigente naquele carnaval de 1919.

#### **Por Felipe Filósofo**

#### **Defesa da Melodia do Samba-Enredo:**

#### **Felipe Filósofo**

A melodia do samba possui característica de ser nostálgica para ser extremamente fiel ao período em que se situa o enredo, referente ao Carnaval de 1919. Um dos recursos utilizados para que pudéssemos retratar esta questão foi a ideia de paisagem sonora, que faz com que a melodia passe a atuar como uma pintura, ou seja, a melodia, por si só, consegue capturar e traduzir o cenário a ser abordado.

Podemos notar esse recurso claramente na passagem do desenho melódico, no trecho que vai de “...Amanheceu! Num instante já...” até “...Acordes virão da Viradouro...”. Cria-se, para o ouvinte, um momento de ascensão dos desenhos melódicos, justamente para refletir, “pintar” o momento do reencontro amoroso do “eu lírico”.

As passagens da tonalidade maior para menor foram aplicadas como recurso para oferecer riqueza às variações. O lirismo é permeado por toda melodia, sempre dialogando com as características atuais do desfile. A melodia denota seu aspecto mais popular no momento propício para tal, que vai desde o trecho “...Tirei a máscara no clima envolvente...” até “...Rio de Janeiro, 5 de março de 1919.”. Com isso, o Samba-Enredo da Viradouro apresenta uma melodia que consegue tanto dialogar diretamente com o público e proporcionar riqueza em cada um de seus desenhos.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Maestro Jorge Cardoso**

O enredo da Viradouro carrega o passado até nós. Inspirado em algumas características musicais marcantes da década de 1910, como a polca, o chorinho, o lundu e o maxixe, o samba tem, em todo seu arcabouço, os caminhos para que as harmonias de cordas (cavaquinho ré – sol – si – ré, e cavaquinho com afinação de bandolim sol – ré -lá – mi e violão de 7 cordas) conversem entre si, como nos trechos: “Amor, escrevi essa carta sincera/virei noites à sua espera/ por te querer quase enlouqueci...”.

Já no trecho “...Alegoria ironizando a lucidez...”, o violão prepara os acordes, em tom menor, para um momento único do arranjo: “...A avenida ganha cor/perfuma o desejo/sozinho te ouço/se ao longe te vejo...”. Nesta hora, descem do Olimpo os Mestres do violão brasileiro (Garoto, Dilermando Reis e Dino 7 cordas) para vivenciar esse momento mágico. É um show à parte, que merece ser destacado.

“...Choram cordas da nostalgia/pra eternidade um samba nascia...”. Trata-se de outro momento de rara beleza dessa conversa das cordas com a letra, que expõe uma preparação harmônica e divisão de quiálteras para o tom relativo dos dois cavaquinhos e do violão 7 cordas.

Em “...Não perdi a fé/ preciso te rever...”, há uma divisão afro, sendo coerente com a letra da obra. Em “...Amanheceu num instante já...” até “...Acordes virão da Viradouro...” é a alegria do dia raiando, o sol surgindo com seu calor característico e alegria. Impossível não sentir a intenção do fraseado da harmonia de cordas, misturando maxixe com chorinho, num balanço perfeito e um tanto moderno.

Preparando para o segundo refrão, no trecho “...Carnaval, te amo...” o violão e os cavaquinhos executam uma escala dentro do breque que deixa a melodia pronta para “explodir” na frase “...Na vida és tudo pra mim”.

É uma melodia riquíssima e original. Começa em tom menor e vai “brincando” a cada estrofe (ora menor, ora maior), num ritual de extremo bom gosto harmônico.

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

##### **Trechos importantes a serem destacados:**

Logo no início do samba, há uma sensibilidade especial de criação na primeira palavra (“amor”), quando a mesma é cantada em uma oitava, ocasionando numa divisão das sílabas.

“Senti lirismo” até “ao longe te vejo”, nos transporta até os saraus do império, onde a música clássica era executada.

“...A avenida ganha cor/perfuma o desejo/sozinho te ouço/ se ao longe te vejo...”. Nesses trechos, os acordes estão em tom menor e a harmonia de cordas brinca com notas “diminutas”. Como um bailado de mestre-sala e porta-bandeira, a melodia desliza, seduz e encaixa na parte maior da melodia, retomando o tom menor logo em seguida, no refrão de meio.

“...Amanheceu num instante já...” até “...Acordes virão da Viradouro...”. Um momento de extrema felicidade dos autores. Com grande eloquência, para nos brindar com a chegada da cura, o Tom Maior se faz presente na melodia. Nada mais grandioso, perfeito!

“...E te beijei na alegria sem fim...”. Verso bem elaborado para o breque (“paradinha”), permitindo o ápice do verso que todo sambista quer falar, a plenos pulmões, para que todos ouçam:” CARNAVAL TE AMO, NA VIDA ÉS TUDO PRA MIM”.

Por fim, surge a assinatura do Pierrot Apaixonado. Melodia exata, perfeita, brilhante. Encerra o samba com a nota da tônica do tom, em La bemol (Ab).

Um samba bem construído, emocionante em todas as suas nuances, de extremo bom gosto. Sem dúvida alguma, Francisco Alves ou Mario Reis cantariam essa “bela página” musical.



**FICHA TÉCNICA****Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Mestre Ciça				
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Serginho, Ulisses, Marquinho, Gabriel, Romildo, Ruan Pontes, Herinho, Mauro, Monique, Leandro, Russo, Pierre, Juan, Vinicius e Maycon				
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 289 (duzentos e oitenta e nove) componentes				
<b>NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS</b>				
<b>1ª Marcação</b> 13	<b>2ª Marcação</b> 13	<b>3ª Marcação</b> 14	<b>Reco-Reco</b> 0	<b>Ganzá</b> 0
<b>Caixa</b> 120	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 38	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 31
<b>Prato</b> 10	<b>Agogô</b> 0	<b>Cuíca</b> 24	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 26
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>				
<b><u>Bateria</u></b>				
<b>Nome da Fantasia: Tropa do Caveira</b>				
<p><b>O que representa:</b> A bateria Furacão Vermelho e Branco de Mestre Ciça faz homenagem ao fundador do Cordão da Bola Preta: Álvaro Gomes de Oliveira, mais conhecido como “Caveirinha”. O apelido surgiu por causa da própria aparência, quando ele ainda convalescia da gripe, no fim de 1918. “Caveirinha”, juntamente com outros ex-integrantes do Club dos Democráticos, liderou no dia 31 de dezembro de 1918 a fundação de um dos mais famosos blocos do Rio de Janeiro. E o primeiro desfile do Bola foi justamente no Carnaval de 1919. Os ritmistas são a Tropa Musical do Caveira, representando dois dos principais parceiros de Caveirinha (Jair Roxo e Chico Brício). O traje feminino da bateria é uma referência à companheira de Chico, Madame Brício.</p> <p>Mestre Ciça, que é carinhosamente chamado de Caveira no mundo do samba, é o próprio Mestre Caveirinha.</p> <p><i>*Os figurinos da bateria revelam o traje social do primeiro desfile do Cordão da Bola Preta, havendo variação nos adornos dos chapéus.</i></p>				
<b><u>Rainha da Bateria: Erika Januza</u></b>				
<b>Nome da Fantasia: Rainha do Bola</b>				
<p><b>O que representa:</b> Erika Januza estreia no posto de rainha de bateria da Viradouro como a própria rainha do Cordão da Bola Preta. Desde a fundação, em dezembro de 1918, o bloco mantém a tradição de escolher uma rainha. Tal majestade é a representação da musa que inspirou os fundadores do bloco carnavalesco.</p>				

## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

**Mestre Ciça:** Tendo a ousadia como uma de suas principais marcas, Ciça é um dos mais técnicos e também dos mais respeitados mestres de bateria de todos os tempos. E o sucesso que faz não é à toa: ele possui uma marca única, de estar há 32 carnavais ininterruptos no comando de uma bateria.

1988 – 1997: Estácio de Sá

1998: Unidos da Tijuca

1999 – 2009: Unidos do Viradouro

2010 – 2014: Grande Rio

2015 – 2018: União da Ilha do Governador

2019 – 2022: Unidos do Viradouro

A história que construiu fez de Ciça um dos personagens mais aguardados da Sapucaí. Os olhares - e ouvidos - ficam todos mais atentos quando o mestre cruza a pista de desfiles, palco que transforma os maiores sonhos e fantasias em realidade. E ele mesmo adora essa expectativa em torno de seu trabalho. E, como um mantra, costuma repetir em seus incontáveis ensaios para suas centenas de ritmistas: “Se for para fazer feijão com arroz, fico em casa!”.

Muitos foram os momentos eternizados na história do Carnaval e que marcaram a carreira dessa "lenda" do samba. Para citar alguns, em 1992 o trabalho de Ciça abrilhantou significativamente o desfile campeão da Estácio de Sá, com o enredo "Paulicéia Desvairada".

Desde que chegou à Viradouro, em 1999, Ciça fez sempre marcantes passagens na Avenida com a escola, como no carnaval de estreia, em "Anita Garibaldi - Heroína das sete magias"; na homenagem à dama do teatro Bibi Ferreira (2003); e em 2007, com "A Viradouro vira o jogo", quando cumpriu com maestria o desafio de desfilar com seus percussionistas no alto de um carro alegórico.

Ciça voltou à Viradouro para o Carnaval de 2019, contribuindo para o vice-campeonato ao marcar os 30 pontos no quesito. E, já no ano seguinte, alcançou todas as notas máximas no desfile que cantou as Ganhadeiras de Itapuã, ajudando a Viradouro na conquista do belo título do Grupo Especial.

Tais resultados são consequência de muita técnica, aplicada em incontáveis treinos, e de muita criatividade.

Ao longo da bem-sucedida carreira, Mestre Ciça acumulou muitos prêmios, entre eles um Estandarte de Ouro (honoraria concedida aos melhores da festa pelo Jornal O Globo), recebido após o desfile da União da Ilha, em 2017.

Para 2022, a competente "Furacão Vermelho e Branco" chega mais uma vez com suas convenções criativas, tudo elaborado de forma a surpreender a Avenida. Com um efetivo de 290 ritmistas, distribuídos conforme quadro acima, essa orquestra de sons percussivos está afinadíssima para seguir encantando a Passarela do Samba.

Como o enredo deste ano nos leva a 1919, Ciça foi buscar bossas e dinâmicas coerentes, todas dentro da narrativa e das nuances da letra, para imprimir o ritmo do desfile. A bateria começa, por exemplo, remetendo sutilmente às marchinhas e ao Cordão da Bola Preta, sempre primando pela técnica e musicalidade necessárias e, claro, com muita energia, como deve ser uma bateria de escola de samba.

Serão apresentadas por Ciça até quatro bossas, todas sendo fiéis às características do mestre, da escola, e ainda buscando sempre um alto nível técnico musical. Poderão ocorrer "duelos" entre caixas e repiques mor, proposta que promete qualificar ainda mais a apresentação de Ciça e de seus músicos, proporcionando ao público um grande espetáculo.

Como canta nosso Zé Paulo Sierra, "Vai, Ciçaaaaaaaaa!".

**FICHA TÉCNICA****Harmonia**

<b>Diretor Geral de Harmonia</b> Mauro Amorim
<b>Outros Diretores de Harmonia</b> Magno Júnior, Jardel, Gabriel, Nélio, Rodrigo, Baeta, Romeu, Renata, Cesar, Michel, Marcos Mendes, Esther, Alexandre, Darlan, Igor, Renoah, Igor e Daniele
<b>Total de Componentes da Direção de Harmonia</b> 80 (oitenta) componentes
<b>Puxador(es) do Samba-Enredo</b> José Paulo Sierra (intérprete oficial)
<b>Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo</b> Hugo Bruno (Cavaco Afinação Bandolim), Roberto Migans (Cavaco) e Rodrigo Araújo (Violão 7 Cordas)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <p>Mauro Amorim iniciou sua carreira em 2009 no segmento de harmonia, fazendo parte do time da Renascer após um curso de formação da própria escola. Depois disso, passou por escolas como Unidos de Padre Miguel, Mocidade e Caprichosos, até assumir sua primeira direção geral, na Unidos de Bangu. Com um trabalho diferenciado feito junto à direção geral da Imperatriz (2015 a 2017), o convite para comandar a direção geral da Viradouro surgiu em 2018 e foi prontamente aceito. O bom trabalho o levou a alcançar a nota máxima no quesito, ajudando no título do Acesso daquele mesmo ano. Assim, se manteve no cargo em 2019 e novamente obteve o excelente resultado no quesito, que mais uma vez ajudou a escola a chegar no topo com a conquista do vice-campeonato do Especial de 2019. Em 2020, o belo trabalho do diretor (e de sua equipe) foi continuado e se traduziu nas notas máximas do quesito, fundamentais no resultado geral, já que as notas foram o critério de desempate, legitimando o título da Viradouro no último Carnaval.</p> <p><b><u>Do trabalho de Harmonia:</u></b></p> <p>Tecnicamente, a Direção de Harmonia atua dividida por setores, em funções como chefes e volantes. Visando o maior controle e maior atenção à comunidade de nossa agremiação, 12 chefes de setores e 02 volantes percorrem áreas previamente demarcadas, minimizando, assim, erros e administrando o tempo para a solução de eventuais problemas. Educação, respeito e comprometimento compõem a diretriz da equipe, que acredita que o componente é o maior bem de uma escola de samba e merece ser acolhido pela agremiação que tanto ama e se dedica.</p> <p>A forma de trabalho continua criteriosa quanto ao desempenho de evolução e canto do componente. A direção defende que os desfilantes tenham uma evolução livre dentro das alas, como nos últimos anos, dando a eles a liberdade de se divertir de fato na Avenida. Em relação ao canto, existe um trabalho criterioso de ensaio, com a integração do diretor musical Jorge Cardoso. Segmentamos a escola para ensaios fora dos dias padrões, tratando assim com mais propriedade a busca pelo melhor desempenho individual ou coletivo das alas.</p>

## FICHA TÉCNICA

### Harmonia

#### Outras informações julgadas necessárias

##### **Da harmonia do Carro de Som:**

Uma base sólida, formada há três carnavais, dá o tom no carro de som da Unidos do Viradouro, atualmente composto por seis cantores de apoio, três músicos, todos sob a regência do renomado Maestro Jorge Cardoso.

A voz principal da escola é de Zé Paulo Sierra, que há nove anos toma conta do microfone principal da escola, e fará seu oitavo desfile consecutivo defendendo a vermelho e branco de Niterói.

Dono de um estilo inconfundível, Zé Paulo interpreta a letra do samba com profundidade, vibração e emoção na voz, tudo isso aliado a uma dicção perfeita e afinação ímpar. Com timbragem aguda e marcante, Zé consegue imprimir, junto com seus companheiros e a bateria do mestre Ciça, um ritmo que permite à escola uma evolução segura e excelência na harmonia de canto, valorizando cada nota do samba ao guiar o canto dos desfilantes.

Os cacos (inclusive o badalado “Vai, Ciçaaaaa!”) serão pontuais e empregados sempre de forma agregadora, sem poluir ou comprometer o canto e, sobretudo, a letra do samba.

A condução da música que vai embalar o desfile será limpa, clara e de perfeito entendimento de letra e melodia.

Haverá momentos em que a interação entre carro de som e bateria ficará evidente, algo que será possível em virtude de uma intensa preparação e incansáveis ensaios na quadra, na rua e nos estúdios.

Quanto à execução, a tonalidade do samba será Lá bemol (Ab).

Vale mencionar a passagem em que Zé Paulo Sierra irá fazer uma singela - e justa - homenagem ao saudoso e inesquecível Dominginhos do Estácio, que tanto fez pelo samba e pela Unidos do Viradouro. Zé incorporou ao seu grito de guerra a expressão “Olha a Viradouro chegando”, tão marcante na voz de Dominginhos, a quem sempre carinhosa e respeitosamente chamou de mestre. Ainda vale destacar um momento já na abertura do desfile. Uma bossa marchada será apresentada, com a participação dos naipes de percussão e das cordas. É quando Zé Paulo entoou seu grito de guerra e convoca mestre Ciça, que então conta três compassos e dá início à introdução.

Zé Paulo canta solo “...Tirei a máscara no clima envolvente/Encostei os lábios suavemente/E te beijei na alegria sem fim...”. Em seguida, se cala, sugerindo uma pausa geral para o canto forte da escola, de sua comunidade e do público do Sambódromo do verso “...Carnaval, te amo, na vida és tudo pra mim...”.

Na retomada, “...Assinado um pierrot...”, os cantores de apoio já estarão cantando juntos da voz principal da Viradouro.

Prepare o seu coração!

## FICHA TÉCNICA

### Harmonia

#### **Outras informações julgadas necessárias**

##### **Cantores de apoio:**

- **Zé Paulo Miranda (Bola):** Músico, compositor e intérprete. Cantor completo, já atuou como intérprete oficial em várias agremiações, sendo a última Alegria da Zona Sul, em 2020. Na Viradouro, está há três temporadas e em muito contribui na ala cantante da escola, sobretudo por ostentar um timbre diferenciado, poeira na voz que conquista. Cumpre bem seu papel no grave e brilha na hora de variar entre o médio e o agudo. É privilegiado na extensão vocal e compõe muito bem a harmonia.

- **Ronaldo Ylê:** Esse é outro que dispensa apresentações e sabe fazer bom uso da experiência que tem ao colocar sua voz a serviço da Viradouro. Um "cavalo" no desfile, é do tipo incansável, tem disposição e faz leitura de público ímpar, como poucos sabem fazer.

Afinado e seguro, passeia com firmeza no médio/agudo o tempo todo, além de ser um intérprete com admirável "astral", um tanto motivador.

Figura carimbada nos corais de gravações de compositores e discos oficiais da Liesa, Ylê é intérprete oficial da União do Parque Curicica, além de ter passagem muito marcante na Imperatriz Leopoldinense. Quem não se lembra da voz dele em "...A turma do sítio apronta, a Imperatriz faz de conta..."?

Ylê se encaminha para o quarto ano consecutivo com a vermelho e branco.

- **Celino Dias:** Desde 2018 na Viradouro, é campeoníssimo no carnaval e, somente na escola, ostenta três títulos: 1997/2018/2020.

Cantor ímpar, passeia no grave, médio e agudo com facilidade, naturalmente pela larga experiência no ofício de cantar. Conhece os caminhos de uma boa condução, já que atua por muitos anos como intérprete oficial e de apoio.

Hoje, é a voz oficial da Tradição, onde já foi destaque no passado cantando Silvio Santos nos anos 1990.

Centrado e extremamente profissional, Celino é sinônimo de tranquilidade na hora do desfile, por isso está no elenco da escola há cinco temporadas.

- **Guto:** Músico, compositor e intérprete, e não só de samba de enredo. Compõe uma banda blues em Friburgo, onde mora. O conhecimento vocal e musical do artista passeia por vários estilos, o que abre muitas possibilidades de trabalho, tamanha versatilidade.

Além de participação ativa e com destaque nas agremiações friburguenses, Guto alcançou notoriedade no Carnaval carioca. Por dois anos, defendeu a Acadêmicos do Sossego e, atualmente, é a voz oficial da Unidos de Padre Miguel.

O agudo imponente e o balanço harmônico no médio e grave, à base de muita técnica, fazem dele uma peça vital para o equilíbrio das vozes. Na Viradouro, faz a diferença há três anos.

- **Matheus Gaúcho:** Cria da Unidos do Viradouro, Matheus estreou em 2012 na escola e permanece até hoje como uma das referências da comunidade no carro de som. Dono de timbre forte, variando no médio agudo, faz uma sustentação equilibrada na timbragem geral.

Atualmente, também é intérprete oficial da União de Maricá.

- **Júlio Alves:** Compositor renomado na MPB, com músicas gravadas por artistas como Alcione, e autor de uma infinidade de sambas de enredo campeões, Júlio tem paixão e talento por canto e há dois anos integra o carro de som da Unidos do Viradouro.

Dedicado e sempre em busca do conhecimento e aprimoramento em aulas de canto e percepção musical, Júlio Alves surpreende a cada desfile. O timbre médio grave complementa os harmônicos e faz a sustentação necessária do coral, sendo peça importante para a composição do grupo de cantores da escola.

## FICHA TÉCNICA

### Harmonia

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Músicos:

- **Hugo Bruno:** O craque. Um músico que todo mundo quer ao lado. Conhecedor da função como poucos, se impõe como um dos melhores cavaquinistas do Carnaval. Dono de uma “paletada” inconfundível, que dá um balanço fora do comum na execução com sua afinação de bandolim ( G D A E), ainda esbanja talento quando o assunto é leitura e respeito fiel ao arranjo.

Hugo é, hoje, o músico mais requisitado do carnaval e para gravações diversas no mundo do samba. É da Viradouro há quatro anos.

- **Roberto Migans:** Robertinho, como é conhecido desde os tempos de escola mirim em Niterói, passou a ser um músico de respeito e de referência na cidade. Atualmente, dá aulas particulares no instituto Cigam (Centro Musical).

Com pegada firme na “paletada”, faz o cavaco base (afinação base D G B D).

Obediente e fiel à leitura do arranjo, tem a função de manter o ritmo durante todo o desfile.

- **Rodrigo Araújo:** Renomado e respeitado no meio da música, além das escolas de samba que passou (Portela, Mocidade e União da Ilha), Rodrigo Araújo já foi violonista de Marquinhos Satan, Wander Pires, Preto Joia, e sempre figura nas principais produções do Maestro Jorge Cardoso.

Requisitado para gravações de compositores e para participações no disco oficial da Liesa, nosso violão de 7 cordas se destaca pela leitura fácil do arranjo e baixarias sutis e limpas, que evitam a poluição da letra. Na base, mantém o andamento com muito *swing*, segurança e qualidade ímpar.

Excelente músico, dedicado, estudioso e fiel à leitura do arranjo, completa a harmonia de cordas da Unidos do Viradouro. Como diz a letra do nosso samba: “...Acordes Virão da Viradouro...”.

##### Regência e direção musical

- **Maestro Jorge Cardoso:** Jorge é maestro, produtor musical e compositor.

É uma honra ter uma das maiores referências musicais do país ao nosso dispor, na Família Viradouro. Afinal, são 56 anos de carreira e de belos e notáveis serviços prestados à música brasileira.

Já produziu gigantes, como Emílio Santiago, Benito de Paula, Elymar Santos, Alexandre Pires com SPC, Alcione, Negritude Jr., Os Morenos, Grupo Raça, entre tantos outros.

No Carnaval, atua por muitas temporadas na produção musical, nos arranjos da Liesa e na direção musical, além de coordenar as técnicas de som nos desfiles há 27 anos.

Também cabe ao maestro a supervisão de áudio da Avenida, função que exerce desde 2010.

Produziu o espetáculo “Forças da natureza”, que ficou em cartaz por longos períodos na Cidade do Samba. Por três ocasiões, teve a honra de ser julgador dos desfiles das escolas de samba do Grupo Especial.

Na Viradouro, segue para o terceiro ano consecutivo como responsável direto pelo arranjo a ser executado e pela coordenação de timbres harmônicos e vocais do desfile.

Jorge Cardoso é peça fundamental e engrandece – e muito – o trabalho de harmonia da Unidos do Viradouro.

**Por Zé Paulo Sierra e Jorge Cardoso**

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

<p><b>Diretor Geral de Evolução</b> Mauro Amorim</p>
<p><b>Outros Diretores de Evolução</b> Magno Júnior, Jardel, Gabriel, Nélio, Rodrigo, Baeta, Romeu, Renata, Cesar, Michel, Marcos Mendes, Esther, Alexandre, Darlan, Igor, Renoah, Igor e Daniele</p>
<p><b>Total de Componentes da Direção de Evolução</b> 80 (oitenta) componentes</p>
<p><b>Principais Passistas Femininos</b> Thays Busson, Taylane Gomes e Hérica Isabel</p>
<p><b>Principais Passistas Masculinos</b> Pablo Jalles, Flávio Ferreira e Felipe Soares</p>
<p><b>Outras informações julgadas necessárias</b></p> <p><b>Do trabalho de Evolução:</b> A forma de trabalho é criteriosa quanto ao desempenho da evolução e a direção defende que os componentes devem ter uma evolução livre e espontânea dentro das alas, dando a eles a liberdade de se divertirem de fato com o desfile. Algumas alas trarão movimentos coreografados, com o objetivo de abrilhantar ainda mais a leitura visual do desfile.</p> <p><b>Sobre a ala de passistas:</b> <b>Nome da Fantasia: Ala 08 - Elite dos Corsos (Almofadinhas e Melindrosas)</b> <b>O que representa:</b> Os foliões que desfilam nos Corsos da Cidade Maravilhosa. Essa manifestação carnavalesca era a maneira mais tradicional da elite carioca ostentar nos desfiles. As belas jovens em maioria se portavam como Melindrosas, e os rapazes de Almofadinhas – personagens cariocas com inspiração na sociedade europeia. À frente da ala, Valci Pelé desfila como um exuberante “Chofer” – o condutor desse tradicional desfile de carros.</p> <p><b>Coordenador de Passistas: Valci Pelé</b> Herdeiro da tradição de grandes passistas portelenses - é o único passista no carnaval a ter dois Estandartes de Ouro (1999 e 2012) -, vem ao longo da carreira adquirindo prestígio e se tornando uma das maiores referências no segmento que mais valoriza o samba no pé. Há seis carnavais à frente da coordenação da Ala de passistas da Viradouro, qualifica a ala cada vez mais, se destacando também com o trabalho de formação e orientação de novos sambistas.</p> <p>Responsável pela direção artística dos shows realizados pela escola em diversos eventos, inclusive nas apresentações especiais que marcam as finais de samba da escola, é uma referência na cena carnavalesca, já que sabe como poucos fazer de uma simples ocasião um grande espetáculo de samba.</p> <p>Valci estará à frente de sua ala, dando mais um desses shows, desta vez com suas cabrochas e malandros.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b>		
-		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b>		
Alex Fab e Dudu Falcão		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b>		
-		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b>		
Renan		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b>	<b>Quantidade de Meninas</b>	<b>Quantidade de Meninos</b>
70 (setenta)	35 (trinta e cinco)	35 (trinta e cinco)
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b>		
Tia Cleia		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b>	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b>	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b>
75 (setenta e cinco)	Leda Rosa dos Santos 86 anos	Cristiane Nunes Lima 33 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b>		
Sr. José Carlos		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b>	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b>
67 (sessenta e sete)	Ilza de Moura 92 anos	Marcia Conceição 53 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b>		
Lorena Improta (Apresentadora), Patrícia Costa (Atriz) e Tia Maria de Xindó (Matriarca do Grupo Musical As Ganhadeiras de Itapuã)		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>A Direção de Carnaval, ao longo de toda formação do projeto, buscou equilíbrio entre as plataformas técnicas, artísticas e administrativas, sempre acreditando nessa ferramenta como instrumento para um bom desempenho.</p> <p><b>Alex Fab</b> – Filho de uma baluarte da Portela e criado entre os maiores bambas de Madureira, fez jus à herança cultural e encontrou no carnaval, além de uma paixão, uma profissão. Estreando em 2002 na azul e branco, quatro anos mais tarde já assumiu a responsabilidade de ocupar o cargo de gestão de harmonia, implementando ali o estilo de organização aprendido em anos de formação militar. A experiência na Força Aérea Brasileira ajudou Alex na condução dos trabalhos na escola e a fazer com que a agremiação figurasse com frequência no desfile das campeãs, que reúne as melhores de cada edição da festa.</p>		



## FICHA TÉCNICA

### Informações Complementares

#### **Outras informações julgadas necessárias**

Além da Portela, Alex tem no currículo passagens pelas coirmãs Caprichosos de Pilares e Imperatriz Leopoldinense. A chegada na Viradouro aconteceu em 2016, num momento crítico da escola, que na época desfilava pelo Grupo de Acesso. Com seriedade e competência, conseguiu rapidamente ajudar a tradicional agremiação a alcançar resultados impressionantes: um vice-campeonato em 2017, seguido de um primeiro lugar em 2018, fazendo a Viradouro voltar à elite numa ascensão meteórica, fruto de muita organização e trabalho em equipe.

Em 2019, já no Especial, a excelência da escola foi mantida e Alex Fab festejou mais um vice-campeonato, percebendo que o trabalho estava aproximando cada vez mais a vitória no grupo principal. E, de fato, a consagração maior estava perto de acontecer e fez cada esforço valer a pena. Em 2020, a Unidos do Viradouro conquistou um incontestável título, sendo a grande campeã da última festa na Sapucaí pré-pandemia.

A capacidade de liderança e o domínio na direção de carnaval renderam a Alex Fab, além da cobiçada taça de número 1 do Carnaval carioca, importantes prêmios, como o Plumas & Paetês de melhor direção de carnaval entre todas as divisões e ligas (ele faturou os troféus de 2019 e 2020).

**Dudu Falcão** – Deu profissionalmente os primeiros passos no carnaval em 2009, como diretor de ala da Portela e da Renascer de Jacarepaguá. Em poucos anos, ganhou mais espaço no Carnaval, passando a assinar a direção de harmonia da Caprichosos de Pilares.

Acumulando a cada temporada mais experiência, foi logo requisitado por outras escolas, como Mangueira e Imperatriz.

A partir daí, a trajetória de Dudu passa a se confundir com a de Alex Fab, uma vez que os dois firmaram uma elogiada parceria, que se reverteu em sucesso justamente na Viradouro de 2016, quando trabalharam juntos na direção de carnaval, a fim de reverter a situação difícil em que a escola se encontrava na Série A. A união de talentos funcionou e a dupla ajudou a vermelho e branco a levar o troféu de vice-campeã de 2017.

No ano seguinte, foi a vez de ocuparem o lugar mais alto do pódio com a Viradouro, com o campeonato que deu acesso ao Grupo Especial de 2019. A história a seguir, logicamente, é a mesma de Alex: comemoração do vice-campeonato no ano de retorno à elite, para o ápice da vitória em 2020, no desfile em homenagem às Ganhadeiras de Itapuã.

Em 2022, o primoroso e premiado trabalho da dupla - Dudu também faturou por dois anos seguidos o Plumas & Paetês - terá continuidade e poderá ser visto na pista de desfiles com a Viradouro, na expectativa de mais um campeonato para brindar os esforços e a dedicação intensa com a comunidade de Dudu Falcão e Alex Fab.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Alex Neoral e Marcio Jahú

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Alex Neoral e Marcio Jahú

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
13 (treze)	-	-

**Outras informações julgadas necessárias**

**Nome da Comissão de Frente: “E o Mundo Não se Acabou”**

“E o Mundo não se acabou”, composição de Assis Valente e imortalizada na voz de Carmen Miranda, teve como inspiração a pandemia que atingiu o planeta no ano de 1918.

A comissão de frente da Viradouro tem como personagem central o pierrô, que é a figura ilustrativa do espírito folião carioca. Ele enfrenta um mundo trevoso, dominado pela passagem da Gripe Espanhola. Neste momento, os componentes que representam esse mal trazem em suas expressões corporais movimentos estilizados da cultura hispânica (mais vigorosos), misturados com outros mais articulados, desconstruídos e bem-humorados. Em seguida, o protagonista invoca “A Chegada do Carnaval de 1919”, representada pelo elemento cênico que traz a mudança da atmosfera pandêmica para a luz emanada dessa folia histórica. E a dança torna-se aérea e acrobática, expressando leveza e plenitude.

Durante a apresentação, o pierrô protege um baú que contém o seu bem mais precioso: o Carnaval. Dentro dessa caixa, um objeto de grande simbolismo na folia representa a esperança e retomada da alegria.

Por fim, o Carnaval consegue se vingar das restrições que o passado lhe impôs e, finalmente, se despede da macabra visita da “hespanhola”.

Os bailarinos da Comissão de frente da Unidos do Viradouro irão se alternar, ficando aparentes em cena entre 10 e 13 integrantes do grupo.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**\*Referências conceituais da Comissão de Frente:**

-“A Chegada do Carnaval 1919” - Título da charge abaixo assinada pelo caricaturista Hélios Seelinger, 1º de Março de 1919 - Revista Fonfon. Serviu de inspiração para a conceituação da Comissão de Frente. Foliões de luz a dominarem o mundo pós-pandêmico.



-“Influenza Hespânica” - Kalixto. Gazeta de Notícias - Rio de Janeiro, Domingo, 29 de Setembro de 1918. Charge que inspirou os figurinos das espanholas.

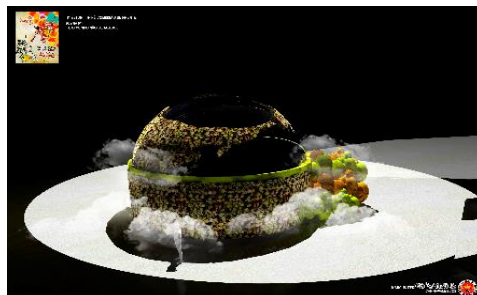


**Nome do Elemento Cênico:** A Chegada do Carnaval 1919

**Criação do Elemento Cênico:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**Confecção:** Biano Ferraro e Orlando

**O que representa:** A atmosfera trevosa após a passagem da gripe espanhola pelo mundo e a radiante luz que prenuncia a chegada do Carnaval 1919.



Essas imagens são do croqui original e servem como referência. Elas representam dois momentos distintos do mesmo elemento cênico (antes e após a transformação).

## FICHA TÉCNICA

### Comissão de Frente

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Sobre o Coreógrafo:

**Alex Neoral:** Iniciou os estudos da arte de dançar em 1994. Integrou algumas das principais companhias de dança do Brasil, entre as quais Deborah Colker, Nós da Dança, Grupo Tápias e Vacilou, Dançou.

Em 2000, fundou a Focus Cia de Dança, sendo atualmente um dos grupos do segmento mais atuantes do país, acumulando apresentações memoráveis em mais de 100 cidades brasileiras. No exterior, se destacou em países como Alemanha, Itália, Panamá, França, Portugal, Estados Unidos, Canadá, México, Costa Rica, Bolívia e Colômbia.

Como professor de dança contemporânea, Neoral ministrou aulas em Washington DC, Canadá e na Itália, além de ter conduzido inúmeros *workshops* pelo Brasil. Como coreógrafo convidado, atuou em muitos trabalhos, com destaque para a remontagem de “Pathways”, para o CityDance Ensemble de Washington DC, além de musicais e peças inéditas para o respeitado Teatro Bolshoi do Brasil, as conceituadas Cia. Nós da Dança e São Paulo Cia de Dança.

Já em 2016, viu sua companhia ser agraciada com a Comenda Ordem do Mérito Cultural, prêmio mais importante concedido pelo Ministério da Cultura.

No Carnaval, Alex é coreógrafo de comissões de frente há 12 temporadas, tendo colocado toda sua qualificação a serviço de várias escolas de samba, como Imperatriz Leopoldinense, Vila Isabel e Unidos da Tijuca.

A estreia na Unidos do Viradouro aconteceu em 2019, quando alcançou nota máxima com um show “mágico” na comissão de frente daquele ano.

Em 2020, repetiu o sucesso e fez história com a aclamada comissão de frente da “sereia”, introduzindo com maestria o desfile da Viradouro na Sapucaí, ajudando a escola na conquista do campeonato. Além do título, Alex Neoral vibrou com outras vitórias, como o cobiçado Estandarte de Ouro, honraria proporcionada aos melhores do Carnaval pelo Jornal O Globo.

**Marcio Jahú:** Bailarino carioca, formado pelo Centro de Dança Rio (2004) e graduado em licenciatura em dança pela UniverCidade (2005). Ingressou na Focus Cia de Dança em 2006, onde atuou por 14 anos participando de diversas criações de espetáculos e turnês nacionais e internacionais, dançando em palcos da França, Estados Unidos, Alemanha, Panamá, Canadá, para citar alguns, e na quase totalidade das capitais brasileiras.

Foi indicado como melhor bailarino pelo Primeiro Prêmio Cesgranrio de Dança (2019), além de ter recebido indicações e conquistado vários prêmios pela Focus Cia de Dança, como Melhor Elenco.

Ao lado de Alex Neoral, há 12 anos Jahú assina coreografias em comissões de frente do Carnaval do Rio de Janeiro e trilhou a mesma trajetória de sucesso do parceiro, incluindo as festejadas duas últimas comissões de frente da Unidos do Viradouro - “mágica” em 2019 e “sereia” em 2020.

Off Carnaval, Marcio Jahú é diretor artístico da Focus - Espaço de Criação.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Elenco:**

- |                   |                       |                           |
|-------------------|-----------------------|---------------------------|
| 1. Marcão Vargas  | 9. Raposa Cosmos      | 17. Krystal Fokatruá      |
| 2. Moises Pepe    | 10. TaySonPio         | 18. Patrique Mattos       |
| 3. Luis Vidal     | 11. Joanne Cosmos     | 19. Maria Antônia Imbraim |
| 4. Carlos Veiga   | 12. Pedro Rusenhack   | 20. Trislane Martins      |
| 5. Yitzhack Davi  | 13. Jorge Assunção    | 21. Igor Lira             |
| 6. Jeff Lengruber | 14. Letícia Tavares   | 22. Marino Rocha          |
| 7. Caio Leonardo  | 15. Vitor Sampaio     |                           |
| 8. Maicon Lima    | 16. Leonardo Oliveira |                           |

**Destacamos:**

**Leonardo Oliveira** – Atleta de ginástica artística por 10 anos do CGAA (Centro de Ginástica Artes Avenida). Bailarino em espetáculos clássicos, como “Quebra Nozes”, “Dom Quixote”, e outros. Atualmente, é aluno do Espaço de Dança École de Dance Kdias, com participações em festivais nacionais e internacionais, como o Pridansp (Festival Internacional de Dança de São Paulo).

**Marino Rocha** – Formado pela CAL/RJ, o ator tem 25 anos de carreira, 30 espetáculos teatrais e oito filmes no currículo. Atualmente, ensaia a ópera “Iolanta - A Princesa de Vidro”, que tem direção de Daniel Herz e entrou em cartaz em janeiro no CCBB /RJ.

Atuou no teatro em peças como “Cinderella da Broadway” e “Dançando no Escuro”. No cinema, integrou o elenco da comédia “Tô Ryca 2”, de Pedro Antônio Paes.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Julinho Nascimento	<b>Idade</b> 48 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Rute Alves	<b>Idade</b> 48 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Jefferson Souza	<b>Idade</b> 40 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Amanda Poblete	<b>Idade</b> 25 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> João de Oliveira	<b>Idade</b> 21 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Duda Martins	<b>Idade</b> 19 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia:** *Lumière, meu Rio!*

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**Confecção:** Ateliê Aquarela Carioca

**O que representa:** *Lumière, meu Rio!* Em 1919, o Rio de Janeiro respirava os ares da Belle-Époque. O primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Viradouro irradia a luz sobre o momento trevoso que a sociedade carioca atravessava. “À luz do celeste” (Sol e Lua) intitulou o tema do primeiro baile pré-carnavalesco do Club dos Democráticos daquele ano. O casal destaca, em meio às trevas, a certeza de que seria possível irradiar a luz para o Carnaval de 19.



\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### Guardiões 1º Casal

**Nome da Fantasia:** Bal Masquè

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**Confecção:** Ateliê Bianco Ferraro

**Coreógrafo(a):** Lu Altman

**O que representa:** Os guardiões personificam “bal masquè” (baile de máscaras) enfatizando a ligação com a cultura europeia e o modo como a elite carioca estava indo para o baile pré-carnavalesco do Club dos Democráticos. A cabeça da fantasia é uma referência à máscara utilizada pelos profissionais de saúde durante a peste negra (última pandemia antes da Gripe Espanhola). No Carnaval, tais máscaras foram ressignificadas, virando adorno carnavalesco. Trazem nas mãos as máscaras do Sol e da Lua - referência ao tema do baile: À luz do celeste.



\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### **Outras informações julgadas necessárias**

**Julinho Nascimento:** Começou sua trajetória no samba em 1986, no Corações Unidos do CIEP, como mestre-sala mirim. Em 1988, passou a integrar a Tradição, e, em 1990, recebeu a missão de ocupar o posto de primeiro mestre-sala da agremiação, dançando com sua madrinha, a lendária porta-bandeira Vilma Nascimento.

A história com a Viradouro começou em 2006, mas Julinho também emprestou seu sofisticado bailado a outras coirmãs, como Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca.

Em 2018, o dançarino voltou a defender o pavilhão da Viradouro e, com Rute Alves, com quem forma um dos pares mais respeitados do Carnaval, ajudou a fazer da escola de Niterói a campeã da temporada da Série A.

A dupla conquistou, ainda, notas máximas em 2019 (vice-campeonato) e 2020 (campeonato).

Na carreira, o mestre-sala da vermelho e branco tem três títulos do Grupo Especial: 2013, Vila Isabel; 2014, na Unidos da Tijuca; e 2020, Unidos do Viradouro. Julinho também foi agraciado em 4 edições do Estandarte de Ouro, conceituada premiação do jornal O Globo (2009, 2010, 2011, 2012).

Com isso, o casal segue sendo referência quando o assunto é elegância, leveza e beleza na arte do bailado.

**Rute Alves:** São 25 anos como porta-bandeira, 13 deles dançando ao lado de Julinho Nascimento. Essa experiência se traduz em segurança e técnica na hora de encarar a responsabilidade de se apresentar para o público e jurados da Avenida.

Ingressou na Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte presidida por Manoel Dionísio em 1996. No ano seguinte, estreou na Marquês de Sapucaí, sendo escolhida em concurso para ser a primeira porta-bandeira da São Clemente, embora estivesse concorrendo para o posto de segunda porta-bandeira.

Com passagens por agremiações de grande relevância no Carnaval, como Portela, Porto da Pedra, Salgueiro, Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca, ganhou duas vezes o Prêmio Estandarte de Ouro e foi por quatro vezes campeã no Grupo Especial.

Nos últimos desfiles, garantiu todas as notas máximas dos jurados, ajudando no vice-campeonato da escola de Niterói em 2019 e no último campeonato do Grupo Especial, em 2020, reafirmando, ano após ano, o talento e qualidade da parceira.

#### **Ensaiaadora do Primeiro Casal:**

**Celeste Lima:** Bailarina e ensaiadora do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Celeste Lima é responsável por todas as obras do repertório clássico e moderno da companhia.

Atualmente, é coreógrafa e ensaiadora do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, desenvolvendo há quatro anos um trabalho personalizado, que consiste em aprimorar as técnicas da dança tradicional do casal no que diz respeito à elegância e realizar o refinamento dos movimentos, ao mesmo tempo respeitando a identidade e o estilo de cada um.



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

**Nome da Fantasia:** Folias no Coreto Marcial

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**Confecção:** Ateliê Murilo Moura

**O que representa:** As folias dos coretos marciais da Região Central do Rio. Os coretos eram decorados no carnaval por grandes artistas plásticos da época, como o cartunista J. Carlos. Folias que eram animadas pelas mais tradicionais bandas marciais da cidade.



\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

#### Guardiões 2º Casal

**Nome da Fantasia:** Fanfarra Marcial

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**Confecção:** Ateliê Bianco Ferraro

**O que representa:** As bandas marciais que animavam as folias dos coretos da Região Central da cidade do Rio de Janeiro.



\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### **Outras informações julgadas necessárias**

**Jeferson Souza:** Começou na Grande Rio, na ala de projeto de mestre-sala e porta-bandeira. Em pouco tempo de dança, já assumia a posição de primeiro mestre-sala das escolas União de Jacarepaguá, Em Cima da Hora e Renascer de Jacarepaguá, além de ser o segundo mestre-sala da Portela (2007 a 2015). Em 2018, o grande desempenho no Império da Tijuca fez surgir o convite para fazer par com Amanda Poblete na Viradouro. Pelo quarto ano consecutivo, Jeferson é o segundo mestre-sala da Viradouro.

**Amanda Poblete:** Professora de Educação Física, Poblete completa 11 anos como porta-bandeira no Carnaval 2022 e acumula passagens pelas agremiações Sereno de Campo Grande, Unidos de Padre Miguel, Mocidade Unida de Jacarepaguá, Difícil é o Nome, Paraíso do Tuiuti, Renascer de Jacarepaguá, Unidos Vila Isabel e São Clemente. Na bem-sucedida trajetória, conquistou alguns prêmios, como Jorge Lafond de Melhor Porta-Bandeira da Série A, em 2014 e 2015; Prêmio SambaNet e Estrela do Carnaval de Melhor Casal da Série A, em 2015; e Prêmio Jornal do Sambista, de Melhor Casal da Série A, em 2016. Pelo quarto ano consecutivo, Amanda é a segunda porta-bandeira da Viradouro.

#### **Ensaiadora do Segundo Casal:**

**Marluce Medeiros:** Bailarina e coreógrafa, pós-graduada em preparação corporal nas artes cênicas pela Faculdade Angel Vianna, graduada em Educação Física pela Universidade Gama Filho e formada no curso técnico no Centro de Dança Rio.

Concluiu o curso da Royal Academy of Dance – Brasil em 2003 e coordenou o Projeto Social do Instituto Ary Carvalho – Jornal O Dia. Atualmente, é diretora do Studio Talento e Arte Escola de Dança e Diretora da T.Arte cia de dança. Atua também como bailarina e assistente de coreografia em diversos especiais de TV, programas, minisséries, filmes, comerciais, novelas e musicais, entre eles "Sambra 100 anos de samba", "Bem Sertanejo o musical", "Zeca Pagodinho - Uma história de amor ao samba" e "Gilberto Gil - Aquele Abraço".

Também integra o quadro da diretoria da Federação de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e é Presidente do Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro (SPDRJ). Em 2021, foi contemplada nos Editais “Fomenta às artes”, pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, e “Retomada Cultural”, pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, com a T.Arte Cia de dança e o espetáculo “Amadurecer”, ambos pela Lei Aldir Blanc e do Prêmio Funarj de Dança 2021.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 3º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

**Nome da Fantasia:** Rancho Macaco é Outro

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**Confecção:** Ateliê Alessandra Reis

**O que representa:** Na região da Pequena África, os ranchos eram as principais atrações no período do carnaval. Influenciados pela cultura africana, se exibiam em formato de cortejo. Neles, havia uma porta-estandarte e um mestre-sala. O terceiro casal representa um dos mais emblemáticos e importantes ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro em 1919: o “Macaco é Outro” foi fundado por Tia Ciata e Hilário Jovino e propagava uma grande ligação com a ancestralidade africana.



\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

\* O Casal portará o estandarte do “Rancho Macaco é Outro”.



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### **Outras informações julgadas necessárias**

**João de Oliveira:** João de Oliveira atua como mestre-sala desde os 14 anos, quando foi revelado por Daniel Ghanem para dançar na escola mirim da União da Ilha do Governador. O jovem tem passagens como 2º mestre-sala do GRES Arrastão de Cascadura, 1º mestre-sala do GRES Nação Insulana, onde por dois anos garantiu a nota máxima para a agremiação. Atualmente, João também atua como 1º mestre-sala do GRES Independentes de Olaria, escola em que já dança há quatro anos. Ele teve ainda participações em projetos de casais de mestre-sala e porta-bandeira da Portela, Renascer de Jacarepaguá e Viradouro. Com notável reconhecimento, foi convidado pela diretoria da vermelho e branco de Niterói para assumir o posto de terceiro mestre-sala neste Carnaval.

**Duda Martins:** Começou a dançar com apenas cinco anos, na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio. Além de fazer parte do projeto de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, onde participou e ganhou o concurso para defender o terceiro pavilhão da agremiação para 2022, é segunda porta-bandeira da Botafogo Samba Clube e ainda exerce a mesma função na Bafo do Tigre, de Niterói. A dançarina ainda mostra seu talento como segunda porta-bandeira da Lins Imperial.

#### **Ensaaiador do Terceiro Casal:**

**Daniel Ghanem:** Fisioterapeuta especializado em dança, educador e formador de casais de mestre-sala e porta-bandeira, Daniel Ghanem é coreógrafo do terceiro casal da Unidos do Viradouro. Ainda é responsável pelo primeiro casal da Piratas da Batucada, em Macapá, da Unidos da Saudade, em Friburgo, do rancho “Não posso me amofiná”, em Belém, e “Deu chucha na zebra”, em Uruguaiana.

Começou a estreitar relações com o quesito mestre-sala e porta-bandeira na União da Ilha, quando compôs um terceiro casal, e quando foi jurado no Carnaval de São Paulo.

Fora da pista de desfiles, viaja o país com cursos e *workshops* e comanda o projeto social da Unidos do Viradouro.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### Ala 16 - Grupo de Casais de Mestres-salas e Porta-Bandeiras Mirins

Nome da Fantasia: **Rancho Rosa Branca**

Criação do Figurino: Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

Confecção: **Ateliê Alessandra Reis**

**O que representa:** Outro importante rancho carnavalesco fundado por Tia Ciata e Hilário Jovino: o Rosa Branca. O grupo transformou-se em um momento culminante dos festejos carnavalescos da região da Praça Onze. Seguindo a tradição dos ranchos, a porta-estandarte desfilou com seu mestre-sala no Carnaval de 1919 portando os estandartes dos principais Ranchos Carnavalescos da Pequena África.



\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

\* Cada casal do projeto portará um dos seguintes estandartes:





# **G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS**



**PRESIDENTE  
ALMIR REIS**





*“EmpretecER o Pensamento É  
Ouvir a Voz da Beija-flor”*



**Carnavalesco**  
**ALEXANDRE LOUZADA**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b>					
<i>“Empretecer o Pensamento é Ouvir a Voz da Beija-flor”</i>					
<b>Carnavalesco</b>					
Alexandre Louzada					
<b>Autor(es) do Enredo</b>					
Autoria coletiva a partir de diversas sugestões enviadas pela nossa comunidade					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b>					
Joãos Gustavo Melo					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b>					
Alexandre Louzada, André Rodrigues e João Gustavo Melo					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	A Propósito do Teatro Experimental do Negro in: Teatro Experimental do Negro: Testemunhos	BATISDE, Roger.	Edições GRD	1966	98-104
02	Branquitude: Estudos sobre a Identidade Branca no Brasil	CARDOSO, Loureço; Muller, Tania M. P.	Aprris	2017	Todas
03	Pérolas Negras – Primeiros Fios: Experiências Artísticas e Culturais nos Fluxos entre África e Brasil	CONDURU, Roberto.	Ed. UERJ	2013	Todas
04	Exposição 70 Anos Beija-Flor: de Sambas, de Enredos, de Memórias e Comunidade	DEPARTAMENTO CULTURAL DO G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS.	Exposição	2019	--

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
05	As Três Irmãs: Como um Trio de Penetras “Arrombou a Festa”	DINIZ, Alan; FABATO, Fábio; MEDEIROS, Alexandre.	NovaTerra	2012	Todas
06	Literatura Afro-brasileira: Elementos para uma Conceituação	DUARTE, Eduardo de Assis.	Arquivo Nacional	2009	Todas
07	Pele Negra, Máscaras Brancas	FANON, Frantz	EDUFBA	2008	Todas
08	O Brasil é um Luxo: Trinta Carnavais de Joãozinho Trinta	GOMES, Fábio	Centro Brasileiro de Produção Cultural (CBPC)	2008	Todas
09	Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada	JESUS, Carolina Maria de	Ática Paradidáticos	2014	Todas
10	Poética	LOPES, Nei	Mórula	2014	Todas
11	Maravilhosa e Soberana: Histórias da Beija-Flor	MOTTA, Aydano André	Verso Brasil	2012	Todas
12	O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-africanista	NASCIMENTO, Abdias	Fundação Cultural Palmares	2002	Todas
13	A Agenda das Negras é Tudo	OLIVEIRA, Flávia	Jornal O Globo	2018	Todas

**FICHA TÉCNICA****Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
14	Quem Tem Medo do Feminismo Negro?	RIBEIRO, Djamila	Companhia das Letras	2018	Todas
15	Fogo no Mato	RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio	Mórula	2018	Todas
16	Épuras do Social: Como Podem os Intelectuais Trabalhar para os Pobres	SANTOS, Joel Rufino dos	Global	2014	Todas
17	O Corpo Encantado das Ruas	SIMAS, Luiz Antonio	Civilização Brasileira	2019	Todas
18	André Rebouças: um Engenheiro do Império	TRINDADE, Alexandre Dantas	Hucitec	2011	Todas
19	Dicionário da História Social do Samba	LOPES, Nei. SIMAS, Luiz Antonio	Civilização Brasileira	2015	276
20	Samba, o Dono do Corpo	SODRÉ, Muniz.	Mauad	1998	25-29

**Outras informações julgadas necessárias**

Além da bibliografia básica, a pesquisa contou com sugestões de vídeos e palestras listadas abaixo.

**Reancestralizar as Vozes Através das Filosofias Africanas – Katiúscia Ribeiro**

(RE)ancestralizar as vozes através das filosofias africanas | Katiúscia Ribeiro | TEDxUnisinos - YouTube

## FICHA TÉCNICA

Enredo

### Outras informações julgadas necessárias

Além da bibliografia básica, a pesquisa contou com sugestões de vídeos e palestras listadas abaixo.

#### **Afrofuturismo: a Necessidade de Novas Utopias**

[Afrofuturismo: A Necessidade de Novas Utopias | Nátaly Neri | TEDxPetrópolis - YouTube](#)

#### **O que É Afrofuturismo?**

[O que é afrofuturismo? | Fábio Kabral | TEDxMauá - YouTube](#)

#### **A Costura da Memória: Rosana Paulino**

[A Costura da Memória - Rosana Paulino. - YouTube](#)

#### Sobre o carnavalesco Alexandre Louzada:

Falar de Alexandre Louzada, é falar de carnaval. É traçar uma trajetória vitoriosa sem fronteiras, repleta de momentos memoráveis na folia das últimas décadas.

Louzada construiu uma carreira sólida tanto no carnaval do Rio de Janeiro quanto no de São Paulo. Sempre fazendo desfiles clássicos com assinatura carnavalesca muito luxuosa, detalhista e grandiosa. E assim, se tornando um dos grandes campeões da era Sambódromo.

Detentor da incrível marca de seis títulos no grupo especial do Rio de Janeiro, o artista tem uma marca única: é o que mais tem títulos em escolas diferentes (Mangueira, Vila Isabel, Beija-flor e Mocidade Independente de Padre Miguel). Seu estilo agrada tanto os foliões mais tradicionais como traz frescor e inovação para suas criações. Os títulos atravessaram a ponte aérea: seis no Rio, dois em São Paulo. Quatro dos campeonatos cariocas foram conquistados em diferentes agremiações, feito inédito até o momento.

Mas antes das vitórias, veio a história. A estreia foi em 1985, já na escola que mais fazia seu coração bater: a Portela, com o enredo “Recordar é Viver”. Ele permaneceu na Majestade do Samba no ano seguinte, embalando a escola nos braços de “Morfeu no Carnaval” e firmando-se como uma grande promessa da folia carioca.

Depois, foi parar na alegre União da Ilha com o enredo “Extra Extra”. Passou pela Unidos do Cabuçu e Caprichosos de Pilares, onde assinou três carnavais consecutivos, fazendo uma dobradinha com a Unidos da Ponte, em 1990 e 1992, no grupo de acesso.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

Em 1993, com o seu “Mundo da Lua”, fez a Grande Rio se firmar no grupo especial com um desfile surpreendente que marcou a história da tricolor de Caxias. Teve uma passagem pela Estácio de Sá e no ano seguinte fez a sua estreia no carnaval de São Paulo. Na Camisa Verde e Branco e ao mesmo tempo na Acadêmicos da Rocinha no grupo de acesso, ele mostrou que era possível fazer grandes carnavais nas duas cidades.

Voltou para a Escola de Pilares no ano seguinte e, em 1997, fez o enredo “Madeira Mamoré, a volta dos que não foram lá no Guaporé”, num breve retorno à Grande Rio.

O seu primeiro e aguardado campeonato viria com a grandeza do seu homenageado e uma emoção que só quem pisa em solo verde e rosa sente. “Chico Buarque da Mangueira” marcou definitivamente sua vida e a história do carnaval. Só quem estava lá sabe o que foi esse desfile.

Nos dois anos seguintes, ainda na Mangueira, Louzada deixou em nossas memórias as inesquecíveis comissões de frente, assinadas por Carlinhos de Jesus, como a do “Século do Samba”, que trouxe para a avenida de volta Cartola, Clara Nunes, Noel Rosa e muitas outras figuras imortais do carnaval. Só de pensar, arrepia.

Fez o seu retorno à Portela e lá permaneceu por três anos, até 2003. Nos anos seguintes, na da Porto da Pedra, criou em 2005, numa nova proposta, um desfile impactante com a reedição de “Festa Profana”, icônico samba da União da Ilha.

Mas foi em 2006, falando sobre a latinidade na Vila Isabel, com “Soy loco por ti América” que ganhou seu segundo título. A escola desde então, não saiu mais do rol das melhores do Rio.

Em 2007, fez uma movimentação inédita para a sua carreira e foi para a Beija Flor de Nilópolis para integrar a Comissão de Carnaval. Com o irrepreensível enredo “Áfricas”, conquistou mais um campeonato arrebatador. E logo no ano seguinte veio o bicampeonato na azul e branco de Nilópolis com “Macapaba”.

Louzada permaneceu na Beija-Flor com ótimos resultados até 2011, ano em que conquistou mais um título com uma homenagem ao Rei Roberto Carlos com o enredo "Simplicidade de um Rei". Nesse mesmo ano, ganhou também o seu primeiro campeonato no carnaval de São Paulo, com o enredo “A música venceu”, uma comovente homenagem ao maestro João Carlos Martins na escola de samba Vai-Vai.

Assinou os carnavais da Mocidade Independente, em 2012, com o sensível enredo sobre Portinari e com o polêmico sobre o Rock in Rio, em 2013. Em 2012, também assinou os carnavais do Vai-Vai e da Viradouro, no grupo de acesso. Já em 2013, fez o carnaval da Império de Casa Verde e ficou lá até 2014.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

Os dois anos que se seguiram seriam definidos por enredos emblemáticos na Portela. Desfiles esses que marcaram o retorno da potência competitiva da Majestade do Samba. O mar de águias em 2014 no seu “Rio de mar a mar” e a Águia Redentora em 2015 no seu “Imagina Rio”. Eles podem não ter saído com o título, mas se tornaram imagens inesquecíveis do carnaval carioca. Ainda em 2015, Louzada ganhou mais um título pelo Vai-Vai, integrando uma comissão que elaborou o desfile cujo enredo foi “Simplesmente Elis”.

Retornou à Mocidade Independente em 2016, mas foi em 2017, com seu enredo “As mil e uma noites numa Mocidade pra lá de Marrakech” que ele fez o Aladin voar em seu tapete mágico levando ao delírio o povo da Sapucaí e dando mais um título para Padre Miguel!

Permaneceu na Mocidade até 2019, mantendo-a no desfile das campeãs pelos dois anos seguintes, com o seu “Namastê” e “Eu sou o Tempo”. Com o enredo de 2020, “Se essa rua fosse minha”, Alexandre retoma um grande casamento bem-sucedido com a Deusa.

Depois do hiato que as circunstâncias impuseram à festa, o próximo Carnaval de Louzada vai certamente nos brindar com mais um belo espetáculo. Esperamos que o enredo “Empretecendo o pensamento”, faça com que todos ouçam a voz da Beija-flor. E, quem sabe, conquistar mais um título.



## HISTÓRICO DO ENREDO

*Este enredo é de autoria coletiva. Nasceu pelas mãos, vozes e memórias de cada componente da nossa comunidade.*

A imagem do Pensador, a bela estatueta do povo *tchowkwe*, que habita a região Nordeste de Angola, inspira-nos a levar para a Avenida um enredo sobre a contribuição intelectual negra para construção de um Brasil mais africano.

Nossa civilização conhece e respeita os pensamentos esculpidos em mármore greco-romano. Mas por que não talhar os saberes em ébano? Empretecer o pensamento do mundo é dar a toda a humanidade a oportunidade de uma visão diferente e original, com novos caminhos para o futuro, estabelecendo outras rotas possíveis. Empretecer o pensamento é ouvir a voz da Beija-flor!

Muitas vezes enquadrada no campo do primitivo e do exótico, nossa forma sofisticada de ver o mundo é desvalorizada por estruturas coloniais racistas que desprezam a riqueza intelectual que produzimos.

Por isso, mais do que nunca, é hora de inspirar mentes, trabalhar pelo “reencantamento” de tudo, e talhar em madeira forte nossos saberes, feito sementes espalhadas por soberanos pássaros de ébano.

***“No caminho da luz, todo mundo é preto”  
(Emicida)***

A diáspora do pensamento negro é um jogo de espelhos que faz refletir, por muitas e muitas terras, povos e gerações, o valor da nossa gente. Um negrume multicolor que construiu monumentos em eras gloriosas, mas que também passou a sofrer constantes tentativas de apagamento e silenciamento. Nossa sabedoria ancestral, ora atribuída a outros povos, ora fragmentada, decomposta e demonizada, hoje procura novas respostas aos problemas que afligem a gente preta no Brasil.

A costura de um tecido de pensamentos sofisticados se dá a partir dos ensinamentos dos antigos para constituirmos a “afrosfia” de hoje. Em memórias transmitidas de geração a geração, somos sujeitos de poder, guiados pelos ancestrais. Produzimos jeitos diversos de pensar o sentido de um mundo plural, mesmo que máscaras brancas sejam colocadas sobre a pele negra, uma forma violenta e vil de ocultar nossos saberes. Por um novo “Nascimento”, evocamos Abdias, na formulação de um aquilombamento para seguirmos adiante, altivos e unidos. A voz da intelectualidade preta se ergue contra as desigualdades, propondo novos caminhos para transformar a realidade em que vivemos. É o levante quilombista em nome de uma sociedade mais justa!

A partir desse pensamento, o legado dos nossos ancestrais persiste nas cores e nas formas que se afirmam pujantes, assim como a saga do nosso povo. Em muitos tons de negro, erguemos totens, esculpimos imagens de adoração de muitas fés, trançamos palha e fibra, entrelaçamos referências, bordamos a geometria das coisas e dobramos o tempo. Um levante artístico, um compromisso com a nossa causa e com as nossas demandas, colocamos nos fios das artes visuais as mais raras pérolas e as contas mais sagradas, forjamos o legado dos nossos antepassados.

A escrita de nós sobre nós faz emergir uma literatura que não se limita à entronização de heróis coloniais. Mesmo ocultados por “capas” que nos embranqueceram ao longo da história, nossa gente preta tem feitiço na palavra, que molda nossas escrevivências. Nossos personagens são escritos nas frestas, somos filhas e filhos do cotidiano e do épico, da dor e do prazer, dos movimentos sociais e das reflexões coletivas. As fraturas do processo escravocrata se manifestam na inquietação das palavras de azeviche. Imagens “poéticas” de potência avassaladora, original e amplificadora de sentimentos e revoltas. São faíscas literárias que encandeiam ideias retintas e permitem reescrever mais e mais Brasis.

Sob as luzes – e às vezes sob as sombras - da ribalta, encenamos a liberdade como texto primordial. Nos palcos do Teatro Experimental do Negro, invocamos a energia vital dos antepassados, espelhando a fúria e a brandura das divindades. Alegria e manifestação! Articulações engajadas fazem com que se multipliquem nomes e mais nomes entre a “grande constelação das estrelas negras”. São a essência do vigor dos nossos passos, da expressão maior dos nossos sonhos e dos nossos corpos instruídos de energia e técnica. Cada corpo, um orixá, cada pele, um atabaque! Somos constante movimento, pois somos filhos de deuses que dançam.

E do movimento dos corpos que se oferecem ao místico e ao sagrado, nascerá uma nova consciência. E será cortejada por um pássaro de ébano, mestre-sala dos ventos a lufar sementes do samba, criação preta em essência. Filosofia em tambor sincopado que se transformou no maior espetáculo do *ayê*. Que possamos celebrar a arte que se afirma em cada Carnaval quando uma voz canta e um corpo responde “ao ressoar do som de um tambor”. O lugar de fala da Beija-flor é o de agremiação que agrega e produz saberes, ideias e energias que movimentam nossos corpos e mobilizam nossas mentes.

Maravilhosa e soberana é a nação que anualmente ritualiza e espalha seus saberes ancestrais. Em Apoteose, vamos elevar nosso cantar feliz a Cabana, o pensador que, com suas composições e enredos, ajudou a esculpir o Beija-flor no terreiro sagrado do carnaval.

A ele e todos os ancestrais do samba, dedicamos nosso desfile, exaltando a memória e o trabalho intelectual do povo preto, e evocando o símbolo *adinkra* do pássaro que, com os pés fincados no chão, olha para trás para poder agir no presente e seguir rumo ao futuro.

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

*A Beija-Flor de Nilópolis, como referência cultural formada essencialmente pelo povo negro da Baixada Fluminense, ao propor um enredo tendo foco central a intelectualidade negra, reafirma as pautas sociais cujas demandas passam pela defesa do sistema de cotas raciais e pelo cumprimento da Lei 10.639 (atualizada pela Lei 11.645), que trata da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Repudia ainda qualquer discriminação religiosa contra o nosso povo, reafirmando a laicidade do Estado brasileiro. E, por fim, torna-se mais uma voz a se levantar contra a violência no país, que tem atingido especialmente corpos negros, vítimas do racismo estrutural que vigora no país.*

*Basta! Seus filhos já não aguentam mais!*

Este enredo foi concebido entre os meses de abril e maio do ano de 2020. Ele seria apresentado no desfile de 2021, mas, devido ao recrudescimento da pandemia de Covid-19, o projeto foi transferido para o carnaval deste ano. Tal adiamento possibilitou uma série de imersões junto à nossa comunidade tendo o enredo como base de ação. Cada vez mais os debates aqui trazidos se tornam atuais e necessários. Ao longo dos últimos dois anos, as provocações a partir da produção intelectual negra vêm mobilizando nossos corpos e nossas mentes, tendo a Beija-flor como mocambo (refúgio, esconderijo, termos que julgamos adequados para definir nossos ajuntamentos em tempos pandêmicos) de uma série de reflexões internas.

A nossa agremiação passou por um processo de reaquilombamento, segundo as bases de Abdias Nascimento. Debates, interlocuções com o poder público por meio de iniciativas educacionais antirracistas, exposições, espetáculos teatrais, disputa do samba de enredo, divulgação das fantasias, ensaios... Cada evento, cada encontro, cada passo da construção deste projeto de carnaval está sendo marcado pela coletividade e é uma potente maneira de espalhar ao vento essas sementes, que irão germinar por muitos e muitos carnavais.

Nascido a partir da vontade dos nossos componentes em sugestões que pediam a volta da temática africana ao desfile da escola, este enredo tem possibilitado o retorno ao legado dos nossos antepassados, restaurando a consciência histórica africana, embasada por diversas pensadoras pretas e pensadores pretos que são a base teórica e estética para o nosso desfile.

Em certos momentos, algumas reflexões trazidas no desfile podem causar incômodo. Mas é justamente essa a função intelectual contida processo de desconstrução: provocar debates e questionar o senso comum, especialmente neste momento em que o Brasil e o mundo se debruçam intensamente sobre questões ligadas ao combate à desigualdade social e racial. Na contemporaneidade, a produção intelectual busca responder à falsa equivalência de oportunidades, com uma base de pensamento fincada na ancestralidade, que vem questionando paradigmas ultrapassados e verdades construídas no mármore do racismo.

Empretecendo o pensamento do mundo é dar a toda a humanidade a oportunidade da visão original negra, com novos caminhos para o futuro, estabelecendo outras rotas possíveis. Sendo assim, este enredo se baseia nos fundamentos do Afrofuturismo, a partir da perspectiva que enxerga o povo preto como emanador de conhecimento, ao contrário de um pensamento exclusivamente eurocêntrico, divulgado e absorvido de forma arbitrária como o “padrão” do mundo. O futuro é ancestral! Essa visão é fundamental para entender de onde viemos e construirmos no presente um novo amanhã. Não descendemos de escravos. Descendemos das primeiras civilizações que construíram as bases do conhecimento global, que foram usurpadas, expropriadas e usadas contra nós mesmos pela estrutura colonial racista, sequestro que causou uma ruptura traumática no curso do desenvolvimento das nações africanas.

Por isso, hoje, pregamos a reparação histórica. E passamos a enxergar nosso povo como agentes de saber. Criamos uma consciência antirracista ao propagarmos os feitos, pensadores e artistas negros, ancestrais e contemporâneos, que moldam a nossa forma de viver, apesar de pouco reconhecidos pela história oficial e negados por algumas instituições. Que contemos, desta forma, nossas histórias, lançando luzes sobre os heróis do nosso povo.

Ao refletirmos sobre o pensamento afrosófico e estético negro brasileiro, abordamos também a potência da maior manifestação artística preta do mundo, a escola de samba. Da Baixada Fluminense, reduto quilombola em essência, surge a Beija-Flor de Nilópolis, mocambo de crioulos conscientizados, agremiação carnavalesca que até hoje tem como principais características a manutenção de princípios que são a valorização e participação ativa da comunidade.

Assim, nosso castelo de conhecimento, que não separa o corpo do pensamento, sustenta-se por um pilar chamado Cabana, o pensador de ébano que ajudou a esculpir o Beija-flor no imaginário do carnaval. A partir dele, outros pretos da nossa agremiação ergueram seus nomes na história, como protagonistas de uma manifestação de origem africana, forjada pela gramática do tambor, que nos religa aos nossos antepassados e que celebra a existência de saberes que insistem em não serem apagados, nem silenciados.

Nossos tambores tocam para que você saiba de onde viemos.

Nossos tambores tocam para acordar os dormentes.

Nossos tambores tocam para lembrar que a vibração que seu corpo sente quando minha escola passa tem o DNA dos meus antepassados.

Nossos tambores tocam para que você nunca se esqueça que a voz da Beija-flor é a voz do meu povo preto.

Essa é a voz da minha comunidade, atrevida, guerreira, lutadora e consciente.

E ela nunca se calará!

# ROTEIRO DO DESFILE

## **ABERTURA: VOLTE E PEGUE SUAS ORIGENS**

**Comissão de Frente  
MACUAS**

Velha Guarda  
(com Porta-Estandarte à frente):  
**A NOBREZA DA CORTE É DE ÉBANO**

Grupo  
**DOGONS (em fileira)**

Ala 01 – Comunidade  
**ANCESTRALIDADE E MOVIMENTO**

**Alegoria 01 (Abre-Alas)  
TRAZ DE VOLTA O QUE A HISTÓRIA  
ESCONDEU**

## **SETOR 02: AFROSOFIA**

Ala 02 – Comunidade  
**A MONUMENTALIDADE  
INTELLECTUAL DE KEMET**

Guardiões do 1º Casal de  
Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
**SÉQUITO DA REALEZA KEMÉTICA**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Claudinho Souza e Selminha Sorriso  
ESPLENDOR DE KEMET**

Ala 03 – Comunidade  
**MÁSCARAS BRANCAS SOBRE PELES  
NEGRAS**

Ala 04 – Comunidade  
“POR QUE O NEGRO É ISSO QUE A  
LÓGICA DA DOMINAÇÃO TENTA  
DOMESTICAR?”

Ala 05 – Comunidade  
QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO  
NEGRO?

Ala 06 – Comunidade  
TODO PODER AO QUILOMBISMO

Ala 07 – Comunidade  
O TABULEIRO GLOBAL SEGUNDO  
MILTON SANTOS

Destaque de Chão  
Carla Cachoeira  
PENSAMENTO E LIBERDADE

**Alegoria 02**  
**O VOO LIVRE DO PENSAMENTO**  
**AFROSÓFICO**

### **SETOR 03: ARTES VISUAIS E ATRAVESSAMENTOS ANCESTRAIS**

Ala 08 – Ala 1001 Noites &  
Ala Vamos Nessa  
KABESILLÊ ANTÔNIO

Ala 09 – Comunidade  
LOCI LOCI VALENTES

Ala 10 – Comunidade  
ARROBOBOI ANDRÉS

Destaque da Ala das Baianas  
Tia Lúcia  
MEMÓRIA DA PELE

Ala 11 – Baianas  
SALUBA ROSANAS

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**David Sabiá e Fernanda Love**  
**ARTE E TRANSFORMAÇÃO**

Ala 12 – Comunidade  
ATOTÔ DIDIS

Destaque de Chão  
Thiago Avanci  
SENHOR DA FORJA

Ala 13 – Comunidade  
OGUNHÊ JORGES

Destaque de Chão  
Charlene  
FORJANDO NOVAS IDEIAS

**Alegoria 03**  
**A ARTE DA FORJA DE SER**

**SETOR 04: NOSSA GENTE PRETA TEM FEITIÇO NA PALAVRA**

Ala 14 – Ala Karisma e Ala Tom e Jerry  
MACHADO DE ASSIS: A MÍSTICA DE  
QUEM SOMOS NA CAPA

Ala 15 – Comunidade  
CRUZ E SOUSA: PREFÁCIO INFERNAL  
DE TODOS NÓS

Grupo  
PANDEIRISTAS  
VISÕES LÍRICAS DE MARIA FIRMINA  
(fantasia sem costeiro)

Ala 16 – Passistas  
VISÕES LÍRICAS DE MARIA FIRMINA  
(fantasia com costeiro)

Rainha de Bateria  
Rayssa Oliveira  
POÉTICA

Destaque de Chão da Bateria  
Neide do Tamborim  
BATIDA SINCOPADA

Ala 17 – Bateria  
GRAMÁTICA DO TAMBOR: NEI LOPES

Ala 18 – Comunidade  
CAPÍTULOS PÓSTUMOS:  
LIMA BARRETO

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Muskito e Emanuelle Martins**  
**RISCANDO POESIA**

**4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Hugo Almeida e Naninha Fidélis**  
**POESIA NO ASFALTO**

Ala 19 – Ala das Crianças (Comunidade)  
REESCREVENDO A ESPERANÇA:  
O PEQUENO PRÍNCIPE NEGRO  
RODRIGO FRANÇA

Ala 20 – Comunidade  
DIGNIDADE EM PRÓLOGO:  
CAROLINA MARIA DE JESUS

Grupo (Escritores)  
IMORTAIS DO BRASIL QUE NÃO SE CALA



**Alegoria 04**  
**ESCREVIVÊNCIAS**

**SETOR 05: UM NOVO PALCO, UM NOVO SONHO**

Ala 21 – Ala dos Signus e  
Ala das Borboletas  
**CENA ABERTA: O TEATRO NEGRO**

Ala 22 – Comunidade  
**ASAS PARA O SONHO**

Destaque de Chão  
Cássio  
**DIVINDADE EM MOVIMENTO**

Ala 23 – Comunidade  
**O BALÉ DOS TERREIROS: SOMOS  
FILHOS DE DEUSES QUE DANÇAM**

Ala 24 – Comunidade  
**A RIBALTA DO SAMBISTA**

Ala 25 – Comunidade (Grupo Performático)  
**A ÓPERA DE NOSSAS VIDAS**

**Alegoria 05**  
**O PALCO DAS NOSSAS VIDAS**

**SETOR 06: ARTE NEGRA EM CONTRA-ATAQUE**

Ala 26 – Ala Dá Mais Vida e Ala Cabulosos  
**“E AQUI PASSA COM RAÇA  
ELETRÔNICO O MARACATU  
ATÔMICO”**

Ala 27 – Comunidade  
**NKOSI'Ê: A ESPADA É A LEI POR  
ONDE A FÉ LUZIU!**

Elemento Cênico (no meio da Ala 28)  
**REPARAÇÃO HISTÓRICA**

Ala 28 – Comunidade (Ala Performática)  
**NEGRITUDE RESPLANDECENTE,  
CONSCIENTE A SE RECONSTRUIR**

**ATIVISMO ANTIRRACISTA**  
Personalidades trazendo mensagens antirracistas

Ala 29 – Comunidade  
**A CONTAGEM NÃO PARA**

Ala 30 – Comunidade  
**A VOZ AMPLIFICADA DO GUETO**

Ala 31 – Compositores  
**PILARES DE CABANA**


Destaque de Chão  
Sônia Capeta  
**A DEUSA DA PASSARELA**

Destaque de Chão  
Pinah  
**MARAVILHOSA E SOBERANA**

**Alegoria 06**  
**DINASTIA BEIJA-FLOR**

## FICHA TÉCNICA


## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<b>Traz de Volta o que a História Escondeu</b> 	<p>Ao se voltar para o passado, o povo preto conquista protagonismo. Inspirada pelo símbolo Adinkra Sankofa, a Beija-flor mira o passado para formular sua narrativa, projetando o negro para o futuro a partir deste discurso afirmativo. Rememorar essa base, essa raiz e a ancestralidade é evidenciar que os primórdios do homem inteligente são os povos originários deste continente com 54 países, cinco famílias linguísticas, mais de duas mil línguas e seus descendentes. Voltar ao passado é o primeiro grande passo para nos entendermos neste mundo em que vivemos. É também dar poder aos pretos de hoje para vislumbrarem sua ancestralidade como deve ser: primordial para o desenvolvimento do mundo. Assim empretece o pensamento do Brasil apresentando a real história da linhagem dos negros sequestrados que tiveram suas memórias apagadas. A África ancestral é firmada nas raízes da sua terra e, é dessas raízes que surgirão grandes construções que o pensamento ocidental chama de Idade Antiga, marcada pela descoberta da escrita, datando aproximadamente 400 a.C, dando sentido de inteligência ao desenvolvimento de alfabetos próprios por civilizações. Porém, grandes impérios africanos já possuíam escritas 700 a.C, como o império Meroe que realizou feitos impressionantes na região que hoje conhecemos como Egito e Sudão. Este império construiu centenas de pirâmides e é o berço de Kemet e Cuxe. O continente abriga também o que seria um dos primeiros e mais importantes centros de conhecimento do mundo, a Biblioteca de Timbuktu, no Mali. Conhecida por suas imensas torres que protegiam esses ensinamentos, construída nos primeiros séculos depois de Cristo. A alegoria apresenta a figura de um imponente beija-flor, em escala grandiosa, representando a monumentalidade da força, poderes e saberes que nós, nilopolitanos, de maioria negros, carregamos desta ancestralidade. O pássaro em projeção de voo, ladeado pelas esculturas do pensador, criadas pelo povo Tchokwe, defende e desponta a ancestralidade simbolizada por uma árvore que é formada em seu tronco por figuras femininas, representando o matriarcado africano. Puxada por antílopes, símbolo de altivez e perspicácia, a alegoria apresenta seus principais elementos saindo dessas raízes. É das entranhas da terra africana que surgirão tantos símbolos de grandeza identitárias de civilizações ancestrais. Surgem as pirâmides, as torres de Timbuktu, e os Dogons, figuras milenares que registraram os primeiros aprendizados sobre astronomia.</p>

\* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alexandre Louzada		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p><b>Traz de Volta o que a História Escondeu (Continuação)</b></p>  <p><b>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</b></p>	<p>São eles que desvendariam as descobertas das estrelas e sua cosmologia seria a base da cosmologia egípcia, depois atribuída ao conhecimento grego, ensinado como “berço da civilização”. Na saia da alegoria, estão reproduzidos os símbolos do povo Adinkra, em que cada imagem tem um significado como: proteção, força, sabedoria, saúde, batalha, amor, poder, cooperação, energia e universo. A alegoria apresenta uma estética que não se compreende somente no visual, mas sim como ideia, sentimento, projeção e idealização. Apresentamos, portanto, uma África plural e ancestral por meio do olhar Afroturista. Essa escolha se dá porque o afrofuturismo se propõe a romper com uma ideia única de idealização da história entendida com interpretações do passado, com aquilo que é o presente e com uma história única daquilo que pode ser. Ao olhar para o futuro a partir de outras determinações e possibilidades, precisa-se enxergar e reconstruir o passado, olhar para o presente em vista de novas possibilidades que se escrevem e projetar um futuro que ainda não aconteceu, mas que será possível a partir dessas novas formulações. Não é o modo como o colonialismo produziu suas fantasias e delírios sobre a África. Ao contrário, busca-se reconfigurar, refazer o nosso imaginário a partir da projeção do futuro. “Eu sou, mas eu não sou aquilo que o racismo fez em mim”.</p> <p><b>*Destaque: Zezito Ávila (Esplendor do Pensamento Tchokwe)</b></p> <p><b>*Semi-destaques 1º chassi: Beija-flor de Ébano.</b></p> <p><b>*Semi-destaques 1º chassi (Em volta da árvore): Pássaros de Ébano.</b></p> <p><b>*Semi-destaques 2º chassi (sobre as torres da biblioteca de Timbaktu): Pensadores do Império Mali</b></p> <p><b>* Semi-destaques 2º chassi (Sobre a pirâmide): Memória de Rá.</b></p> <p><b>*Composições: Raízes Ancestrais e Palancas Negras (1º chassi).</b></p> <p><b>* Composições: Herança Kemética (2º chassi).</b></p> <p><b>*Personagens: Matriarcas.</b></p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>O Voo Livre do Pensamento Afrosófico</b></p>  <p><b>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</b></p>	<p>Ao pensar tantos filósofos negros que têm a sua base de conhecimentos no estudo da ancestralidade, a Beija-flor apresenta o seu quilombo imaginário do pensamento (ou, se for melhor para ser assimilado, a acrópole aquilombada). A sobrevivência do pensamento negro está no constante movimento de olhar para trás. Sem saberes escritos em livros, passamos pelo processo de apagamento. Sueli Carneiro reflete sobre o chamado epistemicídio, a morte do pensamento. Uma vez que os negros sofrem o processo de animalização, ou seja, não são seres que pensam, viram objetos, não têm alma, não têm cultura, não têm valor como vida. E onde estavam os valores de pensamentos africanos? Estavam no ato de viver. A filosofia africana estava nos itãs (relatos míticos dos iorubás), nos saberes das folhas, nas cabaças da vida. A filosofia africana estava no barro, na madeira, na corda. Estava em cada sociedade que depositava na experiência de mundo, a razão da sabedoria. As máscaras geledés que já eram esculpidas em rostos femininos para serem usadas em homenagens as mulheres velhas, sábias e conselheiras, que tinham na figura do pássaro noturno o símbolo da sabedoria. Empretecer o pensamento é trazer à luz do conhecimento geral tantos filósofos e filósofas negras que buscaram na raiz da nossa ancestralidade o conhecimento e embasamento necessários para reformular filosofias em prol da compreensão do nosso estado atual e como reformar essa sociedade para transformá-la em um lugar mais justo para todos. O conhecimento é um elemento chave na manutenção da dominação, por isso nos evitam chegar à massa. Quem sabe, esculpidos em alvas pedras de mármore, eles venham a nos aceitar e compreender que nossas referências vêm de muito tempo. Já esculpíamos máscaras nessas mesmas dobras sem dar valor ao que sustentam templos, mas sim à história que esses artefatos sagrados contam.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Alexandre Louzada

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>O Voo Livre do Pensamento Afrosófico (Continuação)</b></p>  <p><b>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</b></p>	<p>Somos o vaso de barro, a trama da palha, o encontro dos bambus. Nossa produção iconográfica discursa aos filhos da diáspora negra. A alegoria apresenta em seu contorno imagens africanas esculpidas em branco, tal qual o mármore dos gregos. No meio, surge um pote de barro, e dele uma coruja, o pássaro noturno que simboliza a sabedoria das mais velhas, carregando tranças e teceres de histórias e memórias que formam o saber ancestral. Está nesse entendimento a formulação da nossa filosofia, a filosofia do bem-querer e bem-viver comunitário.</p> <p>* Destaque Central Alto: Leandro Palma (<i>Ìmo Ibile Wá: Saberes da Nossa Cultura</i>).</p> <p>*Destaque Frontal: Gisela Berger (<i>Raiz Afropolitana</i>)</p> <p>*Semi-destaque: Odnã Carvalho (<i>Acrópole Aquilombada</i>)</p> <p>*Semi-destaques: Andreia e Lorrane (<i>Sabedoria Geledé</i>)</p> <p>*Composições: Conhecimento Afropolitano (sobre as colunas) e Legado Matriarcal (ao redor da cesta)</p> <p>*Performance: “Esclarecendo” ideias: o epistemicídio preto</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alexandre Louzada		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
03	<p><b>A ARTE DA FORJA DE SER</b></p>  <p><b>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</b></p>	<p>Entendemos que empretecer o pensamento é principalmente o movimento de saber e respeitar quem somos. Ao longo da história, atuamos na construção do que seria este Brasil, de maneira a modular esteticamente nosso próprio reconhecimento e pontuar nossa trajetória como nação. Qual a origem de quem fez aquela maravilha? Negro? Em que época? Qual o contexto? Ainda não somos acostumados a saber a história das coisas e os significados que elas carregam. Nós, do Quilombo Beija-flor, somos moldados por Cabana, regidos por Ogum e Oxum, e são eles que atravessam nossa arte. Guerreiros implacáveis no combate, abrimos e guardamos os caminhos do carnaval com a beleza, sutileza e provocação de uma Deusa. É assim que a ancestralidade atua por meio de nós. Trazemos a forja de quem somos, baseados na linguagem do escultor e artista plástico Jorge dos Anjos e do carnavalesco Shangai, ambos</p> <p>artífices do ferro, forjado na arte e na vivência de cada preto brasileiro. Somos entidades que carregam esses sentimentos, nossas almas forjadas no éter africano. Com as referências todas baseadas no povo de Benin, onde as manifestações eram eternizadas em bronze, a alegoria apresenta também os totens criados por Jorge dos Anjos que homenageavam nossas divindades, e as guerreiros em metal que se elevam como a arte que Shangai sempre trouxe para o carnaval carioca, especialmente na Beija-Flor entre as décadas de 1990 e 2000. É desta forja que sairá para cada um de nós a nossa missão de vida, a nossa forma de expressar. É entendendo esta forja que compreendemos um pouco de quem somos e o que estamos predestinados a fazer.</p> <p>*Destaque Central Alto - Edson de Assis: Arte a Ferro e Fogo</p> <p>*Destaque Central Médio – Raphaela Reis: A Forma do Fogo</p> <p>*Destaque Frontal: Rose Reis (Labainã – Borboleta de Fogo)</p> <p>* Semi-destaques laterais: (Formas Metálicas)</p> <p>*Composições: Forja Primordial</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

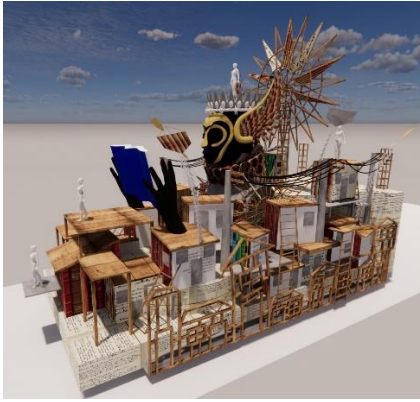
Alexandre Louzada

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p style="text-align: center;"><b>ESCREVIVÊNCIAS</b></p>  <p><b>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</b></p>	<p>A visibilidade interdita e a ocultação da nossa cor proporcionaram tons de drama à trajetória de grandes gênios pretos brasileiros. O nosso compartilhamento de conhecimentos pela oralidade sobreviveu por séculos no coração de cada negro mundo afora, até que ler se tornou imperativo para ser alguém. E dominar esses códigos que tanto nos negaram é ferramenta poderosa de transformação. E estamos transformando, empretecendo os pensamentos deste país. Morremos todos os dias quando tentam deixar nossas folhas em branco. Quem atirou usava farda. A farda que nunca usamos, a cadeira que nunca sentamos, a mesa sobre a qual nunca nos debruçaremos. E o livro? Este não, o livro sempre vamos escrever.</p> <p>Escrevemos sobre o que sabemos dessa vida. A vivência de cada dia. Escrevivências! Ninguém melhor que nós para falar de nós mesmos. Está em cada parede de barraco erguido, em cada tijolo uma nova história, está marcado em cada telhado uma nova esperança para alcançar o céu. Eles dizem “Não voa tão perto do Sol, eles querem te ver de algema pra dizer: oh! Não falei?” Mas todos os dias erguemos pipas da lage, cada pipa um sonho, cada pipa uma referência para alcançar o Sol. A Alegoria traz uma favela feita de livros, os livros das nossas vidas são referências de obras de escritores negros. Um dia escondidos, no outro, pilares. Erguem-se da favela as pipas com as imagens desses escritores tantas vezes negados. Na traseira da alegoria, projeta-se um Sol feito de madeira, simbolizando o improviso e a criativa maneira de procurarmos o reconhecimento, este lugar... ao Sol! Se não nos deixam chegar a ele, criaremos os nossos próprios sóis, no nosso universo particular. No centro do carro, uma escultura com rosto de máscara africana lê um livro e está com uma coroa feita de madeira, papelão e arame farpado, simbolizando a dor e dificuldade de acessar o conhecimento e o letramento.</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alexandre Louzada		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
04	<p><b>ESCREVIVÊNCIAS (Continuação)</b></p>  <p>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</p>	<p>*Destaque Central Alto: Raphael Chagas (Feitiço da Palavra)</p> <p>*Destaque Central Médio: Marcos Jasmin (Páginas Embranquecidas)</p> <p>*Destaque Frontal: Jojo Todynho (Rainha da Favela)</p> <p>*Semi-destaque Alto: Lima Barreto sob Máscaras Quixotescas</p> <p>*Semi-destaque lateral: Yago Mapuana (Inspiração Cotidiana)</p> <p>*Semi-destaque lateral: Hemerson dos Cachos: Letramento da Vida</p> <p>*Composições: Cultura da Quebrada</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Alexandre Louzada

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>O PALCO DAS NOSSAS VIDAS</b></p>  <p>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</p>	<p>Baseando-se na tomada real dos palcos adornados em ornatos rococós e barrocos, a alegoria mistura esses ornamentos a elementos de inspiração africanos, potencializando a voz dos que sonham com palcos para brilharem na vida. Se representatividade importa, é a hora e a vez do corpo negro ocupar os palcos. Representatividade não é apenas a inserção de personagens negros na narrativa, mas empregar uma perspectiva da inclusão de sistemas de pensamentos, filosofias, cosmovisões, mitologias e imaginários, formas religiosas, além de outras maneiras de ver a arte e a ciência criados e desenvolvidos por outros povos que não o europeu. Por isso, o palco que representa esta alegoria é também a metáfora de palcos da vida, no sentido de lugares nunca antes alcançados. A Beija-flor, como ninho de gente preta da baixada, sempre trouxe para o maior palco a céu aberto do mundo, para o papel de protagonista, o seu povo. A alegoria traz bocas de cenas adornadas por marfins. Nessas bocas de cenas, serão realizadas diversas coreografias com figurinos representando a versatilidade de papéis para corpos negros nos palcos da vida. Na parte de cima, cisnes e composições que simbolizam a dança dos palcos. Na traseira da alegoria, uma grande escultura de uma bailarina que, em posição de respeito, passa a sua coroa. É a coroa dos palcos para o setor seguinte, que significa as lutas diárias dos negros neste país.</p> <p>*Destaque central alto: Cláudia Lobo (Anjo Negro).</p> <p>*Destaque central médio: Paulo Robert (Afrodrama)</p> <p>*Destaque frontal: Patrícia (Lídia de Oxum)</p> <p>*Semi-destaques: Vittória David e Maria Clara Azevedo (Iaôs de Oxum)</p> <p>*Composições: Cisne Negro.</p> <p>*Performance: Ribalta Afro.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alexandre Louzada		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
*	<p style="text-align: center;"><b>Elemento Cênico</b> <b>REPARAÇÃO HISTÓRICA</b> *Vem entre os componentes da ala 28, “Negritude Resplandecente, Consciente a se Reconstruir”</p>  <p style="text-align: center;">* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</p>	<p>Inseridas no contexto da ala “Negritude Resplandecente, Consciente a se Reconstruir”, virão estátuas de invasores, escravocratas e expoentes do racismo representando a ideia de um mundo colonialista, erguido sobre antigos pensamentos pautados pela história com viés racista e excludente. Essas imagens serão simbolicamente ressignificadas.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Alexandre Louzada		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
06	<p><b>DINASTIA BEIJA-FLOR</b></p>  <p>* As imagens a seguir são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria.</p>	<p>Empreter o pensamento é entender que grandes personagens lutaram pelo espaço de protagonismo e deixaram esperança para alcançarmos novos lugares. O quilombo Beija-flor vive há mais de 70 anos na Baixada Fluminense, região do Rio de Janeiro onde se concentra grande parte da população negra e trabalhadora. Aqui aplicamos nossa filosofia de vida, aqui vivemos nossas hereditariedades e forjamos nosso futuro. A transformação surge quando Exu toca sua flauta e transmuta o mundo, criando e recriando condições para a existência e para a reexistência. Aqui escrevemos nossas experiências de vidas coletivas, a escola de samba é o nosso livro, e cada carnaval é uma página nova a ser escrita. A Sapucaí é o nosso palco. Aqui lutamos, reexistimos e nos mostramos para o mundo a cada desfile. A cada personagem, a cada enredo, estamos aqui ocupando o lugar de fala e de destaque como referência cultural da Baixada para o mundo. Cabana, sua herança está de pé e continuará viva para representar a negrura deste país, que se reconhece no luxo totêmico de Pinah e na liderança definitiva de Laíla. Seremos eternamente a voz para cantar o povo preto. Empreter o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor, e ainda temos muito a cantar. A todos os ancestrais do samba, dedicamos nosso desfile, exaltando a memória e o trabalho intelectual do povo preto, e evocando o símbolo da própria Beija-flor que voa para o futuro, carregando a missão de sempre ser mais africano. Ressoar do som de um tambor, Beija-Flor, minha escola, minha vida, meu amor! Esse é o legado, é tudo o que somos.</p> <p>*Destques: Micaela David – Eterno Beija-flor (Dourado)</p> <p>Bailarinas da comunidade: Balé Azul e Branco.</p> <p>*Composições: O Futuro é Ancestral.</p> <p>Convidadas e convidados: Intelectuais pretos.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Zezito Ávila Marquinhos Jasmin Jojo Todynho Edson de Assis Cássio Dias Cláudio Lobo Thiago Avanci Sônia Capeta Neide do Tamborim Sofia Raia Raphaela Reis Rose Reis	Estilista Produtor de Eventos Cantora / Influenciadora Digital Empresário Analista de Sistemas / Servidor Público Empresária Empresário Industrial Eterna Rainha de Bateria Ritmista Atriz e Bailarina Publicitária Empresária
<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Zona Portuária	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Ângela da Costa e Alexandre Esposito “Jiló”	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Cláudio José e Paulo Roberto	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> João Paulo
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Alex Salvador, William Mansur e João “Sorriso”	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro Assis
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> André Reis – Dedé “Light City”	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Cléber Loiola
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
André Rodrigues, Rodrigo Pacheco e Fabio Santos - Equipe de Criação	
Lenine Pessoa e Leo Mídia (in memoriam)	- Administração, Departamento de Compras
Adriane Lins	- Designer Gráfico
Fernando Mello	- Diretor Comercial, de Projetos e Parcerias
Maria Eduarda	- Imprensa
Cláudio Braga	- Analista de TI

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Outros Profissionais e Respectivas Funções**

Daivid Augusto “Tigorofi”	- Supervisor do Barracão
Jorge Baiano, Cara Preta e Bolinha	- Equipe de Fibra / Empastelação
Alex Salvador	- Equipe de Movimentos em Esculturas (Parintins)
Mário Sérgio e Rogério Wiltgen	- Equipe de Iluminação
Evandro	- Almoxarifado
Batista	- Hidráulica
Edgar Laurindo, Elson “Bigode” e Cléber Santos Cunha	- Equipe da Portaria
Josilene	- Assistente da Copa
Bebeto “Salsicha”	- Decorador das Alegorias 01, 04 e 05
Ailton Neves	- Decorador das Alegorias 02 e 03
Victor Santos	- Decorador da Alegoria 06

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<b>A Nobreza da Corte é de Ébano</b> 	Representa a ancestralidade, a dignidade e o garbo soberano da nossa escola, abrindo caminhos para desfiar nossos fios de saberes na Avenida.	Velha Guarda (1948)	Tia Débora
*	<b>Dógons</b> 	Fixados na região das falésias de Bandiagara, no Mali, na Oeste da África, os Dogons possuem um conhecimento ancestral sobre matemática e astronomia. Segundo o povo Dogon, a morte é vista sob a perspectiva de fecundidade e ressurreição. Para eles, o ponto de partida da criação é a pequena estrela que gira ao redor da estrela maior Sirius (chamada de <i>Po Tolo</i> , que significa estrela semente). Segundo os Dogons, o universo surgiu a partir da explosão dessa estrela semente, de um único grão, localizado no ovo do mundo. Algo que nós só ouviríamos falar recentemente a partir da teoria da criação do universo, chamada de <i>Big Bang</i> . Ao completar a volta da pequena estrela em torno da Sírius, algo que dura em torno de 50 anos, há celebrações em festas e rituais com a utilização de máscaras e danças.	Grupo (em fila)	Diretoria de Harmonia e Desfile



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**

Alexandre Louzada


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>Ancestralidade e Movimento</b></p> 	<p>Ao apresentar o enredo “Empretercer o Pensamento...”, a Beija-Flor traça um caminho de volta à África ancestral. A marcha do autoconhecimento tem início pelas raízes e pelo processo de reencantamento do mundo. O discurso sempre voltado à construção branca da história desprestigia a África como um continente que foi berço da civilização inteligente e base para os futuros estudos atribuídos aos povos europeus. Na Beija-flor, o preto é movimento. Cada corpo dança e cada mente se torna consciente de que pertence ao berço da civilização pensante do mundo.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
02	<p><b>A Monumentalidade Intelectual de Kemet</b></p> 	<p>Ao longo da história, a sociedade branca rendeu-se aos grandes feitos do povo de Kemet: construções arquitetônicas, valores, contribuições intelectuais e pioneirismo histórico em diversos outros campos do conhecimento. Antes de ser Egito, era Kemet. Como conta a pensadora Katiúscia Ribeiro, Egito foi o nome dado pelos gregos a esse povo de cultura e sabedoria tão pujantes. O historiador, físico, político e antropólogo senegaleês Cheikh Anta Diop demonstrou em seus estudos acadêmicos que o conhecimento artístico, cultural e científico da humanidade surgiu primeiro no vale do Rio Nilo.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>A Monumentalidade Intelectual de Kemet (Continuação)</b></p> 	<p>No entanto, o reconhecimento veio acompanhado do embranquecimento de sua imagem: foram diversas as maneiras de se apagar a cor do Egito e sua descendência Kemética, sua pele preta, seu solo africano. Atualmente, pensadores negros lutam para refazer esses caminhos em direção ao passado e trazer para o seu povo o orgulho de serem descendentes das civilizações primordiais do mundo. As teorias de que os egípcios adoravam alienígenas seguem a mesma verve racista e assassina do orgulho preto. Os maiores símbolos de construções sofisticadas em tempos remotos foram erguidos por uma civilização preta que teve seus pensamentos, crenças e inteligências atribuídas à branquitude que se beneficiou da usurpação intelectual dos nossos ancestrais.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p><b>Séquito da Realeza Kemética</b></p> 	<p>Representam a monumentalidade dos cortejos reais da corte negra de Kemet.</p>	Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira	Diretoria de Harmonia e Desfile


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Máscaras Brancas sobre Peles Negras</b></p> 	<p>“O que o homem preto quer ser? Ele quer ser branco!”</p> <p>Essa é a resposta do pensador Frantz Fanon para explicar o corpo negro no mundo. Na Grécia Antiga, no Iluminismo, ou nos dias atuais, o homem branco se coloca como o centro da razão inteligente na Terra, excluindo o negro da produção intelectual. Nesta visão, o homem branco seria o pensador, a razão, a ciência a tecnologia, tudo que se transformava no mundo, os outros eram emoção, corpo, terra, primitivo.</p> <p>Esse pensamento explica o colonialismo e suas ações que reverberam até hoje em dia. Os corpos negros que tentam se soltar das correntes que rotulam, estigmatizam e comprimem, estão sempre procurando máscaras brancas para se camuflarem na sociedade e assim serem aceitos como iguais. Porém essa falsa santidade, o ideal branco, prende e mata ainda mais seus outros irmãos pretos.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p><b>“Por que o Negro é Isso que a Lógica da Dominação Tenta Domesticar?”</b></p> 	<p>A pergunta que dá nome a esta ala foi proposta por Lélia Gonzales. A ativista, filósofa e antropóloga mineira questionou a sexualização, objetificação e animalização do corpo negro e como essas ações são transmutadas em expressões ditas “carinhosas” na tentativa de esconder o que fica de resquício da colonização e escravização. Lélia dizia que, em manifestações como o próprio carnaval, o rescaldo de séculos de crueldade se escondia atrás de expressões como “mulatas”, “negão”, “morena” etc. A objetificação de corpos expostos em momentos de “glamourização” é seguida pelo condicionamento a lugares de subserviência após os acontecimentos festivos. “Elevador é quase um templo”. As fantasias desta ala, divididas em figurinos masculino e feminino, trazem essas palavras “dóceis” não como legenda, mas como denúncia, fazendo parte da composição gráfica da indumentária.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
05	<p><b>Quem Tem Medo do Feminismo Negro?</b></p> 	<p>Na pirâmide social, a mulher preta é a que mais sofre com desigualdade, violência, falta de perspectiva e esquecimento. Mas há quem lute. Quem tem medo do feminismo negro? Quem tem medo do poder da mulher preta? Eis algumas reflexões propostas por Djamila Ribeiro. Ferozes como panteras, serão elas a revolucionar e se posicionar no mundo machista e patriarcal. Os pensamentos de mulheres para mulheres as tornam mais fortes e mais confiantes na conquista de seus espaços.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

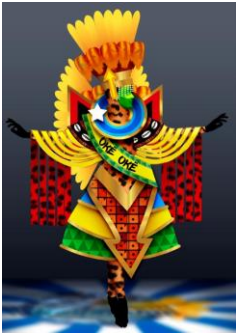
**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

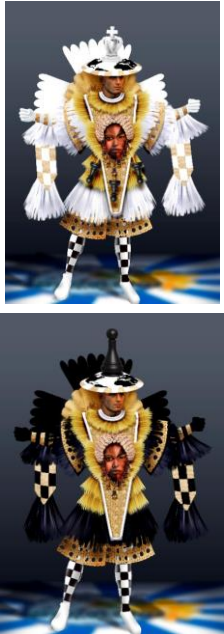

Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p><b>Todo Poder ao Quilombismo</b></p> 	<p>Resposta ao racismo institucionalizado em nosso país, o Quilombismo propõe soluções, antecipa temas e descortina novos horizontes de atuação pública no Brasil. Trata-se de um movimento lavrado com a verve, a profundidade e a indignação que caracterizaram todo o trabalho e a luta de Abdias Nascimento, que vieram à luz nos estertores dos paradoxais anos 1970. Eram tempos de opressão, mas também de criatividade libertária. O livro/pensamento “O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-africanista” propõe, em seus dez documentos, um programa de ação, elaborado pela perspectiva dos afrodescendentes.</p> <p>Retoma a experiência comunal dos quilombos para alicerçar uma proposta de mobilização e transformação sociopolítica para enfrentar a atmosfera de preconceito difuso e insidioso que sufoca a existência negra. “Por um novo ‘Nascimento’, um levante, um compromisso, empossamos um orixá à presidência do Brasil. Justo, igualitário, líder e livre de preconceitos.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Alexandre Louzada				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
07	<p><b>O Tabuleiro Global Segundo Milton Santos</b></p> 	<p>O pensamento do geógrafo Milton Santos aponta a crueldade da globalização contra as camadas mais pobres do mundo, o que inclui os negros no Brasil e na África. A globalização, que tem início no período das navegações, dizimou povos originários principalmente na África e Américas. Nas balanças da justiça, quem pesa mais? Quem ganha mais nesse jogo? O rei branco ou os peões negros? O pensamento filosófico a partir da construção de uma Geografia crítica demonstra que colonizar e escravizar povos não é globalização, é dominação. Ao afirmarmos isto, questionamos as estruturas racistas que o mundo branco criou.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p><b>Pensamento e Liberdade</b></p> 	<p>Conhecimento livre, feito de movimento, em que corpo e pensamento não se distinguem. Eis aqui uma das bases da afrosafia, cuja herança está presente nos passos ancestrais que reproduzimos ao longo do grande cortejo que é a vida.</p>	Destaque de Chão	Carla Cachoeira


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>Kabessilê Antônios</b></p> 	<p>Quem talha em madeira e cobre de ouro os adornos para o rei das igrejas? Como soberano das pedras, esculpe com perfeição nas batidas firmes os sinuosos caminhos para o ensinamento. Exímio em sua arte que pontua o Brasil no estilo barroco, oriundo da Europa, Aleijadinho nos transporta às influências de Xangô, que domina sobre os elementos que permeiam suas obras. Se nunca nos atentamos às conectividades que as artes negras têm com seu etéreo ancestral, é porque não nos damos conta de como esta correlação não acontece somente nos campos religiosos ou de manifestações corpóreas. Negamos tais influências às artes tradicionais/eruditas que ganham valor pela aceitação da visão branca que define o que é ou não artístico.</p>	<p>Ala 1001 Noites e Ala Vamos Nessa (1980)</p>	<p>Antônio Rodrigues (Tuninho) e Luiz Figueira</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<b>Loci Loci Valentins</b> 	<p>Não deixe de reparar o seu redor, pois tudo que lhe é oferecido como encanto tem uma negra mão por trás. Entre água e terra, mata e ferro, há um ponto que converge tantos caminhos. As artes negras, como as obras do Mestre Valentim, são exemplos porque sobrevivem à nossa indiferença de autoria no vai-e-vem cotidiano entre praças e parques. Esculturas de ferro adornam chafarizes de beleza rodeados pela natureza. Se os encantos de Logun Edé não atravessaram grandes obras, uma vez que discorrem suas características e encantamentos, talvez as mãos de Valentim estivessem em propósito de atravessá-las. O reconhecimento de que somos descendentes do berço da arte do mundo, que retratava os deuses de África e suas histórias, é um dos motivos de orgulho para rememorarmos que grandes marcos de artes no Brasil são feitos por mãos de descendentes do continente-mãe da humanidade, como Mestre Valentim. A fonte é Logun Edé, a quem é saudado com “Loci Loci Logun”. A fantasia traz alguns dos ornatos que compõem famosas obras de mestre Valentim: a Fonte dos Amores, localizada no Passeio Público, no Centro do Rio de Janeiro, bem como o chafariz barroco da Praça XV.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

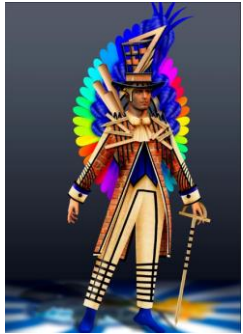
**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Alexandre Louzada



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Arroboboi Andrés</b></p> 	<p>Riscos, traços e compassos. As curvas se insinuam feito rastejo de cobra e ligam pontos, constroem pontes, derrubam barreiras. As ligações tal céu e terra, orum e ayê, legaram sabedoria aos irmãos Rebouças. Além de túneis e pontes para ligar distintos pontos da cidade na época do Império, resolveram o problema de abastecimento da cidade trazendo água de volta ao Rio de Janeiro, tal como Oxumaré nos traz as águas dos céus. O reconhecimento à perspicácia da arte da engenharia negra nos é negado desde as construções das pirâmides. Se a história propagada oficialmente não registra, fica o dito pelo não dito e quem leva a fama é o branco provedor de milagres. André e Antônio nos representam em sua maneira de pensar e construir. Também empregaram o prestígio social de que dispunham na luta pela abolição.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Alexandre Louzada				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>Memória da Pele</b> 	<p>A presidenta da ala de baianas da Beija-flor vem à frente do grupo das grandes matriarcas nilopolitanas para representar a memória estampada na pele. Ativa e guerreira, comanda as mulheres que constituem a memória do que somos e a perspectiva do que seremos.</p>	<p>Destaque da Ala das Baianas</p>	<p>Tia Lúcia</p>
11	<b>Saluba Rosanas</b> 	<p>A arte negra brasileira carrega a memória de muitas gerações. O próprio candomblé é um resquício de memória que o espírito guarda. Com a sutileza das guardiãs do conhecimento da escola de samba, apresentamos o exemplo desse rastro de eras de pensamento. Em giros ancestrais, chegam nossas baianas trazendo a costura da memória, uma evocação artística de Rosana Paulino, que é cruzada pela linha crua de Nanã Buruku. Dona dos retalhos do tempo, a orixá mais velha do mundo é guardiã de todas as lembranças do que a terra já viu. As saias de nossas matriarcas apresentam tal qual o mural de arte, os patuás com as fotos das próprias baianas, traçando um paralelo com a arte negra de Rosana Paulino, que valoriza as memórias das mulheres pretas deste país. Respeitar o tempo e o sinais que o mundo nos dá, respeitar o que o sagrado tem a nos dizer para termos o que contar.</p>	<p>Ala das Baianas</p>	<p>Tia Lúcia</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>Atotô Didis</b></p> 	<p>O saber de lidar com os elementos naturais é legado dos que pisaram esta terra antes de nós. Trançar a palha, palma, buriti e vime. Elementos extraídos da natureza que se manifestam na arte de Mestre Didi. Neste viés, um dos maiores artistas plásticos da história do Brasil revela por trás do movimento escultórico de suas peças o sol da nossa ancestralidade. Tal qual Omolu, que esconde o brilho das coisas que importam por baixo das franjas naturais, Mestre Didi retratava o sagrado afro-brasileiro por meio de símbolos formados por materiais orgânicos. Assim, nos eleva ao arrepio do encontro conosco. É como se descortinasse Omulu e víssemos ali o belo de nossa história e nos assustássemos, porque ela é preta feita a noite e brilhante feito o sol.</p>	<p>Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
*	<p><b>Senhor da Forja</b></p> 	<p>Ao dominar o ferro, o artista traz consigo o espírito e a força que o acompanham desde os antepassados. O senhor da forja se manifesta como elemento de ligação entre a tradição dos grandes ferreiros com a arte de Jorge dos Anjos.</p>	<p>Destaque de Chão Thiago Avanci</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Alexandre Louzada				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
13	<b>Ogunhê Jorges</b> 	<p>O atrito do metal, espada que amola, forja as nossas artes. É no calor de Ogum que o elemento ferro, divinamente moldado pelo gravurista e escultor Jorge dos Anjos ganha vida, significado e valor. É fundamental lembrar que os símbolos têm força tanto quanto as palavras. A inspiração para a criação de um pensamento mais preto por meio das artes visuais se mistura em nossas retinas. Se, por vezes, elas são enganadas pelo clarão do fogo, nada engana quem sente a ardência da busca incessável pelo reconhecimento da sua gente.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<b>Forjando Novas Ideias</b> 	<p>A arte visual produzida por artistas de origem afro-brasileira é uma das mais pujantes no mundo contemporâneo e é responsável pela incorporação de novas técnicas que transformam materiais em visualidades originais e potentes discursos.</p>	Destaque de Chão Charlene	Diretoria de Harmonia e Desfile


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**


Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Machado de Assis: A Mística de Quem Somos na Capa</b></p> 	<p>“Quem eram eles que sabiam escrever?”                  Por muito tempo, o maior escritor brasileiro teve a imagem embranquecida. Ganhou o apelido de bruxo, capa, chapéu e, só mais recentemente, cor. Com obras que dobravam o tempo entre vida bem vivida e morte mal morrida, o feiticeiro das palavras, que desceu o Morro do Livramento para escrever o Brasil, trouxe muitas almas consigo. Personagens que trançavam histórias pelas ruas de um país “quase” República e “quase” democrático. País que nega a sua cor até a morte, a sua morte e, no cinismo de quem precisa ser a capa da história, diz ser salvador da dor que sente e das palavras que escreve. Reexiste feito bruxo, feiticeiro, sob a capa que lhe deram. E ainda assim não o reconhecem?</p>	<p>Ala Karisma (1997)                  e                  Ala Tom e Jerry (1976)</p>	<p>Bruno Falcão,                  Thiago Theles                  e Rogério Coutinho</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<b>Cruz e Sousa: Prefácio Infernal de Todos Nós</b> 	<p>Cada palavra que descreve nossa dor é sempre vista como agressiva, quente e intolerante. É assim que o ponto de vista de quem não está acostumado a sofrer nos vê. Pela cor que carregamos, fingimos não falar do que nos toca para sermos lidos sem rejeição. Mas é impossível fugir do nosso inferno pessoal, como foi com Cruz e Sousa. Antes Cisne Negro, para depois ser alcunhado como legível, foi comparado a Dante Alighieri – mais para o Inferno do que para o Paraíso. Foi acusado de omissão quanto a questões referentes à condição negra e não conseguiu escapar das acusações de indiferença pela causa abolicionista. A acusação, porém, não procede. Apesar da poesia social não fazer parte do projeto poético do simbolismo nem de seu projeto particular, o autor, em alguns poemas, retratou metaforicamente a condição do escravizado. Cruz e Sousa militou contra a escravidão, fundando jornais, proferindo palestras e participando da campanha antiescravagista promovida pela Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro. Versos para Cruz em seu inferno que o escondia sob o prefácio de um Dante embranquecido.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**



Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Visões Líricas de Maria Firmina (Passistas)</b></p> <p>*Obs.: Haverá um grupo de pandeiristas à frente da ala, com o mesmo figurino, mas sem o costeiro que compõe a fantasia.</p> 	<p>A escrita negra no Brasil diz muito mais sobre a visão do que ela sente ao que os demais “literatos” querem tradicionalmente ler. Prosseguimos nossa jornada de aceitação da intelectualidade letrada nos fazendo poema. Seja de dor ou de amor, mas aprendemos a ser quem somos. E nossa existência se reflete na obra da primeira romancista negra do país, Maria Firmina, nascida em 1825, que trazia para o Maranhão os campos dos poetas de Apolo ao escrever o Parnaso Maranhense. É como se dissesse ao deus grego da poesia para vir aqui ouvir os acordes de sua lira e a rima dos seus versos que declamavam a vida de uma mulher negra brasileira. Maria Firmina discorria sobre temas abolicionistas, sob o olhar atento de Apolo que via em uma terra tão distante da sua outros poetas pretos surgirem, que louvavam deuses valorosos que não eram de seu panteão e escreviam com marca própria palavras tão sublimes quanto as de seus adoradores. Firmina atropelou o tempo ao ensinar outras meninas a ler e escrever, ensinou que existem muitas sagas além dos clássicos poemas épicos gregos, muitas lutas fora as suas. Deveriam os deuses gregos vir aqui para entender o nosso panteão, onde os deuses sambam.</p>	Passistas (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Alexandre Louzada				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Poética</b></p> 	<p>A nossa rainha de bateria, cria da comunidade, representa, com toda a legitimidade, a obra “Poética”, que reúne escritos de Nei Lopes. Está nos corpos da nossa comunidade um letramento próprio do samba, ancestralidade viva que mostra a essência e a poesia vigorosa do samba no pé.</p>	<p>Rainha de Bateria Rayssa Oliveira</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
*	<p><b>Batida Sincopada</b></p> 	<p>A síncopa (ou síncope) é a execução de um som no tempo fraco do ritmo, ou o prolongamento inusitado de um som do tempo fraco ao tempo forte. Característica presente no samba, subverte a lógica da música em geral. A resposta dessa forma original vem no corpo da sambista, que se expressa em movimentos rítmicos ancestrais.</p>	<p>Destaque de Chão Neide do Tamborim</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Alexandre Louzada


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>Gramática do Tambor: Nei Lopes</b></p> 	<p>Entre páginas do tempo neste país que demora a entender sua verdadeira intelectualidade, nascem também textos para resgatar o ensinamento ancestral da predominância étnica territorial. Desfilamos pautados no ritmo do vasto inventário intelectual publicado por Nei Lopes, músico, escritor e poeta. Parece ser muito mais simples quando a palavra encontra o tambor. O arpejo de cada toque é como palavra que se dirige ao coração. Nei Lopes escreve uma série de livros como dicionários iorubanos, afro-brasileiros e enciclopédias, entre outras muitas publicações que resgatam a tradição preta brasileira. Preto, músico e macumbeiro. Nei leva para os livros tudo que o tambor lhe ensina. É como se nos contasse uma nova história de nossas vidas por meio da importância de compartilhar conhecimento, como nos ritos tradicionais da nossa ancestralidade. Em “Dicionário da História Social do Samba”, escrita em parceria com Luiz Antônio Simas, o verbete “síncopa” é descrito como “característica mais notória das músicas de origem africana nas Américas, é síncopa que produz o balanço típico do samba”. E é cheia de síncopa, em que há o deslocamento da acentuação do tempo rítmico do samba, que a bateria nilopolitana se veste de rei para louvar a gramática dos tambores.</p>	Bateria (1948)	Mestre Plínio e Mestre Rodney



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p><b>Capítulos Póstumos: Lima Barreto</b></p> 	<p>Mesmo quando a consciência da negritude nos dá ares de inspiração para escrever livros e livros, a crônica da vida real nos empurra ao esquecimento. Se Machado sobreviveu tanto tempo sem saberem o que mesmo ele era, a exemplo contrário Lima Barreto, autor de Clara dos Anjos, morre sem reconhecimento. E como disse Gonzaga de Sá, um dos personagens criados pelo autor, “eu não aprendi a morrer. Eu não sei morrer”. Mesmo após sua morte, suas características de loucura em vida lhe dão o apelido de Quixote brasileiro. Sim, taxaram-no como o herói de Cervantes para então aceitar sua genialidade! Cavaleiro errante em busca da liberdade de ser preto e reconhecido, como muitos de nós.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

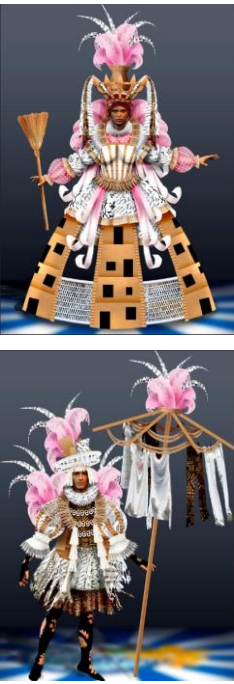

Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p><b>Reescrevendo a Esperança: O Pequeno Príncipe Negro Rodrigo França</b></p> 	<p>A esperança está em cada ser que tem a vontade de ler. É por isso que tantas leituras destinadas ao público infantil importam tanto ou mais quanto qualquer grande obra. Hoje nos encontramos fazendo a releitura do mundo ao nosso olhar para não cairmos na armadilha de não sentirmos orgulho da nossa própria história. Cada folha importa, cada palavra faz a diferença. Diante da queda dos índices de alfabetização, alertamos: antes mesmo de lhes entregar livros, devemos ensiná-los a ler. Precisamos gerar o empretecimento de conhecimento para nossas crianças pretas e periféricas, para entenderem que podem ser muito mais do que a estrutura racista entrega. As palavras devem conectar à herança de nossos antepassados, espalhando esperança ao se verem protagonistas de contos tão importantes quanto o “Pequeno Príncipe”. Aqui ele é preto, feito o livro de Rodrigo França que inspira tantos meninos e meninas Brasil afora, formando uma nova geração de negros conscientes.</p>	<p>Ala das Crianças (Comunidade) (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Alexandre Louzada				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
20	<p><b>Dignidade em Prólogo: Carolina Maria de Jesus</b></p> 	<p>Nunca é tarde (mas sempre é tarde) para reconhecer os valores do orgulho preto. É importante educar e alfabetizar para entregar aos pretos exemplos como o de Carolina Maria de Jesus. Preta, favelada, lavadeira e catadora de papel, transformou-se na rainha do Canindé, favela de São Paulo, a mais rica cidade brasileira. É a rainha que entronizou na mente do povo. E nós, leitores, somos seus cortesãos. Devemos pendurar as palavras de Carolina em cada varal de corda das donas de casa, das domésticas, nas janelas dos nossos barracos. Carolina ensina que nunca é tarde para ter dignidade e tentar a inserção no mundo. Empretecimento de alma é ler gente preta e guardar na estante do orgulho, do coração e da coragem.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p><b>Imortais do Brasil Que Não se Cala</b></p> 	<p>Representam os imortais do Brasil que não se cala</p>	Grupo (Escritores)	Diretoria de Harmonia e Desfile


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p><b>Cena Aberta: O Teatro Negro</b></p> 	<p>É hora de confrontar e ocupar os espaços que nos negaram. Hora da ascensão preta aos palcos. Pele retinta que reluz o foco da ribalta. A mais antiga e erudita forma artística de representar escancara suas cortinas para revelar quem está por trás da coxia. Já basta a contrarregragem da vida, o fortalecer do nosso pensamento nos entregou a chama para entender o valor da ancestralidade que carregamos e como ela nos influencia. Por mais que o mundo nos camufle com medo da diferença, aqui chegamos: somos as grandes estrelas negras.</p> <p>Foi com este pensamento que o Teatro Experimental do Negro deu um novo sentido à cena brasileira, tingindo de melanina os palcos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde nunca antes um descendente de africano havia pisado. O protagonismo do preto enfrentava o racismo, a exclusão e o classicismo.</p>	<p>Ala dos Signus (1972) e Ala Borboletas (1975)</p>	<p>Débora Rosa Santos Cruz Costa e Wladinéa Nocciolli (Néa)</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Alexandre Louzada				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
22	<p><b>Asas Para o Sonho</b></p> 	<p>Nem todo soldado é o que vai para a guerra armada. Diante de tantas hostilidades que se abateram sobre nossos corpos, nasceram das chagas deste fardo outros guerreiros que estão mais para anjos. O embate da palavra na luta por espaço ganha força e rostos. O ato de subir em um palco onde nunca antes estiveram semelhantes seus é também uma batalha, um ato de coragem, um levante artístico. São estes que vão criar para sua geração e seus sucessores as asas para cada um voar em busca do seu próprio sonho. Eles vão inspirar mais e mais pessoas pela ocupação dos espaços nos palcos, reverberando em muitos outros campos além do artístico. Ubuntu - eu sou por que nós somos! Nós por nós, anjos que só voam abraçados!</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p><b>Divindade em Movimento</b></p> 	<p>Representa Oxalá no xirê que interage com a ala “O Balé dos Terreiros”.</p>	Destaque de Chão Cássio	Diretoria de Harmonia e Desfile

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**


Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>O Balé dos Terreiros: Somos Filhos de Deuses que Dançam</b></p> 	<p>O sagrado africano sempre se expressou por meio de danças que contam suas histórias. O corpo sempre disse muito, é parceiro da oralidade no continente ancestral. Assim fez Mercedes Baptista ao criar o balé afro-brasileiro, inspirado nos terreiros de candomblé, elaborando uma codificação e vocabulário próprio para essas danças. Eram os movimentos dos nossos antepassados tomando os palcos e se juntando aos movimentos do balé. Nossos Deuses sempre dançaram e mereciam a ribalta da cena e do pensamento. Como é lindo nos ver em palcos, a nossa fé para apreciação de vocês. Aplausos! O Axé, a nossa sacra manifestação corpórea, a nossa cultura. Mercedes, nosso cisne, criou uma gramática corporal específica, a partir da observação das danças do candomblé e do folclore, de enorme importância para o aperfeiçoamento dos bailarinos. A Ala é formada por meninas da comunidade vestidas de bailarina e pelo Xirê dos orixás, tendo como destaque de chão o passistas Cássio Dias, vestido de Oxalá.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<b>A Ribalta do Sambista</b> 	<p>Sempre esteve na pauta do teatro, tal como no carnaval, a subversão da história, o outro olhar sobre os mitos, a maneira própria de encarar e transformar as narrativas. Avista-se aí a brecha para que nós, negros, nos apresentemos para que eles entendam quem somos neste novo mundo. Nossas visões são encaminhadas para as veredas das adaptações, uma movimentação inversa, a distopia da branquitude ao ver negros em papéis que relatam as suas histórias épicas em mundos avessos aos que cultuam como sagrados. Negros em cena como reis, rainhas, imperadores, intelectuais... poetas! Parece carnaval, mas não é. A erudição do palco do teatro transforma tudo isso em um verdadeiro movimento revolucionário dentro do campo das artes. A favela (sim, a favela!) entra em destaque com Orfeu, um negro sambista, poeta que assume o lugar e a história de outro Orfeu (o mito grego). Quem diria? Eles disseram! Negros que lutaram e revolucionaram o audiovisual brasileiro abrindo caminhos para o que entendamos hoje como desconforto quando não nos sentimos representados com grandes papéis, seja na televisão ou no cinema.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Alexandre Louzada

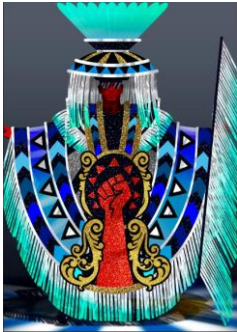
**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p><b>A Ópera de Nossas Vidas</b></p> 	<p>A luta pelo direito de estar no palco, colocar o nosso corpo em cena e sentir-nos admirados ao dançar ou interpretar foi e ainda é intensa. A representatividade sempre importou muito. É vivenciando-a que criamos esperança de sermos mais, sermos maiores e desfrutarmos do direito de sonhar poder. Poder! Verbo e substantivo, o duplo que conduz nosso mundo de desigualdades, da simples faculdade de ser à força de ação e decisão. A luta para chegar até aqui é para que heranças futuras tenham o poder de traçar suas próprias narrativas nos palcos da vida. Somos como a ação extraordinária da ópera baiana Lídia de Oxum. Somos negros, em busca da liberdade defendendo nossa herança ancestral. Nela estão resumidas as representações de AMOR, GRANDEZA, GENEROSIDADE e tudo que a terra mãe pode nos abraçar.</p>	<p>Grupo Performático (Comunidade) (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<b>E Aqui Passa com Raça Eletrônico o Maracatu Atômico</b> 	<p>“No bico do beija-flor, beija-flor, beija-flor / Toda fauna e flora grita de amor”. Os versos de Maracatu Atômico, de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, foram imortalizados em gravações marcantes nas vozes de Gilberto Gil e Chico Science &amp; Nação Zumbi. Nossas manifestações afrodescendentes são saberes guardados em sua formação, ritualização e sobrevivência. Nelas temos exemplos da nossa cultura popular que sobrevive e sobreviverá para muito mais, levando a essência do que fomos, do que somos e a certeza do que seremos. Sejamos os lanceiros africanos do maracatu! Cruzaremos o peito amargurado do racismo que nos esconde e nos mata todos os dias. Arte negra em contra-ataque! As culturas negras populares do Brasil se unem para reconstruir o futuro da nossa gente e dizer que está aqui como base fundamental, pilar da negritude. Olha o nosso povo aí!</p>	Ala Dá Mais Vida (1978) e Cabulosos (1967)	Ana Mascarenhas e Luiz Fernando da Silva (Luizinho Cabulosos)



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**


Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p><b>Nkosi'ê : A Espada é a Lei por Onde a Fé Luziu!</b></p> 	<p>Nossos corpos densos respondendo à opressão, nossos nervos tensos suportando a humilhação! Sejam os a espada de Nkosi'ê (cujo nome significa: “aquele que luta por nós), inique da guerra, que em azul abre caminhos e corta o mal. Sejam os a defesa da porteira dos terreiros que são destruídos dia após dia pelo racismo e pelo preconceito transformado em terrorismo contra as religiões de matriz africana. Eles não suportam nossa liberdade, nós não suportamos mais a humilhação. O nosso futuro depende de nos defendermos e defendermos um país de fato livre do racismo para sermos uma nação verdadeiramente democrática.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
28	<p><b>Negritude Resplandecente, Consciente a se Reconstruir</b></p> 	<p>Abraçados uns aos outros, vamos colocar a moral deste país em obra. Vamos reconstruir sua imagem para que nasça, através dos corpos negros em movimento, novos ícones que serão exaltados. Daremos a este país a cara que ele sempre negou. Derrubaremos antigas imagens para erguer um novo pensamento. Sejam os a mudança que queremos ver, seremos movimento e ação. Dobrem o rum! Olha nosso povo aí!</p>	Ala Performática (Comunidade) (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Ativismo Antirracista</b></p> 	<p>A Beija-flor convida alguns importantes ativistas que atuam em ONGs, no direito de defesa contra acusações baseadas em processos que escancaram o racismo. Os projetos têm como base o apoio familiar e auxílio jurídico gratuito, fazendo assim a vez do Estado, na tentativa de garantir justiça a população preta e pobre da cidade. O famoso dizer das favelas "Nós por Nós" resume o trabalho dessas ONGs, no qual negros se juntam para ajudar seus irmãos em necessidade.</p> <p>Nossos convidados trajam branco e trazem uma mensagem antirracista. Na construção de um novo país, é fundamental pautar a importância do recorte racial na criação de leis que protejam a maioria da população.</p> <p>Entre nossos convidados estão:</p> <p><b>Giselle Florentino</b> – Economista e coordenadora-executiva da Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial (IDMJR), Organização da Baixada Fluminense que atua com ações de enfrentamento à violência de Estado e ao racismo estrutural, com reivindicação por justiça racial.</p> <p><b>Joel Luiz Costa</b> – Advogado e coordenador do Instituto de Defesa da População Negra (IDPN), Instituto de fomento à advocacia negra e promoção do serviço jurídico gratuito à comunidade negra.</p>	Personalidades trazendo mensagens antirracistas	Diretoria de Harmonia e Desfile


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**



Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Ativismo Antirracista (Continuação)</b></p> 	<p><b>Gustavo Nobre</b> – Produtor cultural preso injustamente por quase um ano após ser “reconhecido” por uma foto. O caso de Gustavo mobilizou o país e todo o setor cultural chamando a atenção para o processo frágil e racista de reconhecimento de suspeitos.</p>	<p>Personalidades trazendo mensagens antirracistas</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
29	<p><b>A Contagem Não Para</b></p> 	<p>A população preta é a que mais morre, mas também a que mais nasce neste país. É necessário o empenhimento do pensamento do Estado para que ele entenda que o cronômetro não para e os números só crescem. Somos a maioria da população e precisamos de um estado que nos defenda, seja justo e democrático. O Século 21 corre aos nossos olhos e o movimento que caracteriza a nossa gente é pela instauração de uma democracia de fato, sem apagamentos das nossas memórias. Um estado que não mate, mas proteja. Um Estado que se entenda como preto e crie oportunidades para nossa gente.</p>	<p>Comunidade (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Alexandre Louzada				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
30	<p><b>A Voz Amplificada do Gueto</b></p> 	<p>Mesmo sendo a maioria da população no país, somos os mais pobres, os mais expostos à violência e também os menos assistidos pelo Estado Brasileiro. Os amplificadores da nossa gente estão voltados para o mundo para impulsionar não somente a denúncia, mas a convocação para que o nosso povo se empodere de seus direitos, diante de uma sociedade desigual e racista e afirmando: EMPRETECER O PENSAMENTO É VER E OUVIR A NOSSA ARTE! ALEGRIA E MANIFESTAÇÃO! São os guetos falando em alto e bom som, com a Beija-flor amplificando a nossa voz.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
31	<p><b>Pilares de Cabana</b></p> 	<p>A Beija-flor, por toda a sua história, fez o papel de trazer o protagonismo para a gente preta da Baixada. Foram anos e anos de trabalhos com a consciência e empoderamento da nossa gente preta. A Beija-flor traz a essência de Cabana, que por muitos anos se colocou à frente criando nossos enredos e sambas. Hoje, nossa escola o reverencia, fazendo dos pilares de Cabana o sonho de ver nossa escola brilhar em grandes apresentações com temas exclusivamente negros. Em um carnaval especial, o mais importante das nossas vidas, enviamos esta mensagem para o infinito para dizer que procuramos fazer o nosso papel com a humildade e sabedoria de um senhor, mas com o sangue de quem quer ver este mundo diferente. Nosso grito é de mudança. Ouçam a voz da Beija-Flor!</p>	Compositores (1948)	Karraizinho



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Alexandre Louzada

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>A Deusa da Passarela</b></p> 	<p>Uma das mais lendárias passistas da história das escolas de samba, Soninha Capeta, veste-se de dourado para simbolizar a realeza ancestral da nossa comunidade.</p>	<p>Destaque de Chão Sônia Capeta</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>
*	<p><b>Maravilhosa e Soberana</b></p> 	<p>Representa a própria personificação da majestade do povo nilopolitano, com a altivez de rainha que mostrou com sua arte e gingado a glória da negritude vitoriosa.</p>	<p>Destaque de Chão Pinah</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Rodrigo Pacheco	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Ademilde Silvinho – Nequinha	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> -
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Bebeto “Salsicha”, Ailton e Victor Santos	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> José Francisco “Zé Sapateiro”
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Valéria, Simone Santana, Felipe - Responsáveis pelo Ateliê de Fantasia	
Monstrinho, Michele, Beth, Ricardo e Ana, Cleiton e Sonia	
Fabyinho Santos	- Responsáveis pelo Ateliê de Fantasia de Luxo
Edmilson Lima	- Responsável pela confecção do 1º Casal de MS/PB
Cleilton	- Responsáveis pela confecção do 2º, 3º e 4º Casais de MS/PB
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Autor(es) do Samba-Enredo** J. Velloso (*in memoriam*), Léo do Piso, Beto Nega, Júlio Assis, Manolo, Diego Rosa e Jr Fionda

**Presidente da Ala dos Compositores**  
Kirraizinho

<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>
45 (quarenta e cinco)	Pereirão 80 anos	Kirraizinha 32 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

A nobreza da corte é de Ébano  
Tem o mesmo sangue que o seu  
Ergue o punho, exige igualdade  
Traz de volta o que a história escondeu  
Foi-se o açoite, a chibata sucumbiu  
Mas você não reconhece o que o negro construiu  
Foi-se ao açoite, a chibata sucumbiu  
E o meu povo ainda chora pelas balas de fuzil  
Quem é sempre revistado é refém da acusação  
O racismo mascarado pela falsa abolição  
Por um novo nascimento, um levante, um compromisso  
Retirando o pensamento da entrada de serviço

**Versos para cruz, conceição no altar**

**Canindé Jesus, ô Clara!!**

**Nossa gente preta tem feitiço na palavra  
Do Brasil acorrentado, ao Brasil que não se cala  
(Sou o Brasil que não se cala!!)**

Meu pai Ogum ao lado de Xangô  
A espada e a lei por onde a fé luziu  
Sob a tradição Nagô  
O grêmio do gueto resistiu  
Nada menos que respeito, não me venha sufocar  
Quantas dores, quantas vidas nós teremos que pagar?  
Cada grupo um orixá! Cada pele um atabaque  
Arte negra em conta-ataque  
Canta Beija-Flor! Meu lugar de fala  
Chega de aceitar o argumento  
Sem senhor e nem senzala, vive um povo soberano  
De sangue azul nilopolitano

**Mocambo de crioulo! Sou eu! Sou eu!**

**Tenho a raça que a mordaca não calou  
Ergui o meu castelo dos pilares de Cabana  
Dinastia Beija-Flor!**

**BIS**

**BIS**



**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre o samba-enredo:**

Um manifesto em defesa da valorização do empreendimento intelectual brasileiro. Eis a linha condutora do nosso samba. Não se trata de uma enumeração burocrática e descritiva sobre setores de desfile, mas uma proposta de reflexão sobre apagamento, silenciamento e reparação do pensamento preto. A partir dessa proposição, a obra busca por meio do estilo épico que caracteriza o samba de enredo, letra contundente e melodia aguerrida, despertar e propor reflexões que detalhamos a seguir:

**A NOBREZA DA CORTE É DE ÉBANO  
TEM O MESMO SANGUE QUE O SEU  
ERGUE O PUNHO E EXIGE IGUALDADE  
TRAZ DE VOLTA O QUE A HISTÓRIA ESCONDEU...**

A “cabeça” do samba convoca ao movimento e à reflexão sobre o apagamento da produção intelectual preta. No aquilombamento “escola de samba”, onde se ensinam a arte, o pertencimento, a cultura popular de um país, a nossa nobreza canta a própria consciência de um povo. Refaz o caminho majestoso da ancestralidade dos nossos antepassados e promove um manifesto intelectual atrevido, de cabeça erguida e punho cerrado. Cobra o protagonismo que nos foi tirado em séculos e séculos de dominação em que nosso pensamento foi expropriado. O nobre pássaro de Ébano questiona o “branquear” que ocultou nossa herança na filosofia e nas artes.

**FOI-SE O AÇOITE, A CHIBATA SUCUMBIU  
MAS VOCÊ NÃO RECONHECE O QUE O NEGRO CONSTRUIU  
FOI-SE O AÇOITE, A CHIBATA SUCUMBIU  
E O MEU POVO AINDA CHORA PELAS BALAS DE FUZIL**

O passado escravista brasileiro construiu a base racista em que vivemos hoje. A proposta de um pensamento “afrosófico” é a de trazer essas provocações à baila, buscando as raízes desse processo. Apagaram as páginas em que escrevemos a história da humanidade. Mas e o presente? Esses versos nos dão gancho e “gatilho” para os debates que intelectuais pretos propuseram sobre violência e desigualdade, e vêm propondo a construção de um novo futuro, como a denúncia do racismo estrutural que vitima o nosso povo cotidianamente.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**QUEM É SEMPRE REVISTADO É REFEM DA ACUSAÇÃO  
O RACISMO MASCARADO PELA FALSA ABOLIÇÃO  
POR UM NOVO NASCIMENTO, UM LEVANTE, UM COMPROMISSO  
RETIRANDO O PENSAMENTO DA ENTRADA DE SERVIÇO**

Por meio dos discursos e ações racistas, começamos a sofrer outros tipos de acusações. São atrocidades do sistema construído pelo privilégio de cor de pele que até hoje dele se beneficia. “O racismo mascarado pela falsa abolição” faz referência à base teórica proposta por Frantz Fanon em “Peles Negras, Máscaras Brancas”, propondo um novo “Nascimento”, com base no aquilombamento de Abdias Nascimento, por um “levante” e um “compromisso” para retirar o pensamento da entrada de serviço e trazê-lo para o foco do nosso cantar.

**VERSOS PARA CRUZ, CONCEIÇÃO NO ALTAR, CANINDÉ JESUS, Ô CLARA  
NOSSA GENTE PRETA TEM FEITIÇO NA PALAVRA  
DO BRASIL ACORRENTADO AO BRASIL QUE NÃO SE CALA  
(SOU O BRASIL QUE NÃO SE CALA)**

Quantos pensamentos pretos foram “branqueados” pela estrutura racista ainda vigente no Brasil? Quantos talentos foram “maquiados” pela institucionalidade? Quantos profissionais, quantos artistas da palavra tiveram suas páginas embranquecidas? Quanta importância construímos, mesmo com todo esse preconceito? Cruz e Souza, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Lima Barreto com Clara dos Anjos, Machado de Assis e muitos outros conduziram e conduzem à luta intelectual da nossa gente, o feitiço na palavra que persiste em demonstrar nosso manifesto na luta que encampamos para contar nossas próprias histórias.

**MEU PAI OGUM AO LADO DE XANGÔ  
A ESPADA E A LEI POR ONDE A FÉ LUZIU  
SOB A TRADIÇÃO NAGÔ O GRÊMIO DO GUETO RESISTIU**

Nascemos filhos de deuses, de forças que nos cercam, nos habitam e fazem de nós quem somos. Sob a tradição preta, o Grêmio da Baixada resistiu, persistiu e se encontrou com seu próprio povo, com sua própria comunidade. Que nosso padroeiro Ogum nos dê a força e Xangô nos dê justiça, que as iniquidades de luta nos dê direção para que ergamos a arte negra no palco principal, encenando nossos próprios dramas, nossas próprias lutas e nossas próprias conquistas.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**NADA MENOS QUE RESPEITO  
NÃO ME VENHA SUFOCAR  
QUANTAS DORES, QUANTAS VIDAS NÓS TEREMOS QUE PAGAR?  
CADA CORPO UM ORIXÁ, CADA PELE UM ATABAQUE, ARTE NEGRA EM  
CONTRA-ATAQUE  
CANTA BEIJA FLOR MEU LUGAR DE FALA  
CHEGA DE ACEITAR O ARGUMENTO  
SEM SENHOR E NEM SENZALA VIVE UM POVO SOBERANO  
DE SANGUE AZUL, NILOPOLITANO**

Cansados de sermos sufocados, nossa força vem como o vento que sopra da arte e da expressão como um brado incontido. Gritaremos quem somos, mostremos nossa força, nosso axé, para todos ouvirem a voz da Beija-flor. Um contra-ataque com estratégia erguida pelo pensamento preto. O lugar de fala perfeito para o empretecer é o Carnaval, o Samba, e mais ainda, a Beija-flor, cujo pilar essencial é feito do canto retinto da Baixada. O fim dos argumentos “estruturados” nascerá de um povo sem senhor e senzala, que faz da arte o seu sucesso, que tem em suas referências os pretos que tanto nos inspiram e que colhe os frutos por toda a trajetória as vitórias e histórias da nossa gente.

**MOCAMBO DE CRIOULO SOU EU! SOU EU!  
TENHO A RAÇA QUE A MORDAÇA NÃO CALOU  
ERGUI O MEU CASTELO DOS PILARES DE CABANA  
DINASTIA BEIJA FLOR**

A Escola de Samba vira lar, ensina a cultura, a história e assim revela quem somos na essência. Nosso Mocambo, Quilombo, Casa de Preto, brada a nossa identidade! Mostra de forma exuberante e majestosa uma manifestação única que reúne diversos saberes e diversas artes. Pássaro preto, nobre, fundado por Obá Cabana, nossos ensinamentos são espalhados como sementes e assentamos a nossa existência para a eternidade. Quando o samba beija a flor, o Grêmio incorpora o pretume e faz da negrura o maior patrimônio da nossa gente. É a dinastia do samba, a linhagem de nobres reis e rainhas que se revelam no poder revolucionário da alegria, da beleza e da altivez. Salve o povo preto!

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Mestres Rodney José Ferreira e Plínio de Moraes

**Outros Diretores de Bateria**

Anderson Miranda “Kombi”, Adelino Vieira “Saú do Gaz”, Diego, Thiago, Michel, Laísa Lima, Xunei, Marlon, Rogério Monteiro Félix “Pó de Mico”, Alexander Orelha, Jonny Alves e Zé Carlos

**Total de Componentes da Bateria**

260 (duzentos) e sessenta componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
10	10	14	0	01
<b>Caixa</b> 110	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 30
<b>Prato</b> 0	<b>Agogô</b> 0	<b>Cuica</b> 13	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 30

**Outras informações julgadas necessárias**

06 (seis) Componentes/Ritmistas que tocam o instrumento Frigideira.

*“Cantar/dançar, entrar no ritmo, é como ouvir os batimentos do próprio coração – é sentir a vida sem deixar de nela reinscrever simbolicamente a morte”. (Muniz Sodré)*

Os mestres de bateria Rodney José Ferreira e Plínio de Moraes comandam a Bateria Soberana, que este ano faz uma celebração rítmica (ritmo como organização do tempo do som) à gramática do tambor, reverenciando o poeta, escritor, músico, cantor e compositor Nei Lopes. O som é condutor do axé, a força vital, que reverbera nos corpos dos nossos componentes e no público que nos assiste em desfile. E a marca do som dos nossos tambores é a síncopa, que é a ruptura da constância, a desestabilização rítmica própria do samba. O samba é a ginga em melodia e palavra que fala diretamente com a nossa ancestralidade. Como diz Nei Lopes, o “Samba mesmo é um passo curto, é drible de corpo, ‘no faz que vai, mais não vai’ é no passo largo cheio de ginga, é no balançar dos braços, é no girar constante da cabeça, mostrando um sorriso contagiante, uma combinação improvisada de movimentos que ninguém do mundo consegue fazer igual ao brasileiro”.

Plínio e Rodney são também coordenadores do Projeto para jovens ritmistas que acontece aos sábados na quadra da Escola, formando novos integrantes e assegurando o futuro do ritmo Soberano. Com uma filosofia de trabalho em que a parceria e amizade se unem à disciplina, ao comprometimento e à entrega, nossos batuqueiros têm como lema: “Perseverar sempre, desistir nunca”!

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Simone Sant’Ana e Valber Frutuoso

**Outros Diretores de Harmonia**

Edu, Beto, Jerônimo, José Luiz, Edson, Leandro Siri, Zé Carlos, Léo Ilha, Dona Lúcia, Márcio, Arineia, Cátia, Georgina, Janete, Roberta, Marcos Ferreira, Viviane, Nogueira, Mazinho, Pará, Russo, Washington, Aroldo, Fernanda, Magal, Arthur, Patrícia Lima, Rodrigo, Henrique, Michel, Valéria Brito, Guto, Tikinho, Renata, Robson, Shirleise, Vanda, Luizinho, Jorge André, Amaury, Jansen, Assis, Carlinha, Marcelo Light, Baixinho, Luciana, Fabio, Waltemir, Rosana, Sérgio, Marcelo, Osvaldo, Márcia, Rosângela, Inez, Alessandra, Rosilene, Sheila, Bahia, Vinícius, Jucemar, Gilvan, Wanderson, Sérgio Sá, Emerson, Sarita, Aline, Valéria, Marcelo Caxias, Ailton, Jamanta, Evandro, Karin, Lima e Canjica.

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

75 (setenta e cinco) componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Intérprete Oficial – Nequinho da Beija-Flor

Cantores do Carro de Som – Jéssica Martin, Bakaninha, Gilson Bacana, Igor Pitta e William Santos.

Apoio Carro de Som – Lucas Richard.

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Betinho Santos – Diretor Musical / Cavaquinista / Harmonia de Cordas Júlio Cesar Assis – Cavaquinista / Harmonia de Cordas Jonathan Lima – Cavaquinista / Harmonia de Cordas Alan Vinícius – Violão Sete Cordas / Harmonia de Cordas

**Outras informações julgadas necessárias**

Harmonia pode ser entendida segundo o sentido original da palavra, como o equilíbrio ou a combinação entre elementos que proporcionam uma sensação agradável ou aprazível; aquilo em que há acordo, que está em concórdia. Musicalmente, denomina-se a ciência que se dedica ao estudo dos acordes e suas relações; é uma reunião de sons que são agradáveis aos ouvidos. A harmonia em uma Escola de Samba é o entrosamento dos desfilantes com o ritmo e o canto do samba de enredo. Poeticamente falando, é o pulsar da emoção de cada componente por meio do seu cantar.

Válber Frutuoso e Simone Sant’Ana são dois diretores aos quais podemos atribuir a encarnação deste entendimento quanto à Harmonia. Atuam em perfeita e extrema sincronia, devotando responsabilidade e paixão exacerbada pela Escola e pela Comunidade. Trabalhando com afinco e dedicação, tendo a fé e a disciplina como preceitos para trilhar uma estrada de solidez na busca pelo resultado almejado. Nosso trabalho foi desenvolvido, sempre pautado em planejamento e na participação de toda equipe através de reuniões e ensaios na quadra com a Comunidade semanalmente, exercitando demasiadamente a respiração e o fôlego, para que propiciem a sustentação de um canto forte e harmônico pelo nosso coral de componentes beija-flores.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

O nosso canto é guiado pela voz inconfundível de Luiz Antônio Feliciano Neguinho da Beija-Flor Marcondes. O intérprete alterou o seu nome de registro em seus documentos oficiais para poder incluir também o seu nome artístico, uma maneira de expressar o tamanho de seu amor e gratidão pela Escola de Samba nilopolitana. São mais de quatro décadas como intérprete oficial da Beija-Flor de Nilópolis. E é dele o grito de guerra mais famoso do Carnaval: “Olha a Beija-Flor aí, gente!”. Dono de uma voz potente e repleta de identidade, Neguinho estreou como puxador de Samba no então Bloco Leão de Iguazu. Cantor, compositor e intérprete premiadíssimo, foi homenageado ainda em enredos de quatro Escolas de Samba coirmãs: Unidos de Mangueiras (1991), Independentes de Cordovil (1992), Leão de Nova Iguaçu e Juventude Imperial (2010). Com muita história para contar ao longo da carreira, que inclui ainda turnês nacionais e internacionais, e vasta discografia produzida, Neguinho é uma personalidade que é a cara da Escola: “Se eu não fosse o Neguinho da Beija-Flor, eu continuaria sendo o Neguinho da Vala até hoje. Tudo o que consegui na vida, devo a essa Escola”.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

<p><b>Diretor Geral de Evolução</b> Dudu Azevedo</p>
<p><b>Outros Diretores de Evolução</b> Edu, Beto, Jerônimo, José Luiz, Edson, Leandro Siri, Zé Carlos, Léo Ilha, Dona Lúcia, Márcio, Arineia, Cátia, Georgina, Janete, Roberta, Marcos Ferreira, Viviane, Nogueira, Mazinho, Pará, Russo, Washington, Aroldo, Fernanda, Magal, Arthur, Patrícia Lima, Rodrigo, Henrique, Michel, Valéria Brito, Guto, Tikinho, Renata, Robson, Shirleise, Vanda, Luizinho, Jorge André, Amaury, Jansen, Assis, Carlinha, Marcelo Light, Baixinho, Luciana, Fabio, Waltemir, Rosana, Sérgio, Marcelo, Osvaldo, Márcia, Rosângela, Inez, Alessandra, Rosilene, Sheila, Bahia, Vinícius, Jucemar, Gilvan, Wanderson, Sérgio Sá, Emerson, Sarita, Aline, Valéria, Marcelo Caxias, Ailton, Jamanta, Evandro, Karin, Lima e Canjica.</p>
<p><b>Total de Componentes da Direção de Evolução</b> 75 (setenta e cinco) componentes</p>
<p><b>Principais Passistas Femininos</b> Raíssa Oliveira (Rainha de Bateria), Charlene Costa, Sávia David, Carla Cachoeira, Luciane Soares de Figueiredo, Aieny Mendes de Araújo Nogueira e Steffany Sant’Ana dos Santos.</p>
<p><b>Principais Passistas Masculinos</b> Cássio Dias e Everton Ramos (Titico)</p>
<p><b>Outras informações julgadas necessárias</b> Em 2019, Dudu Azevedo assumiu o cargo de Diretor Geral de Carnaval e Evolução. E se o conceito de ‘Evolução’ diz respeito à aperfeiçoamento, crescimento ou desenvolvimento de uma ideia, sistema ou costume que almeja o efeito de evoluir, o desdobramento de seu trabalho realmente tem trazido evolução para a Comunidade.</p> <p>Bom ouvinte, com temperamento agregador, experiente e defensor do trabalho coletivo para atingir resultados positivos, Dudu e sua equipe apostaram em organização, planejamento, estratégia e ensaios frequentes na busca para que os movimentos sejam desenvolvidos cada vez mais de modo contínuo e regular, possibilitando um ciclo harmonioso em que os passos de dança dos integrantes, bem como a sua progressão na Avenida durante o desfile, estejam dentro do ritmo e sendo efetuados na mesma cadência da Bateria e da harmonia de cordas, mas sem perder a espontaneidade genuína do sambista, de modo que a Escola desfile evoluindo com tranquilidade, leveza, garra e alegria. Visando a atingir esses objetivos, foram realizados reuniões e ensaios na quadra da Escola semanalmente, reforçando os aspectos positivos alcançados e lapidando aquilo que ainda poderia ser aprimorado para o desfile. Além disso, também foram realizados ensaios mensais nas ruas de Nilópolis, além de encontros com escolas coirmãs, como os ocorridos em dezembro e janeiro de 2021, intitulados “Encontro de Quilombos”, em conjunto com a agremiação co-irmã Acadêmicos do Grande Rio.</p> <p>Nossa evolução significa os passos que damos rumo ao futuro, sem deixar de reverenciar os grandes mestres do passado. A eles, todo o nosso respeito e gratidão, na certeza de que eles estarão com a gente na Avenida.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b>		
-		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b>		
Dudu Azevedo		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b>		
-		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b>		
Marcia e Glaucia		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b>	<b>Quantidade de Meninas</b>	<b>Quantidade de Meninos</b>
65 (sessenta e cinco)	47 (quarenta e sete)	18 (dezoito)
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b>		
Dona Lúcia Alves Boiça (Presidente da Ala das Baianas)		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b>	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b>	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b>
70 (setenta)	Ananizia Rocha dos Santos 85 anos	Patrícia Correa de Mello 38 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b>		
Dona Débora Rosa Santos Cruz		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b>	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b>
50 (cinquenta)	Martha de Souza Costa 96 anos	Sueli Martins de Souza 67 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b>		
Conceição Evaristo (escritora), Flávia Oliveira (jornalista), Katiúscia Ribeiro (filósofa), Rodrigo França (escritor), Anderson Müller (Ator e Diretor), Boni (Comunicador e Empresário), Edson Celulari (Ator), Pinah Ayoub (Destaque e Empresária), Sônia Capeta (Destaque de Chão), Jojo Toddyinho (Cantora).		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		



**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Marcelo Misailidis		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Marcelo Misailidis		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Femininos</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Masculinos</b> 0
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p><b><u>MACUAS</u></b></p> <p><i>Nossa escrita, nossas pegadas e as marcas apagadas</i></p> <p>Um dos maiores desafios no processo de restabelecer justiça aos crimes de séculos de escravidão é corrigir o apagamento da cultura, e da memória de uma civilização arrancada de suas raízes e impedida de conhecer sua origem, a riqueza de seu passado, e a beleza de seu povo.</p> <p>A (falsa) libertação da população escravizada, ocorrida em 1888, não restituiu ainda a dignidade mínima em equidade com a população branca do país, que até hoje negligência sua responsabilidade histórica de ressarcimento moral, financeiro e de investimento humano fundamental.</p> <p>A Comissão de Frente da Beija-flor de Nilópolis propõe uma abertura reflexiva sobre essas ações que privaram o povo negro de conhecer seu passado, o caminho percorrido, sua ancestralidade, e tudo que diz respeito a seu valor no mundo, tudo que faz reconhecer em si um ser predestinado ao sucesso, dotado de virtudes onde quer que ele deseje atuar, e pleno quanto ao direito de ser feliz.</p> <p>Esta ação se dá simbolicamente pela costa brasileira, por onde o povo preto adentrou. A areia testemunha as lágrimas derramadas no chamado Atlântico Negro. Ali também registra um rastro de pegadas e marcas que foram sistematicamente apagadas pelo colonizador branco desde sua chegada, por um sistema que sufoca até hoje toda uma população brasileira de filhos negros e pardos. Reconstituir esses passos e se reencontrar com seu destino é uma questão urgente!</p> <p>É hora de questionar imagens que sustentam mentiras, e implodir as pedras que ocultam correntes, aprisionam nosso passado e inviabilizam nosso horizonte futuro. Vamos conclamar os Malês e os guerreiros <i>Macuas</i> armados de <i>lelês</i> (paus), matrizes do bailado do <i>Maculelê</i>. Vamos festejar mulheres pretas e homens pretos que venceram, a despeito de tudo e de todos, e que acenam para a glória de uma civilização que, inspirada no símbolo adinkra Sankofa, caminha firme para o futuro, sem esquecer o passado.</p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

Sobre o coreógrafo:

O uruguaio Marcelo Misailidis estudou *ballet* clássico e chegou ao posto de primeiro bailarino do Theatro Municipal. Atuou também como Coreógrafo e Diretor Artístico da casa. Estreou como coreógrafo de comissão de frente em 1998, na Unidos da Tijuca (1998 a 2002). Depois passou pelo Salgueiro (2003 a 2007), Vila Isabel (2008 a 2013), e desde 2014 é responsável pelo quesito na Beija-flor de Nilópolis. Obstinado, perfeccionista e profissional que carrega seus projetos de intensidade e ousadia, “Macuas” é a proposta desenvolvida para o Carnaval 2022, que apresenta a assinatura singular do artista.

Ficha Técnica:

Concepção, direção e coreografia: Marcelo Misailidis

Figurino: Regina Fonseca e Eliete Braun

Consultoria de efeitos: Fernando Soares

Assistentes: Fabrício Ligiéro, Márcio Vieira, Jorge Moço e Aloani Bastos.

Produção: Romero Monteiro e Eliomar Bonavita.

**FICHA TÉCNICA****Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Claudinho Souza	<b>Idade</b> 49 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Selminha Sorriso	<b>Idade</b> 51 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> David Nascimento (David Sabiá)	<b>Idade</b> 35 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Fernanda Alexandrina dos Santos (Fernanda Love)	<b>Idade</b> 34 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Carlos Eduardo Daniel Junior (Muskito)	<b>Idade</b> 40 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Emanuelle Martins	<b>Idade</b> 24 anos
<b>4º Mestre-Sala</b> Hugo Bonifácio de Almeida (Hugo Almeida)	<b>Idade</b> 22 anos
<b>4ª Porta-Bandeira</b> Eliana Fidelis Adão (Naninha Fidelis)	<b>Idade</b> 41 anos

**Outras informações julgadas necessárias****1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Esplendor de Kemet**

Nosso primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira veste a indumentária “Esplendor de Kemet”, inspirado nas referências dos adornos da arte kemética. Ao girar, irradiam poder ancestral que se movimentam ao girar do nosso pavilhão. O esplendor de uma civilização não está apenas em suas conquistas territoriais, mas sim em construir heranças que (ainda que milhares de anos depois) irão inspirar seus descendentes a construir uma sociedade mais justa para seus irmãos. A filósofa Katiúscia Ribeiro defende que devemos usar métodos de ensinamentos similares aos dos nossos ancestrais, métodos esses que sucumbiram às conquistas europeias. Em posição de centralidade, nosso pavilhão reluz altivo e imponente, trazendo de volta nossas origens e refazendo nossos caminhos.

Ao completarem 30 anos de parceria, Claudinho e Selminha Sorriso mantêm a mesma jovialidade, a mesma garra e o mesmo amor que sempre dedicaram aos pavilhões que defenderam. Ao longo dessas três décadas de apresentações memoráveis, o casal acumulou prêmios e sempre defendeu a dança do mestre-sala e porta-bandeira como um bailado em puro estado de arte. Corpos instruídos com disciplina, técnica e talento, Claudinho e Selminha arrebata a Avenida a cada vez que empunham a bandeira da Beija-flor, sendo referências de uma dança popular vigorosa, que demanda um processo de construção em que pensamento e desempenho corporal são características que não se separam.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

Ao longo desses dois anos de preparativos para este desfile, Selminha Sorriso incorporou as bases do nosso enredo e atuou na linha de frente da escola pela luta antirracista. Participou de diversas conferências, seminários e eventos, bem como empunhou a bandeira pelo cumprimento da Lei 11.645 (que atualizou a Lei 10.639, que trata do ensino da arte, cultura e história afro-brasileiras em sala de aula) nas escolas da rede pública. Em 20 de novembro de 2021, Dia da Consciência Negra, houve a estreia, na quadra de ensaios da Beija-flor, da peça “Empretecendo o Pensamento É Ouvir a Voz da Beija-flor”, escrita e dirigida por Selminha Sorriso e Ubiratan Silva. Foram três meses de ensaio com crianças do projeto “Sonho de um Beija-flor”, que todos os sábados têm aulas regulares sobre dança, postura e história da dança de mestre-sala e porta-bandeira. A iniciativa reúne também mães da comunidade, que participam ativamente da formação das crianças. É a garantia da perpetuação da arte do samba na Beija-flor, para que o bailado nobre de mestre-sala e porta-bandeira seja sempre preservado.



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

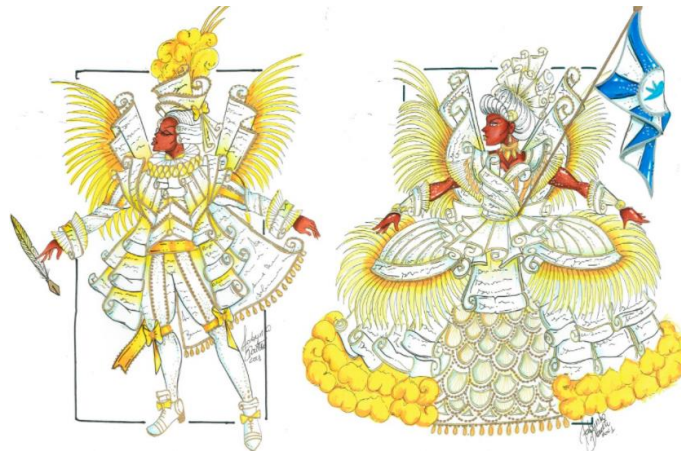
**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Arte e Transformação**

Arte e articulação para transformar. É por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo da jornada humana que conseguimos subverter materiais diversos e fazê-los ressignificar o belo. A borboleta é o símbolo dessa transformação, que se dá também quando a nossa bandeira gira e espalha os ventos de Oyá pela Avenida.



**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Riscando Poesia**

A poesia não se escreve apenas com palavras, mas também com gestos e movimentos. Nossos casais dançam para deixar a marca da ancestralidade na pista, riscando na Avenida todo um conhecimento acumulado ao longo de gerações, como páginas de arte a serem escritas pelos corpos que bailam a mais nobre das danças.



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Poesia no Asfalto

A dança do casal de mestre-sala e porta-bandeira é realizada a partir de uma produção intelectual intuitiva e instruída, em que os corpos do casal desenhavam formas no asfalto, como um poema coreográfico intenso e belo.

